



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

Stanford University Libraries



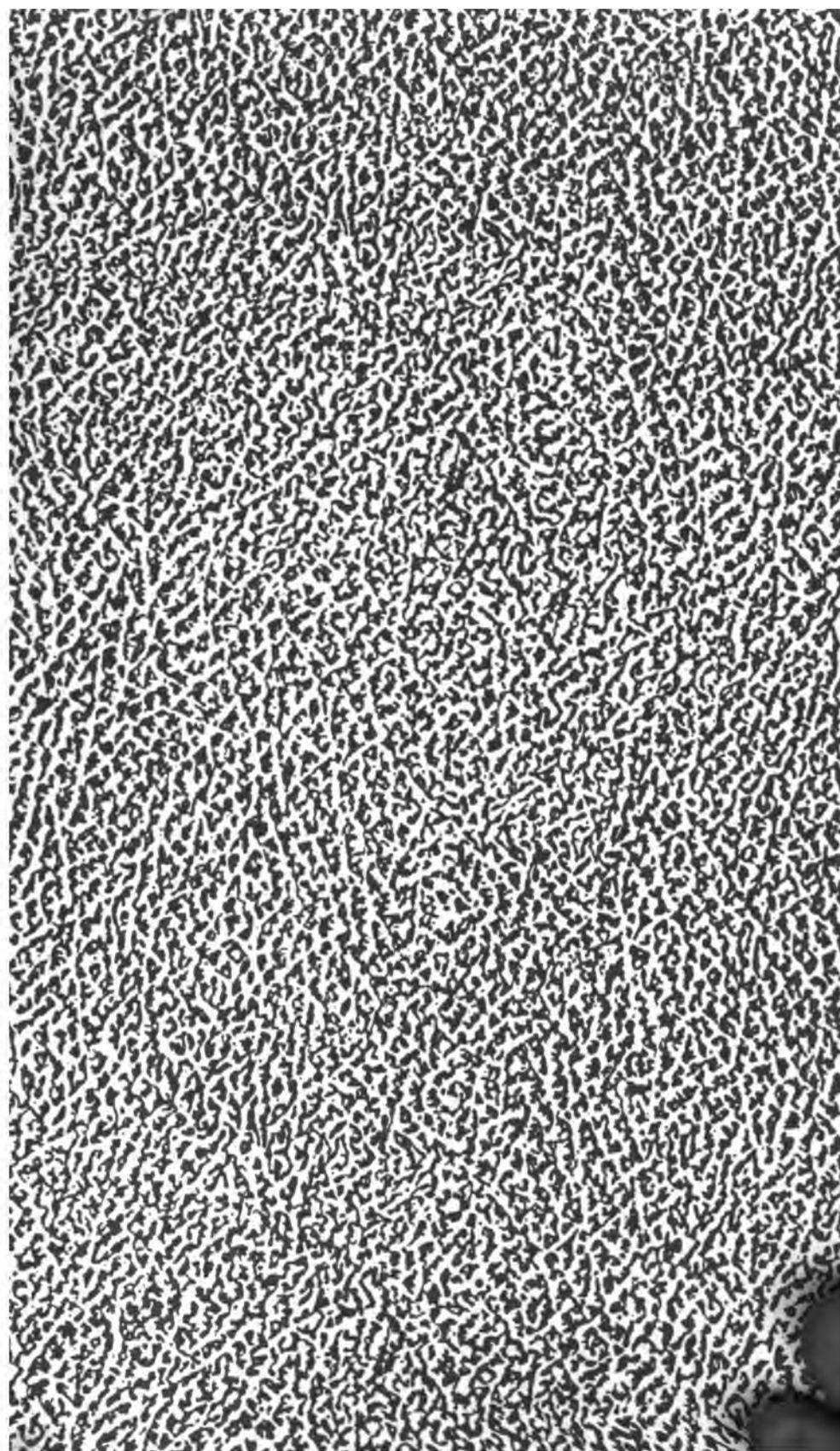
3 6105 120 052 233

DT  
465  
L4P85



**HOOVER INSTITUTION**  
on War, Revolution, and Peace

FOUNDED BY HERBERT HOOVER, 1919









# EXPLORAÇÕES PORTUGUEZAS

EM

## LOURENÇO MARQUES E INHAMBANE



**RELATORIOS**

DA

**COMISSÃO DE LIMITAÇÃO DA FRONTEIRA DE LOURENÇO MARQUES**



LISBOA

IMPrensa NACIONAL

1894







1/2 mi. de - constant  
ca. f. 6.

Hoover

350.

## EXPLORAÇÕES PORTUGUEZAS

EM

# LOURENÇO MARQUES E INHAMBANE

Extrahido do «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 13.<sup>a</sup> serie. n.º 5 c

# EXPLORAÇÕES PORTUGUEZAS

EM

## LOURENÇO MARQUES E INHAMBANE

---

RELATORIOS

*Portugal*

DA

COMISSÃO DE LIMITAÇÃO DA FRONTEIRA DE LOURENÇO MARQUES

---

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1894

DT465  
L4 P88-

# I

## RELATORIO DE ALFREDO FREIRE DE ANDRADE

### I

Tendo sido nomeado para substituir o ex.<sup>mo</sup> sr. engenheiro J. J. Machado, nos trabalhos a que se devia entregar para a delimitação de fronteiras do districto de Lourenço Marques, parti acompanhado do engenheiro sr. Mezzena para o Incomati, onde aquelle engenheiro se achava acampado com os restantes membros da commissão portugueza, major Alfredo Caldas Xavier e José Antonio Matheus Serrano.

No dia 1 de junho chegavamos ali, tendo feito o trajecto desde Lourenço Marques até á fronteira pelo caminho de ferro, que d'esta cidade está em construcção para Pretoria.

Até Movene segue elle por meio de uma vasta região, perfeitamente plana e sem ondulação alguma, até chegar ás margens do rio Incomati, perto de Movene, d'onde vae ao longo do lindissimo valle d'aquelle rio, cortando a serie de pequenos contrafortes que lhe formam a margem direita.

O leito é formado por alluviões modernas sobrepostas a um conglomerado grosseiro, e de grossos calhaus rolados de quartzo, saibro, e grande quantidade de calcedonias, provenientes de desaggregação das rochas mais antigas, o todo ligado por um cimento argillo-ferruginoso.

Ao chegar á fronteira o rio muda de aspecto, e o seu curso torna-se irregular, despenhando-se em pequenas cataractas ao atravessar o massiço dos Libombos, formado ali por uma rocha micro-granítica, contendo pyroxene em pequena quantidade, e que á vista se apresenta de côr avermelhada, variando até ao cinzento claro, contendo pequenos crystaes de feldspatho côr de rosa; esta rocha é por vezes vacuolar, tendo os vasis preenchidos por depositos siliciosos, geralmente calce-

donia e opala, e por vezes amethista, sempre ou quasi sempre muito grosseiros, podendo ser tomada por um conglomerado.

Depois da estação da fronteira e seguindo mais alem, atravessámos o rio n'um pequeno barco de ferro que tinha sido posto á disposição do ex.<sup>mo</sup> sr. engenheiro Machado pela companhia neerlandeza do caminho de ferro, chegando pouco depois ao local onde se achava acampada a expedição portugueza.

Tendo sido nomeado pelo governo da metropole para o espinhoso cargo de governador da provincia de Moçambique, desejava o ex.<sup>mo</sup> sr. engenheiro Machado partir o mais breve possivel, esperando apenas para isso, a chegada dos commissarios boers, que tinha sido fixada de antemão para o dia 1 de junho, no passe do Incomati.

Era porém esse dia um domingo, dia por elles guardado, e em que, portanto, não lhes pareceu conveniente o chegarem; a observancia do domingo é obrigatoria por lei no Transvaal, sob pena de multa de 5 libras ou de prisão até um mez.

No dia seguinte, porém, 2 de junho, chegaram os boers ao nosso acampamento, sendo feita pelo seu presidente Gedeon Van Wielligh, *general surveyor* do Transvaal, a apresentação dos seus companheiros, Abel Erasmus, M. C. Vos e Jan Luttigh, secretario, ao sr. engenheiro Machado; apresentando-lhe este, por seu turno, a comissão portugueza, depois do que se trocaram as credenciaes dos dois presidentes.

Mr. Van Wielligh é o *surveyor general* do Transvaal, ou chefe da topographia e geodesia d'aquella republica, tendo já trabalhado com os commissarios que marcaram a fronteira ao sul da portella do Incomati.

Mr. Abel Erasmus é o chefe dos nativos do districto de Lydenburg, quem sobre elles cobra os tributos e mantem a policia. Tornou-se notavel na ultima guerra contra os inglezes e é grande caçador, conhecendo perfeitamente todas as difficuldades e recursos da vida no interior, servindo de muito ás duas commissões no decurso dos trabalhos.

Mr. C. Vos é astronomo distincto, tendo trabalhado no observatorio do Cabo, e estando actualmente empregado como topographo pela Republica da Africa do Sul.

Depois de travado conhecimento, teve logar a primeira sessão das duas commissões, cuja acta vae junta, original e traducção.

Apesar de desejarmos que as actas fossem escriptas em portuguez, do mesmo modo que os outros commissarios as desejavam em hollandez, combinou-se que a lingua ingleza fosse a official, por isso que era a unica fallada pelas duas commissões, e não desejarem nenhuns dos

commissarios assignar um papel cujo conteúdo não podiam de modo algum comprehender.

Terminada a sessão fomos proceder á escolha do local para reconstruir o marco A', cuja posição já fôra escolhida pela commissão que delimitára as fronteiras ao sul do Incomati, e que tendo sido levado pelas cheias se decidira agora fosse feito de alvenaria.

Determinou-se ao mesmo tempo a posição do 1.º marco (marco A); depois do que, fomos visitar a estação do caminho de ferro, requisitando o ex.<sup>mo</sup> sr. coronel Machado ás obras publicas, a construcção do marco de alvenaria.

Mr. Vos declarou então que desejava demorar-se ali algum tempo para determinar as coordenadas geographicas do ponto escolhido.

Retiraram em seguida para o seu acampamento os commissarios boers, ficando de nos indicar o dia, em que, findas as observações a que mr. Vos queria proceder, se podesse proseguir ávante.

No dia seguinte, 3 de junho, retirava para Lourenço Marques o ex.<sup>mo</sup> sr. conselheiro Machado, deixando-nos entregues ás nossas unicas forças, e considerando as difficuldades que viamos erguerem-se diante de nós, não só as devidas á viagem, mas ainda á responsabilidade da commissão que tão inesperadamente nos viamos encarregados de desempenhar.

Felizmente que, se nos viamos privados da intelligencia e profundo conhecimento da Africa que possui aquelle distincto funcionario, tinhamos em compensação, ao nosso dispor, o pessoal e material da expedição, por elle organizada, do mesmo modo que viamos em breve a influencia do nome de s. ex.<sup>a</sup>, ao qual foram de certo devidas as instrucções conciliadoras que traziam os commissarios boers. A isto principalmente, attribuímos o bom exito da nossa ardua commissão.

Nos dias seguintes procurou-se regular a marcha dos chronometros e fomos marcar e construir o marco A. O terreno é formado pelas mesmas pedras enormes de micro-granito, coberto de arvoredos pouco espessos, mas abundantes, incommodos ao longo do rio, e muito difficil de andar pelo escarpado das margens e pelo polido que ás pedras tem dado a passagem das aguas na occasião das grandes cheias. No fim de duas horas conseguimos trepar ao alto do monte, onde se construiu o marco de pedra secca, cortando em volta todo o arvoredos, para que se possa facilmente avistar do local que for em seguida escolhido para o proximo marco.

As nossas carretas que deviam partir do primeiro campo, não puderam ali chegar, indo por isso para o local onde se fez o segundo campo (campo n.º 2) atravessando o rio Meguanha, e morrendo um burro afogado na passagem.

Durante esse tempo fez-se conduzir para ali todos os objectos de acampamento e provisões, exceptuando os mais essenciaes. As carretas estavam recebendo a carga que na sua totalidade montava proxivamente a 6 toneladas, ou 2 por wagon. Se houvessemos de fazer o transporte com carregadores, seriam necessarios 600 para o transporte da mesma carga.

Principiavamos a sentir a necessidade de sair do acampamento; os pretos aborreciam-se de nada fazer e iam consumindo mantimentos sem vantagem alguma.

O caçador que tinhamos, nunca trazia cousa alguma; tendo-se-lhe, porém, prometido uma gratificação por cada peça que trouxesse, matou no dia 4 um kudoo, que os nossos pretos chamavam *burro de matto*; é um magnifico antilope, da grandeza de uma mula pequena, os cornos altos, não esgalhados e retorcidos em fórma de saca-rolhas, que podem attingir a grandeza de 1 metro, terminando em ponta aguçada. Andam geralmente em bandos, sendo faceis de matar quando não andam muito batidos. A côr do pello é cinzenta e a cauda curta.

No dia 5, não tendo ainda noticia alguma da commissão boer, escrevi pedindo me dissessem o dia em que tencionavam partir; soube então que já estavam acampados na margem esquerda do rio Meguanha, caçando.

O bote de ferro que tinhamos á nossa disposição continuava em serviço de uma para a outra margem do Incomati. No dia 6, porém, foi elle interrompido, pelo receio dos pretos; um hipopotamo viera estabelecer o seu domicilio justamente no local da passagem, e este exemplar dos porcinos, raro no alto Incomati, conservava-se ali, e os pretos da embarcação, de tal modo o temiam, que não ousavam atravessar sem que um branco os acompanhasse.

No Incomati encontram-se, bem como no Meguanha, crocodilos, mas pequenos e em pequeno numero; parece terem vindo ultimamente estabelecer-se ali, depois das ultimas grandes cheias. Os pretos, porém, passam o rio a vau sem receio algum.

No dia 7 finalmente, tendo recebido resposta da commissão boer, em que dizia esperar-nos no seu novo acampamento, partiamos para o campo n.º 2.

Ali nos esperavam as carretas e todo o gado; os cavallo, em magnifico estado, não apresentavam o menor signal de doença.

No campo boer não havia branco algum, andavam todos caçando; os pretos que traziam eram na sua grande parte Swasis, perfeitamente selvagens, com as suas rodellas e zagaias, e divididos em dois grupos, sob o commando dos respectivos chefes; por toda a parte, nas arvores, pendiam grandes bocados de peças de caça e de bois domesticos,

que tinham sido trazidos de presente pelos chefes das aldeias dos arredores.

Fomos em seguida a cavallo procurar ver o terreno onde se deveria estabelecer o 2.º marco. Os cavallos andavam difficulosamente por sobre os enormes blocos graniticos, e a enorme quantidade de arvoredo muito denso, impedia que se visse a uma pequena distancia. Á volta, os cavallos, comquanto habituados a marchar sem ferros, tinham os cascos de tal modo maltratados do caminho, que resolvemos mandal-os ferrer ás officinas da companhia neerlandeza, o que já fôra mandado tambem fazer pelos boers.

O terreno é muito accidentado e irregular, na planicie, o arvoredo é pouco denso, mas a palha attinge, em compensação, uma grande altura, e constitue uma forragem de boa qualidade, que attrahe as enormes quantidades de antilopes que por toda a parte se encontrem.

Lançando-lhe fogo, quando secca, para que a volta das chuvas não a apodreça e altere, caso em que é evidentemente impropria para o gado, obtem-se todos os annos magnificas pastagens; tem, porém, isso o inconveniente de destruir as arvores pequenas, e é esta de certo uma das causas do pouco arvoredo que se encontra, sobretudo ao norte do Sengwetsi.

Em toda a duração da nossa viagem, a não ser algumas vezes junto dos grandes rios, nunca encontrámos em parte alguma essa luxuriante vegetação tropical, que por tantas vezes temos visto descrita.

Sobretudo a parte montanhosa cobre-se de moitas e arvores perfeitamente selvagens, na sua maioria, acacias, cobertas de espinhos e que são bem pouco commodas. Uma d'ellas, chamada pelos boers Wach têm bitjé (espere um pouco), é sobretudo terrivel, e o seu nome provém de que, quando por descuido alguém por ellas passa, por pouco que lhes toque, é immediatamente agarrado por este perfeito ouriço, coberto de finos ganchos ponteagudos, de modo que qualquer esforço que se faça para o individuo se desembaraçar, não consegue senão rasgar a parte agarrada, ao mesmo tempo que novos espinhos vêm em soccorro dos primeiros, de modo que se não póde deixar de parar para soltar com precaução todos elles.

Mais para o norte apparece uma outra especie grande, com o tronco coberto de poeira amarella; é uma especie de *mimosa*, de lindas folhas pennadas que parecem ser o alimento predilecto das girafas, e quando cobertas de flor são de magnifica apparencia.

Quasi sempre, sobretudo junto ás ribeiras, estão cobertas de centos de ninhos de um pequeno passaro, pendentes dos ramos, com a fórma de uma pera de 0<sup>m</sup>,20 a 0<sup>m</sup>,30 de comprido e feitos de palha

entrelaçada, sendo a abertura para a entrada pelo lado inferior. Os boers chamam a esta arvore, arvore das girafas.

Nenhuma fructa se encontra que possa servir para alimentação de um europeu; nem a bananeira, nem o coqueiro, milho ou mandioca, crescem no estado selvagem.

Madeira de construcção tambem não se póde obter.

De volta ao campo, a commissão boer chegava pouco depois e combinámos no dia seguinte dar começo aos trabalhos, indo conjunctamente procurar o local do 2.º marco.

Assim fizemos, partindo de manhã, ao mesmo tempo que as carretas seguiam para o norte.

Atravessando as linhas de agua bem accentuadas que vão ao Meguanha, chegavamos dentro em duas horas ao local do marco B, que de commum accordo accetámos. A orientação para o marco anterior era de 33º 30'.

Já se tinha, como se vê da primeira acta, debatido a questão sobre as orientações a que se refere o tratado de 1869, se eram referidas ao norte verdadeiro ou ao norte magnetico. Ora já pelas observações feitas, tinhamos visto que a declinação da agulha no primeiro campo era de 22º 30', de modo que, sendo a direcção a que o mesmo tratado se refere, nor-nordeste, a partir do passe do Incomati, se fosse ao meridiano magnetico que ellas se referissem, a direcção da fronteira deveria ser norte, emquanto que, se o fosse ao meridiano verdadeiro, teriamos de seguir, quanto possivel, a direcção nor-noroeste verdadeira, que, como é facil de ver nos levaria quasi á junção dos rios Lipalule e Limpopo.

Pelo que já estava combinado entre as duas commissões (acta n.º 1) dever-se-iam seguir as montanhas, mas depois teriamos a dar a compensação correspondente, e não deveria ella ser pequena.

Por isso já n'esta occasião fiz sentir aos commissarios boers, que não podia admittir em absoluto as palavras do tratado referidas ao noroeste, no que dizia respeito á orientação da fronteira; em primeiro logar não se dizia ali se era a magnetica ou verdadeira, e comquanto, na Europa, quando este caso se dá, se entende sempre que é a verdadeira a que nos referimos, o mesmo não devia succeder em Africa, n'aquella região quasi desconhecida, em que todas as indicações dadas pelos viajantes e sobre as quaes se basearam os individuos que negociaram o tratado, eram de certo referidas ao meridiano magnetico, por isso que só tinham á sua disposição, geralmente, a bussola.

Que tambem de certo, quando os commissarios de 1869 discutiram e assentaram na fixação da fronteira, elles de certo tomaram como limite as montanhas, fronteira a mais natural a todos os respeitos, o

que se achá bem claro no mappa que acompanha o tratado, e que, se não o declararam explicitamente, era talvez devido a que não conheciam, como do mesmo mappa se vê, a sua verdadeira posição.

Alem d'isso a questão era de tal importancia nos seus resultados, que se os commissarios boers insisitsem na exacta observancia da orientação nor-nordeste verdadeira para a fronteira, me veria obrigado a consultar o meu governo, (o que aliás já tinha feito, recebendo pouco depois a resposta, documento A).

Colocado o signal, seguimos para o local onde foi em seguida estabelecido o campo n.º 3, atravessando varias linhas de agua que correm para o Incomati. Ali, o terreno já coberto de terra vegetal e menos irregular e pedregoso, é já susceptivel de cultura; uma chuva continuada caiu até á noite, de modo que chegámos completamente molhados ao acampamento, tendo ficado perdidos no matto, tres pretos dos que transportavam os instrumentos, e que não poderam seguir-nos.

Do alto das collinas para o lado do Transvaal estendia-se a perder de vista uma longa e extensa planicie; para o lado de Lourenço Marques, o terreno seguia ondulado até ás margens do Incomati.

No acampamento, onde as carretas já tinham chegado, tratava-se de armar as barracas no terreno lamacento, e de accender grandes fogueiras onde nos aquecessemos.

Os pretos Swasis seguiam por pequenos grupos cortando matto e ramos de arvores para fazerem as palhotas em que se abrigaram. Cada um cortava o seu tronco de arvore, depois do que, seguiam por grupos em linha, debaixo da direcção do seu chefe.

Os nossos pretos, esses não queriam dar-se a esse incommodo e embrulhados nas mantas encharcadas lá dormiam debaixo da primeira arvore que encontravam.

O dia seguinte era um domingo, em que, por ser dia guardado pelos boers, nada podiamos fazer. Vieram elles n'esse dia lanchar connosco depois do que se estiveram exercitando ao alvo.

Não se poderam fazer observações por causa do tempo. Mandámos gente adiante reconhecer o caminho, a qual veio dizer que até ao rio Sabie se não encontrava agua, pelo que era necessario seguir até lá de uma só marcha.

A agua do campo em que estamos, não é má, mas com as chuvas e não sendo agua corrente, acha-se sempre muito suja.

No dia seguinte partimos para escolher o local do marco C.

Ao sair do campo, o meu cavallo começou a tossir, e dentro em meia hora já não podia commigo, tropeçando a cada instante. A tosse repetia-se ao mesmo tempo que das ventas lhe saía um liquido denso

e esbranquiçado. Fôra atacado da *horse-sickness*. Era impossivel seguir n'elle, pelo que o sr. capitão Serrano me cedeu o seu cavallo, voltando para o campo.

Trepámos os contrafortes das montanhas, muito asperas do lado do Transvaal, e depois de seguir por um magnifico valle bastante largo, chegámos ao alto de uns montes, densamente cobertos por arvoredo, e onde, a muito custo, descobrimos um logar de onde cortadas as arvores, podemos avistar o marco anterior.

O chão é sempre o mesmo, as mesmas rochas e os mesmos pedregulhos, onde, a cada passo, nos vemos obrigados a apear.

Collocado o marco feito de pedra solta, os boers foram caçar, seguindo-os todos os pretos, uns cento e vinte : acompanhei-os.

Já tinhamos avistado grande quantidade de caça miuda, chegando um dos pretos a matar uma lebre com a zagaia.

Dirigimo-nos para o valle por onde já tinhamos passado. Os pretos vão estendidos em linha de uma grande extensão, sendo o centro d'essa linha occupado pelos caçadores a cavallo.

D'ahi a pouco tinhamos na nossa frente um numeroso bando de zebras, sobre as quaes pretos, cavallos e cavalleiros se precipitaram. Ao chegar a bom alcance de tiro, uns 150 a 200 metros, correndo á desfillada sobre as pedras e arvores caídas, os boers apeavam-se rapidamente, e largando as redeas sobre o pescoço do cavallo, atiravam. Em seguida, montando novamente, continuavam perseguindo o bando até novamente chegar a bom alcance. A caça morta era immediatamente esquartejada por uma duzia de pretos que ficavam atrás, e que conduziam a carne para o campo.

Nada se perde; os mesmos intestinos são immediatamente divididos entre elles, e o sangue guardado n'um dos compartimentos do estomago, previamente vasado do seu conteúdo.

É admiravel a extraordinaria destreza que os boers adquirem atirando a alvos moveis, para a mais de 100 ou 200 metros, poderem alcançar animaes que correm por entre as arvores. A zebra deixa-se comtudo approximar facilmente, e a sua velocidade não é tal que se não possam alcançar com um bom cavallo, e sobretudo quando em grandes bandos.

Acabada a caçada e mortas quatro zebras e alguns pequenos antilopes, voltámos ao acampamento onde chegavamos de tarde.

Os boers antes da caçada consultavam sempre um dos feiticieiros que traziam, e são realmente vantajosas, muitas vezes, estas consultas.

O preto nunca vem dizer nada, e só responde quando perguntado. O feiticieiro, que é em geral esperto, ouve as conversas aqui e ali, vê

os vestígios da caça, pergunta, e quando o consultam, diz geralmente sem errar, para que lado encontrar caça e que especie de caça.

D'ahi o habito que os boers tinham de os consultar, que ás vezes saía dos dominios da caça para os interrogar sobre a saude das familias, novidades das suas *farms*, etc.

Nós mesmos empregámos esse processo para descobrir um ladrão. O feiticeiro fazia vir diante d'elle todos os pretos deitar o que chamam gagáo, pedras, sementes pequenos, ossos, etc., que o preto devia atirar sobre um panno, proferindo o feiticeiro certas palavras.

Da maneira como ficavam dispostos os diversos objectos, deduzia o adivinho a verdade.

Na realidade, os pretos não culpados, certos da efficacia do gagáo, deitavam-n'o logo e francamente; os que não tinham a consciencia limpa, atiravam as pedras fóra do panno, não fechavam as mãos para as conter bem, de modo que o feiticeiro não pudesse adivinhar, e era justamente esta perturbação e receio que os denunciava.

Alem do gagáo, têm elles ainda varias receitas para adivinhar, de que mais tarde fallaremos.

Á nossa chegada ao compo e depois de jantar, seguiu-se uma sessão de feiticaria, para saber se o dia seguinte seria propicio, isto é, se encontraríamos caça e agua, depois do que cada um recolheu á sua barraca.

No dia seguinte esperavamos chegar ao rio Sabie. Os carregadores Swasis bem depressa passaram alem das nossas carretas, que seguiam vagarosamente, cortando uma arvore aqui e alem para permitir a passagem.

Tendo seguido adiante, a cavallo, com dois pretos, bem depressa me adiantei, mas os pretos, porém, vendo-me ir seguindo sempre, entenderam mais conveniente deitarem-se atrás de uma arvore. Duas ou tres horas depois estava já perto do Sabie, mas sósinho e sem saber para que lado tinham ficado as carretas e completamente extraviado.

Sobretudo para mim, que chegado ha pouco da Europa, pouco conhecia a Africa, era isto serio, pois a falta completa de pontos de referencia impede que nos possâmos orientar. Emfim, passadas ainda duas ou tres horas pude ver um rebanho de quarenta ou cinquenta zebras, mas quando d'ellas me quiz approximar, senti um forte tiro-teio; as zebras partiram a galope, ao mesmo tempo que as balas vinham assobiar perto de mim. Tratei, portanto, de me abrigar cuidadosamente e quando o tiro-teio cessou, segui pelo enorme rasto que tinham deixado, certo que em breve encontraria os caçadores, o que com effeito succedeu, sabendo então que as carretas já vinham perto.

Eram já mais de duas horas da tarde e o gado e gente tanto nossa

como dos hollandezes, estava extenuada e de commum accordo decidiu-se, tendo-se encontrado uma pequena poça de agua, acampar n'aquelle logar, comquanto certos de que não podia estar longe o Sabie, que já de manhã avistára do alto das montanhas.

Effectivamente no dia seguinte perto das onze horas, chegavamos ao Sabie que ali tinha 500 metros de largura, e que se reconheceu dar vau n'aquelle logar.

Tratou-se immediatamente de acampar e de preparar no canhão da margem, um caminho para as carretas.

O cavallo que adoecêra no campo n.º 2, ficára ali guardado por dois pretos e um cavallo branco que traziamos adoeceu aqui, morrendo no dia seguinte. Os pretos que tinham ficado atrás com o cavallo, chegaram n'esta occasião com a noticia de que elle morrêra e os que tinham levado dois cavallos a ferrar, voltaram com um, tendo o outro morrido pouco antes de chegar ao rio Meguanha.

Assim, dos quatro cavallos comprados no Natal, tres estavam mortos, e o outro de pouco mais valia. Restava um cavallo do Natal, que era provavel morresse em breve, como succedeu, e uma egua de Lourenço Marques.

No dia 13 tivemos segunda reunião das duas commissões, de que se lavrou a acta B.

Decidiu-se que nos demoraríamos alguns dias no Sabie, de modo a poder regular os nossos chronometros.

À tarde fomos todos convidados a ir jantar ao campo hollandez, depois do que decidimos partir no dia seguinte a escolher a posição dos novos marcos de fronteira, emquanto que o engenheiro Mezzena e major Caldas Xavier partiam para o Incomati, a fim de marcar a junção dos dois rios, indeterminada na carta.

Effectivamente na madrugada seguinte partiam para a junção do Sabie e Incomati os srs. Mezzena e Caldas Xavier.

O capitão Serrano e eu seguimos com os boers para o local onde devia ser collocado o marco D.

Os negros passaram o Sabie, que junto da margem tinha mais de 1 metro de profundidade.

Quando nós o quizemos passar, os cavallos dos boers, habituados, passaram sem difficuldade, mas os nossos foi differente.

Só depois de grande lucta e empurrada por um dos pretos é que a minha egua se decidiu a seguir o exemplo dos seus companheiros, pulando para dentro de agua, por isso que a margem formava ali um degrau, obrigando o cavalleiro a tomar um banho nas aguas do Sabie. Foi esta a unica vez em que mostrou resistencia a entrar na agua.

Logo depois da passagem, abatia-se o cavallo de mr. Van Wielligh, com a mesma doença dos nossos, vóltando para o campo.

A *horse sickness* parece ser uma inflamação do aparelho respiratorio. O cavallo não come, a custo bebe e a respiração torna-se difficil. O unico remedio conhecido dos boers é a sangria applicada em grande escala.

Por este modo escapou o cavallo de mr. Van Wielligh que tornava a ser montado dois mezes depois, não tendo nenhum dos nossos escapado, mesmo apesar da sangria, o que attribuímos ao facto de não estarem, como os cavallos do Transvaal, já um pouco habituados ao clima.

Ultimamente em Lourenço Marques, os cavallos mortos têm apresentado consideraveis lesões do figado, que em parte bom, se acha em certos locaes transformado n'uma especie de massa pouco consistente.

Seria portanto a *horse sickness* uma doença d'este orgão; mas ao que nos parece deverá ser uma doença infecciosa que se manifesta debaixo de fórmas differentes, e tanto mais difficil de diagnosticar, quanto a todas as doenças de cavallos, aqui se dá o nome de *horse sickness*, por ser essa a mais frequente.

Seguindo ao longo do valle do Sabie, que é n'aquelle logar muito largo, chegámos aos contrafortes dos montes, e atravessando o mesmo genero de terrenos que até ali, fomos collocar o marco E, determinando d'ali, qual a posição do marco da portella do Sabie, para onde seguimos, collocando então ali o marco D.

Ha n'aquelle região immensa quantidade de caça, kudoos, wild beasts, waterbock e muitas outras qualidades de antilopes, de que a Africa possui, mais do que nenhum outro continente, uma grande variedade.

Do marco E para o marco D cruzámos um dos caminhos de cafres que vão de um a outro lado dos Libombos.

São geralmente caminhos estreitos, o sufficiente para um homem a pé, mas comquanto na sua direcção geral sejam seguindo a linha recta entre os dois pontos que servem, são entretanto muito sinuosos e de curvas apertadissimas.

Tem isso uma rasão de ser: a preguiça dos cafres e o seu egoismo. O primeiro que seguiu o caminho através do mato, á mais pequena pedra, ao menor arbusto ou qualquer arvore caída por terra, rodeou-a para não ter o trabalho de a levantar, e os que vinham atrás d'elle seguiram o seu exemplo. Mais tarde, os que procuraram fazer o mesmo caminho seguiram o trilho aberto pelos primeiros, de modo que, successivamente calcado por todos, o caminho ficou aberto, mas

irregular e tortuoso, ainda quando mais tarde as arvores tenham sido destruidas pelo tempo e pelos insectos ou a pedra removida pelas aguas.

Chega a tal ponto este estado de cousas, que se uma arvore caiu no caminho ou um arbusto espinhoso estendeu sobre elle os seus ramos, o preto não a removerá, mas irá em redor d'ella e dentro em pouco lá se junta mais uma volta ao caminho já tortuoso.

Os que vierem depois que arredem o obstaculo, se quizerem; para o preto custa-lhe menos dar mais uns passos do que baixar-se ou cortar um ramo.

Á volta para o campo seguimos este atalho, que passava o Sabie n'um vau, já quasi no desembocar do rio, na planicie do lado de Lourenço Marques.

Uma grande parte da nossa gente ficára no caminho, ao passo que os *swasis* nos tinham acompanhado todos. Já desde a saída do Incomati, que aquella gente se mostrava preguiçosa e exigente; não carregando cousa alguma, queriam ainda seguir montados nas carretas; se seguiam connosco aos marcos, eram tão vagarosos na marcha, que não chegavam a tempo de ajudar os *sicsis* na construcção d'elles. O receio que tinhamos de que fugissem, era a unica cousa que até ali nos impedia de lhes mostrar qual o modo de vida que era preciso adoptar.

No Sabie, porém, declararam-nos que não queriam fazer um abrigo de palha para os dois cavallos que restavam, e que alem d'isso não queriam comer só arroz, mas que queriam com elle mais alguma cousa para fazer caril.

Exhausta a nossa paciencia, e por isso que estavamos no Transvaal e fóra da acção das nossas sentimentaes leis, com a auctorisação dos boers, fizemos applicar nas costas de um d'elles alguns argumentos fortes, que durante bastante tempo para diante, os conservaram quietos e obedientes.

Não tinhamos tambem tido até ao Sabie occasião ou de caçar ou de comprar alimento dos cafres. Era a principal rasão d'isto o facto de seguirmos com os commissarios boers. Com doze cavallos e um numerozo pessoal, era d'elles toda a caça que apparecia, por isso que nem nós nem os nossos pretos podiamos de modo algum competir com caçadores taes como elles o são.

Alem d'isto, tudo o que nos *kraals* havia disponivel era trazido pelos cafres, de presente, ao commissario Abel Erasmus, que conheciam de longa data, e que alem d'isso estava no districto que administrava, o de Lydenburg.

Era tal o receio que lhe tinham os cafres, que os mesmos poucos

alimentos que obtinhamos para nós, taes como ovos, gallinhas, etc., eram trazidos á noite e ás escondidas.

Não havia portanto probabilidades de que conseguissemos mantimentos no caminho, e os que tinhamos desapareciam rapidamente, Fiz portanto descarregar no Sabie o wagon dos bois, e mandei-o voltar ao Incomati buscar mais mantimentos, encarregando ao mesmo tempo o sr. L. Hiron, dono das carretas, que nos acompanhava, de comprar dois cavallos *salgados*, pois, pelo que já anteriormente dissemos, nos achavamos quasi completamente desmontados.

O sr. Hiron prestou-nos sempre os melhores serviços. Homem de boa educação, habituado com doze annos de ardua vida do interior, sempre prompto da melhor vontade a auxiliar-nos nos duros transees por que tivemos de passar, tornou-se para comnosco um bom e dedicado companheiro, e aqui lhes consignâmos o nosso reconhecimento.

No dia 15 era um domingo, e portanto dia de descanso. Pela nossa parte, principiámos a fazer passar o rio ás carretas de burros que nos tinham ficado, e que passaram carregadas.

Para se não molhar a carga era necessario descarregar-as completamente e pôr sobre a carreta os impermeaveis que serviam para os cobrir de noite, e tornava-se em seguida a carregar a carreta; o fundo do rio era de areia, de modo que foi necessario juntar aos burros, os bois, que tinham por principal fim o puxar os burros para dentro de agua, o que elles tinham grande reluctancia em fazer; em seguida com grande gritaria e chicotada, lá seguiam para a outra margem, sendo as carretas quasi levantadas dentro de agua pelos nossos pretos e pelos *swasies*, que para esse fim nos tinham sido cedidos.

Nas margens do rio encontra-se grande quantidade de calhaus das rochas a montante, sobretudo pegmatite graphica e granitós com grandes crystaes de feldspatho côr de rosa. Lavámos as areias em pratos, mas não obtivemos como residuo da lavagem senão grande quantidade de ferro magnetico e oligisto.

N'este mesmo dia, á noite, reuni-se em volta do campo uma quantidade enorme de hyenas, fazendo um barulho extraordinario; eram sobretudo attrahidas pela grande quantidade de caça que tinha sido morta, e que nos trazia durante o dia ao acampamento enormes bandos de grandes abutres, de mais de 1 metro de envergadura e de cabeça completamente nua.

No dia 16 passou-se tudo para a margem esquerda do rio, tendo continuado a fazer observações de longitude e latitude, que se repetiram no dia 17 pela manhã.

Seguimos depois para o marco do rio Sabie, cuja latitude e longi-

tude pretendíamos determinar, mas o dia ennevoado tornava as observações difíceis.

Ao chegar ás montanhas, o Sabie curva-se muito para sucste cortando profundamente a margem esquerda, o que, juntamente com as ravinas que ali a cortam, tornam a passagem muito difficil.

O curso do rio estreita ao encurvar-se o seu leito, de modo que de 800 metros de largura que tem no valle, passa a 100 ou 150, retomando a sua primitiva largura ao sair para a planicie.

A margem direita obriga mais tarde o rio a voltar para nordeste, apresentando-se completamente quebrada e a pique, de modo a impedir completamente a passagem por ali. As rochas são ainda as mesmas, mas quebradas e deslocadas sobretudo em duas direcções rectangulares, que, permitindo a mais facil acção dos agentes atmosphericos, formam ali cavernas bastante grandes.

Do alto dos montes avistam-se as planicies que vão até ao Incomati, e o curso do rio Sabie distingue-se nitidamente correndo para leste até junto ao monte Kurman, onde se inflecte bruscamente, correndo ao longo d'elle até se reunir ao Incomati, mais para o sul. Toda esta planicie parece admiravelmente propria á cultura, podendo as habitações ser construidas no monte, onde serão necessariamente saudaveis.

Demais, as montanhas abruptas do lado do Transvaal, e de difficil accesso, descem comtudo lenta e suavemente para o lado de Lourenço Marques.

Na portella do Sabie encontrámos Vos pondo em estação o seu magnifico universal, tendo a barraca armada junto d'elle, para ali passar a noite.

Depois de termos feito as observações necessarias, partimos para o campo onde chegámos já perto das nove horas da noite, por nos termos extraviado nos montes em consequencia da noite que sobreviera rapidamente, tendo deixado no matto todos os carregadores que levavamos, os quaes se nos reuniram na manhã seguinte.

No dia 18 fizemos ainda algumas observações e combinámos o marchar ávante na manhã seguinte, o que effectivamente fizemos, levando comnosco apenas uma carreta de burros, e deixando as outras esperar a chegada do carro, que fôra ao Incomati.

Seguimos de vagar através de um paiz quasi plano, ondulado largamente e esplendido para caça; as arvores eram poucas e o carro seguia sem difficuldade apesar da grande carga que levava.

No fim quatro horas e meia de marcha chegavamos a Maalane, onde acampámos junto de um pequeno kraal. Já se avistava para nordeste o monte Mundgi, que se destacava bem sobre o terreno adjacente.

Os pretos, aqui, diziam querer ser portuguezes, mas á nossa chegada apesar da sympathia que lhes mereciamos, apressavam-se a levar os seus presentes aos boers que conheciam bem. Até ali não tinham pago impostos por não se saber se eram boers ou portuguezes. D'ali em diante, se ficassem boers sabiam o que lhes custaria se o não fizessem ou se commettessem qualquer roubo ou qualquer crime.

Por outro lado, se ficassem portuguezes, sabiam que não pagariam nada, e que continuariam perfeitamente independentes e livres. D'ahi o seu desejo de serem portuguezes; e como o preto só respeita e gosta d'aquelles a quem teme, e que os protege, a pressa com que levavam gratis, aos boers tudo o de que podiam dispor, emquanto que aos seus amigos portuguezes procuravam vender o pouco que vendiam, por preços exorbitantes.

Estes pretos, já por duas vezes, ao que me disse Von Wielligh, tinham içado no monte Mundgi uma bandeira portugueza, que os boers fizeram arrear, por isso que, em vista do tratado de 1869 não podia haver contestação possivel sobre a posse d'aquelle monte.

Como não podémos de maneira alguma conseguir que ficassem incluídos na fronteira pelo que deixámos exposto, soubemos mais tarde que estavam mudando a sua povoação para o outro lado d'ella.

Eram magnifica gente, *Shanganas*, e quatro que d'ali levámos, prestaram-nos mais tarde magnifico serviço.

Como os zulus, habitam em palhotas redondas em vez de conicas como os de Inhambane, formadas de ramos espetados no chão, recurvados, reunidos na parte superior e cobertos de palha.

Usam como armas defensivas o escudo oval de pelle de boi.

Os chefes e homens de consideração põem na cabeça, entretecido com o cabelo, uma especie de chouriço circular, feito de cera e rezina, que é impossivel de tirar e que as mulheres pulem cuidadosamente; o trazer isso na cabeça é direito que nem todo o preto tem e só pôde ser concedido pelo chefe.

Junto ao kraal, passava uma pequena ribeira de agua corrente, perto da qual os pretos tinham as suas plantações de milho e mantimento, e a que ali chamavam Nouróte, emquanto que mais adiante tinha o nome de M'londos.

No dia 20 seguimos, as duas commissões, a determinar a posição do marco F. O terreno é pouco ondulado até chegar ao marco, e com pouco arvoredo, excepto ao longo das linhas de agua.

Quando se chega junto das montanhas, parecem terminar ali. O macisso dos Libombos que vem do sul bem definido, tendo de um lado a brusca descida para a lado do Transvaal e do outro as rampas suaves que vão para Lourenço Marques, divide-se ali para o norte

n'uma serie de ondulações pouco bem definidas, no extremo oeste das quaes se levantam bruscamente os dois montes Mundgi e Mazziva.

O local do marco fórma uma especie de esporão aguçado para o lado do norte, descarnado e pedregoso, com pequenos arbustos e arvores espinhosas. D'ali foi difficil ver um ponto qualquer bem definido, aonde collocar o marco seguinte, por isso que, apenas se viam, umas por trás das outras, uma serie de pregas de terreno alongando-se no sentido noroeste-sudoeste. Propozemos tomar como ponto de fronteira o monte Mundgi, mas os delegados do Transvaal não quizeram aceitar essa posição pelo facto d'esse monte estar muito para oeste, e decidiu-se então que fosse collocado o marco n'aquella das ondulações mais altas, que se projectava sobre o horisonte e no meio da sua linha de cumeada, que d'ali apparecia perfeitamente horisontal.

Do ponto onde estavamos descobria-se um largo horisonte e viam-se alguns bandos de antilopes que passeiavam na planicie, dê modo que os boers partiram em perseguição d'elles, emquanto nós, depois de feitas as observações necessarias, voltavamos para o nosso acampamento, onde encontravamos de volta da sua excursão ao Sabie, o engenheiro Mezzena e major Caldas Xavier.

Pouco depois chegavam dois cavallos, mandados por Hiron e que tinham custado, um 70 e o outro 75 libras, ambos de pessimo aspecto e um ainda cego de um olho.

Tinham, porém, aquelle elevado preço por serem salgados, isto é, por terem já tido a horsesickness, a que haviam escapado, o que evita que sejam novamente atacados, com quanto hajam alguns exemplos do ataque se repetir.

Ficam, porém, sempre de pouco folego e com o aspecto de verdadeiros sendeiros, mas são os unicos que podem por ali viver.

No dia seguinte levantava-se o campo, e pouco adiante encontravamos pela primeira vez uma mudança na natureza do terreno, apparecendo a formação granitica do monte Mundgi bem caracterizada, depois de termos atravessado o rio M'londos, junto do qual e passado o monte Mundgi, fomos acampar.

A distancia era grande, de modo que as carretas só muito tarde chegaram, perto das dez horas da noite. O monte Mundgi levanta-se bruscamente no meio da planicie e alongando-se sentido norte-sul proximamente, recortar-se muito irregularmente no céu, com uma grande multiplicidade de pequenas pontas. Ao sul é cortado por uma ravina através da qual passa a ribeira Monróte ou M'londos, que o contorna depois de partir de junto de um pequeno kraal, um pouco ao norte d'elle. Ha ali uma extraordinaria abundancia de caça de toda a espe-

cie. Variados antilopes, codernizes, galinhas de matto, etc., vinham até quasi junto do nosso acampamento.

Seguia-se um domingo, dia de descanso forçado. Regularam-se os calculos de latitudes e longitudes, comparando-os com os da commissão boer e reconhecemos a difficuldade em regular as nossas posições pelas differenças de longitude, seguindo n'uma direcção sensivelmente norte. Felizmente que o nosso chronometro de algibeira n.º 1 apresentou sempre uma marcha perfeitamente regular, de modo que as observações feitas com elle deram um bom resultado.

Partindo na madrugada seguinte, tivemos um dia de marcha razoavel, acampando á noite junto da ribeira, ao pé do kraal de Chiloluene.

Durante o caminho atravessámos uma mancha de grés silicioso sob a qual encontrámos, afflorando, no leito da ribeira, uma rocha escura com grandes crystaes de feldspatho.

Os cafres tinham ali grandes plantações de milho e feijão, mas até ali apenas nos venderam algum pouco feijão a 1 schiling cada litro e poucos ovos, ao passo que todas as suas atencões e cuidados eram para os boers, a quem temiam e a quem levavam grandes presentes de milho e feijão.

Ninguem como os boers sabe lidar com os cafres, e de todos os povos da Africa do sul, são elles que melhor têm conseguido utilisal-os. Os inglezes assim o comprehendem tambem, de modo que a sua politica aqui, tem sido sempre o fazer marchar como guarda avançada aquelles que lhes desbravam o terreno e domesticam os cafres, depois do que o protectorado inglez se vem estender sobre o terreno adquirido.

A ribeira Chiloluene, comquanto não tivesse agua corrente, era entretanto bastante piscosa, matando-se algum peixe com tiros de dynamite; este vinha á superficie atordoado e os pretos, nadando, apanhavam-no facilmente.

No dia 24 fomos determinar a posição do marco G através de um terreno ondulado e muito arborizado.

Á volta encontrámos alguns *sable antilopes*, uma das mais bellas das muitas especies que até ali tinhamos encontrado; negro, com grandes manchas brancas, tem uns enormes chifres inclinados sobre o pescoço não esgalhados, e formados por uma successão de aneis que vem sendo successivamente menores até quasi á extremidade, onde terminam por uma ponta aguçada.

Andam sempre em pequeno numero, e não são facéis de matar. Prestava-se, porém, muito a isso o terreno pelo sua serie não interrompida de largas ondulações; desde que ao longe se viam alguns



chefe e a sua recusa em nos dar guias, o que retardava a nossa marcha.

Partindo no dia seguinte para o local do marco H, ahi nos demorámos todo o dia para lhe poder determinar a latitude e longitude, tendo chegado já de noite ao campo. O terreno continuava o mesmo; o mesmo microgranito, e a arborisação frequentemente basta sobre os montes, que não tinham uma feição perfeitamente caracterizada. Já aqui era muito difficil medir as orientações dos signaes, para o anterior e seguinte, fazendo-se isso geralmente com uma bussola de mão, e trepando ao cimo das mais altas arvores, o que não era por vezes extremamente facil.

Nos dias 27 e 28 caminhámos seguindo sensivelmente ao norte, tendo ido finalmente acampar junto ao rio Núnguine onde encontrámos agua corrente. Ahi reconheceu-se ter sido aberto pelos nossos pretos um garrafão de aguardente, tendo tido não pouca difficuldade em descobrir os culpados, que foram finalmente castigados.

Tinham principiado a apparecer girafas, tendo sido mortos tres d'estes animaes, um dos quaes media 18 pés de altura.

A cavallo consegue-se chegar a alcance de tiro, mas só as balas endurecidas Martini Henry conseguem passar através da pelle muito espessa, e causar um ferimento sufficiente para as abater.

A carne da girafa nova é esplendida, e tambem muito saborosa a medulla dos enormes ossos que são abertos depois de expostos ao fogo durante algum tempo.

Durante o caminho, no ultimo dia de marcha, tinhamos encontrado vestigios da marcha de uma carreta que dirigia para leste e que parecia ter passado por ali havia uns dois mezes. Parece ter sido uma carreta pertencendo a um grupo de caçadores que por ali tinham andado caçando.

No dia 29, era um domingo; não podendo sair ao campo, nos entretivemos pondo em ordem as notas de viagem.

Como de costume, os boers vieram ao nosso campo depois de jantar, tendo n'essa noite nma larga conversa com Erasmus sobre o districto cujos limites andavamos determinando.

Lastimava elle que os governadores saíssem tão rapidamente de Lourenço Marques, quando elles principiam justamente a conhecê-lo e poderiam ter alguma influencia sobre o<sup>s</sup> cafres, para regular as altercações e disputas que frequentemente se levantam entre elles, e sobretudo poder cobrar o imposto de palhota. Elle Erasmus, com dez policias a cavallo, geralmente mulatos, e trinta policias pretos que se distinguiam, como uniforme, por um lenço encarnado amarrado de qualquer fórma em volta do corpo, tinha cobrado no districto de Ly-

denburg, 10:000 libras de imposto ou 45:000,000 réis, sem contar com os productos das multas, etc., que tinham attingido á somma de 4:000 libras.

Dizia elle que, se o governo de Portugal o encarregasse de organizar o serviço do districto de Lourenço Marques, dentro em breve, faria n'elle o que fazia no seu.

Alem do seu vencimento como funcionario do governo, recebia 10 por cento do rendimento dos impostos, e tinha a obrigação ainda de manter em ordem os cafres do seu districto.

Queixou-se tambem de não haver entre Lourenço Marques e o Transwaal um tratado de extradição para os pretos criminosos, o que impedia que fossem reduzidos á obediencia os cafres ao longo da fronteira, que rapidamente mudavam as suas povoações para um ou outro lado d'ella.

Assim o Anyana, filho do Maueva, depois de matar policias no Transwaal, quando lhe exigiam observancia ás leis do paiz, fugia para Lourenço Marques, vindo as auctoridades portuguezas em seu auxilio. Dava isso em resultado o andar o Anyana promovendo desordens e roubos entre os pretos de Maticuana junto ao Sabie e Komati, crescendo dia a dia o seu dominio, até que se ha de tornar uma difficuldade para o dominio portuguez.

Este facto tem-se tornado uma realidade, e ainda ha poucos dias os pretos de Lourenço Marques, fugiam sobresaltados pela noticia de uma guerra trazida e promovida por gente d'este Anyana, que aliás foi deportado ultimamente para Moçambique <sup>1</sup>.

No dia 31, partiamos de novo na direcção norte, tendo os pretos que haviam partido a reconhecer o terreno vindo dizer, que ahi se encontrava um rio bastante largo, rio este que as nossas cartas não indicavam. Um dos carros quebrou ao passar uma ravina, o que nos demorou a marcha, e de tarde acampámos junto do rio Xicangane, depois de percorridas umas 8 milhas, durante as quaes o terreno não apresentava modificações algumas. Logo depois de armadas as barracas seguimos a ver o tal rio, que se reconheceu ser o Uanetsi, affluente do Incomati, que atravessava os Libombos, em vez de, como o mappa o indicava, ter a sua origem na vertente oriental das montanhas; os Libombos que eram até ali formados apenas de largas ondulações de terreno, tomam o aspecto aspero e abrupto que tinham junto do Incomati.

O rio Uanetsi, vindo de oeste, quebra bruscamente para o sul ao

---

<sup>1</sup> Este negro morreu pouco depois na Zambezia.

chegar ás montanhas, contornando-as durante uma pequena extensão para dobrar novamente para leste depois da affluencia do rio Xixangane. Ao longo dos montes o seu curso é largo e a corrente muito fraca, tornando-se torrencial ao atravessar a portella. A profundidade da agua é muito variavel, indo de 1 ou 2 metros a poucos centimetros.

Nos fundões que elle fórma a oeste da montanha encontram-se hipopotamos e crocodilos. Não houve, porém, maneira de matar nenhum d'aquelles, apesar de uma larga espera, e dos boers terem lançado n'agua algumas dezenas de cartuchos de dynamite.

Os granitos affloram ali por vezes no meio do micogranito. É provavel que essas manchas não sejam senão uma variação da textura d'estes, mas o seu aspecto é perfeitamente differente e facilmente se distinguem os seus enormes blocos arredondados no meio das altas falaises, quasi a pique, que o rio cortou através das montanhas.

O curso do rio é de tal modo apertado pelas margens, que durante o pouco tempo que o percorremos, para a collocação do marco I, foi necessario passar repetidas vezes de uma para outra margem, porque de quando em quando, completamente a pique, eram perfeitamente intransitaveis.

A vegetação é extraordinariamente forte e vigorosa, e os juncaes no rio e nas ilhotas formados pelas suas alluviões, em grande numero. No local do marco a rocha eleva-se a grande altura, formando um verdadeiro precipicio, na beira do qual foi aquelle construido. As pedras que se soltavam de cima caíam até ao fundo do valle quasi perpendicularmente.

O macisso de rochas tem ali uma grande extensão, alongando-se em mais de 10 milhas para depois se ir, como sempre, baixando suavemente para os lados de Lourenço Marques. Do lado do Transwaal, é de tal modo accidentado, que nem mesmo se póde transpor a cavallo, pelos escarpados que continuamente se encontram e pelas enormes quantidades de acacias, palmeiras bravas e juncaes que ali existem, sempre, porém, pequenas e rachiticas.

A passagem do rio é facil pela pequena profundidade da agua, mas é difficil pela qualidade do fundo, formado de grandes penedos, deixando entre si largos intervallos, os quaes é necessario saltar, e que, com os musgos e plantas aquaticas que os revestem dentro de agua, não deixa de apresentar um certo perigo.

Na manhã seguinte proseguimos na viagem para o norte, mas dentro em pouco, o tempo que já amanhecêra coberto, começou a tornar-se cada vez peor, desabando em seguida enormes aguaceiros que impediam a marcha das carretas; não só augmentava o peso,

mas ainda, os burros ficavam feridos pelo attricto dos peitoraes molhados sobre que tiravam, com o pello completamente ensopado.

A pouco mais de 2 milhas do local de onde saíramos e junto ainda do rio Uanetsi, encontrámos o acampamento boer no meio da planicie.

A caça continuava abundante. Perus e gallinhas andavam no mato em grande quantidade, pelo menos as ultimas, que apenas davam o trabalho de as apanhar. As girafas, *kodoos*, *wild beasts*, *blue wild beasts* e antilopes de toda a especie, se não eram abundantes, pelo menos não deixavam de apparecer quasi todos os dias, e a cavallo, sempre se caçava.

Já no campo do Sabie nos diziam os pretos que se tinham ouvido leões; aqui porém, nós mesmos os ouvimos, comquanto bastante longe.

No dia 3 íamos acampar junto a Xanaganini, n'uma povoação de cafres, junto a um pequeno bosque.

No caminho encontrámos os rastros de tres leões, provavelmente os que na vespera já tinhamos ouvido,

Tendo acampado já perto das quatro horas da tarde, partimos em seguida á caça, tendo matado, mesmo quasi sem sair do campo, quatorze gallinhas do mato; eram em tão grande numero, que se podiam matar tantas quantas se quizessem, mas era necessario poupar as munições. Pousadas nas arvores. bastava um grão de chumbo de qualquer numero, para as matar, devendo porém sempre fazer-se-lhe pontaria á cabeça.

A gente do *kraal* diz ser do Gongunhama.

Á noite todos os *swasis* dançam no acampamento.

A dança d'elles semelhante em todos os pontos á da gente de Lourenço Marques, não é muito variada. Limitam-se a mover braços e pernas, que batem com força no chão, dispostos n'uma só linha, ao mesmo empo que, n'uma toada monotona, vão cantando umas historias que se referem á nossa viagem.

De vez em quando, um d'elles sae da linha, e dando enormes saltos, com a rodella e zagaia, imita um acto qualquer de coragem, que praticou e que lhes permite o sair á frente dos outros, depois do que o vem contar á gente branca.

Estes actos de coragem estão muitas vezes longe de o serem perante os olhos europeus; um d'elles, por exemplo, veiu contar que «tendo encontrado dois *basutos* a dormir, os tinha matado a ambos» facto este de que muito se orgulhava.

Os cafres vem então outra vez ter connosco para nos repetir que são gente do Gongunhana; dizemos-lhes que está muito bem, mas que

ali ha só terras de boers ou de portuguezes, que as estão dividindo entre si; que o Gongunhama, estando em terras portuguezas é portuguez (é sempre bom dizel-o), e que por isso se quizerem continuar a ser portuguezes, fiquem do lado onde estes dominam.

Erasmus ajunta-lhe que, se ficam no territorio boer, deverão pagar impostos e obedecer-lhe a elle, mediante o que, os protegerá e impedirá que os matem.

Capitão Serrano, por seu lado, faz o mesmo, como o tem feito até aqui. Com a sua longa pratica da vida de Africa, e o geito especial que tem para tratar com os cafres, tem sempre sido o encarregado da parte politica da expedição nas suas relações com os cafres, de quem consegue tudo o que quer, com grande paciencia.

Foi esta a ultima povoação que encontrámos no nosso caminho para o Limpopo.

Junto d'ella ficou collocado um marco de fronteira.

Seguindo ao longo do caminho que por ali passa, e atravessando os montes que ali são pouco elevados, partimos no dia seguinte, 5, para o norte, e fez-se n'esse dia um longo trajecto por não termos encontrado agua onde os boers diziam havel-a; o terreno continuava pouco accidentado e com a mesma vegetação de arvores rachiticas e muito espaçadas, que em nada difficultavam o andamento das carretas.

Só á noite podémos acampar, e ainda assim tendo deixado no caminho tres carretas, sendo a dos bois a unica que nos acompanhou tendo feito durante todo o dia 15 milhas em linha recta, o que equivalia a sensivelmente 10 leguas.

No dia seguinte, era um domingo, dia de descanso, de modo que só no outro dia, de manhã, se procurou a posição do novo marco.

Estavamos n'um plan'alto que formava uma separação de aguas, e junto de um caminho de cafres, que, por muito batido, indicava ser muito frequentado. É provavelmente o mesmo caminho que o padre Berthoud marcou na sua carta como seguido por elle, e que no planalto vae passar do lado portuguez junto de uma grande povoação de cafres. N'este plan'alto ficou o marco, que, como toda a região ali, era unicamente formado de alluviões, recobrando a rocha granitica, teve de ser feito com o material que se achava á mão, isto é, calhaus rolhados e alguma argilla e areia.

Junto ao marco ha uma pequena lagoa, como se vê da photographia junta.

Emquanto permanecemos n'este campo, passaram ali alguns pretos, dos quaes procurámos indagar onde era o Pakionis Kop, do qual devíamos estar proximos; mas este nome cra-lhes perfectamente desco-

nheçido, bem como o era dos cafres do outro lado da fronteira. De nome Pokionis, segundo elles, não existia ali nem monte, nem collina, nem cousa alguma.

O mesmo succedeu durante o caminho quando interrogavamos os cafres ácerca de qualquer dos nomes indicados no tratado, taes como Chicundo e Pokiones. Não era possível obter informação alguma a tal respeito.

No dia seguinte, de manhã, partiamos de novo e o terreno mudava de aspecto; era mais quebrado e a vegetação muito mais basta, apparecendo bastantes palmeiras bravas, e era difficil para as carretas o passar através d'ellas; havia já bastante agua corrente, e os montes principiavam a ser bem definidos para leste; á tarde acampámos junto de uma magnifica planicie, perto de um veio de agua corrente, o que já ha muito nos não succedia.

Os pretos mandados á descoberta voltaram dizendo que as carretas certamente não podiam passar o rio, bem como através do matagal que havia na margem, de modo que na manhã seguinte partimos só com carregadores, chegando ás nove horas á margem do magnifico rio dos Elephantes.

Junto da margem estava morta uma hyena que um leão atacára durante a noite, e aqui e ali viam-se alguns crocodilos, que bem depressa desapareccram.

N'aquelle sitio, um pouco a jusante, podiamos passar o rio a vau, com alguma difficuldade, pela velocidade da corrente, que era de dois metros por segundo. Depois de ter procurado algumas milhas a montante, se era possível encontrar melhor passagem, e vendo a impossibilidade de arranjar melhor local para ella, que talvez houvesse, mas muito longe, mandámos os pretos para trás para ajudarem as carretas a chegarem á margem do rio, abrindo-lhes caminho através do mato; effectivamente chegavam no dia seguinte pela manhã, descarregando-se immediatamente para poderem passar o rio.

Não se realisou isto sem difficuldade; só com dois tiros de burros e um de bois se conseguiu fazer passar cada carreta através do pedregoso leito do rio, e içal-as em seguida ao longo da encosta, no cimo da qual conseguíamos tel-as todas á noite, tendo porém toda a carga ficado do outro lado.

De noite foi necessario fortificar o campo, installado junto a uma enorme baobab de 55 pés de perimetro, e o primeiro que até ali encontravamos; as quatro carretas formavam os lados de um quadrado, dentro do qual se metteram todos os animaes, ficando do lado de fóra e em volta as nossas barracas e as palhotas dos pretos, para os proteger com os fogos que junto d'ellas estabelecemos, e que obrigámos

a conservar accesos toda a noite, por isso que, apesar de assustados, os cafres não teriam cuidado algum para obstar á entrada no campo de um animal qualquer, ainda que com isso tivessem que soffrer; a sua indiferença para o perigo, ou a sua preguiça, é extraordinaria.

Os leões e as hyenas andavam em volta do campo e ouviam-se de noite fazer enorme barulho. Uns *sucasis* que voltavam á tarde com carne que fôra caçada, foram seguidos por um leão, ao qual escaparam deitando fóra a carga, e de manhã uma leoa, ferida com um tiro no pescoço, refugiava-se no mato.

Tudo fazia portanto receiar que alguns dos nossos animaes fossem arrebatados durante a noite, e por isso se tomaram as maiores precauções. Elles tambem não se afastavam das nossas barracas e os cães não nos largavam para muito longe.

E entretanto reconhecia-se o terreno; de um lado tinhamos o rio dos Elephantes, e do outro o Letaba, sendo necessario sair do beco em que estavamos; o terreno era muito quebrado e os poucos caminhos que poderiamos seguir, atravancados de grandes pedregulhos, apresentando por vezes rampas enormes.

Emquanto uma parte dos pretos seguiam abrindo caminho, uma outra ia, ajudada pelos *sucasis* buscar as cargas ao outro lado do rio. Sendo a corrente muito rapida, os homens eram repetidas vezes derribados, caíndo na agua as cargas que traziam, molhando-se muitos mantimentos, perdendo-se algumas cargas e ferindo-se alguma gente.

Aqui esperavam os boers um homem que do Transvaal devia vir com mantimentos, e que, conhecendo o terreno, devia dar informações ácerca da fronteira, mas não appareceu pessoa alguma, não se sabendo se não viera ou se retirára depois de ter esperado por nós.

No dia 11 á tarde matava-se um hippopotamo no rio Letaba, o que deu farta comida aos pretos; foi impossivel photographal-o.

Depois de ter recebido dezenove balas, morreu e mergulhou, e quando no dia seguinte appareceu e nós chegámos junto d'elle, já os pretos, apesar das ordens em contrario, lhe tinham cortado grandes pedaços de pelle.

A carne não é excessivamente gorda e tem um aroma agradável; a pelle, muito espessa, foi cortada em tiras e posta a seccar; pendurada nas arvores, e esticada com grandes pedregulhos.

No dia 12 partiamos para a portella do rio, onde foi collocado o marco; o terreno, muito difficil, fez com que, partindo de madrugada, só chegassemos de tarde ao local que escolhemos para o marco, cujas coordenadas se não podiam obter.

Resignámos-nos portanto a esperar ali aquelle dia, e mandámos buscar ao campo comida e as barracas, que só chegaram no dia se-

d'aquelles animaes, que os pretos distinguíam facilmente, seguíamos do lado opposto ao vento, a coberto do terreno, até que, chegando perto, se largavam os cavalloos sobre elles.

Assim conseguimos matar alguns, tendo-se, porém, trasmalhado por uma larga extensão todos os caçadores e pretos.

Para dar signal de reunião deitou-se fogo á palha; esta, porém, já estava ali muito secca, e dentro em pouco, ajudado pelo vento, o incendio alastrou rapidamente, de modo que, voltando para o campo, para onde aquelle soprava, tivemos que passar com os cavalloos pelo terreno já queimado, enquanto que as lavaredas nos acompanhavam de um e de outro lado, e por meio d'ellas vinham apparecendo os swasis, que, entusiasmados pelos resultados da caçada e carregados com os despojos d'ella, saltavam correndo e gritando como uns verdadeiros diabos.

Á noite chegavamos ao nosso campo, que junto da ribeiro se achava perfeitamente abrigado, enquanto que o fogo se ia propagando ainda ao longe sobre as montanhas.

Continuando na marcha chegámos junto do Metsi-Metsi, depois de ter contornado o monte de Mazziva, e não nos tendo podido alcançar as nossas carretas senão ás oito horas da noite.

Ali havia um kraal cujo chefe veio junto de nós saber o que íamos fazer e que declarava tambem querer ser portuguez. A mesma scena que já se tinha dado em Maalane repetia-se, com os presentes para os boers, etc.

Dissemos-lhes qual o terreno que d'ali em diante era do Transwaal e qual o de Portugal. Loda esta gente pertencia ao chefe Maticuana, que fica na junção dos rios Sabie e Komati.

Eram, porém, precisos guias para as nossas carretas, e pedidos ao chefe, não tinha este, segundo disse, quem podesse mandar connosco, e o mesmo disse em seguida a Erasmus.

Este mandou á povoação, sem nos prevenir, saber se era verdade, encontrando-se ali muita gente; mandou vir o chefe, e tendo-o estendido no chão, dcterminou lhe fossem applicadas vinte e cinco chibatadas. Do nosso campo ouvimos a bulha que isso produziu, sem mesmo saber a razão, que só depois conhecemos; devemos confessar que estranhámos um pouco, por isso que ainda não conhecíamos bem os costumes boers e nos parecia aquelle facto um pouco extemporaneo e sobretudo inconveniente n'aquella occasião. Comquanto nada dissessemos por nos parecer não nos devermos entremetter com o procedimento dos nossos companheiros, foi facilmente percebida por elles a nossa estranheza, e pouco depois Von Wielligh vinha ao nosso campo explicar os factos, que eram os que deixámos dito; a mentira do

chefe e a sua recusa em nos dar guias, o que retardava a nossa marcha.

Partindo no dia seguinte para o local do marco H, ahi nos demorámos todo o dia para lhe poder determinar a latitude e longitude, tendo chegado já de noite ao campo. O terreno continuava o mesmo; o mesmo microgranito, e a arborisação frequentemente basta sobre os montes, que não tinham uma feição perfeitamente caracterizada. Já aqui era muito difficil medir as orientações dos signaes, para o anterior e seguinte, fazendo-se isso geralmente com uma bussola de mão, e trepando ao cimo das mais altas arvores, o que não era por vezes extremamente facil.

Nos dias 27 e 28 caminhámos seguindo sensivelmente ao norte, tendo ido finalmente acampar junto ao rio Núnguine onde encontrámos agua corrente. Ahi reconheceu-se ter sido aberto pelos nossos pretos um garraão de aguardente, tendo tido não pouca difficuldade em descobrir os culpados, que foram finalmente castigados.

Tinham principiado a apparecer girafas, tendo sido mortos tres d'estes animaes, um dos quaes media 18 pés de altura.

A cavallo consegu-se chegar a alcance de tiro, mas só as balas endurecidas Martini Henry conseguem passar através da pelle muito espessa, e causar um ferimento sufficiente para as abater.

A carne da girafa nova é esplendida, e tambem muito saborosa a medulla dos enormes ossos que são abertos depois de expostos ao fogo durante algum tempo.

Durante o caminho, no ultimo dia de marcha, tinhamos encontrado vestigios da marcha de uma carreta que dirigia para leste e que parecia ter passado por ali havia uns dois mezes. Parece ter sido uma carreta pertencendo a um grupo de caçadores que por ali tinham andado caçando.

No dia 29, era um domingo; não podendo sair ao campo, nos entretivemos pondo em ordem as notas de viagem.

Como de costume, os boers vieram ao nosso campo depois de jantar, tendo n'essa noite nma larga conversa com Erasmus sobre o districto cujos limites andavamos determinando.

Lastimava elle que os governadores saíssem tão rapidamente de Lourenço Marques, quando elles principiam justamente a conhecê-lo e poderiam ter alguma influencia sobre os cafres, para regular as altercações e disputas que frequentemente se levantam entre elles, e sobretudo poder cobrar o imposto de palhota. Elle Erasmus, com dez policias a cavallo, geralmente mulatos, e trinta policias pretos que se distinguiam, como uniforme, por um lenço encarnado amarrado de qualquer fórma em volta do corpo, tinha cobrado no districto de Ly-

denburg, 10:000 libras de imposto ou 45:000\$000 réis, sem contar com os productos das multas, etc., que tinham attingido á somma de 4:000 libras.

Dizia elle que, se o governo de Portugal o encarregasse de organizar o serviço do districto de Lourenço Marques, dentro em breve, faria n'elle o que fazia no seu.

Alem do seu vencimento como funcionario do governo, recebia 10 por cento do rendimento dos impostos, e tinha a obrigação ainda de manter em ordem os cafres do seu districto.

Queixou-se tambem de não haver entre Lourenço Marques e o Transwaal um tratado de extradição para os pretos criminosos, o que impedia que fossem reduzidos á obediencia os cafres ao longo da fronteira, que rapidamente mudavam as suas povoações para um ou outro lado d'ella.

Assim o Anyana, filho do Maueva, depois de matar policias no Transwaal, quando lhe exigiam observancia ás leis do paiz, fugia para Lourenço Marques, vindo as auctoridades portuguezas em seu auxilio. Dava isso em resultado o andar o Anyana promovendo desordens e roubos entre os pretos de Maticuana junto ao Sabie e Komati, crescendo dia a dia o seu dominio, até que se ha de tornar uma difficuldade para o dominio portuguez.

Este facto tem-se tornado uma realidade, e ainda ha poucos dias os pretos de Lourenço Marques, fugiam sobressaltados pela noticia de uma guerra trazida e promovida por gente d'este Anyana, que aliás foi deportado ultimamente para Moçambique <sup>1</sup>.

No dia 31, partiamos de novo na direcção norte, tendo os pretos que haviam partido a reconhecer o terreno vindo dizer, que ahi se encontrava um rio bastante largo, rio este que as nossas cartas não indicavam. Um dos carros quebrou ao passar uma ravina, o que nos demorou a marcha, e de tarde acampámos junto do rio Xicangane, depois de percorridas umas 8 milhas, durante as quaes o terreno não apresentava modificações algumas. Logo depois de armadas as barracas seguimos a ver o tal rio, que se reconheceu ser o Uanetsi, affluente do Incomati, que atravessava os Libombos, em vez de, como o mappa o indicava, ter a sua origem na vertente oriental das montanhas; os Libombos que eram até ali formados apenas de largas ondulações de terreno, tomam o aspecto aspero e abrupto que tinham junto do Incomati.

O rio Uanetsi, vindo de oeste, quebra bruscamente para o sul ao

---

<sup>1</sup> Este negro morreu pouco depois na Zambezia.

chegar ás montanhas, contornando-as durante uma pequena extensão para dobrar novamente para leste depois da affluencia do rio Xixangane. Ao longo dos montes o seu curso é largo e a corrente muito fraca, tornando-se torrencial ao atravessar a portella. A profundidade da agua é muito variavel, indo de 1 ou 2 metros a poucos centímetros.

Nos fundões que elle fórma a oeste da montanha encontram-se hipopotamos e crocodilos. Não houve, porém, maneira de matar nenhum d'aquelles, apesar de uma larga espera, e dos boers terem lançado n'agua algumas dezenas de cartuchos de dynamite.

Os granitos affloram ali por vezes no meio do micogranito. É provavel que essas manchas não sejam senão uma variação da textura d'estes, mas o seu aspecto é perfeitamente differente e facilmente se distinguem os seus enormes blocos arredondados no meio das altas falaises, quasi a pique, que o rio cortou através das montanhas.

O curso do rio é de tal modo apertado pelas margens, que durante o pouco tempo que o percorremos, para a collocação do marco I, foi necessario passar repetidas vezes de uma para outra margem, porque de quando em quando, completamente a pique, eram perfeitamente intransitaveis.

A vegetação é extraordinariamente forte e vigorosa, e os juncaes no rio e nas ilhotas formados pelas suas alluviões, em grande numero. No local do marco a rocha eleva-se a grande altura, formando um verdadeiro precipicio, na beira do qual foi aquelle construido. As pedras que se soltavam de cima caíam até ao fundo do valle quasi perpendicularmente.

O macisso de rochas tem ali uma grande extensão, alongando-se em mais de 10 milhas para depois se ir, como sempre, baixando suavemente para os lados de Lourenço Marques. Do lado do Transwaal, é de tal modo accidentado, que nem mesmo se póde transpor a cavallo, pelos escarpados que continuamente se encontram e pelas enormes quantidades de acacias, palmeiras bravas e juncaes que ali existem, sempre, porém, pequenas e rachiticas.

A passagem do rio é facil pela pequena profundidade da agua, mas é difficil pela qualidade do fundo, formado de grandes penedos, deixando entre si largos intervallos, os quaes é necessario saltar, e que, com os musgos e plantas aquaticas que os revestem dentro de agua, não deixa de apresentar um certo perigo.

Na manhã seguinte proseguimos na viagem para o norte, mas dentro em pouco, o tempo que já amanhecêra coberto, começou a tornar-se cada vez peor, desabando em seguida enormes aguaceiros que impediam a marcha das carretas; não só augmentava o peso,

mas ainda, os burros ficavam feridos pelo attricto dos peitoraes molhados sobre que tiravam, com o pello completamente ensopado.

A pouco mais de 2 milhas do local de onde saíramos e junto ainda do rio Uanetsi, encontrámos o acampamento boer no meio da planicie.

A caça continuava abundante. Perus e gallinhas andavam no mato em grande quantidade, pelo menos as ultimas, que apenas davam o trabalho de as apanhar. As girafas, *kodoos*, *wild beasts*, *blue wild beasts* e antilopes de toda a especie, se não eram abundantes, pelo menos não deixavam de apparecer quasi todos os dias, e a cavallo, sempre se caçava.

Já no campo do Sabie nos diziam os pretos que se tinham ouvido leões; aqui porém, nós mesmos os ouvimos, comquanto bastante longe.

No dia 3 íamos acampar junto a Xanaganini, n'uma povoação de cafres, junto a um pequeno bosque.

No caminho encontrámos os rastros de tres leões, provavelmente os que na vespera já tinhamos ouvido,

Tendo acampado já perto das quatro horas da tarde, partimos em seguida á caça, tendo matado, mesmo quasi sem sair do campo, quatorze gallinhas do mato; eram em tão grande numero, que se podiam matar tantas quantas se quizessem, mas era necessario poupar as munições. Pousadas nas arvores. bastava um grão de chumbo de qualquer numero, para as matar, devendo porém sempre fazer-se-lhe pontaria á cabeça.

A gente do *kraal* diz ser do Gongunhana.

Á noite todos os *swosis* dançam no acampamento.

A dança d'elles similhante em todos os pontos á da gente de Lourenço Marques, não é muito variada. Limitam-se a mover braços e pernas, que batem com força no chão, dispostos n'uma só linha, ao mesmo empo que, n'uma toada monotonna, vão cantando umas historias que se referem á nossa viagem.

De vez em quando, um d'elles sae da linha, e dando enormes saltos, com a rodella e zagaia, imita um acto qualquer de coragem, que praticou e que lhes permite o sair á frente dos outros, depois do que o vem contar á gente branca.

Estes actos de coragem estão muitas vezes longe de o serem perante os olhos europeus; um d'elles, por exemplo, veiu contar que «tendo encontrado dois *basutos* a dormir, es tinha matado a ambos» facto este de que muito se orgulhava.

Os cafres vem então outra vez ter connosco para nos repetir que são gente do Gongunhana; dizemos-lhes que está muito bem, mas que

ali ha só terras de boers ou de portuguezes, que as estão dividindo entre si; que o Gongunhama, estando em terras portuguezas é portuguez (é sempre bom dizel-o), e que por isso se quizerem continuar a ser portuguezes, fiquem do lado onde estes dominam.

Erasmus ajunta-lhe que, se ficam no territorio boer, deverão pagar impostos e obedecer-lhe a elle, mediante o que, os protegerá e impedirá que os matem.

Capitão Serrano, por seu lado, faz o mesmo, como o tem feito até aqui. Com a sua longa pratica da vida de Africa, e o geito especial que tem para tratar com os cafres, tem sempre sido o encarregado da parte politica da expedição nas suas relações com os cafres, de quem consegue tudo o que quer, com grande paciencia.

Foi esta a ultima povoação que encontrámos no nosso caminho para o Limpopo.

Junto d'ella ficou collocado um marco de fronteira.

Seguindo ao longo do caminho que por ali passa, e atravessando os montes que ali são pouco elevados, partimos no dia seguinte, 5, para o norte, e fez-se n'esse dia um longo tracto por não termos encontrado agua onde os boers diziam havel-a; o terreno continuava pouco accidentado e com a mesma vegetação de arvores rachiticas e muito espaçadas, que em nada difficultavam o andamento das carretas.

Só á noite podémos acampar, e ainda assim tendo deixado no caminho tres carretas, sendo a dos bois a unica que nos acompanhou tendo feito durante todo o dia 15 milhas em linha recta, o que equivalia a sensivelmente 10 leguas.

No dia seguinte, era um domingo, dia de descanso, de modo que só no outro dia, de manhã, se procurou a posição do novo marco.

Estavamos n'um plan'alto que formava uma separação de aguas, e junto de um caminho de cafres, que, por muito batido, indicava ser muito frequentado. É provavelmente o mesmo caminho que o padre Berthoud marcou na sua carta como seguido por elle, e que no planalto vae passar do lado portuguez junto de uma grande povoação de cafres. N'este plan'alto ficou o marco, que, como toda a região ali, era unicamente formado de alluviões, recobrimdo a rocha granitica, teve de ser feito com o material que se achava á mão, isto é, calhaus rolhados e alguma argilla e areia.

Junto ao marco ha uma pequena lagoa, como se vê da photographia junta.

Emquanto permanecemos n'este campo, passaram ali alguns pretos, dos quaes procurámos indagar onde era o Pakionis Kop, do qual deviamos estar proximos; mas este nome era-lhes perfeitamente desco-

nhecido, bem como o era dos cafres do outro lado da fronteira. De nome Pokionis, segundo elles, não existia ali nem monte, nem collina, nem cousa alguma.

O mesmo succedeu durante o caminho quando interrogavamos os cafres ácerca de qualquer dos nomes indicados no tratado, taes como Chicundo e Pokiones. Não era possivel obter informação alguma a tal respeito.

No dia seguinte, de manhã, partiamos de novo e o terreno mudava de aspecto; era mais quebrado e a vegetação muito mais basta, apparecendo bastantes palmeiras bravas, e era difficil para as carretas o passar através d'ellas; havia já bastante agua corrente, e os montes principiavam a ser bem definidos para leste; á tarde acampámos junto de uma magnifica planicie, perto de um veio de agua corrente, o que já ha muito nos não succedia.

Os pretos mandados á descoberta voltaram dizendo que as carretas certamente não podiam passar o rio, bem como através do mata-gal que havia na margem, de modo que na manhã seguinte partimos só com carregadores, chegando ás nove horas á margem do magnifico rio dos Elephantes.

Junto da margem estava morta uma hyena que um leão atacára durante a noite, e aqui e ali viam-se alguns crocodilos, que bem depressa desapareceram.

N'aquelle sitio, um pouco a jusante, podiamos passar o rio a vau, com alguma difficuldade, pela velocidade da corrente, que era de dois metros por segundo. Depois de ter procurado algumas milhas a montante, se era possivel encontrar melhor passagem, e vendo a impossibilidade de arranjar melhor local para ella, que talvez houvesse, mas muito longe, mandámos os pretos para trás para ajudarem as carretas a chegarem á margem do rio, abrindo-lhes caminho através do mato; effectivamente chegavam no dia seguinte pela manhã, descarregando-se immediatamente para poderem passar o rio.

Não se realisou isto sem difficuldade; só com dois tiros de burros e um de bois se conseguiu fazer passar cada carreta através do pedregoso leito do rio, e içal-as em seguida ao longo da encosta, no cimo da qual conseguíamos tel-as todas á noite, tendo porém toda a carga ficado do outro lado.

De noite foi necessario fortificar o campo, installado junto a uma enorme baobab de 55 pés de perimetro, e o primeiro que até ali encontravamos; as quatro carretas formavam os lados de um quadrado, dentro do qual se metteram todos os animaes, ficando do lado de fóra e em volta as nossas barracas e as palhotas dos pretos, para os proteger com os fogos que junto d'ellas estabelecemos, e que obrigámos

a conservar accesos toda a noite, por isso que, apesar de assustados, os cafres não toriam cuidado algum para obstar á entrada no campo de um animal qualquer, ainda que com isso tivessem que soffrer; a sua indifferença para o perigo, ou a sua preguiça, é extraordinaria.

Os leões e as hyenas andavam em volta do campo e ouviam-se de noite fazer enorme barulho. Uns *swasis* que voltavam á tarde com carne que fôra caçada, foram seguidos por um leão, ao qual escaparam deitando fóra a carga, e de manhã uma leoa, ferida com um tiro no pescoço, refugiava-se no mato.

Tudo fazia portanto receiar que alguns dos nossos animaes fossem arrebatados durante a noite, e por isso se tomaram as maiores precauções. Elles tambem não se afastavam das nossas barracas e os cães não nos largavam para muito longe.

E entretanto reconhecia-se o terreno; de um lado tinhamos o rio dos Elephantos, e do outro o Letaba, sendo necessario sair do beco em que estavamos; o terreno era muito quebrado e os poucos caminhos que poderiamos seguir, atravancados de grandes pedregulhos, apresentando por vezes rampas enormes.

Emquanto uma parte dos pretos seguiam abrindo caminho, uma outra ía, ajudada pelos *swasis* buscar as cargas ao outro lado do rio. Sendo a corrente muito rapida, os homens eram repetidas vezes derubados, caíndo na agua as cargas que traziam, molhando-se muitos mantimentos, perdendo-se algumas cargas e ferindo-se alguma gente.

Aqui esperavam os boers um homem que do Transvaal devia vir com mantimentos, e que, conhecendo o terreno, devia dar informações ácerca da fronteira, mas não appareceu pessoa alguma, não se sabendo se não viera ou se retirára depois de ter esperado por nós.

No dia 11 á tarde matava-se um hippopotamo no rio Letaba, o que deu farta comida aos pretos; foi impossivel photographal-o.

Depois de ter recebido dezenove balas, morreu e mergulhou, e quando no dia seguinte appareceu e nós chegámos junto d'elle, já os pretos, apesar das ordens em contrario, lhe tinham cortado grandes pedaços de pelle.

A carne não é excessivamente gorda e tem um aroma agradável; a pelle, muito espessa, foi cortada em tiras e posta a seccar; pendurada nas arvores, e esticada com grandes pedregulhos.

No dia 12 partiamos para a portella do rio, onde foi collocado o marco; o terreno. muito difficil, fez com que, partindo de madrugada, só chegássemos de tarde ao local que escolhemos para o marco, cujas coordenadas se não podiam obter.

Resignámos-nos portanto a esperar ali aquelle dia, e mandámos buscar ao campo comida e as barracas, que só chegaram no dia se-

guinte á noite, de modo que tivemos de passar aquellas quarenta e oito horas sem comida, e passar a noite sem abrigo algum, nem mesmo um cobertor. Os pretos, completamente nus, soffriam bem mais que nós do frio, intenso da noite, por isso que não tendo levado nem machados nem facas de mato, não era possível construir a menor palhota.

Feitas as observações, recolhemos enfim ao campo no dia 14.

O rio dos Elephantes na confluencia do Letaba, um pouco a montante e quando passa através das montanhas, é bonito e selvagem.

A micogranito é cortada a prumo polas aguas, de modo que difficilmente se chega por vezes á margem. Os altos e profundos barrancos que as aguas têm cortado em todas as direcções, são cobertos de grandes moitas de euphorbias, cactus e mimosas, a que seguem de quando em quando rochas perfeitamente a pique, tudo de uma passagem difficil e trabalhosa; são verdadeiros precipicios, para transpor os quaes são necessarios prodigios de gymnastica, que os espinhos aguçados das acacias e dos cactus não deixam praticar impunemente.

O Letaba precipita-se torrencialmente através de uma estreita garganta, e apesar de dar vau junto á sua confluencia, esse vau é justamente um rapido em que ás pedras escorregadias do fundo e a velocidade da agua que nos subia até ao pescoço, não deixavam de nos causar algumas difficuldades, habituados como estavamos a ver sempre uma ponte no sitio onde tinhamos que passar um rio.

Os pretos iam com difficuldade passar ali as cargas, algumas das quaes foram á agua, chegando um dos carregadores a ficar bastante ferido por ter sido levado pela agua de encontro ás rochas de jusante.

Na confluencia com o rio dos Elephantes fórma o Letaba uma pequena ilha a meio da sua foz. O curso do rio faz-se pelo braço de oeste, emquanto que o de leste, que se enche na occasião das grandes aguas, formava na occasião da nossa passagem, apenas uma serie de lagoas, n'uma das quaes fôra morto o hippopotamo a que já nos referimos.

No ilhote encontrámos os restos de um elephante, morto pouco tempo antes, e cujas presas se achavam ainda em magnifico estado, e foram immediatamente tiradas dos alveolos e arrecadadas pelos commissarios boers, que as transportaram para Pretoria.

Até então não se descobrira o menor vestigio de elephantes, cujos traços são facéis de reconhecer. Todos elles têm emigrado para o norte e só pouco adiante no Letaba, descobrimos o rastro de alguns, em muito pequeno numero.

Ha vinte annos eram aqui abundantissimos, chegando Erasmus,

que aqui caçava, a matar em dois dias, com os seus companheiros de então, vinte e quatro animaes.

As photographias que juntámos dão perfeita idéa do curso do rio dos Elephantes e do aspecto da região ali, e por isso nos abstemos de nos demorar, descrevendo-a.

Segundo os boers, havia aqui a mosca *tse-tse*, mas não me foi possível ver nenhuma, apesar de ter mandado alguns cafres á caça d'ellas.

Entretanto principiaram aqui a adoecer os bois, morrendo-nos dois d'elles; a doença, comquanto fosse rapida, pois depois de atacados por ella, apenas viveram dois dias, não tinha, porém, nenhum dos caracteres que acompanham a mordedura da mosca, e pareceu-nos ser ou envenenamento por qualquer pastagem má, ou uma doença inflammatoria dos orgão respiratorios, semelhante á *horse-sickness* dos cavallo. Os pretos comeram a carne do primeiro boi; quanto á do segundo, foi enterrada, pois receíamos que elles mesmos provocassem a morte dos animaes quando tivessem desejo de lhes comer a carne; um dos bois tambem atacado, melhorou em seguida, vindo só a morrer alguns mezes depois, na região do *tse tse*.

No dia 16 de julho partiamos de junto do rio dos Elephantes seguindo para o noroeste. De um lado tinhamos este rio, e do outro o Letaba, com as suas margens accidentadas e penhascosas. O caminho era difficilimo, e a cada momento era necessario ou cortar uma arvore, ou afastar uma enorme pedra; a inclinação da encosta sendo aspera bastante, viamos-nos obrigados a segurar as carretas, para se não voltarem, por meio de correias, que os pretos mantinham do lado mais elevado do terreno.

N'estas condições caminhava-se muito devagar, até que, saindo dos montes, podémos descer para o valle do Letaba, que, a algumas milhas a montante da foz, era já relativamente facil de seguir.

Encontravamos a cada momento grandes rebanhos de antilopes, bufalos, *hartebeests* e *water bucks* e muitas outras variedades, de que se mataram alguns.

Os môntis, pequenos, de côr amarellada, têm uns pequenos cornos direitos, ligeiramente recurvados, com grandes olhos negros e brilhantes; não excedem 1 metro de comprido.

O *harte-beast* ou caama é bastante grande e anda geralmente em pequenos rebanhos de cinco a dez nos logares pouco habitados, nos matos, na proximidade das ribeiras, collocando-se junto ás arvoredos e ninhos de formigas com as quese se confunde pela sua côr.

O *water buck* tem uns cornos lindissimos e muito longos, cobertos de anneis até junto da ponta e o seu pello é longo e sedoso.

Geralmente encontra-se sósinho e as malhas brancas do seu pello fazem com que os pretos os possam descobrir a grandes distancias, sendo então faceis de matar.

Á medida que o valle do Letaba já não apertado tão estreitamente entre as montanhas, principia a alargar, a corrente diminue um pouco e as alluviões que se depositam no seu leito formam uma serie de ilhotas cobertas de espessos cannaviaes, e a corrente principal ora se aproxima de uma ora da outra margem, sempre com uma profundidade não inferior a 1 metro, na parte que percorremos, e escavando geralmente aquella margem para que se dirige, de modo a formar um degrau ou resalto que tornava difficil a passagem.

Tendo acampado junto da margem, depois de um magnifico dia de caça, ainda que bem pouco se podesse ter avançado, seguimos no dia 17 para collocar o primeiro marco depois do rio dos Elephantes.

A margem esquerda do Letaba sobe ali em dois resaltos successivos attingindo uma das maiores alturas dos Libombes.

Na parte superior existem algumas manchas de granito ordinario, bem pronunciado, que, ao que me parece, não são mais do que um differente estado do microgranito geral na região. Com effeito, não ha contacto das duas rochas, e uma passa gradualmente á outra.

Os enormes blocos de granito sobrepostos uns aos outros vão-se seguindo quasi cobertos de uma palha muitissimo basta, até ao local onde collocámos o signal. O terreno é todo de tal modo accidentado quo tivemos de deixar os cavallos junto á margem do rio.

D'ali avista-se todo o terreno descendo gradualmente até á portella do rio dos Elephantes, sempre com o mesmo aspecto, vendo-se apenas aqui e ali alguma arvore mais alta.

Á volta para o campo cruzámos trilhos de hippopothamos e de elephantes, mas sem contudo ter podido avistar nenhum, mesmo quando no alto da montanha.

No acampamento teve logar uma outra reunião das duas commissões, cuja acta vae junta a este relatorio.

Seguimos depois para o norte até ao rio Letaba, sempre através de densa vegetação, sendo a viagem demorada por fortes chuvas.

Na margem do Letaba encontrámos um homem e algumas mulheres, que, por ordem de Gongunhama, ali fôra estabelecer uma povoação, que estava sendo principiada a construir.

Depois de cortado na margem do rio um caminho através do canavial, principiou a passagem das carretas.

Ao chegar ao meio do rio, como a agua era bastante profunda, e os burros se embaraçassem nos arceios, foi necessario que toda a gente se lançasse á agua para os cortar, por isso que os animaes principiavam

a afogar-se; não se fez porém isso tão depressa que não se afogassem dois.

As carretas transportaram-se até meio do rio, onde ficaram para lhes ser tirada a carga para a margem esquerda, junto da qual a passagem era perigosa.

Vendo, porém, que tudo demorava a viagem, resolvemos abandonar dois de nós as carretas, seguindo com dez carregadores a comissão boer. Com effeito não só era necessario proceder novamente ao carregamento das carretas e ao arranjo dos arreios cortados, mas ainda o terreno apresentava cada vez peores condições para a passagem d'aquellas, continuando sempre assim, como depois tivemos occasião de ver até ao campo 24.

Portanto não havia vantagem senão em seguir sem ellas, por isso que, tendo que nos demorar para ir escolher as posições dos marcos, daria isso tempo a que as carretas, mais tarde ou mais cedo, se nos reunissem.

Depois do campo do Letaba até ao Singwetsi o terreno apresenta-se sempre de um modo notavelmente regular e com as mesmas posições. Do lado do Transvaal, uma larga planície que, seguindo perfeitamente horizontal e formada ora de microgranito, ora de rochas dioríticas, é cortada por uma muralha de granito que se eleva subitamente e flanqueada aqui e ali de montes ou picos perfeitamente bem definidos. No alto d'esta muralha, na direcção S. N. segue um *plateau* de largura variavel entre 2 e 5 milhas, que desce em seguida lentamente para o lado de Lourenço Marques, e sem ter a mesma regularidade, tem aqui e ali pequenos esporões que se avançam para leste. Este *plateau* fórma a separação de aguas entre o Letaba e o rio dos Elephantes e Singwetsi.

A vegetação é sempre a mesma, principiando porém a decrescer á medida que nos approximámos do Singwetsi, para o norte do qual ella é muito rara, até perto do Limpopo.

Saindo do Letaba, fomos acampar junto de uma pequena ribeira que se dirige, segundo as informações que obtivemos, ao rio Ntsintsa, cuja origem deviamos encontrar mais para o norte.

D'ali, subindo a muralha granítica, chegámos ao *plateau* depois de ter atravessado um terreno coberto de blocos de granito de todas as dimensões e dispostos muito irregularmente, os quaes seguiam ainda perto de 1 kilometro no alto da muralha.

O marco ficou collocado n'uma das collinas que se avançavam para leste, e de onde se avistavam para o sul os ultimos contrafortes do macisso onde fôra collocado o marco anterior, que não se podia com-tudo avistar d'ali.

Geralmente encontra-se sósinho e as malhas brancas do seu pello fazem com que os pretos os possam descobrir a grandes distancias, sendo então faccis de matar.

Á medida que o valle do Letaba já não apertado tão estreitamente entre as montanhas, principia a alargar, a corrente diminue um pouco e as alluviões que se depositam no seu leito formam uma serie de ilhotas cobertas de espessos cannaviaes, e a corrente principal ora se aproxima de uma ora da outra margem, sempre com uma profundidade não inferior a 1 metro, na parte que percorremos, e escavando geralmente aquella margem para que se dirige, de modo a formar um degrau ou resalto que tornava difficil a passagem.

Tendo acampado junto da margem, depois de um magnifico dia de caça, ainda que bem pouco se podesse ter avançado, seguimos no dia 17 para collocar o primeiro marco depois do rio dos Elephantes.

A margem esquerda do Letaba sobe ali em dois resaltos successivos attingindo uma das maiores alturas dos Libombos.

Na parte superior existem algumas manchas de granito ordinario, bem pronunciado, que, ao que me parece, não são mais do que um differente estado do microgranito geral na região. Com effeito, não ha contacto das duas rochas, e uma passa gradualmente á outra.

Os enormes blocos de granito sobrepostos uns aos outros vão-se seguindo quasi cobertos de uma palha muitissimo basta, até ao local onde collocámos o signal. O terreno é todo de tal modo accidentado quo tivemos de deixar os cavallos junto á margem do rio.

D'ali avista-se todo o terreno descendo gradualmente até á portella do rio dos Elephantes, sempre com o mesmo aspecto, vendo-se apenas aqui e ali alguma arvore mais alta.

Á volta para o campo cruzámos trilhos de hippopothamos e de elephantes, mas sem comtudo ter podido avistar nenhum, mesmo quando no alto da montanha.

No acampamento teve logar uma outra reunião das duas commisões, cuja acta vae junta a este relatorio.

Seguimos depois para o norte até ao rio Letaba, sempre através de densa vegetação, sendo a viagem demorada por fortes chuvas.

Na margem do Letaba encontrámos um homem e algumas mulheres, que, por ordem de Gongunhama, ali fôra estabelecer uma povoação, que estava sendo principiada a construir.

Depois de cortado na margem do rio um caminho através do cannavial, principiou a passagem das carretas.

Ao chegar ao meio do rio, como a agua era bastante profunda, e os burros se embaraçassem nos arceios, foi necessario que toda a gente se lançasse á agua para os cortar, por isso que os animaes principiavam

a afogar-se; não se fez porém isso tão depressa que não se afogassem dois.

As carretas transportaram-se até meio do rio, onde ficaram para lhes ser tirada a carga para a margem esquerda, junto da qual a passagem era perigosa.

Vendo, porém, que tudo demorava a viagem, resolvemos abandonar dois de nós as carretas, seguindo com dez carregadores a comissão boer. Com effeito não só era necessario proceder novamente ao carregamento das carretas e ao arranjo dos arreios cortados, mas ainda o terreno apresentava cada vez peores condições para a passagem d'aquellas, continuando sempre assim, como depois tivemos occasião de ver até ao campo 24.

Portanto não havia vantagem senão em seguir sem ellas, por isso que, tendo que nos demorar para ir escolher as posições dos marcos, daria isso tempo a que as carretas, mais tarde ou mais cedo, se nos reunissem.

Depois do campo do Letaba até ao Singwedsí o terreno apresenta-se sempre de um modo notavelmente regular e com as mesmas disposições. Do lado do Transvaal, uma larga planície que, seguindo perfeitamente horisontal e formada ora de microgranito, ora de rochas dioríticas, é cortada por uma muralha de granito que se eleva subitamente e flanqueada aqui e ali de montes ou picos perfeitamente bem definidos. No alto d'esta muralha, na direcção S. N. segue um *plateau* de largura variavel entre 2 e 5 milhas, que desce em seguida lentamente para o lado de Lourenço Marques, e sem ter a mesma regularidade, tem aqui e ali pequenos esporões que se avançam para leste. Este *plateau* fórma a separação de aguas entre o Letaba e o rio dos Elephantes e Singwedsí.

A vegetação é sempre a mesma, principiando porém a decrescer á medida que nos approximámos do Singwedsí, para o norte do qual ella é muito rara, até perto do Limpopo.

Saindo do Letaba, fomos acampar junto de uma pequena ribeira que se dirige, segundo as informações que obtivemos, ao rio Ntsintsa, cuja origem deviamos encontrar mais para o norte.

D'ali, subindo a muralha granítica, chegámos ao *plateau* depois de ter atravessado um terreno coberto de blocos de granito de todas as dimensões e dispostos muito irregularmente, os quaes seguiam ainda perto de 1 kilometro no alto da muralha.

O marco ficou collocado n'uma das collinas que se avançavam para leste, e de onde se avistavam para o sul os ultimos contrafortes do macisso onde fôra collocado o marco anterior, que não se podia com-tudo avistar d'ali.

Um grande caminho de cafres passa ali perto, dirigindo-se para casa de Albasini.

Á volta para o campo e junto d'esse caminho, n'um pequeno matagal, ouvindo grande gritaria dos pretos, vimos que tratavam de fazer fugir uma leoa que seguia com os filhos; um d'estes, uma leoa pequena, foi apanhada por elles e amarrada em cima de um escudo dos cafres, não sem procurar morder quem se approximava d'ella.

Ou por ter comido muito ou por ter sido interrompida no somno, não fugira tão depressa como a familia, e continuou conosco, dentro de um caixote até ao Lingweds, servindo no campo para divertir os pretos, ficando sempre amarrada a uma arvore, por um forte pedaço de couro.

Apesar de receiarmos que os seus gritos fizessem com que a mãe procurasse atacar o campo durante a noite que seguiu a captura, não houve a menor noticia d'ella.

É possível que os leões para o norte sejam mais bravos e ferozes, ou que, faltos de comida, se atrevam a atacar os viajantes; pela nossa parte, comquanto os ouvíssemos em grande numero, lhe vissemos por toda a parte as pegadas e tivessemos occasião de mais tarde os ver, devemos declarar que fugiam sempre com a maior rapidez, sendo impossível apanhal-os. A mesma leoa, a quem se apanhou a filha, fugiu immediatamente só pela gritaria que fizeram os negros, pois não se lhe pôde mesmo atirar.

Os pretos matam-os, ou em ratoeiras, ou pondo um certo numero de espingardas carregadas e fixas no chão em volta de um animal morto, ao qual ligam por um cordel os gatilhos das armas.

Achando vantajoso que fosse reconhecido o terreno que se acha junto da foz do rio dos Elephantes, encarreguei o engenheiro Mezzena de, partindo d'este campo com dezoito carregadores, seguir até ali, onde dizia haver, e estavam registadas em Lourenço Marques, minas de cobre e prata, devendo depois seguir até ao Biléne e d'ahi para Lourenço Marques.

Seguimos então para o campo 23, onde no plan'alto se collocaram os marcos N e O, em duas pequenas collinas junto uma da outra, sendo porém isso pedido pelos commissarios boers, porque a linha de fronteira que fôra proposta por nós e acceita, do primeiro d'aquelles marcos para os picos que se divisavam para oeste, era inclinada alem da direcção NNO. do tratado, e por isso a collocação do segundo marco, quebrando a fronteira para o lado de Lourenço Marques, compensava um pouco essa inclinação demasiada.

D'este campo seguimos até ás origens do Nitsintsa, onde acampámos no dia seguinte ao da nossa partida; apesar de termos andado até

noite fechada, não nos foi possível ali chegar no mesmo dia da partida, vendo-nos obrigados a acampar sem agua.

Ali o terreno é um pouco accidentado e as erupções graníticas, formaram uma serie de picos irregulares que marcam a abertura através da qual o rio atravessa o macisso de rochas.

Gongunhama tinha mandado, alguns mezes antes, uma guerra destinada a destruir as povoações, matar os homens e roubar as mulheres que se tivessem ali estabelecido.

Assim, encontravamos um kraal admiravelmente bem defendido e situado, onde ainda crescia, nos socalcos feitos pelos cafres, o milho e o tabaco; as palhotas, porém, estavam todas destruidas e queimadas.

No alto da collina onde estava a povoação, foi collocado o marco, sobre o mais alto bloco de granito, onde o accesso era de tal modo difficil que os mesmos pretos, só muito a custo subiam aos penedos enormes accumulados uns sobre os outros.

Os pretos, para construir a povoação, tinham construido muros de pedra solta formando uma serie de grandes degraus ao longo da encosta, e abrigavam as palhotas nas concavidades formadas pelas rochas.

A proposito d'esta povoação disseram-nos em conversa os boers, que esperavam que Gungunhana deixasse de proceder ás mesmas façanhas no territorio que ficava sendo definitivamente boer, desde que fosse feita a delimitação das fronteiras, pois de outro modo teriam de pedir ao governo de Moçambique para impedir estas irregularidades da parte de um regulo estabelecido em territorio portuguez onde não o podiam perseguir, e para onde os vatuas se refugiavam impunes depois de praticadas as suas depredações.

A caça começava a faltar desde a passagem do rio Letaba, o que era mau não só para nós mas ainda para os boers, cujos carregadores faziam agora d'ella a sua quasi exclusiva alimentação, por isso que não tinham encontrado no rio dos Elephantes os recursos que contavam receber ali de Pretoria.

Tendo saído do Nitsintsa, as aguas principiavam a correr para o Singwedsí. Fomos acampar junto do rio T'sabane, de uns 3 a 4 metros de largo, de agua corrente, dirigindo-se para OE. até aos montes e voltando para o norte bruscamente a vasar-se no Singwedsí.

Perto da curva do rio foi collocado o nosso penultimo marco.

De noite tivemos grande reboliço no campo pelo supposto ataque de um leão que um dos pretos disse tel-o agarrado por uma perna, levantando-se grande algazarra.

Não passou do susto, verificando-se que fôra um cão que passára

junto do preto, e que assustado já com o ouvir os leões durante a noite, se imaginava já atacado por um d'elles.

D'ali ao rio Singwetsi gastou-se apenas um dia, ficando o ultimo marco collocado na margem esquerda d'este rio.

Sabiamos já então que os carregadores *swasis* estavam havia dias faltos de comida, e que saindo todos os dias á caça, raro era aquelle em que se podia alcançar qualquer cousa.

Entretanto, tendo combinado esperar alguns dias nas margens do rio para regular os chronometros, assim estivemos durante os dias 31 e 1 de agosto, quando na tarde d'este dia Von Willigh veio procurar-nos declarando que não lhe parecia necessario que a commissão boer seguisse avante, por isso que, devendo ser a fronteira uma linha recta d'ali até á foz do Pafuri, segundo as instrucções que traziam de Pretoria, e sendo a junção dos dois rios um ponto perfeitamente bem definido, não haveria necessidade alguma de ir até lá, tanto mais que, não se sabendo a posição exacta d'esse ponto, seria necessario fazer a demarcação a partir d'elle para o sul, e a seguir de lá para o ultimo marco do Singwetsi.

Dizia o tratado de 1869, que a fronteira seguia em linha recta da serra Chicundo para a junção dos rios Pafuri e Limpopo, mas não sabiamos nós qual era a serra de Chicundo, e apesar de procurar informações dos cafres, não era possivel saber qual era a verdadeira posição d'essa tal serra de Chicundo.

No primeiro relatorio que enviámos para Lisboa, e de que junto vae copia, dissemos o que a tal respeito nos parecia e que julgámos portanto inutil repetir aqui.

O que, porém, novamente agora repetimos, é que se a commissão boer aqui nos deixou, não foi por desaccordo entre as duas commissões, mas por isso que as difficuldades internas da commissão boer a isso a obrigaram. Não tendo que dar de comer aos seus carregadores viram-se obrigados a retirar, não julgando que o restante trabalho a fazer, tivesse, como effectivamente não tinha, importancia tal que merecesse os sacrificios a que seriam obrigados.

Pela nossa parte, com os elementos de que ainda dispunhamos, e para cabalmente desempenhar a commissão de que fomos encarregados, pareceu-uos necessario e de extrema vantagem, o seguir até ao Limpopo, para d'ali partir para Inhambane, por isso que a travessia do sertão de Inhambane não era de certo a parte menos importante da nossa missão.

Assim, depois da partida da commissão boer, que se realisou no dia 2 de agosto, resolvemos seguir para o Limpopo e d'ahi para Inhambane.

## II

No dia 3 de agosto, domingo, de madrugada, saíamos do Singwedsi inclinando um pouco para NO., para onde se poderia encontrar agua pelas indicações do mappa Jeppe, pois outras não tínhamos.

Antes de acampar para o almoço, e junto de uma ribeira, encontramos um leopardo, com os intestinos completamente arrancados, e morto havia poucas horas por um leão; foi carregado nas carretas e depois de esfolado foi repartido entre os pretos, na persuasão de que isto lhes daria coragem.

A partida dos boers desanimára bastante os nossos, pelas más noticias que lhes tinham deixado do terreno na nossa frente; diziam alem d'isso que todos os burros iam morrer por causa da mosca, que não havia agua, e que a gente do Gongunhama, quando passára o districto de Inhambane, morrêra de fome e seda, em grande numero. A carne do tigre chegára portanto em boa occasião.

Pelas duas horas da tarde punhamo-nos de novo a caminho, indo acampar junto a uma bonita ribeira que para o norte se prolongava n'uma serie de lagoas, ao longo das quaes seguimos a cavallo para reconhecer o terreno; as lagoas seguiam por umas 4 milhas, principiando a ribeira n'uma bastante grande, e sombreada por um esplendido arvoredado.

Na madrugada seguinte, ali fomos acampar, ao meio dia; depois de indicar ás carretas que seguissem ao NO., dirigimo-nos, dois de nós, a procurar agua para o acampamento da noite, devendo as carretas seguir para onde nós parássemos, por isso que iríamos marcando o nosso caminho accendendo a palha aqui e ali, como já tínhamos feito por varias vezes.

Até á noite marchámos através do um terreno arido e sem o menor signal de agua; o arvoredado era muito pouco; as linhas de agua apenas indicadas, e que se viam de longe marcadas por longas linhas de arvores verdes, no meio do mato baixo e espinhoso, achavam-se completamente seccas, não se encontrando uma gotta de agua apesar de as fazermos percorrer pelos pretos nos dois sentidos. A palha, de que tínhamos incendiado alguma para signal, communicára o fogo a toda a planicie, e não havendo vento algum, densas nuvens de fumo enchiam atmospherá.

Até á noite nada se encontrára, de modo que voltámos para o ponto onde suppunhamos estivessem as carretas, mas sendo já bastante tarde e não os tendo encontrado, dispunhamo-nos a passar a noite debaixo de alguma arvore, quando deparámos com os rastos das rodas, que seguimos, ouvindo d'ali a pouco os tiros de dynamite que atiravam no campo para nos chamar.

Entretanto o dia não fôra completamente perdido; ao anoitecer encontravamos um *sable antilope* magnífico, que fugiu ferido por uma bala, mas que não podia ir longe; tínhamos deixado dois pretos atrás d'elle, que já muito tarde entraram no campo com uma parte da carne, tendo deixado a outra n'uma arvore, para a irem buscar no dia seguinte.

Entretanto as carretas estavam acampadas sem agua e muito fóra do local onde as poderíamos suppor; não sabendo qual o caminho que seguiramos, por causa do fumo que enchia a atmospherá, haviam seguido sempre ao norte.

Não havia porém agua, e já nós sabíamos que não a encontraríamos nas 5 ou 6 milhas na nossa frente.

Por isso, resolvemos no dia seguinte partir, dividindo entre nós a pouca agua que restava nos barris, mandando o gado e as carretas de bois ao ultimo acampamento para beber e trazer agua, enquanto que nós e os pretos explorariamos o terreno, partindo em todas as direcções. Fazia-nos immensa falta um guia, mas não havia maneira de o achar, e se nós outros podíamos transpor um largo espaço sem beber, o mesmo não succedia aos burros e bois.

Na madrugada seguinte partiamos, estando de volta á noite, depois de percorridas mais de 24 milhas e tendo batido em todos os sentidos o terreno, n'uma zona de 90', encostada ás montanhas; um sehuira para o N., outro para N.-NO., e o terceiro para O., e os pretos seguiam no intervallo.

Era preciso porém vigial-os, por isso que, como queriam voltar para trás, viam com satisfação as difficuldades com que luctavamos.

Infelizmente por toda a parte a mesma cousa.

Muitas linhas de agua pouco definidas e completamente seccas, não havendo tambem o menor traço de caça; começavamos todos já a soffrer bastante, pela falta de agua.

Entretanto tinha-se encontrado a oeste do campo uma pequena poça de agua perfeitamente immunda, mas que chegaria para um dia de consumo para nós e para o gado, de modo que para lá mudámos o acampamento no dia seguinte, indo em seguida para nordeste Hiron, a fim de ver se encontrava algum guia e para noroeste Caldas Xavier em procura de agua, tendo-se combinado que cada dia se mandaria atrás d'este um portador com um barril de agua, prevendo o caso de passar muitos dias sem a encontrar; Hiron era certo encontrá-la nas montanhas onde nunca falta e por isso era desnecessario esta precaução.

Junto do campo, aliás poça, tínhamos o gado todo e poucos pretos, de modo que, como em volta se viam pégadas suspeitas, foi necessario cercar o acampamento de um cinto de arvores espinhosas em

volta do qual ouviamos de noite a bulha dos leões que procuravam comida e que nos obrigaram a sair da barraca.

No dia 7 tínhamos noticias de Caldas Xavier, que encontrára agua no rio Kolumbéne, onde nos esperava para seguir para diante, desde que chegassemos, e tendo deixado dois pretos com mantimentos no campo, para o caso da volta de Hiron, seguimos para o Kolumbéne, através de uma extensa planicie onde a palha queimada dava um magnifico caminho para os carros, e onde só de longe em longe apparecia alguma palmeira ou alguma acaciara achitica.

Ao longo do rio Kolumbéne appareciam algumas arvores, e o terreno seguia para a frente com a mesma apparencia desolada, emquanto que para leste continuavam as pequenas ondulações que desde o Singwedi, separam as aguas do Limpopo das do Singwedi e Pafuri.

Pouco depois chegavam os dois pretos que tínhamos deixado no acampamento anterior, e que diziam ter passado a noite empoleirados n'uma arvore, por terem sido atacados, diziam elles, por leões e tigres, em grande quantidade; é provavel porém que só o tivessem sido pelas hyenas, que aos olhos d'elles, já cheios de medo por terem ficado sós, se lhes afiguravam como animaes para temer.

Caldas Xavier partiu de novo para diante, e determinados como estavam a não partir senão quando se soubesse aonde havia agua, por causa do gado, demorámo-nos junto da ribeira, cujas aguas seguem um curso irregular, formando aqui e ali grandes barrancos na planicie até desaguarem no Lingwedi.

Tendo seguido a caçar para o norte, matámos um javali, encontrando tambem manadas de zebras e de kaadoas, mas em pequeno numero. Junto ao rio, na confluencia com o Bibibi, estava uma povoação abandonada, onde as plantações de milho e outros mantimentos estavam ainda de pé em grande parte. As palhotas tinham sido destruidas e algumas queimadas; muito perto passa um caminho de cafres.

Como mais tarde soubemos, tinha sido gente de Gongunhama, que ali passára, que destruíra o kraal, matando uma parte dos pretos e levando as mulheres.

Na plantação havia tal quantidade de gallinhas do mato, que, sem grande difficuldade se mataram umas quatorze.

No dia 11 de manhã chegava Hiron, que, como dissemos, partira a 6. Tendo partido na direcção E.-NE., cortára tres pequenas ondulações successivas de terreno, onde sempre encontrára agua, entrando em seguida n'um denso mato que se estendia quasi ao Limpopo, que chegára a avistar de longe.

Havia ali habitações muito pobres, de cafres, escondidas no mato, e que só podera encontrar seguindo os trilhos dissimulados por elles,

mas que os pretos que o acompanhavam tinham seguido sem dificuldade.

Não encontrára porém ali ninguém, tendo todos os pretos fugido á sua chegada, e só escondendo-se no mato, conseguira deitar mão a um homem, duas mulheres e algumas creanças, que transportavam mantimentos; apesar de todas as promessas, o cafre recusou sempre o acompanhá-lo, de modo que, seguindo as instrucções recebidas, amarrou-o para o trazer, fugindo a familia n'essa occasião. Ao ver que não havia resistencia possível, e que a não ir por vontade, teria que ir á força, annuiu ou antes fingiu annuir a vir servir de guia, e pediu para ir deixar as mulheres na povoação e voltar, deixando como garantia do que dizia, as zagaias e os quitundos de mantimento que as mulheres tinham trazido; apenas porém solto, fugiu e nunca mais appareceu, de modo que Hiron voltava como tinha partido, trazendo porém alguns mantimentos.

No mesmo dia 11 seguimos para diante, tendo tido noticias de Caldas Xavier, e a 12 chegavamos junto do rio Xixá, onde já tinham ido pretos da povoação de Resinga, que se offereceram para nos guiar até ao Limpopo, dizendo ao mesmo tempo que o Resinga nos venderia mantimentos.

Sempre a mesma enorme planicie, mas agora via-se no horisonte o monte Zundo, recortando-se em fórma de pão de assucar.

Junto ao rio algumas arvores e uma vegetação regular, mas nada mais e sempre a palha queimada.

O rio Xixá não vem em carta nenhuma; é um rio sempre com agua corrente, e vae ao Singwdsi, de que deve ser um dos principaes affluentes.

Tem a sua origem junto ao monte Zundo, n'uma serie de lagoas que ali existem e d'onde parte tambem uma linha de agua que para oeste, segue para o Pafuri, passando junto da povoação de Resinga.

Na carta de Jeppe, as aguas d'aqui seguem ao Pafuri, o que não é exacto, e esta confusão provem talvez de que junto do monte Zundo partem duas ribeiras: uma que segue até ao Pafuri onde vae desembocar junto da povoação de Resinga que se acha na margem esquerda do rio; e outra, o Xixá a mais importante, que vae ao Singwdsi. Estas duas ribeiras partem ambas do mesmo local, que é a serie de lagoas, umas de agua salgada, outras de agua doce, que se encontram ao longo do monte Zundo.

D'ahi ao Pafuri, para oeste, são oito horas de caminho, e o rio Pafuri corre n'aquelle sitio, encaixado entre as rochas onde Resinga constituiu a sua povoação.

Os carros boers que vem aqui ou caçar ou negociar, passam pelo

caminho que seguimos a partir do Zundo, tendo nós visto os rastos de alguns que aqui tinham passado no inverno anterior, antes da estação das chuvas.

Tinham seguido até quasi ao Limpopo voltando em seguida para oeste, não tendo, ao que nos disseram os cafres, seguido nunca nenhum para a margem esquerda d'aquelle rio.

Todos os cafres ali conhecem o valor do dinheiro inglez e negociam com Albasini; a região é bastante povoada para o norte, e todo o negocio d'ella podia passar por Inhambane ou Lourenço Marques desde que se abrisse um caminho qualquer para a costa.

Saindo de junto do rio Xixá e seguindo ao norte, fomos no dia 13 acampar junto do monte Zundo, tendo encontrado no caminho o grés silicioso que constitue todo o macisso de rochas a oeste da confluença do Pafuri com o Limpopo.

O monte Zundo segue a direcção NE., é formado totalmente de grés silicioso e estende-se sobre 3 kilometros de extensão, coberto de um denso mato, através do qual custa a abrir caminho; a sua altura é de sensivelmente 360 metros sobre o terreno adjacente, na sua parte mais alta.

Para o norte, o horisonte acha-se recortado pelas montanhas, apresentando o monte Mosemvundero um curioso aspecto, parecendo os dentes de uma serra perfeitamente regulares. O monte apresenta tres cimos bem defendidos e a iguaes distancias; do lado de oeste as vertentes do primeiro são perfeitamente abruptas e para leste seguem suavemente até encontrar as do segundo, que sobem de novo muito rapidamente, repetindo-se o mesmo facto em todos os tres picos.

As carretas acamparam já bastante tarde, de modo que não houve tempo de cortar a palha no local do camp, e tendo-se levantado de noite um enorme temporal, foi necessario apagar as fogueiras, por isso que os ramos, a arder, eram levantados pelo vento ameaçando incendiar o acampamento.

Assim, ficou o gado menos bem defendido, de modo que de noite, um animal qualquer, que depois se reconheceu pelas pégadas ser um leão, atacou-o, agarrando um burro, mas á bulha acudiu se logo, e como a noite era escurissima, apenas se dispararam alguns tiros para o ar. Tanto bastou para que o animal fugisse, mas não podendo levar o burro que estava solidamente preso com uma forte correia, apenas lhe levou a garupa, fazendo-lhe um ferimento enorme.

Os pretos conservaram-se toda a noite de atalaia, fazendo grande bulha para evitar novo ataque, que elles pessoalmente receiavam.

Nos dias 15 e 16, tendo mandado para Resinga pretos para comprar mantimentos, continuámos para o norte, deixando sempre para

a esquerda os maciços de grés, e atravessando as mesmas planícies extensas, seguimos até quasi á tarde do dia 16 os traços das carretas boers, chegando ás montanhas que bordam o rio Pafuri no dia 16 á noite.

O terreno é por toda a parte muito accidentado em volta de nós, tornando-se notaveis os picos, que na planície parecem de longe anti has edificações meio derrubadas e cobertas de vegetação. Estes picos levantam-se isolados aqui e ali, aguçados e com as suas vertentes quasi a pique; são pouco elevados mas numerosos.

Na nossa frente havia uma elevada serie de montes, por cujas gargantas, diziam os pretos, era possivel passar.

Caldas Xavier e Serrano tendo partido adiante, seguimos mais tarde com as carretas, cortando o caminho através de mato muito denso, removendo continuamente enormes pedregulhos.

Recebemos pouco adiante noticias de Serrano, de que era impossivel passar por ali para chegar ao Pafuri, o que aliás já tinhamos reconhecido, perdendo-se assim um dia de duro trabalho. No caminho tinhamos encontrado um grupo de umas quatorze mulheres, que acompanhadas de um homem, seguiam para oeste em busca de ocre, com que pintam de vermelho os cabellos, misturando-lhe primeiramente gordura.

As mulheres vieram-nos ver, pois nunca tinham visto gente branca, demorando-se a olhar mais de uma hora, enquanto almoçavamos, depois do que seguiram o seu caminho.

Tendo voltado para trás, chegaram ao nosso campo os pretos que tinham ido a Resinga, trazendo dois meios saccos de feijão e algumas gallinhas que tinham comprado carissimo.

Os saccos de feijão a £ 1 cada um, e as gallinhas a 3 shillings. Acompanhava-os um *induna* do Resinga, que nos vinha servir de guia, e que nos indicou o caminho pela ribeira Tchindudgi. Esta ribeira era perfeitamente uma serie de barrancos, pelo leito dos quaes seguimos com immensa difficuldade até descer do *plateau* para o valle do Pafuri.

Uma grande parte do caminho foi pelo leito da ribeira, formado de areia, onde a agua apparecia nos sulcos deixados pelas rodas, de modo que foi difficilimo seguir. Cada carreta, apesar de quasi sem carga, tinha de ser puxada por dois tiros, que depois de terem andado durante 1 milha, voltavam atrás buscar a carreta que tinha sido abandonada. Os animaes cansados da longa viagem, já pouca força tinham, de modo que nos viamos obrigados a parar a cada instante.

Finalmente chegámos no dia 19 até ao Kraal de Mas'tulele, onde podémos obter alguma pouca comida para os cafres; o terreno estava coberto de uma espessa vegetação; a palha tinha mais de 2 metros

de altura, e encontravamos na frente uma densa mata que tivemos de ir costeando com dificuldade, até que finalmente no dia 20 de manhã chegámos á junção dos dois rios Pafuri e Limpopo, ficando acampados n'um terreno arroteado pelos cafres.

Chegámos, porém, só com o carro dos bois, tendo deixado no caminho todos os outros embaraçados pela palha que lhes dificultava a marcha.

Chegaram a final todos no dia 23, mas de tal modo que os burros morriam dentro dos arreios, picados da mosca e cansados; paravam, caíam e não era possível fazel-os mais levantar; deixava-se junto d'elle um preto até á noite, e se não se podia conseguir o podel-o trazer ao campo, era morto, para não ser devorado vivo.

Assim nos morreram sete, desde o Lingsedi ao Limpopo, e os que restavam pareciam não poder ir muito longe.

Os bois que puxavam ao carro tambem de bem pouco valiam. Emmagrecidos pelas fadigas e pelo pouco pasto que tinham comido, pois, como dissemos, já no plan'alto toda a palha que se encontrava tinha sido queimada, encontrando-se apenas alguns bocados aqui e ali, mas ressequidos e de má qualidade, tinham ainda as mordeduras da mosca que pelo caminho tinham soffrido.

Assim, os animaes precisavam descanso e a gente tambem; depois d'aquelles dois mezes e meio de arduo trabalho por que tinhamos passado, não estavam menos precisados d'elle, tanto mais que a parte da viagem que nos restava a fazer era a mais difficil e ariscada.

Resolvemos, portanto, descansar alguns dias no Limpopo, procurando durante elles regular os chronometros e arranjar alguns mantimentos, pois do arroz trazido de Lourenço Marques restavam apenas 14 meios saccos, alguns d'elles em mau estado por se terem molhado na passagem do rio.

A confluencia do Limpopo com o Pafuri é bonita e saudavel. Encontram-se ali grande numero de palhotas de cafres, ricos relativamente e possuindo gados do lado do Transvaal, pois a mosca se acha localisada sobretudo na margem esquerda do Pafuri.

O rio Pafuri tem de 1 a 3 metros de profundidade na sua foz e 150 de largo. Até algumas milhas a montante tem a profundidade variavel, não sendo, porém, inferior a 1 metro até á povoação de Resinga.

As suas margens, sobretudo junto ao Limpopo, são cobertas de uma emmaranhada vegetação, através da qual não se póde seguir, nem mesmo a pé, sem abrir um caminho a machado, por isso que, alem do grande numero de arvores de todas as dimensões, as innume-

raveis trepadeiras que as ligam umas ás outras, e os abundantes espinhos formam um obstaculo difficil de transpor.

Aqui e ali algumas manchas de areia cobertas de espessos cannaviaes dão segura guarida a um grande numero de crocodilos que ali se mantêm geralmente do abundantissimo peixe do rio. É elle em tal quantidade, que de um só tiro de dynamite chegámos a matar cento e noventa e seis peixes bastante grandes, e cujas dimensões variavam entre 0,<sup>m</sup>30 e 0,<sup>m</sup>70 de comprimento, sendo-nos de grande recurso para a alimentação dos carregadores.

Haviam sobretudo tres especies muito frequentes.

Uns, os maiores, chegando a pesar 3 a 4 kilogrammas, não têm escamas, e a bôca achatada é guarnecida lateral e superiormente por um certo numero de tentaculos compridos; têm uma pequena barbatana junto aos ouvidos, duas inferiores e uma longa dorsal. A parte superior do corpo é negra, sendo o ventre branco.

Os outros são todos escamodermes e de duas fórmas diferentes; aquelles que attingem maiores dimensões chegam a pesar 2 a 3 kilogrammas. Com uma grande cauda bifurcada, duas barbatanas ventraes e uma dorsal, alem das duas junto aos ouvidos; as escamas formam ao longo do corpo uma serie de linhas alternadamente brancas e negras. Os mais pequenos, que não pesavam mais de 1 kilogramma cada um, têm uma fórma alongada e a cauda bifurcada; têm uma das pontas maior do que a outra. A fórma do corpo é tambem mais alongada e a barbatana dorsal muito desenvolvida.

Têm tambem duas barbatanas ventraes dispostas na linha mediana do corpo e duas immediatamente abaixo da bôca.

Os nossos conhecimentos absolutamente negativos de naturalista não nos permitem o fazer a classificação d'estes animaes, de que porém a photographia junta dá uma perfeita idéa.

O Limpopo, que já vem largo e com bastante agua antes do seu encontro com o Pafuri, segue com iguaes dimensões n'um leito de areia, com uma profundidade variavel de 0<sup>m</sup>,25 a 1 metro e poucas vezes mais, até Chicuala-Cualla.

Ao longo d'elle vê-se a linha marginal com um arvoredó magnifico, mas que d'ali se não afasta, conservando a vegetação sempre o mesmo character pobre que já indicámos, desde que se abandone o curso do rio. Este é muito variavel; ora segue junto a uma margem ora a outra, formando uma serie continuada de pequenas ilhas, que ou completamente aridas, o que é o mais frequente, ou cobertos de algum pouco arvoredó e de bastos cannaviaes, fazem algumas vzes duvidar qual o verdadeiro caminho das aguas.

Na epocha das cheias o leito do rio, que na occasião da nossa pas-

sagem tinha uma largura variando entre 800 e 1:200 metros, estendendo-se sobre uma vasta região, obrigando todos os cafres a refugiarem-se nas pequenas alturas vizinhas, comquanto pelos signaes que as aguas deixam se reconheça que o seu nivel não se eleva mais de 1,5 a 2 metros, a largura por vezes enorme do valle permite-lhe que se estenda sobre um grande espaço.

A velocidade da corrente é tambem variavel bastante, não excedendo na parte que visitámos 1 metro por segundo nos sitios apertados, sendo porém geralmente menor, de 0<sup>m</sup>,4 a 0<sup>m</sup>,5, de modo que não seria obstaculo grande á navegação.

Toda a região desde o Singuedsi até ao Limpopo e Pafuri fórma um largo *plateau*, onde se erguem junto ao Pafuri uma serie de collinas de grés silicioso, que seguem ao longo do curso d'este rio.

Para leste o *plateau* que se levanta bruscamente por um degrau de 30 a 50 metros de altura e que segue parallelamente ao curso do Limpopo é cortado pelo largo valle d'este rio, descendo em seguida lentamente para a costa, onde quebra de novo pouco antes de chegar a Inhambane, apresentando o perfil de que o croquis junto dá uma idéa approximada.

Ao chegarmos ao extremo da fronteira estavam exaustas as provisões que tres mezes antes tinham vindo do Lourenço Marques, e o pouco que tinhamos obtido em Resinga para poucos dias durou.

Vendo as grandes plantações que existiam na região em que estavamos, suppunhamos que facilmente se poderia comprar milho, feijão, amendoim, ou enfim qualquer outra especie de viveres, não só para nós e para os carregadores, como para os animaes de tiro; os cafres, porém, com medo, tinham escondido todos os generos no mato, e se bem que cada dia viessem ao campo vender pequenos quitundos cheios de milho ou de farinha, desde que lhes pediamos que nos vendessem alguns saccos d'esses generos, respondiam que não tinham nada, que tinham fome (o que desmentia a sua apparencia nedia e robusta), que as suas culturas não tinham produzido, etc. Apesar dos presentes que aos chefes tinhamos feito em troca dos d'elles, pedindo-lhes para deixarem a sua gente vir vender, nada se obtinha senão para o viver de cada dia.

Depois dos bons modos passámos ás ameaças, e fui com alguns pretos armados passar revista aos kraals, onde, como já esperava, nada encontrei. Estava tudo escondido no mato, muito denso ali, de modo que qualquer busca seria difficil; finalmente, tendo dado um crocodillo ao chefe como presente sob condição de me vender uma sacca de milho por 1 libra, trouxe-a no dia seguinte, e tendo recebido o dinheiro, prometteu trazer outra no dia seguinte, o que fez; a

vista das libras produziu bastante effeito, e quando viram que realmente faziamos o que promettiamos, o milho começou a affluir ao campo, de modo que não só podémos sair d'ali com alguns saccos d'elle em reserva, mas ainda dar algum aos burros, de modo a refazer-lhes as forças para a nova viagem que íamos principiar.

O chefe da povoação mais importante na foz do Pafuri é Matsuléle. Á nossa chegada veio visitar-nos, trazendo alguns mantimentos de presente, e declarando que não tinha bois ou cabras que me podesse dar, por lhe terem morrido muitos; ao saguato juntou ainda 1 libra em oiro.

O meu primeiro movimento foi recusar a libra, mas por opinião do capitão Serrano, conhecedor já dos costumes pretos, e por isso que a recusa do dinheiro seria uma offensa ao homem a quem não era facil fazer comprehender os meus escrupulos em recebê-la, acceitei-a, reservando-me para, a partida, lh'a tornar a dar tambem como presente de despedida.

O Matsuléle é um rapaz ainda novo e robusto, que se apresentava sempre embrulhado n'uma magnifica pelle de tigre e que raras vezes deixava o nosso campo. Tendo já estado no Transvaal era facilmente tratavel, e se não accedia promptamente ao nosso pedido de mantimentos, era, ao que nos pareceu, com medo dos conselheiros que com elle vinham quasi sempre. Pela sua parte a cada pedido nosso trazia uma pequena quantidade de mantimentos seus, que elle nos offerecia, mas quanto a trazê-los á venda, dizia elle que não podia obrigar os seus a fazê-lo, tanto mais, affirmava elle, que nada tinham <sup>1</sup>.

Durante todo o tempo que nos demorámos no campo procurou-se regular os chronometros e pôr em ordem as nossas notas de viagem. Tendo-se uma noite fallado na vantagem que haveria em seguir o rio Limpopo, embarcado, para lhe reconhecer o curso, e tendo Hiron offerecido a madeira de uma das carretas para fazer um bote, o major Caldas Xavier mostrou desejos de fazer a viagem d'essa maneira até á costa, no que concordei pela vantagem que era para o districto o poder-se conhecer com alguma exactidão o curso d'aquelle rio de que tanto se tem ultimamente fallado. Fazendo-se de companhia a viagem até Chicuala-Cualla, um por terra e outro pelo rio, podia-se avaliar do perigo que poderia haver na viagem feita no pequeno bote que se podia arranjar. A viagem era certamente arriscada, mas havia a

---

<sup>1</sup> Pouco depois foram estas povoações mandadas queimar pelo Gongunhama por nos terem fornecido generos, e mortos aquelles dos pretos que não poderam fugir.

agem de haver sempre povoações ao longo do rio onde se poderia entrar de comer; a agua do rio nunca poderia faltar, esplendida, e em caso de desarranjo no bote era facil alcançar ou o Biléne, onde encontram bastos recursos, ou a foz do rio dos Elephantes, onde se havia estabelecido um baneane, em Maharinge.

Principiou-se, portanto, a construcção do bote, que foi dirigida por Elias Xavier, fazendo um esqueleto de madeira que se forrou da parte de um dos impermeaveis das carretas; com quatro dias de trabalho estava acabado, e tendo-se deitado á agua fizeram-se algumas experiencias com elle. Não tendo estabilidade bastante por ser de bote chato, amarrou-se-lhe de cada lado um barril vasio, o que o impediu de se voltar. Com prumos das barracas e panno que de prevenção tinha levado, fez-se um toldo.

O barco não era em extremo espaçoso nem permittia muita mobilidade; parecia comtudo bastante para seguir n'elle o rio; dois pretos, um á popa e outro á proa, mantinham-o no fio da corrente, que era o motor da embarcação. Se a viagem não era em extremo convel dentro d'elle, era-o relativamente comparada ás longas viagens no arrial que se estende do Limpopo a Inhambane, e pelo menos a a incomparavel vantagem de não poderem faltar nem mantimentos nem agua. As photographias juntas dão idéa do modo de construcção e fórma do barco.

Emquanto se proseguia na construcção do bote, continuavamos as observações para a latitude e longitude do campo em que estavamos, e vinha-se tambem em ordem a carga das carretas, alliviando-as de tudo quanto era possivel, pois previamos que em breve teriamos de abandonar algumas. Effectivamente os burros apresentavam de dia em dia uma sensivel differença para melhor, mas o contrario succedea com os bois; assim deitou-se fóra tudo quanto possivel foi, de modo a que não carregassemos mais de 1 tonelada em cada carreta de burros, ficando ainda mais leve a dos bois. A caça não abundava; o terreno, muito povoado de cafres, não apparecia senão mui raro, e apenas um ou outro dia se conseguia matar alguma gallinha nativa. Os momentos que tinhamos de livre eram empregados ou a caçar no Pafuri ou á caça dos crocodilos.

Os crocodilos são aqui em grande numero, mas geralmente de pequenas dimensões. Durante as horas quentes do dia vinham em grande numero estender-se n'um banco de areia na embocadura do rio na margem esquerda. Ahi se conservavam por largas horas, enfileirados, com a cabeça voltada para a agua, onde se precipitavam ao menor movimento, com extraordinaria rapidez. Durante uma manhã inteira, tendo ido para o banco e encobertos com canniços, esperavamos poder

alcançar algum d'elles; mas os desconfiados lagartos nem mesmo chegaram á praia; entretanto matou-se um pequeno passaro, pernalta, extremamente curioso. Com as dimensões de uma gallinhola branca, com azas escuras, tinha n'estas duas pontas corneas muito aguçadas e dos dois lados do bico pendiam-lhe do comprimento de 0<sup>m</sup>,015 duas carnosidades de côr amarella que lhe davam um aspecto curioso. Já para satisfazer os nossos pretos, já pela repugnancia que a toda a gente causavam os lagartos procurámos matar alguns. Não tendo conseguido cousa alguma com o passeio ao banco de areia, seguimos ao longo da margem direita, escondidos pela emaranhada vegetação que ali crescia, até chegar em frente d'elles.

Lá estavam algumas duzias a 150 metros de distancia sem terem a menor idéa da nossa vizinhança. Um d'elles de 3<sup>m</sup>,5 de comprido serviu de alvo á bala da Colt que levavamos, o disparada ella, deu um enorme salto, precipitando-se todos no rio.

O ferido, porém, apenas entrou na agua parou quasi em seguida, ora agitando desesperadamente a cauda, ora deitando fóra da agua a queixada que abria e fechava. Com receio que ainda pudesse escapar e tomando-a como alvo, disparámos mais alguns tiros que lhe levaram separada da cabeça toda a maxilla superior.

Os pretos passando á agua acabaram-no á zagaia e á paulada, trazendo-o em seguida para a margem. Apesar da pequena penetração, a bala Colt entrara-lhe na barriga junto á couraça, fazendo um enorme buraco, por onde entrava a agua apenas mergulhado no rio, impedindo-o assim de continuar a fugir.

A gente da povoação comeu-lhe a carne, que é branca, com um sabor repugnante, tendo-lhe tirado os ossos e oito pedras que continha o estomago. O numero de pedras, diziam os pretos, correspondia á idade do animal, e tudo foi cautelosamente enterrado n'um sitio especial para servir na occasião da sécca, pois diziam elles que desenterrando os ossos e pedras, bastava isso para produzir chuva.

De uma maneira analoga matámos em seguida mais quatro, sendo este o nosso unico divertimento nos dias em que nos vimos forçados a permanecer n'aquelle local.

Segundo affirmavam os pretos, são raras as victimas dos crocodilos; estes animaes quando atacam, approximam-se entre duas aguas da margem onde está o individuo a que querem chegar e atiram-no á agua com uma pancada da cauda.

A ultima victima foi uma velha, a quem os crocodilos comeram um pé e que pôde escapar ainda assim.

No dia 26 chegaram ao nosso campo dois pretos fallando bem o inglez e que se diziam empregados por um missionario residente ao

orte do Limpopo. Eram como que ajudantes d'elle, que faziam os primeiros trabalhos de propaganda religiosa.

Passaram o dia com os nossos pretos, partindo na manhã seguinte; durante a noite leram uns bocados da biblia em landim, depois do que entoaram durante muitas horas canticos religiosos que eram acompanhados pela maioria dos pretos que traziamos de Lourenço Marques.

Finalmente no dia 3 de setembro encetámos de novo a marcha, indo pelo rio o major Caldas Xavier, enquanto as carretas seguiam o longo da margem direita muito povoada.

Os pretos do Limpopo usam ainda a palhota redonda, mas já não fazem como arma defensiva o escudo de couro. Quasi todos têm espingardas que compram em Albasini, e trazem ainda geralmente zarzais.

Ao longo da margem segue uma serie de collinas formadas exclusivamente de rochas melaphiricas, depois das quaes se encontra uma pequena mancha de diabase, que se acha na transição para os conglomerados que se prolongam até perto da embocadura do rio dos Elephantes, formando a vertente oriental das aguas do Limpopo.

O terreno é por vezes, sobretudo na parte montanhosa, coberto de uma cerrada vegetação, mas como sempre, geralmente pobre em grandes arvores, que pouco se afastam da margem do Limpopo. Sómente aqui e ali algum baobab enorme se destaca acima do immenso matagal.

A passagem é entretanto facil, aproveitando os caminhos dos cafres.

No primeiro dia de manhã encontrámos um grupo de cafres que andavam á caça de ratos grandes e saborosos, que ali se encontram em grande numero; dispõem as armadilhas pelo caminho que aquelles nimias seguem de preferencia; uns pequenos troncos de cone de  $\frac{1}{2}$  metro de comprimento, feitos de junco e abertos nos dois extremos, depois do que batem o mato de modo a fazel-os fugir. O rato entra dentro do apparelho pela base mais larga, não podendo sair pela outra e não sendo sufficientemente esperto para se voltar, é facilmente panhado.

As povoações ali não têm gado algum bovino pelo receio da mosca *te-tse*, mas quasi todas têm pequenos rebanhos de cabras que se podem ali dar perfeitamente, sendo, porém, mais pequenas que as nossas européas.

Nas margens do Limpopo encontram-se por vezes lagoas formadas pelas aguas deixadas pelo rio nas concavidades do terreno depois das grandes cheias, e encontram-se então ahi grandes quantidades de peixe e alguns crocodilos, que são comtudo muito menos frequentes do que o Pafuri.

Só perto do rio dos Elephantes é que se encontram em maior quantidade aquelles animaes, bem como grande numero de hippopotamos, que os pretos dizem perigosos, por atacarem por vezes as suas pequenas embarcações.

Desde o Pafuri até ao rio dos Elephantes ha muito pequeno numero de embarcações, geralmente feitas de um bocado de casca de arvore, cozido com tiras da mesma proveniencia.

Só perto d'este ultimo rio é que já os pretos empregam troncos de arvore vasados interiormente como no Zambeze, mas que não lhes servem senão para atravessar de uma para outra margem, o que têm receio de fazer a pé por causa dos lagartos.

Junto ao Pafuri não succede o mesmo, e geralmente a passagem do rio faz-se a vau, e só aqui e ali se encontra alguma embarcação.

Segundo a carta Jeppe, a povoação de Sondolotane devia ficar-nos muito para o sul, mas soubemos pelas informações dos cafres que nos devia ficar muito perto, do mesmo modo que a povoação de Chicualla-Cualla, principal regulo d'aquella região.

Effectivamente, em tres dias chegavamos ali de manhã, demorando-nos a pedido do regulo, que veiu instar para ficarmos um dia em sua casa, visitando-nos seguido de toda a sua gente.

É um preto baixinho, de aspecto intelligente, e que nos fez alguns presentes, que retribuimos.

Queixava-se entretanto de que os portuguezes, dizendo ser, como nós lhe diziamos, donos d'aquellas terras, deixassem que elles fossem continuamente assaltados pela gente do Gongunhana, e como elle sabia que viviam brancos junto d'este potentado, pedia para que lhe não deixassem continuar a tel-os sempre em sobresalto, pois não sabiam com o que podiam contar.

Dissemos-lhe nós então, comquanto lhe achassemos toda a razão, que o governo provavelmente mandaria para ali um official portuguez, com o que o homem se mostrou muito satisfeito, dizendo que só assim se faria alguma cousa. Acrescentámos-lhe, porém, que era necessario que elles pagassem os impostos, á semilhança do que faziam os seus vizinhos do Transvaal, por isso que era preciso dinheiro para as despesas que se faziam com elles, com o que aliás elles concordaram.

A povoação de Sondolotane não é grande; como todas as d'esta região, está escondida entre o arvoredado e protegida por uma grande palissada circular que a rodeia completamente, ficando as palhotas encostadas a ella, e dispostas em distancias sensivelmente iguaes entre si.

Os cafres d'esta região não são pobres; commerciam com Albasini,

e pagariam facilmente as despesas de qualquer posto militar que aqui fosse estabelecido.

Comquanto as povoações se achem ao longo do rio, a pequena distancia o terreno eleva-se em uma pequena serie de collinas e montes, que lhe seguem parallelas até algumas milhas ao sul de Sondolotane, onde avançam até ao rio, de modo que se tornava difficil, senão impossivel, a passagem das carretas, não tanto pelo escarpado do terreno, senão pelo denso matagal que o cobre e que exigia muitas semanas de trabalho para se poder abrir qualquer passagem.

Tratámos portanto de procurar uma passagem para a margem esquerda do Limpopo, muito mais commoda de seguir. Não era facil, não só pelo espesso arvoredo junto do rio, mas ainda pelo escarpado das margens e largura do leito, todo de uma areia quartzosa, extremamente solta.

Depois de procurar qual o melhor vau, decidimos passar o rio perto de M'sia ou Enchláa, onde tem 2 kilometros de largura, mas o leito molhado era bem menos largo, formando ali as areias uma pequena ilha.

Descarregadas as carretas, foram as cargas transportadas para a ilha, onde se acampou, e em seguida para a margem esquerda. As carretas descarregadas, só passaram com grande difficuldade, por isso que as rodas entravam na areia até quasi ao eixo e os animaes puxavam-nas com difficuldade, gastando-se dois dias na passagem, comquanto a agua não tivesse ali mais de 0<sup>m</sup>,30 de profundidade.

Do outro lado do rio a formação do terreno era analoga á da margem esquerda e formado pelos conglomerados.

Á medida que seguiamos, as collinas mostravam-se cada vez mais accidentadas tornando mais difficil o andamento das carretas, o que mais se pronunciava á proporção que nos approximavamos do rio Uanetsi. N'uma d'estas collinas encontrámos vestigios da passagem de *prospectors* por isso que bastantes bocados de quartzito se achavam lascados e partidos, e a fractura indicava que tinha sido feita por mãos habituadas a manejar o martello.

Antes de chegar a Banemáio, atravessámos a separação de aguas do Uanetsi e do Limpopo, e d'este ponto elevado tinhamos á vista um largo horisonte. Na margem esquerda do Limpopo, viam-se ao fundo as ondulações do terreno que tinhamos atravessado, e que desciam brandamente para o rio; no meio da encosta erguia-se um monte de uns 150 a 200 metros de altura, cujo nome não nos foi possivel saber dos cafres.

Para o norte erguia-se uma serie de picos pouco pronunciados, que se estendiam a perder de vista, cobertos de arvoredo, e formando as

duas margens do Uanetsi, emquanto que, para leste, as montanhas se afastavam d'este rio, e na pequena planicie que formavam, erguia-se um outro pico, isolado, semelhante ao anterior, não tão perfeitamente conico, mas tendo antes a fórma de uma sella.

Em toda esta formação, porém, não havia grandes alturas; pelas cotas que tirámos ao longo da nossa viagem, nenhuma d'ellas excedia uma altitude superior a 600 metros.

O rio Uanetsi tem, como o Limpopo, uma esplendida guarnição de arvoredo ao longo das suas margens, e como elle, corre sobre um leito de areia, n'uma largura entre 60 e 150 metros. Na occasião da nossa passagem a unica agua visivel que tinha, encontrava-se estagnada em pequenas lagoas, mas a agua apparecia logo, desde que se profundasse, o maximo, 0<sup>m</sup>,50 na areia.

Na margem esquerda d'elle, acha-se a povoação de Chicualla-Cualla n'umas pequenas alturas; ali encontrámos os homens que tinham ido com o engenheiro Mezzena para o Biléne, e que se achavam ali todos, á excepção de cinco que o tinham acompanhado para Lourenço Marques.

Tinham sido bem recebidos pelo chefe da povoação, que ao saber da nossa chegada nos veio logo visitar.

É um homem velho e padecendo enormemente de doenças de bexiga, mas com um aspecto intelligente e sympathico; não se embriaga e é quasi civilisado.

Depois de lhe darmos alguns presentes em troca do pouco que nos deu, pedimos-lhe para nos vender mantimentos, o que prometteu, dizendo-me, por isso que fomos estabelecer o nosso campo junto do rio, que queria ir ver as carretas e os burros, ao meu acampamento.

A povoação de Chicualla-Cualla devia ter sido importante; hoje não tem mais de oitenta palhotas, mas vêem-so os vestigios de uma larga povoação no grande numero de palhotas arruinadas que se estendem sobre a collina. O local em que se acha situada é aprasivel e e deve ser muito salubre, mesmo durante o inverno.

É este um ponto que não deveria deixar de ser occupado por nós, por isso que domina uma larga região; os cafres ali são ricos e o terreno fertil.

Alem d'isso dar-nos-ia a nossa situação ali uma grande influencia sobre os cafres, que apenas conhecem e commerciam com Albazini; tendo tido em tempo relações com Inhambane, hoje apenas o chefe e algum velho se lembram d'aquella villa, e o mesmo pouco negocio que fazem connosco, é com Lourenço Marques, por intermedio das succursaes de Cossini, estabelecidas sobre o Limpopo.

Houve já em tempo nomeado um commandante militar ou residente

para o Chicualla-Cualla, mas, como succede muitas vezes, o titular d'esta nomeação nunca lá foi nem mesmo de lá se aproximou.

No dia seguinte recebiamos no nosso campo a visita do Chicualla-Cualla acompanhado de um vatua que o Gungunhana ali tinha mandado, ou que pelo menos se dizia tal e que trazia consigo uns seis pretos. Era um rapaz ainda novo, chamado Pêto, filho de Mudomane, um dos grandes secretarios do Muzilla, pae de Gongunhama.

Trazia na cabeça uma rodella ou salchichão á moda dos vatuas, muito polida, emquanto que o restante cabello é cuidadosamente rapado.

Viram as carretas, depois do que veio ter comnosco pedindo-nos para lhe mostrarmos as nossas armas Colt, que pela rapidez e certeza do tiro lhe causaram a maior admiração, dizendo-nos então «que bem via que a gente branca era muito esperta, pois guardava as armas boas, vendendo-lhes a elles só as que não prestavam».

Trazia consigo algum pombe e milho de presente, desculpando-se pela sua pobreza de não poder trazer mais.

Não era verdade, mas o vatua estava ali e qualquer cousa que elle dissesse ter, logo lh'a pediria, e o Chicualla não teria coragem para lh'a negar.

Aquelles pretos não são pobres como dizem: vendem cera e marfim e trazem dinheiro do Transvaal aonde vão trabalhar; basta ver para isso o preço das mulheres que regula ali por perto de £ 30 e de que o velho Chicualla-Cualla possuia cousa de duzia e meia.

Entretanto como era difficil passar sem elle, aceitámos as rasões, mas pedimos-lhe para nos dar um guia e nos vender mantimentos.

Sabendo já o preço por que anteriormente compráramos, disse que havia de ver se tinha alguma cousa, e durante muitos dias nada vendeu, com aquella diplomacia de cafre que para qualquer cousa pede dias e dias, pretextando que ia ver, procurar, etc., terminando por fim por vender todo o milho que lhe pedimos a £ 1 cada sacca.

Entretanto a paragem dos chronometros no Limpopo, como se vê do nosso caderno de calculos, fazia-nos receiar que elles não estivessem bem regulados e decidimos voltar a um dos campos por que já tinhamos passado, para ahi repetir as observações e rectificar a marcha, e escolhemos para isso o Singwetsi, ao norte do qual estavamos, pelas nossas observações.

Para ali partimos no dia 13, indo ficar do outro lado do rio, na aldeia de Mahôsse, que se promptificou a fornecer nos um guia para seguir até ao rio Singwetsi; partindo na manhã seguinte de madrugada, percorremos o curso, então secco, do rio Ziláuc, que segue entre collinas analogas ás da margem do rio Limpopo e que é coberto em am-

bas as margens por um espesso arvoredado, que abriga uma enorme quantidade de caça, sobretudo elephantes e bufalos cujas pégadas encontrámos a cada instante cruzando o nosso caminho.

O guia chefe da povoação de Machaquete dizia ter já morto cinco, mas que o mato onde elles estavam era sem agua, que iam beber ao Singwedsi, e que para os perseguir era necessario despender muitos dias. Os troncos de arvores quebrados e a frequencia das pégadas ainda frescas indicavam entretanto que o rebanho não se achava muito longe.

Não é vulgar hoje encontrar os elephantes em tão grande numero perto da costa e n'esta latitude, por isso que elles vão desapparecendo cada dia por causa do valor do seu marfim. Até hoje não se tem tentado domestical-os, e como o valor do marfim grosso regula por 2\$250 réis a libra, e cada animal póde ter presas de 90 libras, ou seja réis 405\$000 de marfim, facilmente se explica a sua desappareição.

Entretanto os que estão no Singwedsi, difficilmente podem ser caçados pelas condições da região em que os encontravamos.

O matagal era cada vez mais espesso e a custo se abria caminho por elle, sendo por vezes obrigados a seguir a ribeira, onde a areia solta, causava debaixo do sol abrazador uma grande fadiga.

Para encontrar agua era necessario fazer covas na areia de 1<sup>m</sup>,5 de profundidade, e os seus taludes desmoronavam-se a cada instante, sujando-a.

Acampámos de noite junto ás origens do rio Ziláue e de manhã chegámos a um pequeno plan'alto onde nada revelava a existencia de qualquer povoação, mas d'ali a pouco encontrámos um grupo de mulheres e raparigas em busca de raizes e caçando pequenas aves com que se alimentavam; tinham uma pequena povoação no mato, tão bem escondida que difficilmente se podia aperceber, mesmo indo até junto d'ella, e não havia vestigio da passagem dos pretos pelos cuidados que elles tinham de cada dia marchar por um sitio differente; alem d'estas precauções, em cada um ou dois mezes mudavam a povoação; tudo isto faziam para não serem descobertos pela gente do Gongunhama; uma das raparigas, tinham-lhe os vatuas morto o pae e a mãe á vista d'ella, que escapou por estar escondida no mato.

O chefe Mahôssi tinha-nos dado de presente uma cabra que traziamos para quando faltassem mantimentos; como causasse embarço na marcha, pedimos na povoação para nol-a guardar ali, bem como um barril, continuando a marcha.

O terreno passa pouco adiante de Mapicane ao mesmo microgranito augitico do Incomati, e é elle que fórma o degrau, que, como já dissemos, limita por leste o *plateau* do Transvaal.

Depois de descer este degrau foi morto um esplendido koodoo e

chegámos a uma povoação queimada onde tínhamos anteriormente ido ao campo 30.

Vendo portanto que ainda nós separavam do Singwedsí uns dois dias de marcha, e para não demorarmos a expedição, resolvemos ir ao campo 30, de onde, depois de feitas as observações necessárias, retirámos no mesmo dia.

Foi um dos dias de maior calor que tivemos de supportar; o thermometro á sombra marcava 41° centigrados e nem a menor brisa agitava a atmospherá, que se apresentava acinzentada e como poeirenta. Os carregadores difficilmente se moviam, caíndo n'esse dia alguns com febre.

O mais rapidamente possível voltámos para o Chicuala-Cualla.

A viagem, porém, não foi tão socegada como a ida; na povoação onde deixámos a cabra, não nol-a quizeram entregar nem o barril que servia para transportar agua, dizendo que tinham perdido este e que um tigre tinha comido a outra; achámos demasiada semcerimonia e agarrámos o chefe da povoação a quem tirámos uma velha espingarda e as zagaias, dizendo que lh'a restituíamos quando entregasse a cabra e o barril.

Em seguida na povoação de Machaquete, depois de não nos ter vendido senão poucos mantimentos por muito dinheiro e capellanas, entenderam ainda os cafres que deviam roubar os cobertores de dois dos nossos homens.

Já faltos de paciencia agarrámos no Machaquete e n'um dos indunas que tinha sido visto vir de noite ao nosso campo, e proseguindo no nosso caminho fomos até ao kraal de Mahossi, regulo d'aquellas terras, a quem apresentámos os dois e que nos fez um discurso muito comprido, terminando por dizer que não sabia como aquillo era, mas que certamente os dois não tinham roubado nada.

Dissemos-lhe então que não vínhamos para lhe ouvir a opinião, mas unicamente para elle castigar os ladrões, mas que, para isso, não precisavamos d'elle, visto que se portava assim, e, mandando agarrar os pretos fiz-lhes applicar algumas pancadas que nos fizeram subir immediatamente de importancia no animo de Mahossi, e que nos fez então alguns presentes e nos pediu que lhe fossemos matar um crocodilo que habitava o sitio onde as mulheres iam buscar agua, depois do que, ainda nos veiu acompanhar algumas milhas para vigiar, dizia elle, que nada nos faltasse.

A 20 chegámos de novo a Chicuala-Cualla, que se decidiu a enviar-nos um guia, depois de lhe termos dado alguns presentes e tendo promettido enviar-lhe outros de Inhambane, sobretudo pratos e chavenas que o homem muito apreciava.

O guia, Massonghini, tinha já ido a Inhambane quando muito novo, mas pelo Biléne, entretanto ia munido de uma bengala do Chicualla-Cualla que lhe devia ser sufficiente para obter guias enquanto estivessemos nos terrenos d'elle.

Ao sair da povoação tivemos que subir novamente ao plan'alto ao longo de uma rampa de mais de 300 metros de altura, coberta de arvoredo e muito aspera. Uns vinte e cinco a trinta annos antes tinha passado por ali uma carreta de boers, cujos vestigios descobrimos nos troncos das arvores, ora cortados, ora serrados. Mas n'este espaço de tempo muitas arvores, bastas e cerradas, se tinham desenvolvido, e para andar poucas milhas gastámos muitos dias cortando o mato desde o nascer ao pôr do sol, chegando a não andar por vezes 1 milha por dia, com grande difficuldade, pois os animaes a custo arrastavam as carretas por aquellas asperas encostas.

Além d'isso, não havendo agua, era necessario que fizesscm cada dia 8 a 10 milhas para a irem beber ao Uanetsi.

Tendo partido do Chicualla-Cualla no dia 23, no mesmo dia em que o major Caldas Xavier seguia para o Biléne, só no dia 28 chegámos ao alto da encosta, onde encontrámos o fim dos conglomerados, entrando no areial que deviamos seguir sempre até Inhambane.

Hiron declarou então que lho parecia impossivel chegar a Inhambane com as carretas se a areia proseguisse sempre como o era ali, como com effeito reconhecemos mais tarde; entretanto dizia-nos que se achava prompto a tentar a aventura, comquanto recciasse perder todas as carretas pela perda do gado.

O arvoredo era menos basto á medida que avançavamos no *plateau*, podendo seguir facilmente as carretas sem se cortar arvore alguma depois de Mojuzalala, onde corre o rio Gonbuanza. D'ali em diante foi-se tornando sempre menos basto até chegarmos perto do rio Uáluize, mas a areia era sempre a mesma e os burros só tiravam com difficuldade; os bois, atrelados a uma carreta vasia morriam cada dia e em Moguzala abandonámos a primeira carreta, pela falta de bois. Dos dezoito com que tínhamos saído do Incomati restavam quatro, dois dos quaes nunca tinham puxado as carretas; os outros, emmagrecendo cada dia, caíam por fim amarrados aos arreios; substituiu-se um por outro, e seguia-se adiante depois de matar o que tinha caído.

Em Moguzalala a carreta ficou só com dois bois, e como mesmo vasia, não era possivel arrastal-a com menos de quatro, abandonou-se ali.

Todas as povoações que íamos encontrando eram pobres e miseraveis, e assim fomos sempre até Inhambane.

Quando procuravamos de comer, eram os pretos que nos pediam

que lhe dessemos alguma cousa, pois tinham fome e não tinham havido chuvas; e de tal modo miseráveis que o seu quasi exclusivo alimento era *macuacua*, um fructo do tamanho de uma grande laranja de casca dura e lenhosa, em cujo interior se encontram um certo numero de grandes sementes envolvidas por uma polpa branca sem sabor algum.

Para o preparar assam-o em grandes covas feitas no chão, depois do que é partido, são separadas as sementes e a polpa, secca ao sol, é comprimida dentro de envolucros feitos de casca de arvore. Fica com o aspecto da casca de carvalho que serve para curtir pelles e deixa escorrer um oleo de cheiro repugnante; não é de modo algum lisonjeiro ao paladar do europeu, muito duro e de um sabor desagradavel, é de difficil digestão.

Um outro fructo semelhante, a *marsalla*, menos vulgar, é comtudo melhor, pois caído da arvore e partido o envolucro, tem no interior a semente, envolvida tambem de uma polpa acastanhada, em pequena quantidade, mas cujo sabor, comquanto enjoativo, não é desagradavel, um pouco semelhante ao da nespera.

Isto e a caça que podiamos matar constituia o alimento dos cafres da região comprehendida entre o rio e Tsénan.

O rio Gonbuanza tem um leito muito variavel, e como todos os que ali encontrámos, tem agua salobra, impossivel de beber; só de distancia a distancia se encontram poças de agua potavel; mas o que se torna sobremodo curioso é que o rio cujo leito aqui perfeitamente bem definido e largo de 15 a 20 metros, desapparece mais a jusante e fica reduzido a uma ligeira depressão do terreno, sendo ainda mais longe representado apenas por uma serie de lagoas, muito distantes umas das outras e sem a menor ligação entre si, a não ser no tempo das chuvas em que tudo deve ser um enorme charco. Todas as aguas que correm ao sul do Save, vem por estes rios reunir-se em Mabanini onde o rio Ualuisse principia, e onde o terreno, quasi sem escoante algum, as retém durante a estiagem, formando charcos, pantanos e lagoas, onde a agua com os detricos organicos que traz consigo, se decompõe, impregnando a atmospheria de um cheiro repugnante. Entretanto aqui e ali algumas poças pequenas de agua doce, dão durante todo o anno de beber á immensa caça que por ali se encontra. Em Moguzalala principiámos já a encontrar as *tsé-tsé*, em quantidade bastante importante, que raras vezes nos mordiam, mas que cobriam os animacs.

Saindo d'ali, seguimos ao longo do rio, encontrando successivamente as aldeias de Matiambo, na junção do rio Gonbuanza com o Goluse, a de Machamlane e mais adiante o kraal abandonado de Map-

sangue, onde esperámos a chegada das carretas. O guia Massonghini não conhecia bem o caminho e só sabia pouco mais ou menos a direcção em que devia seguir, e por isso desde que tínhamos saído de Mozuzalala, decidimos seguir adiante das carretas para procurar agua para os animaes, mandando, desde que esta se encontrava, um preto, que deveria indicar o caminho que aquellas deveriam seguir.

Nem sempre junto das povoações se encontrava agua em quantidade sufficiente para dar de beber a todos os animaes que traziamos. Assim, por exemplo, em Matsambo, os pretos bebiam a agua tirada de um pequeno buraco de 1 metro de profundidade que faziam no leito do rio, mas a agua apparecia lentamente e só no fim de uns dez minutos se recolhiam uns 10 litros.

Era uma questão muito importante para nós o encontrar agua; é por essa razão e pelo pouco conhecimento que o guia tinha do terreno, que com elle seguimos, procurando-a.

Emquanto esperavamos em Mapsangue as carretas, veio visitar-nos o chefe da vizinha povoação de Machlêngua, o qual nos disse que no terreno para diante de nós a agua era muito escassa e que elle era capaz de nos mostrar onde a havia. Pedimos-lhe então um guia a quem promettemos pagar, o que o homem nos disse havia de dar.

Em todo o dia e noite de 8 de outubro caíram grandes bategas de agua e o temporal foi tal que as barracas foram derrubadas durante a noite pelo vento, que soprava com grande força.

Tendo chegado as carretas partimos de Mapsangue, mas ao chegar a Machlêngua, o chefe não nos quiz dar guia apesar das suas promessas e Massonghini lhe ter apresentado a bengala do Chicuala-Cuala, para justificar a nossa auctoridade. Em vista d'isso o guia deixou ficar no kraal a bengala, o que significava que o dono iria depois busca-la e castigar a desobediencia commetida; mas acrescentava que não sabia se seria possivel encontrar agua.

Mandei buscar o chefe por alguns pretos e d'ali a pouco ouvimos tiros na povoação, de modo que os pretos que tinham ficado commigo, correram, cercando-a, enquanto nós seguimos para lá.

Os pretos do kraal tinham, ao ver que os íam buscar á força, atirado e fugido para o matto, mas os nossos agarraram dois, o chefe e um outro, que, quando chegámos, já tinha sido ferido na barriga por uma zagaia.

O chefe, depois de amarrado pelos cotovellos atrás das costas para não poder fugir, declarou que se não tinha recusado a dar guia e trazia na mão a tal bengala para a vir restituir, dizia elle, mas que estava preparando tabaco para a viagem.

Massonghini sustentou, porém, o que dissera, e que era aliás ver-

dade; mandei, portanto, amarrar o chefe á roda de uma carreta e castigal-o fortemente.

Estes castigos repugnavam-nos sempre mas já tínhamos visto a efficacia dos seus resultados. A paciencia, demais, já nos ia faltando, pelas continuas exigencias e mentiras dos pretos, que se repetiam todos os dias e a toda a hora, e que peores se tornavam por verem que precisavamos d'elles.

Demais, uma theoria sentimental, é uma cousa, e a pratica é outra, e esta, para quem está em Africa, e aqui faz qualquer cousa, já ha muito tem demonstrado que o castigo corporal é absolutamente indispensavel para o cafre no seu estado de civilisação actual.

Depois de castigado, o chefe deu-nos um guia, que foi immediatamente amarrado e ameaçado de que se fugisse, lhe succederia ainda peor do que succedèra ao seu chefe e seguidamente partimos, indo acampar depois de passado o rio Chingovo, junto de um pequeno charco chamado Sadulo.

O guia fez as mais solennes promessas de não fugir, e tendo-nos os nossos pretos dito que elle não fugiria, foi desamarrado. Apesar de só dever ir até Makiki, quiz depois seguir e foi até Inhambane com o capitão Serrano, a quem prestou magnifico serviço.

Junto da lagôa Sadulo um pequeno rio vem juntar-se ao rio Chingovo, formado por uma serie de lagôas, todas de agua salgada. A quantidade de saes calcareos que contém é tal que o seu leito é formado exclusivamente de carbonato e sulfato de cal, em banco espesso, proveniente dos depositos das aguas que ali ficam retidas durante o inverno.

Passado este pequeno rio encontra-se o rio Marfengúle, affluente tambem do Chingovo que aqui chamam tambem Chingane e junto d'elle encontra-se Incomansimba, ou antes Makiki, pequeno kraal sem importancia alguma e composto apenas de tres palhotas.

O chefe dizia que no tempo de seu pai já ali tinham passado brancos, mas que elle, era os primeiros que via, e que da grande povoação que houvera outr'ora apenas restava elle; que quanto a Iniantchichi e ás outras povoações que Erskine encontrára e marcára na sua viagem tinham sido todas mandadas abandonar pelo Gongunhama.

Capitão Serrano resolveu aqui seguir ao longo do rio Ualuise, cujo curso estava pouco conhecido, e que não se sabia se ia á costa ou ao Limpopo, para o que levou comsigo provisões para dez dias e doze homens, deixando-me no dia 15 de outubro, depois das carretas nos terem novamente alcançado em Makiki.

As hyenas eram aqui em tão grande numero que se atreveram, já

sangue, onde esperámos a chegada das carretas. O guia Massonghini não conhecia bem o caminho e só sabia pouco mais ou menos a direcção em que devia seguir, e por isso desde que tínhamos saído de Moguzalala, decidimos seguir adiante das carretas para procurar agua para os animaes, mandando, desde que esta se encontrava, um preto, que deveria indicar o caminho que aquellas deveriam seguir.

Nem sempre junto das povoações se encontrava agua em quantidade sufficiente para dar de beber a todos os animaes que traziamos. Assim, por exemplo, em Matsambo, os pretos bebiam a agua tirada de um pequeno buraco de 1 metro de profundidade que faziam no leito do rio, mas a agua apparecia lentamente e só no fim de uns dez minutos se recolhiam uns 10 litros.

Era uma questão muito importante para nós o encontrar agua; é por essa razão e pelo pouco conhecimento que o guia tinha do terreno, que com elle seguíamos, procurando-a.

Emquanto esperavamos em Mapsangue as carretas, veio visitar-nos o chefe da vizinha povoação de Machlêngua, o qual nos disse que no terreno para diante de nós a agua era muito escassa e que elle era capaz de nos mostrar onde a havia. Pedimos-lhe então um guia a quem promettemos pagar, o que o homem nos disse havia de dar.

Em todo o dia e noite de 8 de outubro caíram grandes bategas de agua e o temporal foi tal que as barracas foram derrubadas durante a noite pelo vento, que soprava com grande força.

Tendo chegado as carretas partimos de Mapsangue, mas ao chegar a Machlêngua, o chefe não nos quiz dar guia apesar das suas promessas e Massonghini lhe ter apresentado a bengala do Chicual-Cuala, para justificar a nossa auctoridade. Em vista d'isso o guia deixou ficar no kraal a bengala, o que significava que o dono iria depois busca-la e castigar a desobediencia commetida; mas acrescentava que não sabia se seria possivel encontrar agua.

Mandei buscar o chefe por alguns pretos e d'ali a pouco ouvimos tiros na povoação, de modo que os pretos que tinham ficado commigo, correram, cercando-a, enquanto nós seguíamos para lá.

Os pretos do kraal tinham, ao ver que os iam buscar á força, atirado e fugido para o matto, mas os nossos agarraram dois, o chefe e um outro, que, quando chegámos, já tinha sido ferido na barriga por uma zagaia.

O chefe, depois de amarrado pelos cotovellos atrás das costas para não poder fugir, declarou que se não tinha recusado a dar guia e trazia na mão a tal bengala para a vir restituir, dizia elle, mas que estava preparando tabaco para a viagem.

Massonghini sustentou, porém, o que dissera, e que era aliás ver-

dade; mandei, portanto, amarrar o chefe á roda de uma carreta e castigal-o fortemente.

Estes castigos repugnavam-nos sempre mas já tínhamos visto a efficacia dos seus resultados. A paciencia, demais, já nos ia faltando, pelas continuas exigencias e mentiras dos pretos, que se repetiam todos os dias e a toda a hora, e que peores se tornavam por verem que precisavamos d'elles.

Demais, uma theoria sentimental, é uma cousa, e a pratica é outra, e esta, para quem está em Africa, e aqui faz qualquer cousa, já ha muito tem demonstrado que o castigo corporal é absolutamente indispensavel para o cafre no seu estado de civilisação actual.

Depois de castigado, o chefe deu-nos um guia, que foi immediatamente amarrado e ameaçado de que se fugisse, lhe succederia ainda peor do que succedera ao seu chefe e seguidamente partimos, indo acampar depois de passado o rio Chingovo, junto de um pequeno charco chamado Sadulo.

O guia fez as mais solemnes promessas de não fugir, e tendo-nos os nossos pretos dito que elle não fugiria, foi desamarrado. Apesar de só dever ir até Makiki, quiz depois seguir e foi até Inhambane com o capitão Serrano, a quem prestou magnifico serviço.

Junto da lagôa Sadulo um pequeno rio vem juntar-se ao rio Chingovo, formado por uma serie de lagôas, todas de agua salgada. A quantidade de saes calcareos que contém é tal que o seu leito é formado exclusivamente de carbonato e sulfato de cal, em banco espesso, proveniente dos depositos das aguas que ali ficam retidas durante o inverno.

Passado este pequeno rio encontra-se o rio Marfengüle, affluente tambem do Chingovo que aqui chamam tambem Chingane e junto d'elle encontra-se Incomansimba, ou antes Makiki, pequeno kraal sem importancia alguma e composto apenas de tres palhotas.

O chefe dizia que no tempo de seu pai já ali tinham passado brancos, mas que elle, era os primeiros que via, e que da grande povoação que houvera outr'ora apenas restava elle; que quanto a Iniautchichi e ás outras povoações que Erskine encontrára e marcára na sua viagem tinham sido todas mandadas abandonar pelo Gongunhama.

Capitão Serrano resolveu aqui seguir ao longo do rio Ualuise, cujo curso estava pouco conhecido, e que não se sabia se ia á costa ou ao Limpopo, para o que levou comsigo provisões para dez dias e doze homens, deixando-me no dia 15 de outubro, depois das carretas nos terem novamente alcançado em Makiki.

As hyenas eram aqui em tão grande numero que se atreveram, já

com dia claro, a atacar os burros junto do campo, matando um, antes que d'isso as podessemos impedir.

Durante os poucos dias que estivemos em Makiki caíram abundantes chuvas, de modo que o terreno completamente encharcado impedia a marcha das carretas, atolando-se até aos eixos, apesar de pouco carregadas. Por outro lado estas chuvas encheram de agua bastantes charcos que encontrámos depois; difficil teria sido ou quasi impossivel sem ellas, proseguir no nosso caminho com as carretas.

No dia 15 parti de Makiki e segui para Mabanini.

A caça grossa que já apparecia em Makiki ia sendo cada vez mais abundante, vendo-se o terreno cortado em todas as direcções pelos trilhos feitos por os cabritos e a cada passo se encontravam rebanhos de antilopes e grandes bandos de gongonhes ou bois de matto.

O terreno era sempre a mesma areia solta, mas o matto ia sendo bastante espesso, não se podendo passar mesmo a pé, sem difficuldade.

Encontrámos a povoação de Tshabane abandonada e em seguida a de Riqueta abandonada igualmente, acabando o matagal a uma hora de caminho d'esta para leste.

Em ambas as povoações a agua era tirada de pequenos poços abertos no areial, mas que dando agua para a gente, não a davam em quantidade sufficiente para o gado.

Na primeira d'estas povoações encontrámos no local onde tinham sido as plantações dos cafres, um vasto espaço coberto de um grande melancial, sendo as melancias, ao que pareciam, maduras, mas depois de abertas, reconhecemos que não era possivel comel-as, porque alem de serem brancas eram amargas.

Lembrando-nos do que Levingstone diz a respeito das melancias do Kalahari, que entre as amargas se encontram algumas comestiveis, repetimos a experiencia com mais algumas; infelizmente, porém, com o mesmo resultado sempre. É provavel que, quando ali estavam os cafres, elles tomassem as precauções necessarias para que as melancias não amargassem, por isso que todas que ali encontrámos tinham sido plantadas por elles.

Em toda a extensão do Makiki, até sairmos do arvoredado encontrámos vestigios da passagem de elephantes, e alem das grandes pé-gadas as fezes d'estes animaes ainda frescas indicavam que tinham passado recentemente, chegando nós ainda a ver um, ao longe, através do matto.

Passado elle, entrámos na extensa planicie de Mabanine, vasto areial onde só de longe em longe se encontram alguns macissos de arvoredado; a erva é curta sempre, e para romper a monotonia da re-

gião, só se vêem os enormes canhões que crescem junto das lagoas de agua salobra, impossivel de beber.

Pequenas elevações de terreno, de bem poucos metros, mas ao abrigo das cheias do inverno ainda têm algumas mostras de acacias e palmeiras bravas, mas o aspecto da região é o de um vasto areial, pantanoso e insalubre.

Acampando quasi sempre, ora sem agua ora junto de uma agua infecta e podre, bastante carregados, os pretos que commigo seguiam em busca de agua, caíam cada dia com febres e á noite o campo apresentava um aspecto silencioso e triste que contrastava com o que succedia anteriormente, desde Lourenço Marques, em que os pretos passavam uma grande parte da noite em volta da fogueira ora dançando ora conversando ou entoando os canticos religiosos que sabiam.

Demais a refeição era escassa para todos e os pretos comiam por dia uma ração composta de uma chavena de chá cheia de milho ao almoço e o mesmo ao jantar.

Se um dia se caçava abundantemente havia fartura, mas só n'esse dia, por isso que era impossivel carregar a carne; os pretos sem agua não queriam a comida que deitavam fóra, para não a carregarem, e isto basta para julgar do desanimo d'elles.

Pela minha parte soffria tambem de febres e cheguei a julgar que nunca sairíamos d'aquelle horrivel Mabanine, onde o terreno, sempre encharcado, nos obrigava por vezes a caminhar durante horas, mettidos no lodo e completamente molhados; mas em compensação que esplendida região para a caça! Mesmo sem nos desviarmos do nosso caminho encontravamos numerosos grupos de pivas, koodoos, gongonhes e javalis.

Sem difficuldade se matavam, pois, n'aquella enorme planicie, os gongonhes sobretudo, correndo durante muito tempo em volta de nós, apenas davam o trabalho de fazer variar a alça para lhes fazer repetidos tiros; infelizmente não podiamos transportar a carne, como dissemos, de modo que a maior parte era perdida, apesar dos pretos terem a faculdade de absorver prodigiosas quantidades de carne para fazer provisão para a jornada.

E extraordinario n'elles não só a facilidade que têm de passar varios dias sem comer, como tambem a com que, tendo comida, se enchem de tal modo que ficam como que embriagados. N'um dia em que matei um danamau, cuja photographia vae junta, do tamanho de uma mula, os dez cafres que tinha, n'essa tarde e durante toda a noite, comeram-no quasi todo, tendo absorvido em media, cada um, uns 10 kilogrammas de carne limpa.

No dia 23 de outubro chegava a Mabanine e apesar do terreno

encharcado e da agua ser salobra e salgada, resolvi esperar as carretas ali por isso que tendo perdido tres carregadores no matto, que só appareceram tres dias depois, estava reduzido a cinco carregadores, incluindo o meu creado.

Alem d'isso achavamo-nos encurralados entre o rio Zundzi, uma serie de lagoas onde os homens entravam no lodo até ao pescoço, e um pequeno affluente d'elle. Para o noroeste tinha a lagoa Bembe de onde sae o Ualuse, e devia portanto procurar um caminho mais firme por onde as carretas podessem passar, seguindo um pouco para sueste.

Com effeito no dia 27 tendo explorado o terreno achavamos um caminho com o nivel um pouco mais alto que nos levava até ao Ualuse, e saíndo de junto do Zundzi íamos acampar perto de uma lagoa onde habitavam innumerados hipopotamos; entretanto o ar estava perfeitamente empestado pelas emanações das lagoas, e durante os dias 23, 24 e 25 tivemos chuvas continuadas e com uma noite de tal modo tempestuosa, no dia 25, que a barraca ameaçava a todo o momento cair por terra, apesar de ter sido amarrada com quantas cordas e arames foi possivel encontrar nas bagagens.

Os sete pretos que tinha commigo, vieram completamente molhados ficar dentro da minha barraca, pois não havia maneira de conservar accesas as fogueiras, e doentes como estavam quasi todos, aproveitaram o facto de eu estar a dormir para se metterem dentro da barraca sem fazer o menor ruido.

Verdade é que fatigado pelo trabalho do dia, dormia geralmente de um somno tão pesado que em Mapsengue, tendo-me caído com o temporal a barraca sobre a cama, não dera por isso, tendo os pretos tornado a armar a barraca sem me interromperem o somno.

Os mosquitos eram innumeraveis e era difficil o dormir fóra do mosquiteiro; não só estes, mas ainda moscas de todos os tamanhos e dimensões vinham incommodar-nos durante o dia, sobretudo umas do tamanho de uma abelha, cinzentas e cuja ferroadada fazia immediatamente apparecer o sangue á superficie da pelle.

Alem d'estas ainda esta planicie é habitada por um enorme numero de serpentes de todas as dimensões, entre as quaes a mais terrivel é a *mamba*, com um diametro de 3 a 6 centimetros e de um comprimento que chega a attingir 2<sup>m</sup>,5 nas maiores que vimos. A sua mordedura mata em poucas horas e d'ella foi victima um magnifico galgão meu, um *kangaroo hunter*, que morreu sem que as injecções de permanganato de potassa e as cauterisações com amoniaco o podessem salvar.

Era raro o dia em que não se matassem dois ou tres d'estes interessantes animaes, que, escuros e esverdeados no dorso, têm um

grande parte do ventre branco com tres ou quatro riscos pretos transversaes junto á cabeça.

Junto das lagoas encontravam os pretos um tuberculo pequeno, de 0<sup>m</sup>,03 a 0<sup>m</sup>,04 de diametro, a que chamam *matibo* e que, assado e tirada as casca bastante grossa tinha um approximado sabor de batata. Ha ainda uma graminea, com que, queimada e lavadas as cinzas, fazem sal e á qual chamam *munhoâne*.

Em todo o Mabanine e sobretudo junto das lagoas encontram-se innumerables variedades de patos de todas as dimensões, desde o tamanho de uma perdiz, os mais tenros e comestiveis, até ao tamanho de um perú, chegando a pesar 8 ou 10 kilogrammas, vendo-se estes á tarde voando n'uma larga fileira; são, porém, duros e só depois de um ou dois dias, quando principiam a apodrecer, se podem comer.

Alem dos patos habitam as lagoas innumerables quantidades de garças brancas de lindas pennas e cegonhas de todos os tamanhos.

Ao dar-se um tiro, do meio do cannavial levantavam-se enormes quantidades d'essas aves, fazendo uma grande bulha e espalhando-se em todas as direcções.

Em Mabanine não appareciam já os monticulos da formiga branca que tinhamos sempre encontrado até ali, sobretudo perto do Limpopo, onde esses monticulos chegavam a attingir 4 e 5 metros de altura e um diametro de 6 e 8 metros.

No dia 28 as carretas chegavam com Hiron ao nosso campo, guiadas pelos pretos que tinha enviado para trás, e depois de ter aberto a machado um caminho pelo matto, até chegar á planicie de Mabanine, por onde em seguida se tornava mais facil o caminho, comquanto a areia que apparecia sempre continuasse a fatigar enormemente os tiros, apesar de quasi descarregados, pois a carga que ao sair do Incomati, andava por 2 toneladas por carreta, se achava reduzida a 300 ou 400 kilogrammas cada uma; apesar d'isso as rodas abriam na areia sulcos de 0<sup>m</sup>,08 a 0<sup>m</sup>,10 de profundidade e não andavam mais de 1 milha por hora.

Ao acampar appareceu um gongonhe isolado; apesar de termos patos e cegonhas em quantidade sufficiente para a comida de toda a gente, vendo o animal que a uns 500 metros andava saltando em redor de nós, sem se afastar, saímos, atirando-lhe Hiron a 400 jardas; a bala entrando junto da espadua, atravessou-lhe o corpo, e o animal partiu fugindo, indo os pretos apanhal-o a pequena distancia do lugar onde fôra ferido.

Era um tiro esplendido e de extrema felicidade.

Dentro da cabeça e debaixo do coiro tinha este gongonhe uns poucos de vermes brancos de proximamente 0<sup>m</sup>,02 de comprido, aos quaes

os pretos attribuíram a causa da vinda do animal, que diziam elles tinha sido prevenido da nossa chegada por elles e que por isso viera para nos visitar.

Estes antilopes são realmente extraordinarios, por isso que parecem divertir-se em andar dando pulos doidos e carreiras desenfreadas em volta do que lhes desperta a attenção; este, andava certamente ha mais de meia hora correndo e saltando em volta de nós, sem nunca se afastar, até ao momento em que se lhe atirou.

No dia 28 de tarde partiamos novamente, continuando na planicie e quasi á noite encontravamos as rastos da passagem do capitão Serano, que ali passára poucos dias antes.

No dia 29 segui com as carretas; a planicie continuava sempre com a mesma apparencia diante de nós e os rebanhos de gongonhes não se afastavam chegando a vir a 80 metros das carretas, de modo que matámos mais dois n'esse dia.

Como seguia mais depressa que os burros das carretas, tinha encontrado junto de um pequeno grupo de acacias uma pequena poça de agua doce, onde quiz acampar. Apesar, porém, de todas as diligencias as carretas não poderam lá chegar, parando á noite.

Voltei para junto d'ellas a fim de ahi acampar e armar-se a barraca. Os burros tinham sido soltos para comer alguma cousa e com elles o unico cavallo que restava e que mordido pela mosca, já mal se sustinha de pé, não nos servindo para nada.

Estava algum pouco luar e Hiron entrava na minha barraca para comer, quando um preto que tinha ido reunir os burros para os prender, veio dizer que andava um leão no meio d'elles. Tivemos um enorme medo por isso que o leão quando se encontra no meio dos animaes, mata geralmente mais do que precisa para comer, e logo nos passou pela idéa que não poderíamos levar as carretas a Inhambanc.

Entretanto o meu moleque pequeno que tinha trazido de Isidrodro no Komati, dava-me a espingarda de bala explosiva que levava e Hiron pegava na Martini Henry, saíndo ambos immediatamente.

Todos os burros tinham fugido para junto da barraca e a uns 100 passos viamos um vulto negro, no meio da palha amarella e muito curta, e não sabendo se seriam alguns burros ou o leão, approximámo-nos seguidos de alguns pretos, vendo então o cavallo, ao mesmo tempo que o leão fugia muito devagar. Descobria-o facilmente approximando a cara do chão, pois de outro modo projectava-se sobre a erva e não se distinguia. Não era possivel ver a mira da espingarda e por isso pareceu-nos mais prudente deixal-o ir embora, pois não havia probabilidade alguma de lhe acertar.

Quando o preto fôra reunir os burros vira o leão e imaginára que

ra um burro que se affastava da barraca; dirigira-se para elle, mas nessa occasião o animal rugira surdamente de modo que elle e todos os animaes fugiram para junto da barraca, onde as fogueiras ainda não estavam accesas por não haver ali lenha, a qual se devia ir buscar astante longe.

O leão seguira-os então e atirou-se ao cavallo em cujo pescoço cravára os dentes ao mesmo tempo que, com as garras lhe abrira o ventre de alto a baixo, de modo que os intestinos estavam todos de fóra.

Tudo isto se passára tão rapidamente que quando chegámos junto ao cavallo, ainda este estrebuchava e tambem por isso o leão não tivera felizmente tempo de atacar os burros.

O que mais uma vez nos admirou foi o reccio e a prudencia dos zulus do sul da Africa, pois não tendo fogueiras accesas, bastára apenas approximarmo-nos d'aquelle, para elle fugir abandonando a presa.

Os pretos de Maalane, dois zulus e o meu moleque de Lourenço Marques foram os unicos que nos acompanharam; emquanto aos outros tinham-se escondido por toda a parte, mas sobretudo debaixo dos wagons.

O meu creado, esse escondeu-se não sei aonde e só o vi meia hora depois, declarando-me quando lhe perguntei onde se escondêra, que não era verdade, porque vendo que nós saíamos da barraca, ficára a guarda a ella para o caso do leão a atacar.

Um outro foi encontrado debaixo do toldo de uma carreta, onde, zia elle, andava a procurar cartuchos para a espingarda.

Emfim, depois da fugida do leão todos queriam ir matal-o, e só na hora depois se principiavam a accender as fogueiras, ficando os burros no meio do acampamento.

Ainda traziamos um garrafão de aguardente para presente a reguéis ou para os nossos pretos, a quem a davamos com agua quando tinham andado muito molhados durante o dia.

N'essa noite, o chefe dos pretos que tinhamos, um mulato de Inhambane chamado Loforte, um bebado incorrigivel, entusiasmado pelas proezas que contava ter feito, lembrou-se de ir matar o leão, e para isso, de ir para junto do cavallo morto onde esperava que elle voltasse, mas para tomar animo foi ao garrafão de aguardente, e como havia mezes que não bebia, excedeu-se na dóse, depois do que foi para junto do cavallo com a espingarda, e ali o fomos encontrar na madrugada seguinte, completamente bebado, sendo necessario transportal-o n'uma carreta, o que os pretos fizeram procurando escondel-o, e o que pela minha parte fingi não ver por ser a primeira vez que se embriagava desde Lourenço Marques e ser elle realmente um homem magnifico para o matto, quando em seu juizo.

O cavallo estava em parte devorado, como depois fui ver, pelo leão, que voltára de noite contra o que esperavamos, e que não fizera caso do mulato, talvez receiando uma cilada, ou por preferir a carne morta.

Quanto a Loforte, não se lembrava de cousa alguma.

No dia seguinte, de madrugada, punhamo-nos de novo em marcha, e depois de cortar o caminho de Missapa para o Biléne, tornavamos a encontrar novamente o matto cerrado em que era necessario abrir passagem ás carretas e no qual encontrámos girafas e avestruzes, sendo estes em pequeno numero.

Já não tínhamos então mantimentos alguns e o pouco milho que restava, estava a acabar.

Segundo o guia, só encontraríamos comida em Masibi, e receiando que mesmo a caça escaceiasse, resolvi partir para Masibi, deixando as carretas seguir abrindo o caminho no matto e deixando-lhe os poucos mantimentos que restavam, parti de novo, decidido a alcançar o mais depressa possivel aquella povoação.

No dia 2 deixava as carretas.

O terreno apresentava-se muito ligeiramente ondulado, sempre coberto de espessa vegetação até ao Ualuisse que encontrámos no dia 3 de tarde e em cuja margem acampámos.

Apesar de ter encontrado os rastos de grandes bandos de bufalos, não podémos matar nenhum d'elles e apenas cacei dois pequenos antilopes (dykas) cuja photographia vae junta.

O rio Ualuisse corria entre margens chatas, e na occasião em que o atravessámos era mais uma serie ininterrompida de lagoas, sem agua corrente, do que um rio, cobertas todas nas margens de um denso cannavial.

As aguas são salobras, e de tal modo que os mesmos burros a não quizeram beber. Os saes calcareos, depositando-se, formavam uma magnifica estrada de algumas milhas ao longo da margem, bastante dura e por onde as carretas podiam seguir sem difficuldade, pois o arvoredo só começava novamente a algumas centenas de metros, onde o terreno elevando se ficava fóra do alcance das cheias.

No meio do cannavial e nas lagoas que chegavam por vezes a ter 1 e 1,5 kilometros de largo, ouviamos os hipopotamos cujas pégadas encontravamos continuamente nas margens, onde o terreno ainda humido ou coberto de uma ligeira camada de agua, se conservava lamacento.

Não era, porém, facil caçal-os, por isso que, logo que se entrava no cannavial, não só a agua nos era um obstaculo, mas ainda o fundo, formado de um lodo argilloso e pouco compacto, que nos chegava por

vezes até á cintura. Apesar de termos escolhido um local mais estreito o canal que reunia duas lagoas, para passar o rio, não só nos atolámos completamente no lodo, mas ainda os dois burros que traziamos, mesmo descarregados, ficaram de tal modo encravados, que foi necessario trazel-os para fóra em peso, levantando-os os pretos de modo a conservarem-lhes as cabeças fóra de agua. Entretanto alguns sitios havia onde o fundo, mais duro, dava menos difficil passagem, e assim vi que as carretas acharam um vau um pouco melhor, quando passaram, a jusante do local onde nós mesmos tinhamos atravessado o rio.

Este rio continuava para sul-sueste, sempre com o mesmo aspecto formando caprichosas curvas, apertado aqui e ali pelo terreno que se elevava de alguns metros nas margens cobertas de arvoredo e esraçando-se em seguida em grandes lagoas, de onde, de entre os caniaes se levantavam a todo o momento immensos bandos de garças, atos, cegonhas, e emfim grande variedade de aves aquaticas.

Durante um dia seguimos a margem do rio até a povoação de Lagimane, onde encontrámos alguns pretos, quasi morrendo de fome pois não haviam cultivado cousa alguma; apenas tinham alguma, pouca, cacuacua. Principiaram de novo as queixas contra Gongunhama.

Vimos ali pela primeira vez um baobab dentro do qual os pretos conservam a agua no interior do tronco, uma agua suja e amarellada pela quantidade de materia organica que contém. Os baobabs existem em grande numero desde o rio dos Elephantes, no caminho que percorremos, tornando-se raros ao chegar a Masibi.

O seu diametro era geralmente de trinta pés nas arvores bem desenvolvidas, mas alguns exemplares d'esta especie de *Adamsonias* vimos que mediam 70 e 80 pés, maiores ainda que o da foz do Letaba com o tronco liso e polido, algumas vezes quebrados os ramos pelas descargas electricas que não tinham podido derrubar o tronco. As folhas principiaram a apparecer com as chuvas; não tivemos occasião de chegar a ver as flores, mas unicamente os fructos que semelham abacaxas verdes, compridos que estão pendentes aos milhares dos ramos completamente desfolhados.

O interior do fructo contém umas sementes envolvidas de um pó assucarado que os pretos aproveitam, abrindo um buraco na casca que enchem de agua e que bebem em seguida como um magnifico refresco.

As folhas de baobab novo são boas de comer, quando cozidas, como um legume, e o tronco, comquanto enorme, não póde servir para maneira de construcção, e porque o seu interior tendo frequentemente rasgos e dividindo-se muitas vezes no topo em tres ou quatro largos ramos, fórma-se ahi um buraco que communica com o interior do

tronco; é, aproveitando-se d'isso, que os pretos se servem d'este como cisterna, onde guardam a agua que bebem durante a estação secca, como dissemos.

Os cafres ali ainda usam especialmente arco e frecha, sem escudo de couro, e apenas alguns têm espingardas que só se vão encontrando com mais frequencia junto do Inhambane. As palhotas são cylindricas, cobertas de um tronco conico de palha e dispostas geralmente em circulo. Foi perto de Maginiani que deixámos o Ualuisé, cortando para Masibi.

Desde o Ualuisé até Masibi, a região cheia de grandes e magnificas arvores, de lagoas e de caça, é magnifica, quasi um parque. Infelizmente nenhum rio a atravessa de modo que as aguas unicas que se encontravam são em lagoas geralmente pequenas e junto das quacs se vão estabelecer as povoações.

Apesar do terreno continuar sempre a ser arenoso a vegetação cobre-o por toda a parte e por vezes o arvoredo é de tal modo denso, que mesmo a pé difficilmente se segue através d'elle.

Aos bosques cerrados de arvores de pequenas dimensões e de moitas aliás muitas espinhosas, tudo entrelaçado pelas trepadeiras, seguem-se vastas planicies a um nivel um pouco mais baixo, com grande arvoredo, e no meio do qual se encontra uma lagoa, rodeada e coberta pelos juncaes e plantas aquaticas.

Depois de sair de Magimane, seguimos sempre oeste, procurando um caninho possivel para as carretas, mas reconhecemos que era impossivel completamente deixar de cortar o arvoredo para passar.

Quanto a comida, não se arranjava cousa alguma, e os cafres das povoações vinham pedir-nos cada dia de comer, offerecendo-nos quando lhes diziamos que nós tambem lh'o comprariamos se elles o tivessem para vender, a macuácuá, que os meus pretos comiam, é verdade, mas que lhes produzia colicas e dysenterias continuas. Demais a caça grossa escasseava e unicamente se apanhavam alguns patos e cegonhas que os pretos aproveitavam.

Junto de Maiasse encontrámos pela primeira vez as seringas, de que os pretos aqui tiram a borracha que vão vender a Inhambane; ferem a planta e vão a pouco e pouco fiando em volta de um pequeno pau a seiva que sae e que se solidifica ao ar. Como, porém, vão tirar a borracha sempre que precisam ir comprar qualquer cousa e isso succede repetidas vezes, sangram as plantas em volta ou proximo dos kraals muitas vezes, e cada vez mais baixo até que a matam.

A planta é uma trepadeira (*Landolphia*) que não se eleva a grande altura, e tem um tronco de um diametro de 0,10 a 0,12, do qual se separam as varas mais delgadas onde os pretos fazem as incisões, e

ue, ou se encostam a outras arvores ou se enrolam sobre o proprio tronco. Desde que se pratique um pequeno córte nas varas, principia sair uma seiva semelhante ao leite, mas que não corre de modo a poder ser reunida n'um vaso qualquer disposto na base da arvore, como succede na seringa americana.

A folha é escura e muito brilhante, e o fructo é do tamanho de uma laranja, e amarello quando maduro. O interior tem algumas sementes envolvidas n'uma polpa, com um sabor acidulado que não é desagradavel.

Antigamente os cafres faziam grandes rolos de borracha que pesavam 1 ou mais kilogrammas e que chegou a ser cotada em Inglaterra como borracha de primeira qualidade. Hoje fazem-nos pequenissimos em volta de um enorme pau, de modo que cada rolo de borracha não tem mais de 30 a 50 grammas, e como lhes juntam areia para pesarem mais, a borracha de Inhambane está hoje muito depreciada.

De Macane até Masibi, onde chegámos no dia 9 de novembro, o terreno apresentou-se sempre o mesmo; a mesma arborisação abundante e as mesmas povoações pobres, pequenas e onde os cafres se reuniam sempre, para explicar a extrema penuria em que viviam, as extorsões e ataques da gente do regulo Gongunhama. A *tsé-tsé* era sempre abundante, principiando, porém, a apparecer-nos menos frequentemente ao chegar a Masibi, e desaparecendo depois que chegámos a Novel. Entretanto as informações dos cafres eram contrictorias sobre se ella existia até Anhuônhe, mas pela nossa parte não vimos alem de Masibi.

Tendo chegado á povoação do chefe, junto da qual acampeei, espeiei que elle me viesse ver. Entretanto, tendo ido comprar fazendas a Inhambane que ali se achava estabelecido, o chefe veio ter commigo.

Era um velho que parecia doido e que veio com um sequito composto de uns dez secretarios, alem de muitos homens da povoação, que grande bastante.

Apresentou-se com uns ares aggressivos e como quem evidentemente estava descontento com a nossa chegada, que entretanto já esperava a muito tempo, pois qualquer noticia ou qualquer novidade é propagada no interior com uma rapidez extraordinaria.

Entretanto, tendo-lhe pedido guias para mandar ás carretas a fim de indicarem o caminho menos arborisado, deu-me dois pretos e proheteu-me ir dizer á sua gente que se tivesse alguma cousa de vender, que m'a viesse vender.

De volta ao meu campo, recebi duas pelles de *cimba*, que me mandava de presente, o que era simplesmente ridiculo, e por isso lhe dei em troca uma capellanas de um valor inferior a ellas.

Como os meus pretos lhe dissessem estar eu zangado, mandou-me no dia seguinte uma duzia d'ellas, que lhe recambiei, dizendo-lhe que nem eu nem a minha gente comiamos pelles.

Effectivamente não tendo encontrado nos ultimos dias caça de especie alguma, os meus pretos apenas tinham conseguido obter aqui e ali alguns bocados de feijão e milho que não chegavam para cousa alguma, em troco de capellanas que lhe distribuia, e via-me assim inibido de arranjar mantimentos para mandar ás carretas. Tendo mandado o mulato Loforte fallar novamente com o regulo, disse-lhe este que não tinha nada para me vender, o que era manifestamente mentira, mas entretanto os pretos e o mesmo Masibi declararam-lhe que eram vassallos do Gongunhama e que não tinham nada que ver com os brancos de Inhambane, que estavam muito longe, e que o Gongunhama era a quem elle pagava tributos, que já não pagava aos portuguezes.

Vendo a má vontade do regulo, resolvi sair d'ali, por isso que com a minha espingarda, unica que então tinha, nada podia fazer contra elle, e fil-o com tanta mais vontade, quanto aquella povoação era habitada, alem dos cafres, por verdadeiras legiões de escorpiões e de serpentes. O baniane que ali estava fôra na occasião da minha chegada mordido por uma na cabeça, fazendo-lhe eu então uma injeção com permanganato de potassa. Ou por effeito d'este ou porque a cobra não era das mais venenosas, a inchação da cabeça foi desapparecendo, e soube mais tarde que o homem escapára.

Á noite era necessario jantar sem luz, porque os escorpiões vinham em grande numero attrahidos por ella, e em todas as noites que passei em Masibi, passando uma busca cuidadosa, matavam-se sempre oito ou dez dentro da minha barraca, mas todos pequenos.

Uma noite, na occasião em que comia o milho moído com alguns passaros que caçava, taes como araras, pombos, rolas, etc, e que por muitas semanas constituiram o nosso unico menu, sentindo qualqu er cousa mexer-me no pescoço, levei ahi a mão, sentindo n'esse momento uma dor bastante forte e agarrando um animal que atirei ao chão; era um escorpião que tinha trepado até á gola do meu sacco.

A dor era muito forte e durou bastantes dias com entorpecimento no braço, alguma febre, e por vezes como que um formigueiro em volta do ponto mordido; este era difficil distinguir na pelle, mesmo com uma lupa.

Entretanto cauterisei a mordedura com ammoniaco e fiz em volta da ferida injeções de permanganato de potassa com uma seringa de Pravaz.

Os pretos viviam indifferentemente no meio d'aquella bicharia, pois alem dos escorpiões havia ainda ali uns enormes myriapodes de mais de 1 decimetro do comprido e cuja mordedura é tambem muito venenosa, sem d'ellas fazerem grande caso. Entretanto tambem de vez em quando eram mordidos por ellas, inchando-lhe geralmente muito a parte atacada.

Saindo do Masibi e seguindo para sudoeste, cheguei a casa do regulo Novéle, tributario de Masibi, que me declarou que estavam todos os regulos das terras d'elle zangados, por Masibi se ter lançado abertamente nos braços de Gongunhama, e em varias conversas que teve commigo, mostrou-me o desejo que tinha de que eu o ajudasse a ir bater o regulo Masibi, ficando elle evidentemente no lugar d'elle; mostrava-se grande amigo meu e não conseguindo que eu fosse morar n'uma das palhotas d'elle, pediu-me que ao menos ficasse dentro da povoação.

Era esta bastante grande, com as palhotas dispostas circularmente, muito vastas e bem construidas, com um tecto conico e o chão cuidadosamente batido. Trouxe-me todos os dias de comer, e arranjou-me um sacco grande de feijão e milho, que pude então mandar para as carretas que se achavam junto á povoação de Kaluti, luctando com grandes difficuldades para abrir caminho através do mato.

Logo que cheguei a Novéle escrevi para Inhambane, pedindo ao governador, o ex.<sup>mo</sup> sr. Alfredo Brandão Kro de Castro Ferreri, para me enviar mantimentos, machados e gente; infelizmente, apesar da extrema rapidez com que tudo isso me foi enviado, trinta e seis horas depois da chegada da minha carta a Inhambane, os pretos perderam-se no mato, de modo que só muito tarde me alcançaram.

Em Novéle decidi esperar as carretas que não desejava abandonar, fazendo então as observações necessarias para regular a marcha do meu chronometro.

Novéle todos os dias me vinha visitar e trazer algum presente; logo nos primeiros dias veio-me dizer que tendo lançado as sementes á terra, não vinham chuvas, de modo que estava muito penalizado, pois receiava não colher nada.

Tinha n'esse dia verificado uma baixa muito sensivel no barometro, de modo que lhe disse que haviam de vir chuvas abundantes. Por acaso tivemos durante a noite e durante o dia seguinte uma chuva torrencial, o que me grangeou uma terrivel reputação de feiticeiro, que demais, á vista do theodolito por onde eu observava o sol e que o chefe tambem observou (emquanto que ninguem mais o podia fazer, por eu ter tirado o vidro fumado, sem queimar os olhos), augmentou de um modo extraordinario e de tal modo, que alguns dias depois re-

cebi a visita de um irmão de Masibi, que me trazia um presente da parte d'elle e que recusei, dizendo que não queria mais ouvir fallar em tal sujeito.

Disse-me depois o Novélé que o Masibi me enviava o presente para eu não parar as chuvas nas suas terras, o que era de esperar estando zangado com elle, tanto mais que bem sabia que todos os brancos eram feiticeiros, mas nenhum tinha ainda visto tão feiticeiro como eu.

Passados alguns dias, como as chuvas tivessem parado, vieram alem do Novélé os regulos Mocimba o Mocuine pedir para que as fizesse continuar, trazendo-me presentes de farinha, mel e feijão.

A gente d'aqui já usa o cabello cortado ou antes rapado em parte, como se vê nas photographias, deixando-o quasi sempre crescer em linhas longitudinaes, geralmente parallelas. Para o rapar empregam bocados de ferro do feitio de um escopro, muito afiado.

Quasi todas as noites vinham homens e mulheres dansar ao meu acampamento, ao som de uma monotona cantilena que acompanhavam batendo as palmas.

Umás duas vezes o chefe veiu com a gente de guerra dansar; dispostos em duas ou tres linhas, depois de dansarem, unicamente batendo os pés sempre no mesmo lugar, principiam a avançar todos aos saltos para a pessoa que assiste á festa, ao mesmo tempo que com as zagaias fingem querer matar os inimigos ausentes. Esta parte da dansa não é das mais agradaveis, pois no enthusiasmo do brandir das zagaias, as pontas d'estas chegavam a um decimetro do nosso corpo, quando elles faziam o gesto de ferir, devendo eu não fazer o menor movimento para não poderem imaginar que tinha medo; devo, porém, confessar que apesar de tudo, quando primeiro assisti ás dansas com que o chefe veiu ao meu campo, não ficava muito socegado quando via toda aquella gente vir direita a mim, brandindo as zagaias, que quasi me tocavam o fato, depois do que retiravam novamente aos pulos para repetir o mesmo duas ou tres vezes.

No dia 15 passou a umas 2 milhas ao norte do meu acampamento um bando de elephantes, que seguiram para leste.

De tarde houve grande barulho na povoação. Ouvia-se grande gritaria nas plantações, para onde os cafres, depois de irem ás palhotas buscar as zagaias, corriam apressados.

Com os meus dez pretos segui tambem para lá, sabendo então que uma mulher que estava collimando tinha posto o filho ao pé de uma arvore, e que um preto que saíra do mato lhe pegára, fugindo em seguida.

Faz-se isto aqui muitas vezes, ou para arranjar creanças, sobre-

tudo raparigas que os pretos vendem mais tarde, ou para o pagamento de uma divida.

Quando o devedor se nega a pagar, o credor mata-lhe uma mulher ou uma filha, ou lh'a rouba, fugindo.

A creança foi em seguida encontrada a algumas milhas, caída no chão, onde provavelmente o raptor a deixára, quando perseguido de perto na fugida, sem ter tido tempo de lhe fazer mal, e não sendo possível agarral-o por ter grande avanço e o mato ser muito denso.

No dia 17 o chefe, que tinha mandado vir já um feiticeiro, veio-me pedir para lhe ir ver uma das suas mulheres que um feitiço ferira n'uma perna, e que, para não ser mais enfeitçada, a tinha mandado retirar para uma palhota no mato.

Fui lá vel-a, não entrando o chefe na palhota e ficando a uns 10 metros de distancia, para que o feitiço não o tocasse tambem.

Na palhota encontrei uma mulher e duas creanças, filhos d'ella; a mulher era nova e bonita; mostrou-me a perna que tinha doente com uma ulcera enorme, doença frequente ali, e todos os tecidos e mesmo a tibia estavam já atacados de modo que não havia nada a fazer-lhe. Da ferida, quando a mulher se moveu saiu um humor sanguinolento pelas fendas da argilla secca de que tinham coberto a perna.

Mandei-lhe lavar a chaga com agua phenica, convencido, porém, que a mulher já não tinha cura possível; não tinha outro desinfectante á minha disposição e sabia que partindo eu, os pretos não applicariam á mulher mais remedio algum dos que eu aconselhasse, e que continuariam a applicação da argilla, misturada com substancias diversas que tinham empregado até ali, o que tambem em principio é vantajoso, segundo alguns medicos. (Nicolas. *Hygiene de l'Afrique central.*)

No dia 24 chegavam enfim as carretas e continuámos no dia 25 de manhã para Inhambane. O arvoredado continuava o mesmo, mas de quando em quando encontravamos grandes planicies unicamente cobertas de palha onde se passava facilmente; em compensação alguns sitios havia onde para derrubar uma arvore era necessario não só cortar o tronco, mas ainda os ramos, fazendo um verdadeiro tunnel no mato, por isso que as trepadeiras mantinham as arvores seguras umas ás outras por tantos nós, que era mais rapido este processo do que o demorar-nos a cortal-as todas.

Não tendo machados foi-nos necessario alugar, com a fazenda que tinhamos comprado em Masibi, as machadinhas dos pretos, que não as queriam vender, mas com estas machadinhas o trabalho seguia

muito lentamente e só avançavamos em media 3 milhas por dia, se tanto.

Felizmente no dia 28 chegaram vinte e oito pretos de Inhambane com generos, mas não traziam machados nem mantimentos para os pretos, e unicamente fazendas que de pouco recurso nos eram, porque nas povoações por onde passavamos não havia que vender.

Entretanto, sempre nos ajudavam alguma cousa, rendendo a cortar o mato a nossa gente, já muito fatigada.

Se, porém, tinha anteriormente difficuldade para arranjar comida para dezoito homens, maior agora a tinha para alimentar os quarenta e seis que vinham commigo, tanto mais que a caça escasseou até chegar a Anhuônhe, onde acampámos no dia 6 de dezembro, sempre á espera dos machados e dos mantimentos que tinha mandado pedir, e em procura dos quaes tinha enviado pretos em todas as direcções, pois me constava que elles andavam para leste em minha procura.

Entretanto a gente que andava no mato a abrir a estrada e que tendo andado em minha procura mais de um mez com as cargas, sem lhe tocarem, entendiam agora, depois de m'as ter entregado, que podiam roubar á sua vontade, tanto mais que, sósinho e tendo os homens distribuidos em secções de oito a cortar o mato em varios sitios, não os podia vigiar efficazmente.

D'ahi a necessidade de alguns castigos severos que me vi obrigado a applicar aos ladrões, que foram descobertos por um feiticeiro que commigo trazia desde Mócuo, e que os apanhou lançando o gagáo.

Em Anhuônhe havia caça de toda a especie. Os rebanhos de gongonhes eram em tal quantidade, que era raro o dia em que da minha barraca, escondida na ourela da mata e de onde descobria a planicie n'uma extensão de mais de 1 legua, não visse alguns bandos d'elles pastando.

Saía então da barraca, matando sempre um ou dois, de modo que havia farta abundancia de carne.

No dia 9, tendo chegado as carretas, parti para Macuahâne, onde ás nove horas da manhã veio ao meu encontro o capitão Serrano, com carregadores e mantimentos; tendo chegado a Inhambane e tendo sabido por uma carta minha dos embarços em que me achava por não querer abandonar as carretas, partíra, apesar de doente, para me trazer os mantimentos e sobretudo os machados de que tanto precisava.

Pouco depois chegaram mais quarenta trabalhadores que traziam os mantimentos que me tinham sido enviados havia um mez pelo governador, e que tinham andado todo aquelle tempo em minha procura.

Achava-me, portanto, com perto de cento e trinta homens e uns

cincoenta machados, e apesar d'isso só no dia 19 consegui ter cortada a estrada para que as carretas podessem chegar a Fruella, d'onde embarcaram para Inhambane.

Os burros ao chegar a Anhuônhe principiaram a morrer de tal modo, que só n'um dia caíram dez.

Saindo de Macuahâne, e tendo passado junto da grande lagoa da Verrongôa, que tem sensivelmente 3 milhas de comprimento, cheguei no dia 12 a Malasche, onde o capitão Serrano que já vinha, como disse, doente, foi atacado de uma febre biliosa que me inspirou grandes cuidados, pelo que, depois de o ter tratado como pude, o fiz conduzir em machilla a Inhambane.

Desde Sefani o terreno principia a descer bruscamente para a costa, apresentando-se muito ondulado, e formando o degrau que do *plateau* interior quebra para o mar, sempre formado das mesmas areias que nos acompanhavam desde o Chicuala-Cuala.

Em Malasche encontrava finalmente agua corrente, e só difficilmente se poderá explicar o prazer que isto nos causou, depois de termos andado durante tres mezes sem vermos outra agua senão a que podiamos tirar das lagoas e charcos que encontrámos, sempre suja e salobra.

Os pretos de Malasche, Savanguana, são gente guerreira e boa, mas apesar de se acharem apenas a tres horas de marcha de Machiche, estão quasi que perfeitamente independentes e queixavam-se do abandono em que o governo cuja bandeira tinham recebido, os deixára, sobretudo na ultima guerra do Gongunhama.

Forneceram-me mantimentos, e quando no dia 17 saí da povoação, o chefe e mais de quatrocentos pretos foram acompanhar-me durante hora e meia de caminho até ao proximo kraal, com a musica cafre que representa uma das nossas photographias, e prometteu-me, quando quizesse gente, que me havia de fornecer a que eu lhe pedisse.

Em Fruella, onde cheguei a 18, soube por um homem vindo das carretas que se tinham acabado os burros, pelo que, não as querendo abandonar tão perto de Inhambane, as mandei puxar, cada uma, por vinte pretos, tendo chegado eu a Inhambane em 19 de dezembro com quasi toda a expedição e chegando em 24 as carretas e dois burros.

O districto é rico e tem immensos elementos de prosperidade. Um dos mais salubres da costa tem como capital a villa de Inhambane, que mais parece um jardim no meio das matas de palmeiras, cajus, tamarindos, etc.

Desde Malasche que a agua é abundante e sadia e que o terreno accidentado pela descida do *plateau* para a costa, apresenta valles lin-

dissimos e esplendidos logares onde se possa estabelecer uma industria qualquer agricola.

Por curiosidade tem-se plantado ali o pecego, o figo, a borracha da America, o chá, etc., e tudo se dá em bellissimas condições alem das producções naturaes do solo: a palmeira, que cultivada á sura pôde render até 1\$800 réis e mais por anno e por arvore e de que colhidas as nozes dá 900 réis, pois estas têm venda segura na Europa; a banana; a canna; o café, que cresce espontaneamente no mato e que é de magnifica qualidade, e enfim o trabalho dos cafres, que são em grande numero ali, é barato e não faltará, quando o quizerem pagar de uma mancira sensata e regular.

Desde Sefani que a população começa a ser mais densa; vêem-se por toda a parte magnificas plantações de milho e feijão dos cafres.

O caju, de que os pretos fazem aguardente, cresce espontaneamente por toda a parte, sem cuidados de especie alguma. As scbes com que os pretos limitam os seus terrenos são feitas de ananazes, que se vendem em Inhambane baratissimos, e por toda a parte se vêem pomares, tamarindos, palmares, etc.

Com uma administração regular, o districto de Inhambane poderia tornar-se, não diremos o mais rico da provincia, mas pelo menos aquelle, onde a acclimação sendo mais facil, nos poderiamos estabelecer mais solidamente, tanto mais que ainda hoje elle conserva um caracter genuinamente portuguez, resto da influencia ali dos seus antigos moradores.

De Maalascbe fomos embarcar em Fruella, povoação grande, composta de muitas palhotas, onde um grande numero de baneanes estão esperando os pretos que vem do interior para lhe comprar ou trocar por capellanas e missanga, a cera, amendoim, marfim, pelles de cimbra, etc., que elles vem trazer a Inhambane.

Encontram-se sempre em Fruella um certo numero de embarcações que fazem o serviço entre esse ponto e Inhambane, seguindo pelo rio Inhanombe até ao Mongo e d'ahi pela bahia até á villa.

As margens do rio são de areia e sempre ou quasi sempre cobertas ou de mangal quando baixas e encharcadas, ou de palmeiras quando as margens de areia se levantam mais bruscamente, e permitem a cultura.

Em Inhambane fui recebido por s. ex.<sup>a</sup> o governador do districto em sua casa, e aqui consigno mais uma vez o nosso reconhecimento pelos cuidados que todos lhe merecemos e pelos seus innumerados obsequios.

## Organisação e material da expedição

### Meios de transporte

#### Carretas:

Para o serviço da expedição tinham sido contratadas tres carretas, uma puxada por bois e duas por burros; a primeira com quatro bois e as restantes com quatorze burros cada uma. Alem d'esses, Hiron, o dono das carretas, levava outra para seu serviço particular puxada tambem por burros.

Todos conhecem a carreta africana; as nossas tinham sido feitas na America e eram de uma disposição analoga d'aquellas em que são transportados os botes das nossas companhias de pontoneiros: de um peso approximado a 800 kilogrammas, podendo carregar de 2,5 a 3 toneladas têm o comprimento de 4 metros umas e 4<sup>m</sup>,5 as maiores.

Os animaes são atrellados a dois e dois ao longo de uma comprida corrente e guiados por um homem (*leader*) que guia a parelha ou junta a frente e a conduz pelo caminho que julga melhor, ao passo que o carreiro (*driver*) munido de um comprido chicote vae animando os animaes com uma gritaria continuada o que obriga a puxar todos ao mesmo tempo, castigando-os com o seu enorme latego. De tal modo percorrem estes carros todos os caminhos na Africa do sul e têm chegado ao Zambeze, trepando encostas asperrimas, atravessando os rios e encontram no seu caminho, sendo por vezes necessario atrelar-lhes os tiros para passar um ponto difficil, ao mesmo tempo que com as cordas e correias os pretos impedem a carreta de se voltar, o que por vezes acontece.

As carretas são vantajosas sobretudo quando, para commerciar, se quer transportar grande quantidade de mercadorias pesadas, ou para os boers que fazem d'ellas a sua casa de habitação, ou enfim para um serviço em que haja a transportar um grande numero de provisões para uma expedição que não tenha grande mobilidade.

Price, no seu trabalho sobre a Africa oriental «On a new route and new mode of travelling into central Africa», publicado no «Proceedings of R. G. S., 1877», aconselha o transporte por meio de carretas e bois na costa oriental, e effectivamente são bons onde não haja mosca e, ou para individuos que vão estabelecer-se n'um terreno ou para negociar.

Como meio de transporte para uma expedição unicamente de reconhecimento achâmol-o inconveniente. Assim, enquanto seguimos com a commissão boer, em que era necessario permanecer por muito tempo no mesmo sitio a fazer observações, foram-nos vantajosas as carretas,

que se tornaram n'um obstaculo desde que procurámos unicamente seguir avante, obrigando-nos a caminhar vagarosamente e a distrahir uma grande parte da nossa attenção para procurar um caminho para os carros e agua para os animaes.

As primeiras e principaes difficuldades para este systema de transportes dão-se com a mosca *tsé-tsé*, que infelizmente encontrámos desde o rio dos Elephantes até ao kraal de Masibi. A *tsé-tsé*, já tantas vezes descripta, é pouco maior do que a mosca vulgar, castanha, e como que empoeirada, com tres ou quatro raios amarellos no abdomen tendo as azas em vez de divergentes, como as moscas ordinarias, cruzadas sobre o abdomen, e é este um dos signaes mais caracteristicos. Apesar do que contam Chapuzan, Burton e outros, nunca tivemos que soffrer d'ellas, pois raras vezes nos picaram causando a mordedura apenas uma pequena dor.

Em toda a região desde o rio dos Elephantes até ao Limpopo, comquanto em pequena quantidade, e desde o Limpopo (principalmente desde a povoação de Moguzalada) até ao kraal de Masibi, a *tsé-tsé* existe em grande quantidade e por toda a parte a encontrámos, quer no mato por entre o arvoredos, quer na planicie completamente nua. Desde o rio dos Elephantes ao Limpopo não vimos uma unica mosca *tsé-tsé*; comtudo os boers affiançaram-nos a sua existencia e ao chegar ao Limpopo os bois apresentavam já signaes evidentes de terem sido picados.

Segundo Levingstone, a *tsé-tsé* causa a morte do boi, do cavallo e do cão, e alem d'isto, diz ainda no seu trabalho *Le Zambeze et ses affluents*, 1866, traducção de H. Lorsan, que a *tsé-tsé* mata invariavelmente todos os animaes á excepção da cabra, da mula e do burro, insistindo sobre a immuidade do burro apesar de mais tarde lhe morrerem alguns pela mosca. O que é, porém, verdade é que o unico animal que lhe vimos resistir foi a cabra. Uma cadella que traziamos chegou bem até Inhambane, onde foi roubada, de modo que não podemos affirmar, apesar das boas apparencias, se pôde ou não resistir ás mordeduras d'aquelle insecto por muito tempo.

Tinhamos trazido do Natal uma tintura em que predominava o acido phenico e que tinha a pretensão de afugentar a mosca; comquanto os cavallos tivessem sempre sido besuntados com a tal mistura, morreram muito antes de chegar ao Singuetzi; isto os comprados no Natal, porque de dois salgados, comprados já no Transvaal, morreu um da mosca em Chicualacuala. Tudo nos leva a crer que é tambem inefficaz o processo de algumas tribus cafres que esfregam com estrume os seus animaes, contando com que o cheiro afugente a *tsé-tsé*. Não é provavel que se encontre preservativo algum contra

a não ser o progresso da civilização para o interior, que, afugendo os animaes bravios, fará fugir com elles aquella mosca, que não ontrará então com que se alimentar. Do nosso gado, que principiara a ser picado no rio dos Elephantes, os bois e os cavalloos iam já isto fracos e doentes ao chegar ao Limpopo, mez e meio depois; burros, porém, só principiaram a morrer d'ali a tres mezes, mantando-se fortemente a influencia das mordeduras ao chegar a huônhe, quatro mezes e meio depois da partida do rio dos Eleantes, epocha em que tinham já morrido quasi todos os bois e todos os cavalloos<sup>1</sup>.

Alem da *tsé-tsé* ha ainda uma difficuldade para o emprego das carretas, que se encontra geralmente em toda a Africa: é a falta de agua para alimentar uma quantidade numerosa de gado. Este não póde passar mais de dois dias sem beber e não andando uma carreta com bois mais de 12 a 15 milhas em marcha regular; logo que as poças de agua estejam a uma distancia de 30 milhas entre si é muito difficil avançar; uma carreta em geral não poderá andar 40 milhas sem que contre agua.

Temos ainda as difficuldades provenientes do terreno. Desde que o terreno é muito accidentado e irregular, as carretas passam, é verdade, mas á custa de enorme fadiga para o gado, que é necessario descansar em seguida por muitos dias; querendo avançar immediatamente não só nos arriscámos a perdel-o, mas ainda quando tal não succeda, torna-se a marcha necessariamente vagarosa, se o terreno é densamente arborisado e se torna preciso abrir caminho a machado; se a mata se junta ao arvoredado como em todo o caminho do Limpopo a Inhambane, a passagem com carretas torna-se então quasi impossivel.

Na passagem dos rios é preciso por vezes ou deixar baixar as guas ou então desmanchar as carretas, passando-as, com as cargas, em jangadas.

De tudo isto resultam demoras e delongas extraordinarias que tornam impossivel para uma expedição o fazer-se acompanhar de carretas. Do Limpopo a Inhambane gastámos quatro mezes com as carretas e poderiamos ter feito o mesmo trajecto em mez e meio se as não tivessesmos comnosco, mas sim com carregadores sómente ou com burros.

---

<sup>1</sup>No anno seguinte poude poupar um cavallo, esfregando-o de manhã e de tarde com agua phenica a  $\frac{2}{100}$  e seguidamente com iodoformio. Escapou, emquanto que os outros cavalloos que o acompanhavam, morriam em menos de um mez.

### Burros :

Se não achâmos vantajosas para uma expedição as carretas, parece-nos, pelo contrario, o burro o animal mais conveniente para transportes em toda a Africa. Rohlfs empregou-os, levando tres até Lagos no golpho de Biafra, depois de ter atravessado todo o Soudan (*Kufra-Reise von Tripolis nach der oase Kenfra, 1881*).

Os commerciantes de Inhambane empregam-nos para se transportarem, sobretudo os bancanes, á maneira dos mercadores de Darfour ou do Kordofan, e apesar de que Burton, na sua *Viagem aos grandes lagos*, os acha muito incomodos como animaes de sella, é provavel, porém, que os que elle empregou não estivessem habituados ao serviço que d'elles exigiam.

Um burro pôde transportar de 50 a 80 kilogrammas, oito burros podem transportar a carga de um elephante, sem exigir os cuidados e sem custar o preço d'aquelle animal. Durante o tempo em que tinhamos de andar afastados das carretas, como então só dispunhamos de nove carregadores, levâmos sempre dois ou mais burros para cargas, e a experiencia de alguns mezes leva-nos a considerar o burro como um animal precioso na Africa, prestando sempre o melhor serviço. Não obstante ser pequeno, transporta uma forte carga sem se incomodar, desde que se lhe arranjem umas cangalhas para evitar que seja ferido, o que daria logar a perda de tempo, pela difficuldade da cura. Quando carregado a dorso percorre facilmente 8 leguas por dia, passando pelos caminhos estreitos e sinuosos dos pretos. Não requer grandes cuidados pela sua alimentação, qualquer bocado de palha que se encontra no caminho lhe serve; chegado ao acampamento e solto elle lá vae procurar o que lhe convem; e por mais de uma vez, quando já desesperavamos de encontrar agua, eram os burros que a iam descobrir. Entretanto é de toda a vantagem alimentar-os convenientemente, parândo nos sitios onde haja bom pasto.

Se não é indifferente á picada da mosca *tsé-tsé*, soffre, comtudo, muito menos que o boi; pelo que succedeu durante a nossa viagem, reconhecemos que o burro pôde restabelecer-se facilmente das mordeduras d'aquelle mosca, quando tenha atravessado com rapidez a região invadida por ella, sob uma boa alimentação. Por exemplo, na foz do Pafuri, onde não havia mosca, os burros que já vinham mordidos e fracos, depois de comerem algum milho, achavam-se em doze dias promptos a partir de novo.

Se compararmos o burro com o carregador indigena, tem aquelle ainda extrema vantagem; não só carrega mais, mas não consome como o preto a carga que transporta, ainda que o preto levasse só mantimentos para si (30 kilogrammas de arroz, maxima carga na costa

ental) não poderia carregar mais do que o necessario para comer ante um mez. O burro anda mais devagar, é verdade, no entanto do a nossa marcha regular de seis horas por dia, das cinco ás nove as a. m. e das duas e trinta ás quatro horas e trinta p. m., nunca etardámos pela sua demora; se algumas vezes não chegava connosco, ca decorria alem de uma hora que elle nos não alcançasse no acamento.

Se os burros que traziamos, em logar de vir atrelados ás carretas ssem carregados a dorso, transportariam menos carga, mas teriam avessado a região da mosca em pouco mais de quinze dias e seriam vos em Inhambane com uma boa alimentação. O que é certo é que burros que carregavam a dorso para nos acompanhar, apesar de ssarem ás vezes quarenta e oito horas sem agua, carregados com i peso de 50 kilogrammas, apresentavam-se a breves dias com meir aspecto do que os que tinham ficado nas carretas.

#### Cavallos:

Tinhamos levado de Lourenço Marques quatro cavallos e uma ua, e foram em seguida comprados mais dois.

O cavallo em Africa só muito tarde poderá ser empregado na região central; encontra-se e dá-se bem no Soudan e na Africa austral, mas a *horse sickness* e a mosca impedem a sua propagação na frica intertropical. Quatro morreram da *horse sickness*, um pela mosca e o ultimo por um leão. Alguns d'elles nem chegaram a ser contados.

A egua, apesar de não ser salgada, não foi acommetida pela *orse sickness*, comquanto passasse dos cuidados da cavallariça, em que ivia em Lourenço Marques, para a dura vida do mato.

Varios cavallos em Lourenço Marques vivem nas mesmas condições sem nunca ser atacados pela doença, e parece que se vão aclimando pouco a pouco.

Seria curioso e importante ensaiar a criação de cavallos no districto, empregando para isso os animaes já aclimados; se tal criação fosse possivel seria um grande recurso para a provincia.

#### Bois:

Dos dezenove que levavamos dois chegaram a Inhambane, ainda que mordidos e doentes; estes dois nunca puxaram as carretas e tinham passado mais de tres mezes sem serem mordidos pela *tsé-tsé*. Entretanto mostravam todos os indicios de terem sido mordidos; emma-precimento progressivo, engorgitamento do pescoço, o pello um pouco rizado e sem brilho.

**Carregadores :**

Nada nos parece util dizer aqui, pois já muitas vezes têm sido descriptos os inconvenientes d'este meio de transporte. O que devemos acrescentar é que a difficuldade em arranjar carregadores é cada vez maior, difficuldade que se vae accentuando progressivamente em toda a costa oriental de Africa.

**Instrumentos de observação:**

Para a determinação das latitudes e longitudes levámos os seguintes instrumentos:

Um theodolito Eliot, de 6 pollegadas, dando 10' no vertical.

Dois sextantes.

Dois horisontes artificiaes, sendo um de mercurio e outro de vidro negro.

Tres chronometros, sendo dois pequenos de Cha. Frodsham, de Londres, e um grande de marinha, de Cazella.

Para as demais observações, alem de bussolas de algibeira, levámos:

Duas bussolas de mineiro.

Tres barometros aneroides, compensados.

Um barometro aneroide, ordinario.

Um thermometro padrão.

Um thermometro de maxima.

Um thermometro de minima.

Dois binoculos.

Uma machina photographica.

O theodolito Eliot com prisma prestou um esplendido serviço, pondo-se rapidamente em estação e não sendo necessario rectificá-lo senão a longos intervallos. Observava os angulos verticaes perfeitamente até 90° e pela rapidez da inversão, que se fazia em poucos segundos, prestava-se muito bem a uma observação rigorosa de latitude. O mesmo não podemos dizer do sextante, que era muito menos exacto e sobre o qual a influencia da temperatura exercia grande acção, de modo que o erro do instrumento variava muito na mesma occasião da observação.

O horisonte artificial de mercurio servia bem, substituindo este liquido por azeite; quanto ao de vidro desnivelava-se continuamente pela acção do calor sobre o suporte metallico.

Para o effeito do transporte, o sextante e o horisonte artificial pesam menos de certo, mas pelos cuidados que exigem constituem quasi por si só uma carga, o que igualmente succede com o theodolito que a final tem sobre aquelle instrumento a grande vantagem de poder ser-

vir em todas as epochas do anno e em todas as latitudes e para todo o genero de observações, taes como a determinação dos azimuths da agulha, quer com as tábuas de Labrosse, quer pela determinação do meridiano verdadeiro.

A machina photographica, dando chapas de  $18 \times 24$ , compunha-se de uma camara Percken and Sons e uma objectiva Ross. As placas Wratten (sensitometro 19) não davam a rapidez que seria para desejar, o que attribuímos á acção do clima sobre ellas. As primeiras tiradas da caixa de folha que as encerrava ainda davam instantaneos; quando, porém, passavam alguns dias depois de aberta a caixa exigiam, para paizagens grandes, uma exposição de dois segundos pelo menos.

A camara, apesar de exposta ao sol, nunca fendeu, conservando-se sempre perfeitamente vedada á luz; bem assim os caixilhos.

Para evitar a difficuldade do transporte das chapas com a imagem latente, fazia-se logo a revelação por meio do revelador Mercier, de uso muito facil e commodo, podendo em seguida ser acondicionadas com facilidade.

#### **Armamento:**

A expedição levava seis armas Colt. São ellas, como todas as armas de repetição, de uso muito difficil no mato, sobretudo em terrenos geralmente formados de areia; é quasi impossivel evitar que esta se introduza no mechanismo, tornando-a inutil ás vezes na occasião em que mais é precisa. Alem d'isto as balas não têm penetração alguma; sobre os differentes antilopes a que se atirava pouca acção tinham; de dez animaes feridos caía um. O extractor, de um só dente parte-se com facilidade, deixando o envolvero vasio no cano. Serão comtudo boas para guerra contra pretos quando manejadas por brancos e sendo limpas repetidas vezes.

Comparando os diversos systemas de armas usadas por nós e pelos boers convencemo-nos que a unica arma actualmente vantajosa para a Africa do sul é a Martini Henry, que apresenta predicados recommendaveis. O seu mechanismo é solido e simples, permittindo o seu uso mesmo quando suja; são de grande alcance e póde-se atirar com bala endurecida ou com bala explosiva. Depois ha ainda toda a facilidade em encontrar em toda a Africa cartuchos para estas armas, o que não succede para as outras.

Evidentemente nos queremos referir só a armas ordinarias empregadas para expedições, pois são de certo melhores que as de Martini Henry qualquer das que fabricam exclusivamente para Africa os espingardeiros de fama, como Fauré Lepage, de Paris, ou Greener, de Londres.

Alem das armas Colt levavamos ainda espingardas caçadeiras. D'estas quaesquer servem sendo boas e sobretudo de dois canos, um meio e outro completamente estrangulado (*half chock e full chock bored*).

#### Acampamento:

Tinha a expedição uma barraca *marquise*, grande, hexagonal, e duas quadrangulares, de secção triangular, ambas francezas, fornecidas pela casa Ferin, de Lisboa. A primeira era solida e vasta, podendo facilmente accommodar duas pessoas, e as segundas mais pequenas, mas igualmente solidas.

São comtudo estas barracas muito pesadas e estragam-se facilmente; as usadas pelos boers pareceu-nos mais vantajosas e adequadas ao clima; eram mais frescas do que as nossas, que peccavam por excessivamente quentes. A barraca boer era de fórma conica, levantada n'um mastro de 5<sup>m</sup>,5 de altura descia até a 1 metro do solo: este intervallo, que durante o dia se conservava aberto tornando a barraca muito fresca, era á noite fechado por um roda-pé que se acclchoteava em volta, sendo ainda calafetado com palha qualquer pequeno espaço que ficava entre este e o solo. Esta barraca, que accommoda facilmente seis pessoas, é facilmente transportada por dois homens, um leva o mastro e a parte conica e o outro o roda-pé e accessorios. Sem ter o aspecto luxuoso das nossas, tinha comtudo a solidez bastante para resistir por mais tempo e ainda a facilidade de ser concertada quando estragada. Era impermeavel como as nossas, mas por causa differente; as nossas eram devido ao tecido de que eram formadas, a boer pela grande inclinação da parte conica, embora feita de algodão ordinario.

As mesas, bancos, cadeiras, etc., que acompanhavam as barracas, tudo ficou quebrado e inutilizado em pouco mais de um mez. Emquanto ao trem de cozinha foi o mais resumido possivel: todo de ferro esmaltado durou até á chegada a Inhambane.

As camas de viagem que trouxemos, fabricadas na Europa, eram pouco praticas e pouco solidas, alem de incommodas; n'um mez ficavam rotas mais ou menos. Em geral procuram tornal-as leves e d'ahi a sua fraca resistencia.

Os *burros* que se fabricam em Moçambique e Quelimane são mais duradouros e mais commodos, embora maiores e mais pesados que aquellas camas; são formados por dois varaes ligados por lonas ou pelles e esticados por dois pés de tesoura a que são presos por cordas. Para o transporte enrola-se, e um homem o conduz facilmente, apesar da sua fórma alongada.

### Alimentação :

Geralmente todo o viajante partindo para o interior da Africa leva consigo uma enorme carga de alimentos ; pela nossa parte, ainda inexperientes e sem conhecimento da região que tinhamos de percorrer, ímos no mesmo erro. Hoje, tudo quanto se possa imaginar para uma mesa se encontra conservado em latas : sopas, peixes, carnes, galinhas, guizados de toda a especie, fructas, doces, puddings, etc. Ao incipio vaes tudo muito bem, mas dentro em pouco tempo já se não podem ver nem aturar as latas ; a vista d'ellas é sufficiente para vencer o appetite mais robusto.

Todas as latas contêm umas cousas do mesmo sabor e do mesmo preço ; as fructas de conserva e o atum de escabeche quasi não fazem differença no fim de um certo tempo. Alem d'isto a repugnancia e a desconfiança mais se accentua á medida que entre as latas que se rem vão apparecendo algumas em mau estado.

D'ahi a convicção que hoje temos de que para o mato quanto menos latas melhor, devendo exceptuar as de temperos, manteiga e leite condensado ; bem como os mólhos inglezes para temperar as carnes de caça que sempre se encontram no mato. A farinha, o baking-powder, café e o chá são indispensaveis e ainda as numerosas especies e qualidades de farinhas nutritivas e de facil digestão que se vendem no mercado.

Carne ou peixe raras vezes deixa de se encontrar ; se não ha caça ou ossa sempre se matam alguns pequenos animaes ou algumas aves ; que um viajante se póde alimentar, e quasi todos os rios com agua corrente têm peixes ; em todo o caso antes a farinha de milho dos rios do que essa enorme quantidade de cousas em latas cuja origem não conhece e cuja digestão nem sempre é facil.

Em terreno habitado pelos cafres não se morre de fome ; ordinariamente encontra-se o milho, a mandioca, o pombe, etc., são alimentos sadios, se não appetitosos ; mas em regra poder-se-ha affirmar que raras vezes o viajante se vê em regiões tão inhospitas que não sejam habitadas por quaesquer animaes, e a abundancia de caça coincide geralmente com a ausencia de habitações.

Em compensação deve-se levar sempre boas armas e munições em abundancia <sup>1</sup>. Os boers assim procediam, por isso a sua mesa era lu-

---

<sup>1</sup> As armas que levára de Lisboa, fornecidas pela casa Zemberton, e bem assim o cartuchame, eram de pessima qualidade, rebentando algumas armas, emquanto que o cartuchame, alem de mal carregado, não cabia na culatra de algumas das armas a que era destinado.

xuosa em comparação com a nossa; ao passo que na sua tinham os melhores bocados das peças de caça que abatiam, tínhamos nós, ao principio, latas e sempre latas, até que resolvemos mudar de systema e deixar de parte os salmões e o *corned-beef* de conserva.

E depois a liberdade de acção. De uma expedição que saía de Quelimane, cujo chefe era comtudo habituado aos trabalhos do sertão, soubemos nós que levava quinhentos carregadores<sup>1</sup>. Entre outras cousas levavam 400 litros de vinho, assucar, latas de toda a especie, etc. Não levavam comida para si, nem instrumentos de astronomia ou topographia; iam unicamente destinados ao transporte de mantimentos e bagagens de dois viajantes. D'aqui a necessidade de seguir só pelos sitios povoados para adquirir a enorme massa de alimentos precisos, tendo muita vez de estar á espera dos carregadores e demorados para substituir os que se extraviaram, etc. É verdade que com tudo isto ha anno e meio que estão a caminho e ainda não principiaram a andar.

Em contraposição dois ou tres brancos acompanhados de trinta a quarenta pretos podem emprehender uma qualquer viagem a toda a parte da Africa andando rapidamente e sem serem embaraçados. Hoje não se fazem por outro modo as viagens no interior da Africa do sul; e de certo Mauch, Erskine e tantos outros não se faziam acompanhar pelos verdadeiros exercitos que hoje vão em qualquer pequena expedição nossa. Não me refiro, é claro, ás grandes travessias que devam durar annos e que portanto exigem que se levem os generos necessarios para a compra de mantimentos para o pessoal.

#### Filtros :

Levavamos filtros de carvão e filtros francezes. Não nos foram de vantagem alguma. Quando a agua era de má qualidade os filtros entupiam-se, adquiriam mau cheiro e davam depois á agua um mau sabor — Alem d'isto os tubos de caoutchouc ficavam bem depressa inutilizados —

Portanto, os filtros ou não funcionavam ou funcionavam mal; os poros do carvão enchiam-se de argilla, a agua passava lentamente dentro em pouco cessava de correr. Demais, as materias organicas que ella continha depositavam-se e impregnavam o filtro de um cheiro repugnante no fim de alguns dias, tornando-o susceptivel de communicar propriedades insalubres ás aguas que filtrava mais tarde.

Tivemos, pois, sempre a precaução de beber a agua fervida com chá ou café. Comquanto a ebullicão da agua tenha, segundo Dutreux, o inconveniente de expulsar o ar e concentrar os saes, é em todo o

<sup>1</sup> Tres vezes voltou para trás e a final não seguiu.

de um facil uso e de um grande recurso. Se a ebulição concentra e expulsa o ar, tem a vantagem de matar os germens vivos e expulsar os gazes putridos de que estão impregnadas as aguas de qualidade. Em Africa ha tambem o systema empregado por muitos untar á agua algumas gottas de rhum ou whiskey, o que, mascalo-lhe o gosto, lhe não tira nenhuma das más qualidades.

A precaução que sempre tivemos de ferver a agua e de tomar sulde quinino como preventivo, permittiu-nos passar incolumes uma região vasta desprovida de aguas correntes, e em que haviam lagoas e rios muitas vezes com agua perfeitamente infecta e suja; enquanto quasi todos os nossos pretos caíam com febres.

Para as aguas muito más seria ainda mais efficaz e agradável o filtral-as com um pequeno alambique, juntando-lhe em seguida os meios necessarios. Fonssagrives aconselha por metro cubico 4<sup>gr</sup>,8 de chloreto de sal marinho, 3<sup>gr</sup>,4 de sulfato de soda, 48 grammas de bicarbonato de cal e 14 grammas de carbonato de soda. Em muitas occasiões lastimámos não ter levado connosco um alambique, pois que fomos convencidos, sendo de facil transporte, será sempre de grande vantagem no interior.

### Terrenos percorridos e vias de communicação

#### Considerações geraes

Segundo as instrucções que nos foram dadas devemos informar acerca da possibilidade do estabelecimento de meios de transporte nos districtos de Lourenço Marques e Inhambane, na parte por nós percorrida, bem como quaes as condições do paiz e facilidade do seu aproveitamento.

As vias de transporte são necessariamente destinadas a facilitar o desenvolvimento da industria e agricultura, bem como o commercio no interior, e portanto parece-nos util apresentar resumidamente aqui algumas considerações sobre aquellas regiões que de preferencia deverão ser attendidas, e em que as vias de communicação a estabelecer poderiam ser de um vantajoso resultado economico.

No Transvaal temos, alem da zona ao longo da fronteira, o Zoupsberg e o Murchison Range pelo seu commercio e pelo desenvolvimento mineiro que promettem, especialmente o ultimo. Em territorio portuguez tomamos o valle do Limpopo, o Biléne e a zona em redor de Inhambane.

Ha, porém, um obstaculo serio á possibilidade do estabelecimento

de vias no territorio portuguez desde a costa ao alto Save, e que convem remover antes de tudo.

Para podermos ir construir estações no interior para a navegação, ou caminhos de ferro, ou estradas, é necessario que esses diversos meios de transporte se não transformem em onerosos encargos para o estado, e, portanto, é preciso que no interior o commercio e as industrias se possam estabelecer pacificamente, e que os cafres possam ser aproveitados para os trabalhos que o branco não pôde fazer pessoalmente. Está, porém, o districto de Lourenço Marques em grande parte e o de Inhambane sujeito ao regulo Gongunhama, chefe que diz ser d'aquella região e que na realidade o é, apesar da bandeira portugueza estar por vezes içada junto da sua palhota.

Não é por falta de repetidos roubos e assassinios commettidos em territorios portuguezes, e das repetidas instancias que da colonia tenham sido feitas ao governo da metropole, que essa familia de vatuas tem continuado livre a exercer o seu absoluto poder sobre aquellas terras.

Em 11 de junho de 1867 dizia o governador Tavares de Almeida: «É preciso convencer o Muzilla da necessidade de retirar das nossas terras os tacs seus secretarios, que não são mais de que uns tyrannos que nos roubam a nós e aos povos que elle lhes confia. É certo que de grande vantagem seria a redução prompta e energica dos vatuas a uma obediencia forçada e completa, sem dependencia de nenhum grande potentado que os domine e dirija, seja elle Muzilla, Mauéva ou outro qualquer.» (*Boletim official* da provincia.)

São effectivamente os vatuas uma raça selvagem, forte e numerosa que, sob o Manicusse e seus antecessores e ultimamente ás ordens de Muzilla e Mauéva, têm levado sempre a devastação aos regulos, quer independentes, quer sujeitos a Portugal, de modo que mesmo estes depressa se acham sob o dominio d'elles.

Qualquer que seja o chefe que os domine e por grande que seja sua influencia pessoal, a dependencia em que está de muitos subalternos poderosos e a vasta extensão dos seus territorios impedem que n'elle se possa depositar a menor confiança, ainda que elle seja o mais sincero possivel e animado das melhores intenções.

Os secretarios roubam para o chefe e sobretudo roubam para si por fim ha de ser absolutamente necessario, para não perdermos de todo o nosso prestigio onde o temos ainda, bater esses individuos para proteger os nossos regulos vencidos por elles.

Os vatuas fazem ainda hoje as suas excursões por todo o districto de Inhambane e grande parte do de Lourenço Marques; e todos sabemos que ainda ha bem pouco tempo esteve Inhambane para lhe caí nas mãos.

No interior os homens e as mulheres são roubados e assassinados em o menor escrupulo, segundo os caprichos d'aquelles individuos; e é junto á villa de Inhambane succede a mesma cousa.

Com semelhantes casos como poderemos, nós portuguezes, querer conservar prestigio sobre os povos? Como poderemos afirmar que o terreno é nosso e elles nossos vassallos sem que vamos confessar ou que somos fracos ou cúmplices?

Desde a fronteira do Transvaal a Inhambane que ouviamos sempre as mesmas queixas.

—Porque têm fome?

—Gongunhama roubou-nos tudo.

—Porque estão abandonadas estas povoações?

—Fugiram todos quando chegou a gente do Gongunhama.

—Quem queimou aquella povoação e deu cabo dos seus habitantes?

—Gongunhama, e sempre o Gongunhama!

D'ahi o desassocego dos cafres e o pouco cuidado com que tratam as suas culturas e, finalmente, a fome que sobrevem. Não é necessario cultivar, porque o Gongunhama vem depois colher, e tanto mais se não pôde occultar o que a cultura produziu, por isso que pela extensão do terreno arroteado calculam os vatuas a sua produção covavel.

Junto do Gongunhama ha é verdade uma intendencia de negocios indigenas para superintender sobre elles, imagino eu. Devemos, porém, saber que, quando ali passámos, era a intendencia representada por um professor de instrucção primaria, natural da India, que não entendia nem fallava o vatua! Em compensação achavam-se ali permanentes dois inglezes e uma ingleza, que entretinham frequentes relações com os vatuas principaes.

O facto dos intendentes de negocios indigenas não entenderem o vatua tem grandes inconvenientes, podem elles imaginar-se facilmente; uma das grandes reuniões que tiveram logar no Bilene sob a presença do intendente geral e a que assistiram os inglezes, estes dirigiam-se aos pretos em vatua que fallavam perfeitamente emquanto que elle nem fallava o vatua nem outra qualquer lingua em que se fizesse perceber directamente. Imagine-se como seriam facilmente logrados os nossos representantes pelos interpretes, em quem se não pôde ter grande confiança pela disposição que em geral tem o preto para vir ou enganar o branco, segundo os seus interesses.

O que é certo é que a influencia dos intendentes, em nossa opinião, é nulla ou quasi nulla; mesmo quando juntos ao Gongunhama o é maior de certo do que a dos intendentes do alto Save e de

Zinteve, onde os titulares nunca foram, nem saberão talvez onde ficam as regiões em que *superintendem*. O que contém o Gongunhama do nosso lado é o réceio que tem de soffrer uma sorte analoga a do Catwayo ou do Secocuni, e a certeza de que estando comnosco lhe tolerámos tudo, como o aniquilamento do regulo Biuguana, a guerra no Zavalla, as já habituadas incursões pelo interior de Inhambane, quasi até ás portas da villa, e tudo isto adoçado ainda com os numerosos presentes que de nós recebe. Com os seus repetidos ataques aos regulos da corôa, com ou sem permissão nossa, não importa isso porque o resultado é o mesmo, que influencia nos fica sobre os cafres?

O regulo Savanguana em Inhambane, foi batido pela gente do Gongunhama, quando este descia para o Bilene; com licença nossa não foi de certo, porque lá morreram dois ajudantes das terras nossos, e o susto foi tal na villa que houve idéas de a abandonar.

No Inharrime, pouco antes da nossa chegada, o commandante militar, ao saber da approximação dos vatuas (eram dois) fugira deixando a bandeira içada e a artilheria carregada!

Entretanto trouxera comsigo um rebanho de cabras, que lhe eram mais queridas que tudo quanto abandonava. Se os nossos representantes têm tanto medo dos vatuas e tão pouca confiança nos intendentes do Bilene, como nos poderemos admirar que os pretos reconheçam o Gongunhama como seu unico senhor? Elle é a unica pessoa de que se ouve fallar por toda a região percorrida por nós. — «Está com elle alguma gente branca», dizem os pretos, mas o que é verdade é que a sua influencia não é bastante para minorar sequer os preconceitos dos vatuas que os levam a praticar todos os desvarios e crimes.

Masibi, regulo de Inhambane, disse-nos que se não considerava já regulo portuguez, mas sim do Gongunhama, porque este mandar lhe, ia uma guerra se elle não pagasse os impostos que lhe lança. E a influencia portugueza que era grande, muito grande, na epocha do capitão mór das terras João Loforte, cujo nome ainda hoje é lembrado para alem do Limpopo, vae diminuindo precipitadamente de modo que hoje pouco mais se estende alem das ruas da villa.

Tudo isto desapareceria desde que aquelle regulo fosse batido, o que de certo se fará mais cedo ou mais tarde, se nos quizermos conservar n'esta parte da Africa oriental, Inhambane e Lourenço Marques.

E não se julgue que seria difficil em extremo levar a cabo uma empreza d'estas: desde que nos revoltassemos com decisão contra o Gongunhama teriamos comnosco todos os regulos principaes de Lourenço Marques e Inhambane que representam uma força importantis-

simas; enquanto que aquelle potentado, encurralado no Bilene quando se lhe cortasse o caminho pelo norte, estaria em pouco tempo completamente á nossa disposição. Temos ainda o Limpopo como um bello caminho que nos permitiria ter sempre livre uma linha de comunicação segura para a cosia e onde nunca poderíamos ser cortados, e bastar-nos-ia sustentarmo-nos bem em alguns pontos importantes entre o Bilene o o Limpopo e este e a costa para acabar com o dominio orgulhoso dos vatuas.

Passados os criticos momentos por que estão passando as nossas colonias africanas, julgâmos a occasião mais apropriada para acabar com o Gongunhama, evitando assim sérias complicações futuras.

No Transvaal tem elle, segundo diz, algumas povoações em terreno que lhe pertence: na primavera de 1890 mandou ali arrasar e queimar algumas, matando os seus habitantes. O governo do Transvaal ha de certamente pedir que se obste a taes depredações e que sejam castigados os seus auctores: que fazer então?

Não desconhecemos a influencia pessoal que o actual intendente geral tem sobre o Gongunhama, mas fosse ella cem vezes maior, fosse o regulo o nosso melhor amigo, que as cousas seriam sempre o que são. Os vatuas farão sempre o que quizerem, contando mesmo com os outros pretos que longe de os julgar nossos vassallos, convencidos até do contrario, os auxiliarão em tudo.

Para aproveitar as magnificas regiões de que podemos dispor, a primeira cousa que ha a fazer é tornarmo-nos senhores effectivos d'ellas. Depois obrigar os indigenas ao trabalho, o que se conseguirá facilmente com a presença de brancos e logo que se lhes proporcione as mesmas vantagens que a custo de longas viagens vão adquirir no Transvaal e no Natal.

Hoje não emigra um só preto de Lourenço Marques, onde encontra recursos para satisfazer todas as suas necessidades, apesar d'estas terem augmentado consideravelmente. O mesmo succederá ali logo que o preto tenha a certeza de que o que ganhe é seu, o que se não dá agora, nem se dará... por quanto tempo?

Do Incomati ao Limpopo o terreno pouco ou nada varia. Extensas planicies do lado Transvaal se vão seguindo umas ás outras até vir encontrar os Libombos e n'ellas a vegetação é sempre rachitica e nfesada. Por toda a parte a palha e as arvores espinhosas habituaes l'esta região, encontrando-se estas ora espalhadas ora reunidas formando mattas cerradas, sobretudo nas partes montanhosas. Geralmente não se encontram grandes arvores senão junto dos cursos de agua, exceptuando os baobabs que crescem por toda a parte para o norte do rio dos Elephantes. De quando em quando encontram-se

- largas extensões, quasi sem arborisação alguma, formando bellas pastagens onde a caça se encontra abundante, principalmente na ccação em que a palha nova começa a crescer.

Do lado de Lourenço Marques para oeste do Limpopo a região mais baixa apresenta o mesmo aspecto até ao rio dos Elephantes, emquanto que para o norte d'este rio o terreno é sobretudo accidentado e coberto de arvoredo na margem direita do Limpopo.

O terreno comprehendido entre os Libombos e o Incomati, atravessado pelo rio Sabie e cortado por pequenas ribeiras, com excellente agua, é fertil e salubre. O monte Kuluman ergue-se no meio de vastas planicies boas para qualquer cultura e até para creação de gados: não existe n'aquella região a mosca *tsé-tsé* e grande numero dos cafres que ali habitam têm gados; alguns chefes têm cavallos.

No baixo Limpopo dominam as doenças palustres depois dos calores e das chuvas do verão quando se produz a evaporação das superficies telluricas previamente inundadas e aquocidas. Alem d'isso a pequena altitude do terreno acima do nivel do mar e a sua constituição impedem que ali se possam estabelecer os europeus de um modo definitivo; e apesar da sua extrema fertilidade parece-nos mais regular transportar para os pontos elevados todos os esforços de colonisação, restringindo o mais possivel a occupação dos postos do litoral pelos brancos, em locaes onde só deverão ser empregados os pretos e os mulatos.

A medida, porém, que se sobe o rio as más condições da costa vão-se modificando, ao longo das margens vão-se levantando colinas cujo solo silicioso e inclinado evita o deposito e a infiltração das aguas ao mesmo tempo que as margens do rio se vão apertando de modo que durante grandes extensões as aguas das cheias não se podem espalhar por grandes espaços, onde, ficando contidas ao retirar-se nas concavidades do terreno, possam constituir outros tantos pantanos charcos, como succede para jusante.

Verdade é que a costa e sobretudo a foz do Limpopo é mais favoravel ao commercio, aos transportes maritimos e á conservação de postos occupados; e por outro lado não deve haver o receio de falta de transportes e de estradas, ou o receio dos cafres, por isso que o rio póde prestar-se ao estabelecimento de um serviço fluvial facil economico como veremos.

A difficuldade ou impossibilidade de permanencia, que constitue fundo da historia das nossas tentativas de colonisação na costa oriental, tendo as suas causas geraes n'um paludismo muito activo, além da ignorancia das mais elementares regras de hygiene, não poderá ser removida senão desde que se fugir da costa e da foz dos rios para

ettrar no interior, e aqui as principaes difficuldades, que são as provenientes da deficiencia de transportes, poderão, como dissemos, ser facilmente vencidas.

O Limpopo corre sobre um largo leito de areia siliciosa e entre rrgens onde se elevam aqui e alem por vezes até 300 ou 400 me-s altas collinas formadas geralmente por conglomerados compostos bocados de quartzite rolados e alguns fragmentos de rochas da ião, ligados por um cimento silico ferruginoso e por vezes argil-o. Ao longo das vertentes d'essas collinas as aguas correm rapida orrencialmente, e d'isso são prova os immensos affluentes d'aquella te do Limpopo, que, comquanto correndo em pequena extensão, esentam um leito de areia fina, muito largo, apesar de secco na maior te do anno. As poucas aguas ali retidas filtram-se facilmente através erreno geralmente secco e bem batido dos ventos dominantes.

N'um qualquer d'estes pontos, que frequentemente se apresentam, liam ser estabelecidas as estações portuguezas, e ali os individuos e tivessem de se expor pelas necessidades do trabalho agricola, ou ro, ás más condições do clima, retomariam novas forças ao abrigo, grande parte, dos miasmas telluricos e da humidade local.

Todo o valle do Limpopo, quer como via de comunicação e com-rcio, quer como região agricultrar, podia ser aproveitado e fornece- grandes elementos de riqueza, pois não só permite o estabeleci- nto do europeu no interior, sendo elle mesmo uma via de commu- ação, como tambem todo o terreno que o cerca é imminantemente prio á cultura da canna, do café e de todos os outros generos de ntações.

Alem dos terrenos do Incomati e do valle do Limpopo temos ainda onsiderar os que constituem as ferteis e ricas regiões do Bilene e r arredores de Inhambane.

O Bilene é rico, povoado e facilmente se encontrariam ali os bra- necessarios para o trabalho; a agua é sempre abundante e por o elle se vêem matas de esplendido arvoredo, cujas abertas for- m enormes e ferteis campos de cultura. Se se não encontram ali ndes altitudes, em compensação o clima é relativamente bom, fi- do proximo de Inhambane, um dos pontos mais salubres da sa Africa oriental, e onde se vêem individuos europeus estabele- os ha mais de vinte annos e mesmo trinta, resistindo victoriosan- te ao clima, não obstante uma vida activa passada sobretudo no erior do districto.

De Inhambane ao Ualuisé o terreno tambem se presta á cultura creação de gado, principalmente perto da villa, pois que para alem Anhuônhe a mosca *tsé-tsé* principia a apparecer.

A borracha e o café produzem ali quasi expontaneamente, e o asucar, o cajú, o tabaco e todas as outras qualidades de plantações teriam probabilidades de exito.

Em todos estes terrenos faltam, porém, as communicações e o dominio effectivo nosso. Com effecto, em Inhambane queixam-se os moradores da falta de braços, e entretanto emigram para o Natal por terra e por mar milhares de cafres, que prefeririam trabalhar no districto se ali obtivessem as vantagens que têm no Natal; não o dinheiro, pois em Lourenço Marques os salarios são maiores que no Natal e elles não vão para ali; mas a confiança nos patrões e a impossibilidade de andarem constantemente embriagados.

Occupado o Limpopo até Chicuala-Cuala por uma serie de postos solidamente occupados e ligados entre si pelo rio, e unido do mesmo modo o Bilene com Inhambane e com o Limpopo, teriamos assim uma facilidade bastante grande para conhecer quaes os terrenos onde nos poderiamos estabelecer e aptos para a cultura ou para a criação de gados, e esses terrenos dados a individuos, portuguezes ou não, habituados á vida do interior da Africa, constituiriam outros tantos nucleos onde poderiamos assentar as bases de uma effectiva occupação, tirando, emfim, dos nossos terrenos da Africa as vantagens que elles nos podem offerecer.

Já em 6 de dezembro de 1861 João Albasini, que muito bem conhecia os districtos de Lourenço Marques e Inhambane, escrevia para o governo da provincia, dizendo:

«A bahia do Inhampura é muito propria para o negocio para o interior por causa dos transportes; uma escuna póde ir 200 milhas pelo rio acima, mas a distancia a que podem chegar pequenos barcos ignora-se.

«Do Zouptansberg á costa ha a mosca *tsé-tsé*, que mata bois, cavallos, gado lanigero e até cães...

«...Dever-se-iam estabelecer povoações nas margens do rio Bembe a sete ou oito dias de Inhambane e de Lourenço Marques; as terras são boas e aptas para o desenvolvimento e cultura do café, assucar e todos os outros generos de plantações.»

Todo o terreno que vae desde o Limpopo (na sua junção com o Pafuri) até ao alto Save e até ao Ualuise, na sua maior extensão não é mais do que um vasto areial insalubre e esteril, do qual se não poderá tirar proveito algum.

Assim resumindo, pareceu-nos aproveitaveis os terrenos do Sabie e Incomati junto a Lourenço Marques, o valle do Limpopo, uma grande parte do Bilene, e a zona em volta de Inhambane n'um raio de umas 50 milhas para o interior, devendo procurar-se desde já oc-

cupar a linha do Limpopo, procurando estabelecer n'ella, ou concedel-o a uma companhia, o transporte pelo rio por meio de um serviço de barcos a vapor.

### Transportes pelo Limpopo

É realmente para sentir que o sr. major Caldas Xavier, a quem tínhamos encarregado do reconhecimento do curso do Limpopo e a quem foram fornecidos todos os meios para o fazer, tivesse seguido para Lourenço Marques e d'ahi para a Beira sem entregar á commissão de fronteiras de que fazia parte o resultado dos seus trabalhos; apenas recebemos d'elle em Lourenço Marques, quando chegámos, um chronometro e um sextante que lhe entregáramos: calculos e observações, que, acreditámos, não deixou de fazer, guardou-os, de modo que é de esperar que não tenham sido inuteis as despezas feitas e os sacrificios que fizemos para do pouco de que dispunhamos no Limpopo ceder áquelle official todos os elementos necessarios para bem poder desempenhar o serviço de que fôra por nós encarregado, e para o qual, devemos dizel-o, elle se tinha offerecido, e esperámos que ao voltar da commissão da Manica enviará ao governo de Sua Magestade o resultado do seu trabalho <sup>1</sup>.

Da nossa viagem e dos esclarecimentos que podémos obter sabemos que até hoje tem sido navegado o rio Limpopo até Chai-chai, e até ahi tem chegado com a maior facilidade o pequeno vapor *MacMahon* que cala 2<sup>m</sup>,5 e póde carregar 200 toneladas. A barra é actualmente abordavel com bom tempo e, comquanto seja de um regimen extremamente variavel, é sempre facil accesso para vapores de pequena tonelagem.

Como meio de transporte teria o Limpopo para nós um grande numero de vantagens que facilmente se comprehenderão desde que se considere qual a extensão do seu curso: vindo de junto de Pretoria passa ao norte do Zouptansberg e corta todo o nosso territorio desde o extremo da fronteira com o Transvaal até á costa.

É um rio que transporta um enorme volume de aguas, mas, como quasi todos os grandes rios da Africa, não se presta facilmente á navegação pelas suas enormes cheias e pela difficuldade ou antes impossibilidade de quaesquer trabalhos destinados a regularisar-lhe o curso.

---

<sup>1</sup> Ao chegar a Lisboa soube que pelo sr. major Caldas Xavier fôra entregue ao governo o relatorio da sua viagem, tendo desempenhado o seu arriscado serviço com o zêlo, intelligencia e coragem de que já tem dado em Africa tão inequivocas provas.

Todo o commercio dos cafres que hoje habitam junto ao Limpopo até muito ao sul de Chicuala-Cuala é feito com Albasini, e só perto do rio dos Elephantes é que se encontram as primeiras succursaes de Cossini e de Lourenço Marques. Todo este trafico, que é relativamente importante, se poderia fazer com Lourenço Marques, augmentando muito mais ainda desde que se facilitassem os transportes.

Do rio dos Elephantes até ao Pafuri o Limpopo não poderia ser facilmente navegado senão por barcos que não demandassem mais de 0<sup>m</sup>,20 a 0<sup>m</sup>,25 de agua, entre a epocha das grandes cheias e a das maiores estiagens, isto é, entre os mezes de abril e setembro. Com effeito, a profundidade da agua é muito variavel, indo de 1 metro e mais a 0<sup>m</sup>,25. O leito do rio, com a largura de 1:000 até 2:000 metros, e algumas vezes mais, divide-se n'uma serie de braços deixando entre si um grande numero de ilhas, e a agua ora se estende sobre uma grande superficie, ora se precipita para seguir por um unico canal, onde a sua velocidade e profundidade augmentam proporcionalmente.

Desde a foz até ao rio dos Elephantes o Limpopo pôde ser seguido por barcos que não exijam mais de 1 metro de agua. D'ali para montante a profundidade do rio diminue muito por vezes, não podendo a navegação fazer-se senão por embarcações de fundo chato, que poderão entre tanto ser facilmente movidos pelos pretos, por isso que não ha quedas de agua.

As margens são cobertas de grandes arvores que, arrancadas durante a epocha das cheias, vem depois encalhar no meio do rio e onde depois se vão accumulando pouco a pouco outros troncos e detritos vegetaes de toda a especie, que produzem ás vezes como que pequenas barreiras parciaes nos braços principaes do rio, o que, sendo um embaraço para a navegação, podem ser facilmente removidos.

A corrente, que geralmente não tem a velocidade superior a 0<sup>m</sup>,5 por um segundo n'aquelles sitios, onde o curso do rio se encosta á margem onde é apertado, ou quando obrigado a estreitar-se entre os ilhotes da areia, é por vezes um pouco maior, chegando a attingir 1 metro por um segundo. Os pretos quando navegam, atravessando o rio nas suas casquinhas, empregam sempre a vara.

O Pafuri ao desembocar no Limpopo tem uma profundidade media de 1,5 a 2 metros, conservando uma altura de agua até algumas milhas a montante d'elle, onde fomos, superior a 0<sup>m</sup>, 5. Junto a Resinga, porém, já o rio apertado entre os rochedos e saltando sobre elles deixa de ser navegavel.

O rio Limpopo, entretanto, pelas condições particulares da sua barra, e sobretudo pela irregularidade do seu regimen e pelas suas

normes cheias, poderá iniciar um serviço de transportes e ser um lemento poderoso para o aproveitamento e civilização dos nossos dois districtos do sul da costa oriental. Por intermedio d'elle seria possível estabelecer-se a navegação entre o extremo norte da fronteira e a osta, mas este serviço ficará sempre sujeito ao regimen do rio, porque é impossivel apropiá-lo, mesmo quando á custa de grandes despesas, e seria sempre defeituoso e incompleto, sobretudo a montante a junção do rio dos Elephantes.

Depois os transportes seriam feitos só até á barra do Inhampura, onde teriam de ser levados a Lourenço Marques e a Inhambane, a menos que não encontrasse um caminho de ferro ou uma estrada para qualquer das duas povoações.

O Inhampura ou Limpopo poderia entretanto prestar grandes serviços á colonisação do interior de Inhambane e de Lourenço Marques nos primeiros tempos, mas terá certamente mais tarde de ser substituído por um outro meio de transporte, que será certamente uma via terrea, a qual, porém, só deverá ser estabelecida quando aproveitado o Limpopo e depois de por meio d'elle a região ter adquirido o necessario desenvolvimento para sustentar e remunerar a sua construcção.

Estabelecido o serviço de navegação pelo rio Limpopo, conviria ligá-lo com Lourenço Marques, ao mesmo tempo que se fariam convergir sobre as estações do rio as estradas que podessem servir o Moptansberg e o Bilene, além das que, irradiando de Inhambane, serviriam toda a região até ao rio Ualuize.

O plateau interior de Inhambane, comprehendido entre o Save pelo norte e o paiz dos Macuacuas pelo sul, é completamente estéril, e, portanto, seria inconveniente effectuar-se n'elle qualquer empreendimento.

#### Caminho de ferro e estradas

O estabelecimento de um caminho de ferro não teria rasão alguma de ser em todo o terreno que percorremos, a não ser do extremo da fronteira para Lourenço Marques, com o fim de fazer convergir para este porto o commercio do interior.

Para Inhambane não haveria rasão alguma, por isso que não só a distancia seria, se não a mesma, talvez um pouco maior, mas as difficuldades de construcção seriam bem superiores, por ter de atravessar todo o plateau, deserto e sem agua, vasto areal, inundado em grande parte durante as chuvas; querendo evitar estes inconvenientes e desviar mais ao sul, alongar-se-ia então muito o trajecto e não haveria vantagem em seguir para Inhambane, onde o porto é sem duvida inferior ao de Lourenço Marques.

Admittindo, portanto, a necessidade de um caminho de ferro no interior dos districtos que percorremos, e a vantagem economica da sua construcção, parece-nos que o seu traçado approximado deveria ser o seguinte:

Partindo de um ponto, escolhido convenientemente, da actual linha ferrea de Lourenço Marques ao Transvaal, poderia seguir sem difficuldade pelos terrenos da Moâmba, indo atravessar o Incomati a jusante da confluencia do rio Sabie. Em todo este trajecto o traçado é facil, seguindo sempre terrenos abertos e planos.

D'ahi seguirá sempre em boas condições em direcção ao norte, através de um terreno sempre regularmente povoado, até atravessar o rio dos Elephantes, junto da confluencia do Singwedzi, cujo valle poderia seguir até cortar as collinas ao norte da portella do rio, onde não seria difficil o traçado, por isso que as ondulações do terreno são pequenas e pouco pronunciadas, achando-se então em territorio do Transvaal e podendo seguir d'ali para Zouptansberg.

Perto do *terminus*, em territorio portuguez, d'esta linha passa a actual estrada de wagons, que de Cape Town segue para a Mashona e Manica, e que nós encontrâmos junto ao monte Zundo; esta estrada passa, segundo nos informaram, a 12 ou 15 milhas da confluencia do rio Letaba com o dos Elephantes.

Este caminho de ferro serviria facilmente toda a região ao longo da fronteira e o Zouptansberg, comprehendendo o Murchison Rouge, que apenas ficaria afastado da linha umas 80 milhas.

Por outro lado a linha serviria ainda toda a região do Bilene até 70 ou 80 milhas para este, desde que se abrissem os necessarios caminhos, isto é, até ao paralelo 34°, pois não é extraordinario suppor que concorreriam ao caminho de ferre todo o commercio de uma area de 120 kilometros em volta das estações, desde que se abrissem estradas para carretas, sempre facis de estabelecer, evitando os locais onde a mosca *tsé-tsé* se acantona.

Do paralelo 34°, em toda a zona em volta de Inhambane, até á costa, qualquer meio de transporte poderia ser estabelecido, podendo mesmo construir-se um caminho de ferro de penetração quando os interesses do paiz compensasse o seu estabelecimento.

Actualmente bastam as estradas para o limitado e acanhado commercio que se faz no districto, onde, havendo carros e bois, se tãe afastado com elles a poucas milhas da villa.

#### Estradas:

As estradas no interior parecem-nos uma das primeiras vias de communicação a estabelecer, por isso que na Africa do sul são de fa

construção, concorrendo muito para o desenvolvimento da  
 ue atravessam; cortadas as arvores, removidas as maiores  
 facilitando bons vaus nos rios, está concluída a estrada. No  
 ado, porém, é que se torna necessario recorrer aos pretos ou  
 os conhecedores do paiz para fugir quanto possivel á *tsé-tsé*,  
 tas vezes só se conhece a sua existencia pelos seus effeitos  
 sos sobre os animaes.

das principaes estradas que, antes de todas, conviria tornar  
 a, é a que de Lourenço Marques conduz ao vau do rio dos  
 tes, onde passa a estrada que do Cabo conduz á Mashona e  
 e por onde se fazem todos os transportes d'aquella colonia, e  
 uarão a fazer emquanto não estiver definitivamente aberto o  
 do Pungue ou da Beira. Esta estrada poderia partir de Ma-  
 onde o Incomati é facilmente navegavel.

stancia entre aquelle vau e Lourenço Marques é bem menor  
 ue vae a Durban, e sobretudo a Cape Town, e com certeza  
 nova estrada, desde que fosse conhecida, seria a preferida  
 transporte de mercadorias para toda a região norte do Lim-  
 de se não encontra a *tsé-tsé*; alem de que poderia servir desde  
 ouptansberg e Murchison Rouge.

em muito raras circumstancias se poderá construir uma via  
 om a idéa de ir desenvolver uma região qualquer da Africa  
 até hoje, aqui, o caminho de ferro tem sempre sido precedido  
 reta; não será economico para uma nação ir ver quaes são os  
 possiveis de uma provincia por um meio tão dispendioso  
 o emprego de uma via ferrea.

misado um serviço regular de navegação no Limpopo, o que  
 barato alem de sufficiente para o estado actual, podendo ainda  
 ara o desenvolvimento do commercio e da agricultura durante  
 annos, o caminho de ferro será mais tarde necessariamente  
 do sem sacrificios de especie alguma.

ue desde já se deveria fazer é a collocação de uma linha de  
 ao longo do rio, que se iriam estabelecendo successivamente  
 a que se fosse reconhecendo melhor as condições em que o  
 ria ser navegado para montante.

as estações do Limpopo deveriam convergir varias estradas  
 uir:

le a antiga povoação do Binguana através das matas que se  
 até á foz do Chengane, que serviria uma vasta area do Bile-  
 deria ser continuada em seguida até Inhambane, ao longo do  
 rrimbe, voltando, desde que chegasse á Poéllélla, para aquella

Uma outra poderia do mesmo modo seguir ao longo do curso do Chengane, inclinando depois para leste, de modo a chegar ás terras de Mazibi. Desde este ponto para Inhambane conviria que fosse conservada a que abrimos com as carretas através o mato, podendo este encargo ser imposto aos chefes cafres das regiões que atravessa.

Ao longo do rio Uanetsi, seria facil atravessar os Libombos por meio de um caminho de carretas, afastado algumas dezenas de milhas da margem direita do rio dos Elephantes até este ser alcançado.

Entretanto, de todas as estradas a que nos temos referido, a que mais importancia merece desde já é a que deve ligar Lourenço Marques com a estrada que passa o vau do rio dos Elephantes, a umas 12 milhas a montante da junção do Letaba, e que é actualmente livre da *tsé-tsé*.

Ficariam assim faceis as communicações através da região mais povoada dos districtos de Lourenço Marques e Inhambane, na parte que conhecemos, sem grande dispendio, por isso que a abertura e conservação de todas ellas poderia ser imposta aos cafres, cada povo nas suas terras atravessadas pelas estradas. Estas vias, alem de robustecer o nosso dominio no interior, serão ainda de grande vantagem no caso de guerra com os cafres, que, a nosso ver, não deveria tardar muito.

#### Observações feitas

As observações das alturas do sol foram feitas em series de cinco, esperando o momento da passagem do bordo superior ou inferior do sol, segundo eram tomadas de tarde ou de manhã, pelo horizontal do reticulo previamente levado pelo parafuso de reclamo a uma altura determinada e que se fazia variar de dez minutos para cada observação.

Durante o tempo necessario para cada serie de observações, que geralmente não excedia a mais de tres minutos, consideravamos uniforme o movimento do sol, de modo que as leituras do chronometro deviam dar uma differença constante entre ellas ou pelo menos muito pouco variavel. Servia-nos isto de verificação, de modo que a serie de alturas era rejeitada quando essa differença attingia dois segundos. Do mesmo modo a media das cinco horas obtidas pelo chronometro era rejeitada quando differia da hora da terceira leitura mais de um segundo. Por esta fórma evitavamos quanto possivel os erros provenientes da observação quer do astro quer do chronometro.

Fizeram-se algumas observações de tempo, pelas alturas correspondentes, que nunca deram bons resultados, pela necessidade de deixar exposto por longo tempo o theodolito ás differenças de temper

tura da manhã para a tarde e ao vento, apesar de abrigado por um guarda sol. Eram, comtudo, estas observações bastante rigorosas para a observação do azimuth da agulha que se obtinha com mais exactidão do que pelas tábuas de Labrosse e sobretudo com menos trabalho.

As observações de latitude foram tomadas com o sextante até aos meados de agosto e eram sufficientemente exactas, não differindo das tomadas no campo boer, onde eram determinadas por observações de alturas de estrellas, feitas com um universal de Siemens.

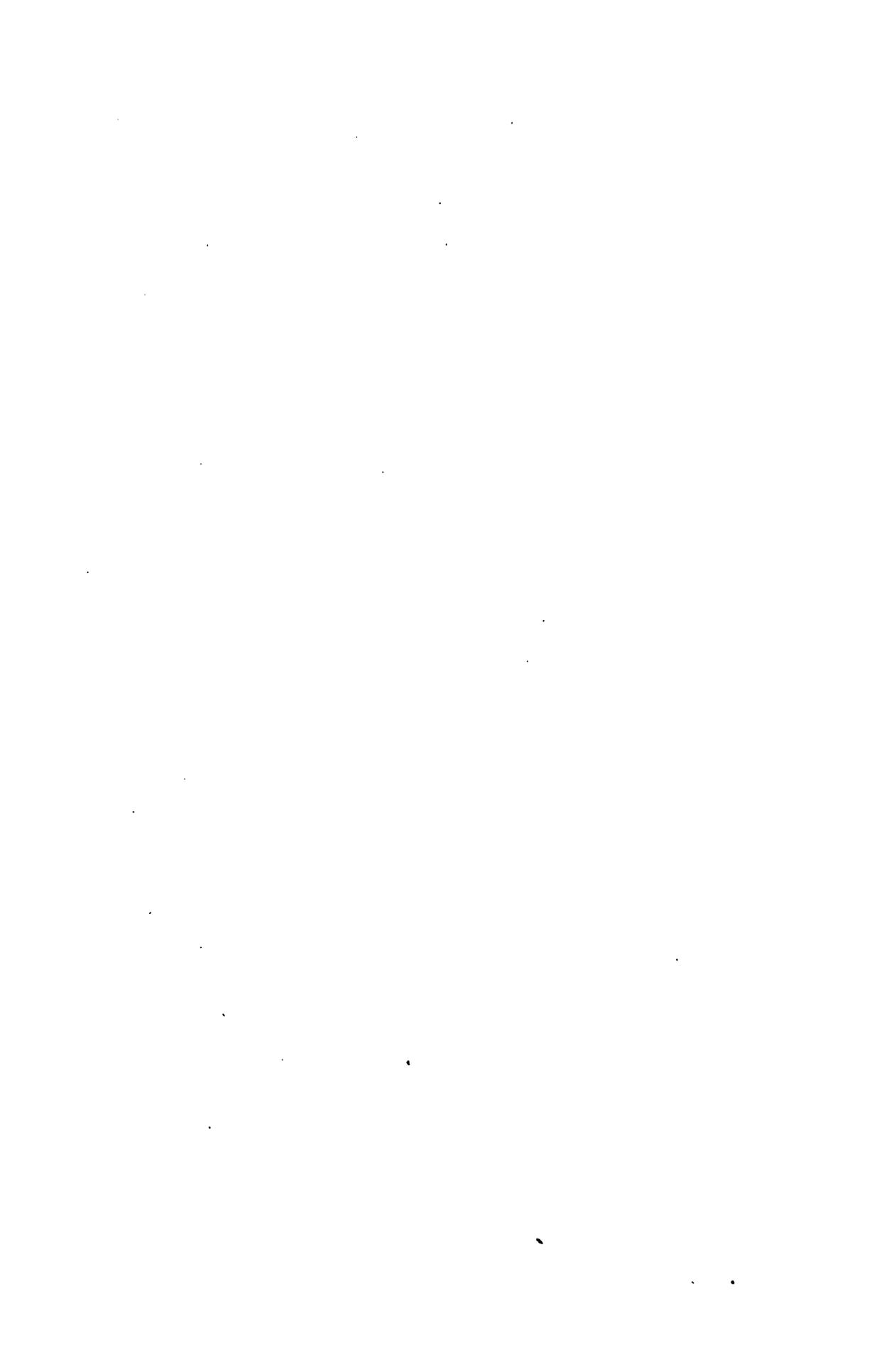
Com o nosso theodolito era muito difficil fazer observações nocturnas; o espelho para a observação dos fios, pela reflexão da luz suspensa lateralmente, ou os illuminava tão fortemente que não era facil distinguir qualquer estrella mesmo da primeira grandeza, ou se se graduava de modo a distinguir a estrella deixavam de se ver os fios com nitidez. Demais, estes que durante o dia eram naturalmente submettidos a um forte calor, estalavam desde que o theodolito era exposto fóra da caixa ao frio da noite.

Depois havia ainda a difficuldade na leitura da gradação por causa da inversão que nunca se podia fazer tão rapidamente que não alcançasse a estrella já fóra do meridiano. O mesmo não succedia quando se observava a latitude pelas duas alturas, directa e inversa do sol, o que se faziam em seis ou oito ségundos.

Empregou-se o theodolito para as observações de latitude quando o sextante deixou de poder observar o sol na sua passagem pelo meridiano, fazendo as duas leituras directa e inversa de que se tomava a media. A este relatorio vac junta a serie de calculos que fizemos durante a viagem.

A declinação da agulha foi sempre resolvida pela determinação ao meridiano verdadeiro.

Moçambique, 19 de agosto de 1891. — *Alfredo Freire de Andrade*, capitão de engenharia.



## II

### RELATORIO DE J. A. MATHEUS SERRANO

---

De Makiki (antiga Incomancimba) a Inhambane, pelo Uáluize

Makiki, 1890.

Em 15 de outubro separei-me do corpo da expedição de fronteiras, acompanhado de doze carregadores e um guia. Commoveu-me bastante a despedida do ex.<sup>m</sup> sr. capitão Freire de Andrade, que no ultimo aperto de mão ainda me repetiu:

— Veja o que faz; ainda está a tempo...

— Não, respondi, com a sua permissão, hei de ir; a despeito de tudo.

Era eu o ultimo dos seus companheiros da expedição que, com grande receio, via partir para o desconhecido e sob os maus augurios dos informadores. O primeiro a separar-se tinha sido Mezzena que, de proximo ao rio Letaba, se propozera a reconhecer o curso do rio dos Elephantes ou Lipalule, até á sua foz; depois fôra Caldas Xavier, que n'um escaler construido em Mas'tulele seguira a estudar o curso do Limpopo até ao extremo tocado pelos navios que têm demandado este rio pela barra do Inhampura. Agora ali ficava, só, acorrentado ao andamento vagaroso das carretas que os burros já bastantes fracos e mordidos pela *tsé-tsé* mal podiam arrastar; com munções de bôca em proporções bastante resumidas, e tendo de atravessar uma região que os informadores diziam deshabitada e sem agua.

Eu concebera ir reconhecer até á sua foz o rio Ualuise, que na carta do ministerio da marinha vem pontuada, que o mappa do Transwaal, de Jeppe, nem sequer menciona, mas que Rita Montanha atravessou no seu regresso a Inhambane. Este rio devia ser importante, visto derivarem para elle os pequenos rios Umchlanganini, Mundji, Gueguatzi e Umt'shefu determinados por Erskine em 1872. Os informadores diziam que estes rios iam dar a uma enorme planicie, onde as

aguas se espalhavam, chamada Mabanini ou Banhini; o M'ualuize, D'ualuize, Ualuize, Inhangude, Pongute ou Chengane, tacs são os diferentes nomes que em diversos sitios toma o rio que me propuz seguir, suppoz-se que deveria ter origem n'esta planicie e seguir para o Limpopo, apesar de alguns informadores dizerem que d'aquella planicie corriam as aguas para o Save.

Sobre o paiz a percorrer até ao encontro do rio Ualuize, havia, porém, as peiores noticias. Affirmavam os informadores que se não encontravam povoações e, portanto, que a agua e mantimentos haviam da faltar infallivelmente. Diziam ainda que o Gongunhama soffrera fome e sede e que muita da sua gente havia morrido de uma e de outra cousa ao atravessar o paiz até ao Biléne. Os pretos negavam-se a servir de guias em busca de um rio que elles não sabiam existir; e só o medo fez com que o preto Chetimella, que nos guiava desde Machengua, se prestasse a acompanhar-me.

A distancia geographica a que estavamos da costa, fazia-nos suppor que em vinte dias poderia estar em Inhambane; foi n'esta conformidade que preparei mantimentos para os pretos (arroz, milho partido e sal) apenas para dez dias, porque contava com alguns recursos que podesse obter durante a viagem; para a falta de agua preveni-me com duas ancoretas e um garraffo; para qualquer accidente que podesse dar-se muni-me de alguns medicamentos, os mais indispensaveis para uso no matto; uma carabina Colt com 150 cargas e uma espingarda de fogo central com 200 cargas me forneceria caça; tomaria engitudes com o theodolito pequeno, Forestier, auxiliado por um chronometro de Charles Frodesham, e as direcções com uma bussola de algibeira; uma barraca que arranjei com o toldo de outra, um resumido trem de cozinha, alguns mantimentos para mim, uma pá, uma foice e um machado, eis, emfim, o que constituia a carga dos doze homens. Como não sabia o que pederia acontecer durante a viagem não quiz carregar demasiadamente os pretos.

Com grande prazer meu vi chover, embora pouco abundantemente durante o dia 14 e madrugada de 15; por serem impermeaveis as concavidades do solo pela accumulção das argilas, suppoz, e com razão, que esta chuva me seria providencial.

Os carregadores, já com os motores preparados mostravam-se muito animados e alegres, e foi com uma certa inveja que os seus companheiros os viam em preparativos de regressar mais breve ao litoral. Os pretos gostam d'este genero de trabalhos porque lhes permite juntar os ganhos sem que tenham despezas; mas anceiam pelo regresso quando esses trabalhos se prolongam alem de um praso fixado por elles.

Partimos enfim. Eram seis horas da manhã; o tempo apresentava-se ainda bastante humido, mas em breve cessou a chuva miudinha e caminhamos sem sol durante toda a marcha d'este dia.

No tracto até Chisseca (Sizerki) encontramos as pequenas lagoas Mabungo e Manhune, com agua superior á da ribeira Chingovo junto a Makiki, e a povoação de Chilomule. Esta e a povoação de Chisseca, que estão quasi juntas, são habitadas agora só por 3 homens, 10 mulheres e 12 creanças, que occupam 9 palhotas, sendo 3 na primeira povoação e 6 na segunda. As raparigas usam capelanas que o negociante Massubutane aqui vem ha dois annos permutar por pelles de cimba, de leopardo, de tigre, etc.

Os homens vão trabalhar para Zouptansberg ou Barberton; ignoram o caminho para Inhambane, mas sabem que ha um pelo Bilene.

Os rapazes quando casam devem dotar as noivas com 20 e mais libras em oiro ou o correspondente em enxadas e algumas fazendas; é necessario notar, porém, que a enxada cafreal, que no littoral custa 340 réis, o maximo, tem ali um valor superior a 5 shillings (1\$125 réis) e que uma peça de fazenda (que corresponde a 2 capotins ou a 4 braças), que na costa poderá custar 600 réis, é ali vendida por 8 shillings (1\$800 réis).

Em Chisseca, como em quasi toda a região habitada que atravessámos até ao Banhine ou Mabanini, cultivam o milho, o feijão e o amendoim em quantidade bastante para o consumo dos seus habitantes, mas este anno vê-se esta povoação a braços com a fome por ter sido arrastada pela gente do Gungunhana para o Bilene, conjunctamente com todo o gado e mantimentos que possuia; as mulheres e creanças vimos nós a cavar o solo em busca de raizes, a colher *macuacuas*, fructo silvestre de tamanho e fórma da laranja e que depois de assado, pilado e amassado constitue um alimento forte, mas repugnante ao paladar europeu, e a apanhar *mocolome* fructo pequeno de palma brava e anã, de que comem a pequena capa polpuda que o reveste.

A lagoa Inhabalume de que esta povoação bebe costuma seccar; então emigram os seus habitantes para a povoação de Machengua, que bebe da lagoa Magangila, onde em tempo nenhum falta agua.

O chefe de Chisseca apontou-nos uma arvore frondosa sob a qual estivera ha dois annos (?) abrigado durante alguns dias o missionario protestante que em Lourenço Marques tem causado uma verdadeira revolução nos habitos e moralidade dos indigenas, Paul Berthond. Não me surpreendeu porque já em Melele, nas margens do rio Pafuri, tinhamos encontrado vestigios da sua passagem.

Aos esforços que este missionario fez para chamar proselytos res-

pondiam os pretos «que fariam tudo quanto quizessem, menos deixar de beber e de ter as mulheres que lhes aprouvesse». Alem d'este padre nenhum outro estrangeiro passou por Chisseca nos ultimos vinte annos. Conta o chefe que, quando rapaz, passára por aqui um inglez chamado John, que andava á caça dos elephantes.

É notavel a confiança que os pretos têm por quem mostre força de vontade e energia; esperava ver o desanimo nos carregadores em vista das informações que prestou o chefe de Chisseca. Como o guia Chetimela disse que só podia prestar os seus serviços até Iniant'chichi, por nunca ter ido mais alem, quiz arranjar a que um dos homens d'aqui me acompanhasse; não foi possivel. Á primeira proposta que fiz responderam logo que não.

— Porque?

— Porque temos a certeza de que vamos morrer á sêde.

— Dou-te 5 shillings por dia, vem.

— Não.

— Dou-te 10...

— Não quero.

— Dou-te 1 libra por dia, disse eu já desesperado.

— Não, a minha vida vale mais.

Houve um momento de indecisão no meio espirito; devia retirar ..

— Não, decidi, hei de avançar.

Interroguei em que direcção ficava Mabanini, que me foi indicada para nordeste, fiz encher de agua as ancoretas e o garraão e proseguimos em direcção a Iniant'chichi, esperançado em encontrar ali algum que se prestasse a seguir-me, apesar de terem affirmado que aquella povoação estava abandonada. Acampámos junto a uma pequena lagoa secca, onde já comi carne fresca; um dos carregadores que vinha como caçador ausentou-se por alguns minutos, voltando ao acampamento com um *môonti*.

O caminho percorrido hoje desde Chisseca é o mesmo que seguiu o gado e parte das forças do Gongunhama quando desceram para o Bilene.

Em 16 levantámos o campo e continuámos a marcha. Custava-me, é certo, seguir na mesma direcção, sul, quando a que mais me convinha era a nordeste, para o Mabanini; alem, porém, de não encontrar n'esta direcção, segundo as informações, caminho algum, por ser o paiz coberto completamente pela grande floresta Kuati, que para nordeste se prolonga até Mabanini, e portanto não haver povoações onde podesse conseguir um guia, tinha toda a conveniencia em ir a Iniant'chichi, onde, como já disse, o esperava achar.

O paiz que agora atravessámos é perfeitamente plano e coberto de arvores espinhosas completamente iguaes ás encontradas na travessia, feita pela commissão, de Chicualacuala á ribeira Columbene (campo n.º 30), formando por vezes matta cerrada, que os carregadores tinham difficuldade em passar. Ao mesmo tempo que luxo! Que variedade de flores, de arvores, de trepadeiras! Mas... comprehende-se bem a razão por que é tão pouco habitada esta região, onde o terreno é igual ao de Makiki, que se presta á producção de tudo quanto é necessario á alimentação dos naturaes, e a agua só deve faltar n'um pequeno periodo do anno. As suas mattas fechadas e muito espinhosas fazem conservar o terreno n'uma humidade constante; ha pontos onde o ar nunca entra. Depois, o conjunto de todos os cheiros: das folhas e troncos que apodrecem; das flores, algumas extravagantes e de fór, mas as mais caprichosas e com aromas desconhecidos e tão activos que incommodam, e de arvores odoríferas. D'estas havia algumas que quando queimadas, faziam lembrar os perfumes do Oriente.

O paiz é muito povoado de tigres, leões, leopardos, hyenas, etc., e de todos os animaes de que estas feras se alimentam; encontram-se frequentemente ossadas que indicam a sua passagem. Entre as variadas pegadas de animaes encontradas hoje avultou as de uma girafa, que mediam o comprimento de 0<sup>m</sup>,285 por 0<sup>m</sup>,165 da sua maxima largura.

Passámos junto ás pequenas lagoas Manhune, Chinasso, Inhaboé, Sabacangua e Chantorna, indo acampar junto de outra sem nome que, como aquellas, estava completamente enxuta. Via-se comtudo pela vegetação que as circumdava que o terreno conservava ainda bastante humidade. Não é para admirar que estas lagoas estejam seccas, attendendo á sua pequena bacia e á quantidade de feras e animaes que aqui deve affluir para beber.

Junto á lagoa Sabacangua atirei sobre um moonti que desapareceu; mas o caçador conheceu que ia ferido gravemente e alcançou-o facilmente a 1 milha de distancia onde tinha caído; com a carabina Colt tinha-lhe atravessado os quartos trazeiros a 80 metros.

Notei com grande espanto que os carregadores se demoravam propositadamente durante a marcha, antes do almoço; julgando que me seguiam de perto demoraram tres horas depois de eu chegar ao ponto do descanso. Indaguei a causa e pude saber que o preto José, aliára alguns para se demorarem e obrigar-me a retroceder.

Findo o almoço fiz partir todos os carregadores, deixando ficar aquelle sem carga; quando a sós apontei-lhe o revolver e perguntei-lhe a quem queria que entregasse o dinheiro que tinha ganho, porque o ia matar.

— Não quero, disse eu, que os teus companheiros vão para ali morrer de fome por tua causa. Eu hei de avançar e quanto mais tempo nos demorarmos mais munições gastam.

Rojou-se então, protestando que não tornaria e que seria sempre o primeiro a avançar.

— Se alguma vez te esquecer o que agora promettes, mato-te sem nada te dizer.

Effectivamente nunca mais me deu razão a reprehendel-o. Eu não tinha proposito em cumprir a ameaça; no entanto entendi que devia proceder assim para cortar de principio uma rebellião que me podia ser fatal.

A agua tem sido distribuida á ração. Com que soffreguidão os carregadores recebem o seu copo de agua depois de almoço e ao jantar! alguns saboreiam-na aos golos, outros abrem as guellas e despejam-na sem que se lhes veja o movimento de deglutir.

O tempo conservou-se ainda nublado todo o dia, não me deixando tomar alturas.

A marcha hoje foi pequena, porque me senti muito fraco; com o desejo de andar depressa não me tem lembrado comer.

A noite foi socegada; no entanto acordei sobresaltado ao ouvir os carregadores em alvoroço; era um bando de tinhazes (bufalos) que passaram correndo e atropellando-os quasi.

Em 17 fiz levantar mais cedo o acampamento para chegar depressa a Imiant'chichi. Uma hora depois tiveram os homens uma alegria indescriptivel ao encontrar a lagoa Tinhanhe com agua, embora amarella e espumosa, atiraram-se a ella e beberam até á saciedade. Pouco depois chegámos a Imiant'chichi.

Senti, porém, invadir-me o receio pelo futuro; ao ver a povoação completamente abandonada e os campos incultos! Tinha de avançar confiado unicamente nas informações que nos haviam dado até Makiki. Ali disseram-nos que o Mabanini ficava para sueste; no ponto onde agora estava devia seguir a direcção este-nordeste para encontrar aquella planicie o mais perto possivel; bem podiam as aguas correr a este e marcharmos por muito tempo ao seu encontro. Fiz, pois, convergir para aquella direcção as pesquisas de caminho, mandando o guia para es-nordorte e seguindo eu para nordeste, devendo elle voltar por este e eu por es-nordeste.

Com surpresa vimos a lagoa Baunje, junta á povoação, com bastante agua, clara e pouco salobra. O guia tinha affirmado que seria necessario fazer um poço fundo para a encontrar.

— Com que fim mentiste, perguntei ao guia?

— Eu tinha medo...

- E agora?  
 — Irei para onde for.  
 — Vaes até Inhambane?  
 — Prompto.

Este homem, que fôra forçado a acompanhar a commissão de fronteiras, tinha-se tornado sympathico pela sua condescendencia para com os carregadores e pelo conhecimento que mostrava ter da vida do alto; contratei-o, pois, a 3 shillings por dia, como os outros carregadores, e nunca tive occasião de me arrepender.

Era bastante importante a povoação de Iniant'chichi, que encerrava 32 palhotas em circulo e comprehendia mais duas povoações: achevingo com 23 palhotas e Marrovisse com 18. Os homens dedicavam-se á caça, indo vender as peles pelas povoações mais importantes até ao Masibi.

O chefe de Iniant'chichi, logo que soube da vinda do Gungunhana, destruiu elle proprio as povoações, aproveitou tudo quanto havia nas armazenas, e abandonou-as fugindo para o Bilene, abrigando-se por esta razão dos excessos que a gente d'aquelle potentado praticou em todo o percurso da sua invasão.

Os carregadores foram passar uma revista rigorosa ás palhotas, encontrando uma cabaça; é costume dos pretos quando chegam a uma povoação abandonada ou a um local que tivesse servido de acampamento; confiam sempre que tenha esquecido alguma cousa e buscam rebuscam em todos os sentidos.

O caçador tinha ido á caça, seguindo as pegadas de um bando de lhazas que hoje tinhamos encontrado, acompanhado do carregador ali; á tarde, porém, voltou só, por este preto se ter perdido. Disparei tiros de carabina e depois de dynamite, mandei tocar a corneta partindo em differentes direcções, mandei accender duas fogueiras, e assim foi. Era uma hora da noite quando cessei os signaes, deixando unicamente uma enorme fogueira alimentada por dois homens que se substituíam. Considerava já o homem perdido attento o numero de palhotas que povoavam o paiz, quando nos appareceu na manhã de 18; ouvi os tiros, viu a fogueira, mas desanimado por ter andado perdido tantas horas, teve medo de descer da arvore para que tinha subido e foi ao anoitecer.

Em todo o caso o caçador não tinha perdido o seu tempo, trouxera um moonti e duas gangas; eu matára uma ganga, seis robas e uma perdiz, o que tudo veio fornecer a despensa. Parece-me que esta caça devia produzir economia nas munições de bôca; não o fará assim quem conheça o preto em geral; podem dar-lhe o que quizerem que elle tudo come, mas por muito que coma não dis-

pensa o seu prato de resistencia; milho, arroz, mandioca, batata doce, etc.

Partimos em 18. Antes, foram os homens fazer uma abundante provisão de *xunhan*, miolo que cortam da palma brava junto á raiz; é muito tenro, tem um sabor fresco e agradável na occasião em que é colhido e quando cozido toma um gosto que se assimilha ao do repolho.

O tempo, que se tem conservado quasi constantemente coberto, mal permittiu tomar algumas poucas alturas para determinar a longitude.

Durante a marcha de hoje atravessámos a povoação destruida de Uachevingo e a lagoa Marrovisse, que dava o nome á outra povoação de Iniant'chichi. As palhotas eram todas revestidas exteriormente de barro e o chão cimentado com barro amassado com diferentes gorduras. Reconhece-se que os seus habitantes cultivavam largos tractos de terreno.

A pequena lagoa, onde acampámos proximo, tinha a agua côr de chumbo, deixando um grande deposito; depois, porém, de algum tempo ficava com um sabor não muito desagradavel, ainda que um pouco salobra.

Andámos agora ás apalpadellas; alem de não haver caminho, seguimos através uma densa matta de arvores curtas, mas muito espinhosas. De vez em quando faz-se uma pequena paragem para ver o que ha adiante ou ao lado; tenho receio que me falte a agua até ao Mabanini, comquanto o garrafão e as ancoretas vão cheias; emquanto encontrarmos agua pelo caminho não consentirei que se lhes toque, e quando levantarmos o campo irá já o almoço feito, consumindo-se por esta fórma só as rações para beber. Tive para isto de reduzir as cargas, dando na ração aos pretos algumas caixas do meu rancho e distribuindo cargas ao guia e ao meu creado.

Não devo estar muito distante do Mabanini. Conta o guia que quando o Gongunhama fez a guerra a Inhambane, a gente que o Chicacuála mandou, demorou apenas tres dias até chegar áquella planicie. De Iniant'chichi deve existir algum caminho para Mabanini, mas esse caminho desappareceu-nos na lagoa Marrovisse por de ha muito não ser trilhado.

Continuam a apparecer pégadas de bandos de diferentes animaes; entre as de hoje tornam-se muito distinctas as dos elephantes pelas suas enormes dimensões e fórma especial; algumas d'estas são muito recentes, affirmando o guia, depois de examinar as fezes, que ainda hontem por aqui passaram.

Em 19 continuámos a nossa derrota. Não tenho querido caminhar

seguidamente, em linha recta, com receio de passar por alguma lagoa ou povoação, sem dar por tal.

Estou realmente assumindo uma responsabilidade tremenda; não o mostro para que os homens m'o não conheçam, mas compreendo, depois de tantas e tão más informações, que estou correndo grave risco de encontrar serios embaraços na empreza que encetei... Em caso extremo cortarei ao norte até encontrar novamente o caminho das carretas.

Foi hoje bastante intenso o calor; ao atravessar uma parte mais densa da floresta faltava o ar, abafava-se. O caminho muito arenoso fatigava-nos extremamente, forçando-nos a descansos frequentes. Depois de hora e meia de marcha encontrou-se uma lagoa com pequena porção de agua, mas tão amarella, tão espumosa e com tantos detritos em putrefacção que, não podendo conter os homens, preferi distribuir-lhes uma ração da agua que trazia; de pouco valeu, porque assim que voltei costas lá retrocederam e saciaram-se então.

Estabelecemos o campo n'esse dia junto a uma povoação abandonada. Suppondo que houvesse agua mandei percorrer o terreno em diferentes sentidos, mas nada encontraram; é possível que os seus habitantes se alimentassem de poços e os entulhassem quando partiram. Entre a herva que até já nascia dentro das palhotas viam-se grandes ossadas de girafas e de elephantes, o que indica serem caçadores os homens que aqui moravam. Viviam bem, porque ainda existe um grande gallinheiro e um enorme curral para cabritos. Tinham só quatro palhotas e cultivavam pouca extensão de terreno.

Os homens mostram-se fatigados das marchas e contra-marchas de hoje. Receioso de que o calor amanhã me dê cabo da agua que me resta nas ancoretas, em rações extraordinarias aos homens, despejo a que ha na tina de cautchouc e mando voltar dois homens ao campo anterior a fazer nova provisão, embora aquella agua não seja sequer regular. Mando tambem o guia á descoberta, sempre em direcção a este-nordeste, quando volta diz só ter encontrado agua em pequenissima quantidade, n'um baobab. Caçou um *máp'titi* (rato do mato, muito felpudo) de que provei; tinha a carne muito tenra e era de um gosto delicioso, fino.

Em 20 levantámos o campo e resolvi então seguir sempre em linha recta. Avançámos perfeitamente bem durante uma hora, mas depois dei de frente com um bosque de grandes arvores espinhosas enlaçadas por milhares de trepadciras formando um bosque tão cerrado que me vi obrigado a rodeal-o em parte, passando ainda assim com o emprego do machado, da fouce e de facas. Mas que de surpresas no meio d'esta matta! Algumas vezes surgia-nos de repente uma cla-

reira muito verdejante, muito fresca e povoada de muitos passares que fugiam alvoroçados com a nossa invasão; outras seguíamos um caminho perfeitamente trilhado que nos conduzia a uma caverna aberta no solo onde de certo se abrigava alguma *quizamba* (hyena) pelo mau cheiro que se respirava, ou o seu proprietario *selle* (papa formigas); outras era ainda a restolhada de alguma cobra que fugia.

Encontrámos algumas pequenas poças de agua mais ou menos salobra e de côr verde carregada, que serviu para os carregadores mitigarem a sede. Só as guelas do preto são capazes de deixar passar aquelles liquidos quasi solidificados, com as côres do arco-iris e onde se vê mover um enxame de animaculos quasi microscopicos. Entre estas poças appareceu uma muito barrenta e um pouco salobra de que fiz tenção de mandar encher os barris quando chegasse ao nosso campo. Era a melhor.

Continua-se a encontrar innumeradas pégadas de animaes: elephantes, girafas e bufalos; em alguns pontos parecem estradas pela sua dureza e largura, os trilhos seguidos pelos elephantes. Houve quasi um encontro entre nós e um bando, supponho, de elephantes; ouviu-se o barulho que elles faziam ao atravessar o matto e viram-se ainda alguns ramos, que tinham sido dobrados por elles, a retomar a sua posição natural.

Sinto-me atacado de fastio devido ás más aguas. O meu alimento hoje foi meia lata de sardinhas, uma rôla e chá; em todo o dia não constitue de certo o indispensavel para quem viaja no sertão. E não é porque escasseiem mantimentos; todos os dias mato alguma coisa, ou coelho, ou perdiz, ou ganga, ou rôla, ou pombo verde, ou pato, ou periquitos, etc., mas tudo isto vae para os pretos, poupando por esta fórma algumas munições de bôca; trouxe mantimentos apenas para dez dias; já decorreram seis, nada pude adquirir por compra e tenho ainda rações para oito dias.

Em 21 acordei fraquissimo, quasi nem força tinha para me vestir; arrastei-me, comtudo, no proseguimento da marcha, não sem deitar fóra o chá que havia tomado antes. E não é desanimo o que sinto, não, pelo contrario, quando algum obstaculo se offerece faço-o estadar pelo guia e vou eu tambem. Apesar de fraco raras vezes descanço. No emtanto sinto avolumar-se-me no espirito o receio pelo futuro da expedição. O Gongunhama fez a viagem com a sua gente a marchas forçadas, morrendo ainda assim muitos dos que o acompanhavam. Vejo que o paiz é completamente deshabitado e que o *Mabanini* se vae distanciando. Anceio chegar ali para saber o que nos aguarda.

Acampámos cedo; uma grande lagôa, embora com agua um pouco

alôbra, e grandes bandos de patos que me proporcionaram uma boa açada e me convenceram a acampar para recuperar forças. Eram oito horas e andára sem descanso desde as cinco horas e vinte e quatro minutos.

Depois de recolher a caça deitei-me e, sem nada comer, adormeci. Quando eram onze horas e vi que os homens já tinham comido: estavam dormindo também, alonguei a vista para a lagoa e vi... que surpresa! uma elegante e enorme girafa de cores vivas, alaranjada e preta, a uma distancia não superior a 40 metros! Procuro a arabina e não a vejo, tinha-a levado o caçador; pego na espingarda do caçador, estava descarregada; accordo então os homens e aos meus ordens a girafa, em passos vagarosos mas largos, retira-se, ondulando as quadris graciosamente, atirando as pernas com abandono, meneando com graça a sua pequena cabeça que encimava um pescoço alto e elegante e voltendo os seus olhos vivos de vez em quando para nós, parecendo que se ria da nossa impotencia. O carregador Amendoim ainda correu após ella com a espingarda de fogo central (!) mas a neia duzia de passos já a girafa tinha desaparecido. Era o primeiro animal d'esta especie que eu via.

Os patos caçados aqui têm um gosto muito especial; vivendo em agua salgada e alimentando-se quasi exclusivamente de peixe, tornam-se saborosissimos quando tostados com banha de porco, do que eu trazia uma pequena provisão.

Ao anoitecer fizemos nova provisão de caça: dez perdizes, sete patos, tres gallinholas e cinco gangas. Já as esperavamos quando viham beber á lagoa. Mandeï assar uma parte, dando aos pretos o restante.

O guia Chetimella, no seu regresso com o caçador, deu-me uma noticia que nos animou bastante: tinham encontrado o *Mabanini*.

Na manhã de 22 partimos, enfim, em busca do decantado *Mabanini*, tendo antes matado alguma caça e apanhado um *Apíngué* (uma especie de raposa) que os homens comeram e de que eu provei: tinha um gosto original, mas aromatico em demasia.

À proporção que avançava sentia-me animar ao ver cruzar-se em todas as direcções as pégadas de numerosos grupos de diferentes animaes, predominando as de *môontis*, *ongônhes* e *tinhasas*, o que me indicavam a existencia de muita agua em toda a direcção entre sueste sudoeste. Foi, pois, com grande alegria que, depois de ter atravessado algumas lagoas seccas, desembocámos no *Mabanini*.

É difficil apreciar á simples vista a extensão d'esta enorme planicie, coalhada de pequenas lagoas de agua salgada; entre norte e neste e entre oeste e sul só ao longe, muito ao longe se avistam, do

ponto onde cheguei, algumas raras arvores bastante distanciadas entre si; e entre oeste e norte a 900 metros proximamente forma-se uma pequena ilha coberta de palmas bravas, prolongando-se ainda a planície do outro lado. Dirigimo-nos a uma pequena lagoa aonde vojavam alguns patos e ali se fez o almoço; entretanto iam-se caçando alguns d'aquelles palmípedes quando, aos primeiros tiros, uma enorme algazarra se ouviu nos ares, era um bando de trinta a quarenta patos grandes, de grandes pernas e pescoço comprido que se tinha levantado á nossa chegada e que pairavam sobre nós a uma altura respeitável, grasnando desafortadamente.

Senti pela primeira vez a falta de agua boa; a das lagoas nem para comida se pôde supportar; ainda a quiz tomar em café, mas foi quanto bastou para expellir aos vomitos tudo o que havia comido. Ainda mastiguei algumas raizes de plantas aquaticas, que os pretos comiam assadas ou cozidas e que tinham um gosto a castanha, mas muito fresco, e fomos em busca das lagoas que deviam dar origem ao rio *Uáluize*, caminhando sempre para noroeste. Ao passar junto ás lagoas que se encontravam á direita e á esquerda da nossa derrota levantavam-se bandos enormes de patos e outras aves aquaticas; não me demorei em dar-lhes caça porque todo o meu afan era encontrar as lagoas; eu andava com tal rapidez, que os pretos, ao principio juntos a mim, foram-se demorando a ponto de me ver em pouco tempo sózinho com o guia.

Chegámos, enfim, a uma enormissima lagoa de que não podia determinar o comprimento; perdia-se de vista no horisonte; a largura tinha em alguns pontos, até onde a vista alcançava, 2 ou 3 kilometros.

Um facto nos intrigou seriamente e de que só mais tarde tivemos a explicação: quando depois de dobrar a extremidade da lagoa seguimos no prolongamento d'ella atravessámos uma parte de terreno humido onde estavam nitidamente impressas as pégadas de tres pessoas que tinham vindo do éste sueste para nordeste e de duas que tinham voltado; conhecia-se perfeitamente serem tres os pretos que tinham vindo pelas dimensões das pégadas, e que d'estás tinham regressado dois por as pégadas estarem sobrepostas áquellas. Quiz conhecer até onde iam, mas perdi os signaes n'uma grande extensão de areia solta revolta pela passagem de animaes; quiz saber de onde vinham, mas as pégadas separavam-se para mais longe se juntarem, separando se novamente, o que tudo me levou a crer que eram caçadores.

Voltei ao campo já estabelecido e destaquei o guia a conhecer que direcção tomava a lagoa, e o caçador a descobrir caça grossa

Eu com o preto Amendoim fomos dar caça aos patos que aqui são em quantidade tal que seria loucura rematada tentar sequer calcular; levantavam-se aos bandos fazendo uma gritaria infernal: a distancia, porém, a que nos presentiam e a rapidez com que levantavam vôo leva-me a suppor que ou o paiz é percorrido por caçadores, o que me admira por só reconhecer um caminho aberto muito pouco trilhado ou os homens a quem pertenciam as pégadas se entretiveram em n'os perseguir. Ainda assim fizemos uma esplendida colheita, alguns eram tão grandes que dois ou tres chegavam para a ração dos treze homens que eu trazia.

Atirei-me tambem á pesca com dynamite, mas o peixe, que de certo ha, porque o vimos saltar, só habita a parte mais funda: nas margens apenas colhi meia duzia de peixes pequenos.

No regresso ao campo feri com a colt um onção que dava pulos desesperados, mas o ferimento não foi com certeza de grande importancia, porque nas suas corridas doidas foi-se distanciando até desaparecer.

A vegetação e o terreno percorrido até hoje não tem feito differença alguma do do *Makiki*: sempre as mesmas arvores espinhosas, as mesmas trepadeiras, a mesma palha rara e dura e a mesma areia solta. Como o *Mabanini* é coberto completamente pelas aguas das chuvas apresenta-se o solo no tempo da estiagem mais consistente e a relva mais verde e espessa; no entanto, alem de alguns rachiticos arbustos muito espinhosos e despidos de folhas, como que queimados, não se vê arborisação alguma em toda a região lavada pelas correntes. Este facto é devido de certo á quantidade de sacs de que estão impregnadas as aguas que veem das regiões superiores conduzidas até aqui pelas ribeiras reconhecidas por Erskine e pelas atravessadas agora pela expedição de fronteiras, onde provámos ser salgada toda a agua depositada nos seus leitos.

O paiz tem sido sempre sensivelmente plano; a differença entre as altitudes maxima e minima não excede a 60 metros, em toda a derrota de *Uakiki* até aqui. O solo, apesar de ter o grés muito grosseiro e arenoso como elemento dominante, prestar-se-ia muito regularmente a differentes culturas se não fosse a difficuldade das aguas; encontram-se, é verdade, algumas pequenas lagoas com agua quasi potavel, mas em quantidade tão resumida, que de certo existiriam povoações estabelecidas se ella chegasse para a alimentação dos seus habitantes. Ainda se poderia julgar que houvesse para esta parte da planicie, a distancia, algumas lagoas mais abundantes de agua, mas então haveriam povoações e deviam apparecer signaes dos pretos que não deixariam de vir caçar ao *Mabanini*. Depois veem-se cruzar em

em todas as direcções, mas, sempre convergindo para a lagôa, largas estradas formadas com os rastos de differentes animaes, desde o elephante e a girafa até ao bufalo e a gazella, que aqui vem beber.

O caçador recolheu ás dez horas da noite da sua excursão, dizendo que matára um *ongônhe*, lá voltou com todos os carregadores, trazendo á uma hora cada um a sua parte.

Em 23 o caçador matou um mônti e um cabrito, e eu á tarde matei um *ongônhe*, a primeira peça grossa em minha vida. A caça é abundantissima, mas o paiz é completamente descoberto, o que difficulta muito o ataque.

Já lá vão nove dias sem encontrar mantimentos que possa adquirir: é verdade que a caça morta tem poupado alguma cousa os vivos, mas para prevenir a falta absoluta que possa dar-se, fiz cortar ás tiras e seccar os animaes mortos hontem e hoje; e como o tempo se apresentou bastante humido, para me não ver retido por muito tempo, fiz accender fogueiras para mais depressa seccar a carne. É um trabalho (o de cortar a carne) que os pretos fazem da melhor vontade, porque com a fogueira ao lado vão assando e comendo alguns bocados mais gordos que se não prestam ao córte e tostando os ossos para lhe aproveitar a medula. É de ver que nunca se importam que uns comam mais do que os outros; Scali, um dos carregadores, rapaz corpulento e de grandes forças, creio bem que comeu mais carne do que a que cortou, e comtudo não dispensou a pequena ração de milho que lhe foi distribuida. Não ha bocado nenhum dos animaes que os pretos desprezem, chegando a comer cruas algumas peças, como por exemplo o segundo estomago dos antilopes, de que apenas sacodem os detricos.

Foi hoje a segunda vez que durante toda a campanha os pretos de Lourenço Marques fizeram missassas (pequenos abrigos improvisados, formados de varas flexiveis cravadas no solo e ligadas na extremidade superior, obrigando-as a maior ou menor curvatura, cobrindo-se depois este esqueleto com palha ou olas). Ordinariamente, com calor ou com frio, em noites boas ou chuvosas, têm sempre dormido ao ar livre, debaixo de qualquer arvore, envoltos nas suas mantas. Mas o tempo ameaçou tanta chuva e viram-se tão desabrigados, que foram forçados a construir aquelle resguardo.

E tiveram razão. Durante a noite de 23 para 24 e até ás sete horas da manhã d'este dia trovejou e choveu torrencialmente. Com a trovoadá deu-se um phenomeno curioso; conhecia-se que era forte, violenta, mas os sons eram cavos, parecia que os choques se davam dentro de um folle ou á porta fechada. Viam-se as nuvens quasi sobre nós, cruzavam-se os relampagos prodigiosamente, os trovões fa-

ziam tremer o solo e no entanto não se ouviam os estalidos, que semelha o rufar de enormes caixas de guerra, e que tanto caracterias as trovoadas que tenho ouvido em toda a Africa.

Em 21 avançámos, seguindo a margem direita da lagoa. Tanto esta como todas as que n'estes dois dias temos encontrado, são margina-das por espessos canicados que só os cavallos marinhos podem vencer.

Encontrámos novamente os signaes da passagem dos dois homens que nos levaram a um caminho frequentado, e pouco depois a um pequeno bosque, que muito recentemente servira de acampamento a pretos. Intrigou-me seriamente este campo: seriam os pretos que o negociante Rosa, de Inhambane, devia mandar a Chiculácualla com mantimentos? Com elles vinha com certeza um branco ou preto chefe; nos despojos encontrou-se uma lata que servira a sardinhas, e traziam munições para caça, porque deixaram um bocado de casca de côco que n'esta parte do sertão serve de medida. O que é certo é que seriam uns trinta approximadamente, a julgar pelo espaço que elles occuparam de noite. Traziam tambem poucos ou nenhuns mantimentos para si, porque alem dos meus pretos não descobrirem indicio algum de terem cozinhado, viam-se desbastadas todas as palmeiras bravas de onde tiraram o fructo (*Machângué*) que encontraram.

Depois do almoço atravessámos um pequeno braço da lagoa e continuámos a seguir o caminho encontrado.

Ás cinco horas da tarde, vendo um bando de gangas, á distancia de 300 metros, approximei-me com precaução para lhes dar caça, mas... de repente esqueço gangas, esqueço tudo e deito a correr; vira um preto.

Estavamos na povoação de Bacélla, chefe pouco importante, que fugido de Bocóta com a sua familia (tres homens, uma mulher e tres creanças) se escondeu no mato durante a passagem do Gungunhana, e veio agora ha pouco estabelecer-se n'este ponto, onde habita ainda em missassas. Por este homem, que conhece bem esta parte do paiz, colhi informações que depois reconheci por outras tomadas serem verdadeiras. Esta extensa planicie é aqui denominada Banhine e a lagoa chama-se Bêmbé. A povoação dista 2  $\frac{1}{2}$  milhas do extremo da lagoa Bêmbé, que aqui toma o nome de Schicárr por estar separada d'aquella por uma pequena parte pantanosa.

Diz Bacélla que quando a Bêmbé transborda cáem as aguas no Schicárr, comquanto me pareça que é a mesma, com a differença que esta tem a fórma regular de um rio com a largura maxima de 800 metros, emquanto que a Bêmbé é irregular e estende-se por vezes, como já disse, a 3:000 metros de largura.

É da lagoa Schicárr que sáe o rio Uáluize; seguí-o com prazer por meia hora. Tinha-o encontrado, emfim.

Não me causou grande surpresa ver que eram completamente salgadas as aguas do rio; já o esperava, visto que têm a mesma proveniencia das da lagoa Bêmbé e outras lagoas do Banhine; não deixava comtudo de me sobresaltar por prever que algumas vezes me havia de faltar agua potavel.

Convidei desde logo o Bacélle a servir-nos de guia.

— Não hei de deixar os meus sósinhos.

— Irás ganhar 3 shillings por dia...

— Os meus ficam com medo.

— Dou-te 5 shillings por dia.

— ... Bem. Vou ganhar para casar com outra mulher.

Depois interroguei:

— Encontram-se povoações nas margens do rio?

— Pouco distantes.

— E terão alguns mantimentos que vendam?

— Nada, como eu.

— A primeira fica longe?

— A meio dia, mas vivem em missassas.

— Não se encontrará povoação onde se comprem mantimentos?

— D'aqui a dois dias.

Contentei-me. Tinha ainda razões para seis dias; e, em todo o caso, resolvi dar só carne emquanto a houvesse para poupar os mantimentos.

Interroguei ainda Bacélle a respeito dos homens de quem tinha encontrado signaes; respondeu que elle e outro foram acompanhar um humem fugido do Gungunhana e que se dirigia para Mutassa. O grupo de pretos de quem vimos o acampamento eram emigrantes que iam trabalhar para o Transvaal.

Durante o dia vimos grandes queimadas para oeste-noroeste, que Bacélle affirmou serem em Makiki, que fica d'aqui a dois dias de viagem. Suppuz logo que fosse no acampamento do capitão Freire de Andrade.

Em 25 voltei á lagoa Schicárr. Chega a parecer phantastica a perspectiva d'esta lagoa, com a variedade e abundancia de aves de todas as fórmás e cores que a povoavam. Passaros, peraltas, do peçoço comprido, de todas as dimensões, desde o tamanho de um peru até ao de um pintaroxo, saltitavam pelo caniço, ou pousavam sobre as flores e folhas das plantas aquaticas, ou voejavam em todas as direcções aos bandos; patos enormes como abstruzes ou pequenos como narcejas percorriam a lagoa em todos os sentidos e atroando os ares com

os seus gritos, silvos e grasnidos. Às vezes ouvia-se um grande alvoroço acompanhado de um resfolegar estrondoso n'um certo ponto: era um hyppopotamo que vinha respirar á superficie. Admiravel!

Hoje matou-se um *ongônhe* e uma *píva*, além de algumas gangas, patos, um coelho e uma aguia. Depois de separada a parte da carne que devia ser cortada, disse aos homens que podiam comer o resto porque no dia seguinte deviamos partir; parece impossivel, mas o que é um facto é que no dia 26 pela manhã tudo tinha desapparecido, inclusive um feto que a *píva* trazia já em estado adiantado! Os pretos apresentavam os olhos inchados e a pelle gordurosa.

Tivemos n'este dia uma bebedeira monumental apanhada pelo guia Chetiméla. Os pretos cheiram o pó do tabaco e fumam *banque*. O tabaco, depois de bem secco ao fogo, é moido com uma pedra rolada a que chamam *bocóta*; costumam mistural-o com a cinza de diferentes plantas ou da casca de cátus especiaes para o tornar mais forte e cheiram-n'o depois com prazer. O tabaco para o landim, e em geral para o preto da Africa do sul, torna-se uma necessidade; supportam a fome, a sêde e até a fadiga, comtanto que a tabaqueira esteja fornecida, e quando passam algum tempo sem elle, cheiram-n'o depois com beatitude e em tal quantidade que ficam semi-ebrios. O *banque* é uma planta que tem as propriedades do *haschisch*, e que os pretos fumam secca e sem mistura; arranjam um objecto qualquer que possa conter agua e que possa depois ser fechado, por exemplo, metade de uma garrafa, uma lata cylindrica, etc.; ordinariamente empregam um chavelho; por um buraco que lhe fazem ao lado introduzem um tubo de caniço encimado por um bocal feito de barro, onde se deitam carvões accesos e sobre elles o *banque*: applicam depois a bôca á abertura do chavelho ou da garrafa, tapando-a completamente com o auxilio das mãos, e aspiram repetidas vezes com força até que o fumo do *banque* em combustão atravessa a agua passando pelo tubo e é absorvido aos sorvos, produzindo tosse, que os pretos procuram afugentar fallando rapidamente e em voz alta. O *banque* fortalece os musculos e os órgãos vocaes; os que o usam têm as vozes fortes, volumosas, mas tornam-se bastante estupidos com o abuso. Foi com o *banque* que o guia se embriagou; apaixonado por este fumo via-se privado d'elle desde que saíra de Makiki; quiz agora tirar a desforra, mas excedeu-se.

Tres fogueiras estiveram accesas durante a noite para acabar de seccar a carne cortada; consegui encher dois saccos pequenos, que deverão alimentar os quatorze homens durante cinco dias.

Em 26 encetámos a marcha, saindo de Bacélle em direcção a este, encontrando duas horas depois o rio Uáluize, que corre sensivelmente para sueste.

Passámos junto das pequenas lagoas Leit'sômba e Mahôndo, proximas á margem do rio e de agua salgada tambem, e pela povoação de Chitângula, que nenhuns recursos tinha, indo acampar mais a jusante onde appareceram alguns moleques d'esta povoação a vender sura.

A sura, ou vinho de palma, é uma bebida muito fresca e agradável na occasião em que é collida; depois, porém, que principia a fermentar torna-se um pouco repugnante não só ao paladar, mas até ao cheiro. No entanto é assim que os pretos gostam d'ella; tanto mais fermentada mais forte é, e por conseguinte mais saborosa á guela do preto.

Ao almoço tinha tentado colher alguns peixes atirando dois tiros de dynamite, mas apenas apanhei dez peixes pequenos.

O rio Uâluzi apresenta-se-nos com a mesma feição caracteristica do Bânhine, a mesma natureza do terreno, as margens fechadas com caniço, sem arvore alguma até onde as aguas têm influencia, e ainda dividido por lagoas successivas, com diferentes nomes, que tendo por vezes a parte coberta de agua a largura de 500 a 600 metros, apertadas outras, tanto que se pôde saltar a pé enxuto. N'uma d'estas passagens reconheci que existe corrente, embora muito insignificante. Em algumas d'estas lagoas, que devem ter grande profundidade, ha hyppopotamos em abundancia, porque se encontram nas margens frequentes estradas formadas com a sua passagem.

Para não perder tempo, vi durante a viagem passar numerosos bandos de animaes quasi com indifferença; o caçador ainda ás vezes pousava a carga e lá seguia atrás d'elles perseguindo-os, mas em breve desistiu por lhe custar depois alcançar-nos.

Junto ao acampamento do hoje encontrámos alguns ossos espalhados, e proximo uns *quitundos* (cestos rasos), dois *calangos* (panellas) uma canna toda recortada, como usam as mulheres de Gaza para apoiarem. A mulher, velha ou moça, era de estatura meã pelas dimensões de uma tibia que ainda se conservava inteira e por alguns ossos vertebraes. Diz Bacélle que muita gente do Gongunhama atacada pela fome e sêde se espalhava pelo paiz em busca de elementos para se saciar e se perdiam no mato, vindo a morrer mais á sêde do que á fome; para esta encontrava ainda raizes ou fructos, ou até folhas com que entretinham o estomago, emquanto que para aquella tinham a agua salgada, que mais lhe accendia a vontade de beber.

Em 27 continuámos a viagem sem encontrar a mais pequena variedade. Ao atravessar o rio n'uma das taes passagens que se transpõem de um salto, notei que era maior a corrente, o que me leva a crer que no decurso do rio existem nascentes de agua.

Vimos pela primeira vez pegadas de leão; tinham vindo durante a noite rio acima, mas viram provavelmente a barraca e a fogueira e retrocederam. Pelo numero e dimensões das pegadas deviam ser um grande e tres mais pequenos. Os pretos dormem com toda a tranquillidade sem receio algum das feras.

— Ora, diziam, elles têm medo de nós, mesmo a dormir.

Em 28 passámos proximo a uma povoação de alguma importancia, Mâgimâni, e ali nos fornecemos de agua das chuvas conservada em lagoa. O chefe nada tinha que nós vender; offereceu-nos sura e fumo.

Aqui tive de reprehender o guia Bacélle por me ter affirmado que n'esta povoação encontraríamos mantimentos; felizmente que ainda tinha carne para dois dias e meio e conservava as rações de milho e arroz.

O chefe da povoação, homem já velho, de cabellos brancos, diz que nunca por aqui passou europeu nem negociante algum por estar muito fóra do caminho. O Gongunhama passou muito perto; a gente d'elle que se estendia por toda a parte commetteu barbaridades inauditas, chegando a arrancar as argolas que os pretos e pretas usavam nos pulsos, nos artelhos e nas orelhas, rasgando estas e ferindo aquelles. Cá ficou um dos homens d'aquelle grande potentado que ainda hoje se assimilha a um esqueleto, visto que a fome continúa até que possam colher alguma cousa das terras.

Duas informações recebi do chefe que me não foram muito agradaveis. A primeira foi que, seguindo a margem do rio, só d'aqui a cinco dias encontrarei povoação; a segunda, que em todo o percurso do rio não terei agua potavel. Terei de poupar ainda mais as munições e a agua que d'aqui levar.

Vi-me seriamente embaraçado para retribuir um novo presente de fumo que o chefe me offereceu; depois de passar em revista o que trazia no farnel dei-lhe... umas ceroulas que elle vestiu immediatamente com grande gaudio da pretalhada.

Ando descontente com o guia Bacélle, que mostra nada conhecer do rio Uáluize; declara agora que julgava que eu ia directamente para Inhambane. O que me parece é que tem muito medo, sobretudo depois que ouviu dizer que regressariamos a Inhambane pela residencia do Gongunhama. Logo que encontre outro melhor, mandal-o-bei embora; e não o mando já por se recusarem n'esta povoação a acompanhar-me.

Avançámos ainda um pouco pelo rio, que aqui é muito estreito. Junto a um ponto mais apertado estavam algumas ossadas humanas que pareciam ter pertencido a um adulto e a uma creança.

A caça aqui é mais rara talvez porque falem as pequenas lagoas

de agua menos salobra que para montante temos encontrado proximo ao rio. Hoje não vimos caça grossa.

Em 29 saímos do campo um pouco mais tarde por o caçador afirmar que eu tinha morto um cavallo marinho a que hontem atirára; não acreditei porque a bala Colt sobre a pelle de tal animal não representaria mais do que a picada de um alfinete. No emtanto lá foi, e voltou como fôra.

A uma hora de marcha houve uma paragem para dar caça a uma *piva*, e pouco depois armei campo para ir em perseguição de um bando de *indós* (passaros enormes, quasi do tamanho de abestruzes)... de balde nos cansámos. Quiz ir ainda em busca de outra caça por que apodrecêra a provisão de carne e havia-a mandado deitar fóra, mas faltaram-me as forças. Alem da fadiga desesperam-me as enormes voltas que sou obrigado a dar seguindo o rio, a que de certo seria poupado se tivesse por guia um homem que o conhecesse. O caçador ainda assim foi feliz que, a altas horas da noite, appareceu no acampamento com um cabrito.

Em 30 poupámos algum caminho por o guia Bacélle ter ido hontem á descoberta e encontrar um de pé posto, bastante trilhado e com signaes recentes de por ali ter passado gente. Separámo-nos do rio indo encontral-o adiante, na foz do rio Mutâmbo, e depois, seguindo o caminho, fomos atravessal-o a jusante. A passagem do rio n'este ponto não foi isenta de sobresaltos; teve de se passar uma extensão de 100 metros coberto por espesso caniçal e por um carreiro aberto por cavallos marinhos; a agua que regularmente não subia acima dos joelhos chegava-nos até aos peitos quando caíamos nas covas formadas pelas pegadas d'aquelles animaes que eram bastante profundas por ser lôdo o leito do rio. Eu já me não dava ao incommodo de descalçar ou despir; como logo á saída dos acampamentos molhava os pés e a parte inferior do corpo com a humidade da palha, investia sem hesitar com os rios e lagoas que tivesse a atravessar. No emtanto a passagem fez-se sem perigo a não ser para o preto Amendoim, que n'uma das frequentes quedas cravau um bocado de caniço no pé direito que lh'o atravessou desde o concavo junto ao calcanhar até á planta; quiz extrahir o pedaço de pau com a pinça, mas não cedeu; foi necessario talhar a carne até 7 millimetros de profundidade, deixando um rasgão no pé com 23 millimetros de comprimento por 8 millimetros de largura, que cauterisei e calafetei com fios embebidos em agua phenica.

Continuando a marcha encontrámos um preto, Chlâbuchlâne, que com a familia (quatro homens, sete mulheres e cinco creanças) vinha do Biléne e se vae estabelecer junto a Mâgimâni; informou que o caminho que agora seguíamos se dirigia sempre para o sul, desviando-se

muito do rio Uáluize, e que nos levaria directamente ao Biléne de onde elle saíra ha oito dias, tendo, porém, sómente cinco de marcha.

Este grupo de pretos trazia estampados no rosto todos os indícios da fome; o chefe, vatua, com os seus ares de gran-senhor, com a cabeça adornada por um bonet bordado a buzios, não se dedignou em vir, com as mãos a opprimir o ventre, declarar que tinha fome.

Resolvi, pois, abandonar este caminho e seguir a margem do Uáluize. N'este dia passámos ainda os rios Mânhâne e Eginâme.

Os affluentes do Uáluize, que até agora temos encontrado, são extremamente largos na sua foz, mas creio que de pequeno curso, porque a curta distancia se estreitam rapidamente; actualmente estão seccos e não indicam por signal algum que haja agua corrente alem da epocha das chuvas. É possível que hajam outros rios alem dos que menciono; mas o rio é muito largo, e como as margens estão cobertas pelo caniço não posso saber o que existe na margem opposta á que sigo.

Acampámos em frente da foz do rio Eginâme, que se encosta do oriente a uma pequena elevação de terreno (6 metros proximamente) a qual se prolonga de sul para norte. No rio, que se estendia em frente do acampamento em fôrma de lagoa, havia grande quantidade de patos pousados em pequenas ilhas que pareciam fluctuar.

Em 31 encontrámos os signaes de um homem que na vespera tinha vindo até ao nosso campo e havia voltado; quem seria? Intrigado com a visita ás escondidas, resolvi segui-los, mas uma hora depois desisti por ver que se dirigiam muito para oeste, e continuámos a seguir o rio que aqui apresentava a largura de 2 kilometros, formando vastas ilhas pelo meio do leito agora completamente secco, alem do espaço occupado pela agua corrente que não excedia a largura de 80 metros. Duas horas depois encontrámos pégadas novamente que seguimos, encontrando pouco tempo depois dois pretos que andavam colhendo sura.

Atravessámos o rio e o arcal e entrámos n'uma das ilhas onde encontrámos Mázârêê (antiga povoação de Banzúl) composta agora de cinco homens, seis mulheres e tres creanças, que habitam oito velhas palhotas. Viviam bem antes da passagem do Gungunhana, mas aquelle e a sua gente tudo lhes levaram.

Cultivam o milho miudo e graudo, feijão cafreal, ricino, mandioca e amendoim; o ricino transformam-n'o em oleo que, misturado com barro vermelho, serve para as mulheres se envernizarem; os homens empregam-n'o simples.

Os homens d'aqui já vão trabalhar para Lourenço Marques.

O dote das noivas é de cem enxadas ou vinte libras em oiro; devendo o pretendente dar ainda de uma a cinco peças de capellanas para a mãe e uma espingarda para o pae.

A polvora tem aqui um preço bastante elevado; por uma pelle de cimba, que vale uma braça de fazenda, compram carga apenas para dois tiros. O chumbo, como é tambem muito caro, substituem-n'o por pequenas pedras.

Quiz comprar mantimentos, mas nada consegui; apresentei uma libra ao chefe, que a recebeu com alvoroço, mostrando-a a toda a familia; mas quando lhe disse que era para trazer mantimentos, mostrou a maior desolação, fazendo uma cara tão triste que me fez rir e restituindo-me a libra, disse:

— Não tenho, temos fome.

É para provar que era por não ter e não por não querer, veiu offerecer-me uma panella de sura, dois blocos de fumo e uma gallinha, a unica que tinha; em retribuição dei-lhe uma mão cheia de feijão vermelho para semear, e um cobertor.

— Preciso de alguém, disse eu, que me acompanhe e que saiba atalhar caminho.

— Quanto vae ganhar? Perguntou.

— 5 shellings por dia.

— Então vae, meu filho.

Era o mesmo rapaz que nos tinha acompanhado até aqui.

Perguntei ainda se era possível arranjar mantimentos em alguma povoação proxima; o rapaz prestou-se a ir procural-os com a melhor vontade. Alegrei-me suppondo que conseguiria fornecer a despensa, mas nada trouxe: a fome é geral.

Não são só os homens do Gongunhama que por aqui passaram a causa d'esta fome: são todos os pretos que se arvoram em *vanguunes* (vatuas, grandes) e se apresentam a fazer imposições em nome d'aquelle potentado, unico senhor reconhecido por todos estes povos. Está aqui um preto que anda permutando fazendas por pelles por conta de um bancane de Inhambane: perguntando-lhe se não tinha receio que o roubassem, respondeu com todo o desplante:

— Nenhum; se me fizessem mal iria queixar-me ao Gongunhama.

— Quantas peças de fazenda vendes por 1 libra?

— Quatro.

— Mariola! se eu precisasse d'ellas não te dava 1 libra, dava-te vinte chicotadas.

Veiu então offerecer-me as peças que eu quizesse: mandei-o correr pelos pretos. Estes negociantes permutam 1 cobertor ordinario ou 1 peça de capellanas (4 braças) por 4 pelles de cimba, 1 capotim (2

raças) por 2 pelles, 10 peças de capellanas por 1 libra, e de 10 a 15 peças ou 1 espingarda por 1 pelle de tigre boa.

O vatua em viagem nada dispende, não se dá mesmo ao incommodo de pensar em farnel; quando chega a uma povoação vem logo respectivo chefe, para evitar extorsões, offerecer-lhe palhota para ennoitar e mantimentos ou sura ou pombe para si e para a gente que acompanhe. Alguns contentam-se com o que lhe offerecem, a maior arte, porém, apossa-se dos gados, aves, pelles, do que encontram mfm, menos das mulheres: o vatua tem grande desprezo pelas mulheres fóra da sua raça. Se, porém, em lugar de ser vatua é um amanga, um baneane, um negociante ou outro qualquer preto que se presente como *rângiune*, então nem as mulheres escapam.

— Porque não corres com esses ladrões que te vem roubar?

— Não posso: elles são grandes, vão buscar gente e depois matam quemam tudo.

Perfeitamente selvagem.

O chefe, que já é velho, diz que nunca por aqui passou homem branco; os baneanes costumam mandar pretos seus em commercio por estas povoações.

Fiz partir para Inhambane o guia Bacélle levando noticias minhas, para satisfazer á combinação feita entre os membros da commissão de ronteiras: mandar sempre que seja possivel noticias para aquella illa.

Em 1 de novembro chegámos ao rio com meia hora de marcha, o que dá idéa da extensão d'esta illa.

Uma hora depois encontrámos uma estrada que do Biléne conduz a Másibi e que se prolonga com a margem direita do rio Inchlanini; este rio tem agua corrente, mas quasi tão salgada como a do Ualuize.

Na povoação de T'chovica, por onde passámos, nada podémos adquirir: deu-se a mesma scena com a libra. Veiu no emtanto offerecer-me um, mas eu desesperado por ver diminuir extraordinariamente as peças recusei-me a acceitar; voltou então com um pedaço de carnecca, uma mão cheia de milho e um gallo, unica cousa que apurou em toda a povoação, e que eu retribui com um resto de capellana, dois fios de missanga e uma toalha de rosto. Affirma o chefe que eu podia mandar gente por mantimentos ao Másibi, que estaria de volta em tres dias, mas quem me garante que os haja? Depois se, pelo que diz o chefe, eu posso encontral-os d'aqui a cinco dias, é preferivel vançar. É, no emtanto, provavel que me veja embaraçado com a falta de mantimentos: as povoações nada vendem, ou porque realmente não tenham ou porque não queiram. Em caçar entendo que não devo demorar-me por não haver caça grossa que compense qualquer

demora. Decorreram já dezoito dias desde que saí de Makiki e tenho apenas rações para quatro; fecho a despensa, é o que tenho a fazer, reduzindo a quantidade. É provavel que as povoações não estejam tão desprovidas como se mostram; como estão continuamente a ser assaltadas pelos vângúunes, fingidos e verdadeiros, costumam esconder os mantimentos ou no mato ou em covas, mas de fórma que nem mesmo os pretos conheçam caminho ou carroiro. Povoações houve onde a gente do Gongunhama nada encontrou.

Vimos acampar junto á lagoa de agua potavel Chlúnguanini, onde, tarde, nos appareceram dois homens com um enorme panellão de sura, que os pretos beberam: gratifiquei-os com 3 shellings e uma caixa de phosphoros: apreciaram mais os phosphoros que o dinheiro.

Com o serviço do novo guia poupámos hoje bom caminho: o Ualuize, que até á foz do Inchlanini tinha o direcção su-sueste, fomos encontral-o depois de T'chovica a correr para éste, e uma hora depois a dirigir-se para oes-noroeste, onde o abandonámos para seguirmos em linha recta.

Depois do garrafão e ancoretas cheias de agua seguimos em 2, passando pelas lagoas Bitôculo, Mônzuéve, Chárranini, Impócuânini e Inhómanini até á grande povoação de Gázá.

O chefe d'esta povoação, preto dos seus quarenta annos, esteve em tempo em Inhambane ao serviço do velho Nhafico (o fallecido João Loforte) de quem falla com grande respeito. Muito prestigio tinha realmente este nosso compatriota para o seu nome ser ainda hoje lembrado no sertão como homem bom, de sãos principios e valente. Mostrou-se, pois, o chefe muito contente, trazendo logo uma pequena porção de feijão misturado com milho miudo e graúdo com que regalei os carregadores, que hontem á noite tinham passado sem o seu prato de resistencia, e uma porção de unhas de leão que tinham morto havia tres dias. Dei-lhe em retribuição não só do que tinha offerecido, mas tambem da boa vontade com que o fizera, um cobertor, uma caixa de phosphoros e uma chavena de chá, que elle muito apreciou, dizendo:

— Ha quanto tempo não bebo *máte á nhômbe!* (agua doce).

Dei-lhe 1 libra para mandar arranjar mais feijão ou milho: assim fez immediatamente, mas juntaram em tão pequena quantidade que tornou a restituir a libra.

— Mas então quanto hei de pagar por isto?

— Nós não sabemos: *Mulungo* (senhor) é que sabe.

Dei-lhe o ultimo cobertor por nada mais ter que lhe dar e não ser libras em oiro.

A povoação é importante; dividida em tres grupos é habitada por

4 homens, 18 mulheres e 16 crianças. A este-sueste, a 3 milhas, ha outra povoação pertencente ao mesmo chefe.

O terreno produz tudo quanto se semeie, e em tal quantidade que proprio chefe não o sabe.

— Se fosse eu só a colher bem saberia quanto a terra produz, mas eem os vangúunes, levam o que querem e roubam o que podem. hi está agora um a cobrar tributos que é um elephante a fugir: ariza tudo.

— Mas o Gongunhama é quem os manda?

— É. Estava eu agora lá quando chegaram os portuguezes e mesmo iante d'elles mandou que cobrassem pelles para os brancos.

— E os portuguezes não pozeram impedimentos a essa ordem?

— Como, se não sabem a lingua? Estavam lá inglezes que bem a ntenderam.

— Mas... o interprete?

— Ora...

Não perguntei mais.

— Se eu pudesse livrar-me de tal chefe, continuou, mas gosto 'estas terras, onde já estive meu pae.

Um ou outro baneane chega algumas vezes até aqui a permutar s suas fazendas, armas e polvora por productos do paiz, taes como: era, borracha, que aqui apparece em pequena quantidade, e por elles.

No dia 3, depois de uma hora de marcha, encontrámos o Ualuize, indo antes atravessado o rio secco Cheganini.

Encontrámos novamente alguma abundancia de caça, que me leou a arriscar a perda da marcha da tarde para tentar conseguir alguma peça grossa; effectivamente a perdi, visto que nada se matou de nportante: um cabrito muito pequeno e dois patos.

Resolvi ensaiar novo systema na primeira povoação que encontrar ara ver se obtenho mantimentos; veremos se pela ameaça comsigo alguma cousa: tenho apenas rações para dois dias e meio. Esta gente ão está acostumada a que lhe peçam as cousas por bons modos; e almente é para desconfiar ver um branco estar a pedir o que os retos tomam como um direito. É verdade que as povoações ficam om muito boas impressões nossas por nunca assim terem sido trata-as, mas tambem é vordade que nem por isso o nosso estomago folará mais se em poucos dias nos faltar que comer. E ainda se tives-mos contra só a comida... mas a agua! Que agua! A que bebia a ovoação de Gaza era perfectamente tinta de escrever, ainda que uco salobra.

Em 4... reconheço que não melhorei muito de guia; esto pateta,

que se chama M'sócúnhe, já hontem teve hesitações e hoje foi o guia Chetimella que o tirou de difficuldades indo sósinho descobrir caminho. Este é que é o verdadeiro guia para o mato; não perde o mais pequeno indício: uma erva pisada, um ramo partido, uma casca ou um caroço de fructo lhe serve para conhecer a passagem do homem, se elle era caçador, vinjante ou habitante do paiz; se vinha de longe ou de perto e ha quantos dias havia passado apalpando a terra comprimida pela pegada e até examinando as fezes. Foi elle quem nos conduziu á povoação de Uchlaféne.

Mandei chamar immediatamente o chefe e disse-lhe que precisava de comer para os homens: respondeu que não tinha.

— Pois bem, disse eu, tu não sáes d'aqui sem que a tua gente traga de comer; se não trouxerem mando-te chibatar.

Trouxeram um pedaço de carne secca e dois blocos de fumo.

— Toma lá 1 libra e um sacco: quero milho e feijão.

Voltaram então com um pequeno quitundo de milho mudo e duas pelles de cimba para *pegar pé* (implorar protecção). Como ainda não acreditei fui dar uma volta pela povoação e vejo duas duzias, talvez, de massarocas e um pouco de amendoim penduradas n'uma arvore; vou a lançar-lhe a mão, mas sou arromessado para o lado por uma rapariga nova, que, trepando á arvore como um esquilo, agarra nas massarocas, deixa-se cair e foge sem me dar tempo a sair do espanto. Perguntei se a rapariga era doida.

— Não, me respondeu uma mulher, está para casar e tem reservado aquelle milho e amendoim para as bodas.

Reconheci que nada tinham para vender. Mandei chamar a rapariga, que não veio sem grande receio, apesar de ter affirmado que nenhum mal lhe fazia e dei-lhe uma camisola de malha, que ella vestiu com grande contentamento, rasgando-a mais na frente por lhe não caberem os seios. Ao chefe dei a libra para de alguma fórma lhe pagar o que trouxera e o susto que apanhára; foi então á povoação e voltou todo contente com as suas tres mulheres e cinco filhos, trazendo mais um pedaço de carne e um bloco de fumo.

Tinha conseguido mantimentos para uma ração.

Continuámos a marcha; passámos pela pequena lagoa Mákákére, encontrando o Uáluize uma hora depois, mas desviámo-nos novamente para passar pela povoação de Magúnbâne Bacát'zo. Antes de chegar a esta povoação encontrei a de Pôpi, tio de Uchlaféne, onde pela primeira vez vi ananazes e algumas arvores de cajú, trazidas para aquí no tempo de João Loforte, quando os homens iam trabalhar para Inhambane; hoje vão trabalhar para Lourenço Marques e para Transvaal.

Magúnbâne Bacát'zo é um velho de sessenta annos proximamente; falla com muito reconhecimento do fallecido Nhafôco e do Farrão (nome por que é conhecido no interior de Inhambane o ex.<sup>mo</sup> coronel João Antonio Fornazini). Estava elle relatando-me a passagem de ha res semanas de um baneane ou mouro acompanhado de carregadores, que eu suppuz serem os mandados pelo negociante Ferreira Rosa, quando um desgraçado accidente me chamou a attenção. O preto Amendoim, natural de Lourenço Marques, era eximio no exercicio de gatunagem: saíra de Makiki com dois cobertores, veiu pelo caminho vendendo cobertores por tabaco, carne, pelles ou qualquer outra cousa, tudo lhe servia, e ainda tinha um cobertor. Agora pegára elle na espingarda de fogo central para com o pretexto de caçar ir fazer a sua excursão; mas como eu o prohibi veiu com mau modo encostar a arma a uma arvore, pegando-lhe pela bôca do cano; infelizmente esquecêra-se de abater o cão que elle armára, o tiro disparou e toda a carga passou através a mão direita, deixando quasi descoberto e isolado o quarto metacarpo, cortando os ligamentos e rompendo os vasos sanguineos. Cortei-lhe immediatamente os pedaços de carne e ligamento soltos e quiz ligar as arterias, mas não pude. Com uma ligadura comprimi o antebraço, e, primeiro com tintura de arnica e agua e depois com alcool camphorado, lavei-lhe a ferida que depois enchi com fios.

Recorri ao Bacát'zo para me ceder quatro homens para o transporte do ferido, que, cousa rara, desanimou ao ver correr o sangue em tanta abundancia; recusou, dizendo que os não tinha.

Na impossibilidade de conservar este homem commigo improvisei uma tipoiã e mandei-o transportar por dois carregadores para Inhambane, acompanhados por o guia M'sócunhe e prevenidos com 6 libras, alguns mantimentos, meia garrafa de alcool camphorado e fios, visto que, segundo me affirmou o Bacát'zo, a distancia até áquella villa locará apenas quatro dias a vencer.

Foi muito importante esta povoação; os terrenos que ella cultivava occupavam uma extensão enorme e comprehendia muitas pequenas povoações bem povoadas e ricas de gado. Mas a passagem do Gunguhana e da sua gente tudo destruiu, tudo arrebatou.

Resolvido d'esta vez a não seguir rigorosamente o curso do rio, roseguei em 5 no caminho de pé posto tencionando em todo o caso acampar junto á margem. Durante a viagem passámos a nascente da lagoa Manzalále, as pequenas ribeiras Massengue, Sezane, Manhitana e Béjan, todas de agua corrente, e as povoações Mamagahiosa, hunganana, Béjan, Galabla e Mazaza. Estas povoações são formadas por filhos, filhas e poucas mulheres dos pretos que o Gongunhama

mandou matar em Missapa por se terem recusado a acompanhá-lo quando veio para o Biléne. Habitam ainda em missassas e nenhuns mantimentos têm: alimentam-se de fructos silvestres e raizes. O aspecto de fome que apresentam é horroroso: a pelle de um coelho que hontem tinha sido morto foi pedida por o chefe de Chunganana, assada e comida com delicia; a mãe de Mazaza, apenas com um trapo sem côr a envolver-lhe os rins, estava enchendo a bôca de terra humida, que mastigava e depois expellia engulindo o succo; e o proprio Mazaza, que cheirava a podre e que nos acompanhou até ao Ualuize, onde acampámos, vinha pelo caminho colhendo folhas que mastigava.

No entanto, se a fome ou alguma epidemia não dizimar esta gente, em poucos annos estará o paiz povoado por uma população enorme e rica. O paiz é pouco povoado de feras, muito abundante de boas nascentes de agua e o terreno é muito proprio para todas as culturas cafreas; uma planicie de 2 milhas de extensão, que recebe as aguas de todas as nascentes para as levar immediatamente ao Ualuize, se prestará á pastagem de grande quantidade de gados.

O paiz agora é completamente deserto de caça; ha muitas aves, mas para que matal-as se so não podem depois apanhar, pelo muito caniço de que estão revestidas as margens do rio? E comtudo tenho as minhas provisões acabadas, estando já reduzido á ração de arroz. Os carregadores tambem tiveram hoje só 250 grammas de arroz por cada homem para todo o dia. Coitados, como esta gente supporta a fome! Nem um murmurio, nem um mau modo.

Em 6 continuámos a viagem, servindo-nos sempre de guia o Chetimella, mas d'esta vez tivemos mais difficuldade em avançar; o rio inclinava para oeste e o caminho de pé posto seguia para nordeste; tivemos pois de abandonar um e outro para seguir a su-sueste, que era a direcção em que nos diziam ficar Maâlâne, povoação importante, atravessando mato com alguma difficuldade. Duas horas depois encontrámos uma verdadeira rede de caminhos por entre palmares bravos e grandes tratos de terreno que servira a plantações de milho, que nos fez andar aos zigue zagues. N'uma d'estas voltas encontrámos um rapaz que obriguei a guiar-nos á povoação, mas o velhaco depois de nos acompanhar por meia hora, fez-nos parar, dizendo que havia cabrito na frente, avançou de zagaia e desapareceu. Avançámos então com a certeza de que na povoação já sabiam da nossa chegada.

Assim era: logo que acampámos veio o chefe de Maâlâne cumprimentar; mas assim que chegou a curta distancia parou, abrindo muito os olhos, e depois, com uma cara toda alegria, correu para mim gritando:

— He! He! He! Uancanquélla (o meu nome landim em Lourenço Marques).

Era um rapaz de vinte e quatro annos, pouco mais ou menos, que estivera ao meu serviço no principio da construcção do caminho de ferro de Lourenço Marques.

— Tu é que és o regulo de Maâlâne? Perguntei.

— Sou, patrão, morreu meu pae.

— Podia ter muito e até gado, disse approximando-se muito de mim; mas todos os *vanguunes* passam por aqui e roubam tudo. Chegámos este anno a apanhar algum feijão e milho ainda verde para o esconder.

— Parece que estás com medo, aposto que anda *vanguune* perto?

— Estão aqui cinco! foram mandados pelo Gongunhama a Missápa matar alguns homers dos que fugiram quando elle veio para baixo, e trazem ainda comsigo tres mulheres, oito raparigas e dez rapazes, familias dos que mataram. Ouça, ouça, como elles cantam! como elles gritam! bebem tudo e comem tudo... Ahi vem o chefe d'elles, vou-me embora.

— Deixa-te estar, disse eu, resolvido a dar uma lição ao salteador.

— Ó senhor, deixe-me ir embora, olhe que depois vingá-se em mim.

— Vae, mas volta logo com mantimentos, preciso comprar.

O vatua que se approximava, seguido por quatro raparigas e alguns rapazes, era um latagão, musculoso e forte; na sua expansão bebeda chegou a estender-me a mão, que eu repelli, mandando-o assentar longe, o que só fez depois de os seus homens lhe trazerem uma esteira. O vatua nunca se assenta no chão nú, diante dos seus serviçaes ou de homens de raça inferior. As raparigas, já dos seus dezescis a dezoito annos, atiraram-se, ebrias e semi-núas, para o chão, espojando-se e agatanhando-se quando lhes atirei com uns restos de bolacha bolorenta.

— O que fazes tu por aqui, perguntei ao *vanguune*?

— Levo para o Gongunhama esta gente que veio de Missápa.

— Os paes e mães d'estas raparigas e rapazes?

— Ficaram lá.

Chamava-se Massôudáda; havia chegado aqui pouco antes de nós e tal fôra o susto da população que toda fugira.

Veiu depois o Maâlâne muito a medo trazer uma cabaça com sura.

— Mas, disse eu, feijão e milho é do que eu preciso.

— Eu já disse ao *vanguune* que nada tinha, e se agora o mando buscar onde o escondi é capaz de me mandar matar.

— Toma lá uma libra e vae arranjar que comer; podes dizer que o compraram fóra da povoação.

—Era a mesma cousa, ninguem se atreveria a vender nada. Em fim eu levo a libra.

Veiu de noite, muito a escusas, dizer que nada podéra obter, mas que trazia um bocado de feijão; era pouco, não dava para mais de duas rações, e no cmtanto dei-lhe a libra; trouxe tambem tres panelas com sura, com que os carregadores se embriagaram com o meu consentimento. Coitados, já que tanto apertavam a correia á cinta com a fome, que a alargassem uma vez com a bebida. O preto Mnândi, que só se embriagava com tabaco, nem sabia estar bebedo; todos os outros se fixavam em alguma cousa, um chorava, outro zangava-se, outros cantavam, outros riam; M'nândi fazia tudo aquillo; foi o bobo da noite que os outros disfructavam apesar do estado em que estavam.

Massôudáda voltára ainda quasi a *pegar pé* trazendo um bocado de mel, um punhado de feijão, sura e uma abobora; o meu primeiro movimento foi recusar, mas lombrei-me que aquelle pouco representava quasi uma ração; eu devia aproveitar tudo visto que chegára aqui com mantimentos apenas para dia e meio e não podia esperar que nas povoações futuras encontrasse mais abundancia do que aqui. Demais os cartuchos da Colt haviam acabado e a espingarda tinha-se inutilisado pela manhã. Aceitei.

Descobri hoje que o caçador, com o pretexto da caça, tem vindo adiante comprando com a polvora, chumbo e capsulas, mantimentos que comia sósinho. Este factio indignou todos os outros carregadores, e realmente é para tanto, porque em geral os pretos são liberalissimos entre si e nunca se escondem para comer. Fiz recolher a Inhambane este preto, aproveitando a occasião para mandar noticias.

Em 7, ainda de noite, veiu um homem vender trinta massarocas, mas com que lhe havia de pagar? dei-lhe o meu casaco já cheio de rasgões. Era mais uma ração.

Pelas cinco horas partimos de Maâlâne.

O paiz é perfectamente adequado ao estabelecimento de uma importante colonia europea, pela sua salubridade, fertilidade do solo, abundancia de aguas, excellentes pastagens e ainda a vantagem de não haver *tsé-tsé*.

Uma grande lagoa, Meláti, de agua perfectamente potavel, onde com certeza existem nascentes visto que d'ellas saem tres pequenas linhas de agua que vão cair ao Uáluize, alimentaria uma enorme população se a sua tranquillidade fosse garantida; sujeita, porém, como está actualmente ás devastações do Gongunhama, que é o Bonga dos districtos de Inhambane e Lourenço Marques, nunca ella ali se poderá fixar com proveito. Outra rasão forte ha para que se não possa

estabelecer ali uma colonia europêa: ser um ponto muito internado em communicação facil para o litoral.

Junto a esta povoação está a foz do rio Chócót'ze que desagua no Uáluize vindo de nordeste e que, segundo informações, tem por orizera uma extensissima lagoa no paiz dos Macuacuãs, na qual existem muitos cavallos marinhos e onde dois homens, affirmaram, foram á caça dos elephantes. O Chócót'ze traz um volume de agua pouco inferior ao do Uáluize, sendo tambem salgada. Dir-se-ia ter a mesma rigem. Se não luctasse com a falta de mantimentos havia de seguir por este rio para montante durante dois ou tres dias.

Um rapaz vindo de Maâlano nos servia de guia para ir percorrendo as povoações onde se suppozesso haver alguma cousa a vender; assim tencionavamos passar pelas povoações de Cachlâchlâne e Iáhlúvo, mas antes de lá chegar soubemos que nada tinham por haerem cedido os seus poucos recursos a diferentes familias vindas estabelecer-se n'esta região por ordem do Gongunhama. Estas pequenas povoações alimentam-se agora de fructos silvestres e de raizes, ras têm grandes extensões de terreno cavado e preparado para a lantação de milho, feijão e abobora. Bebem das pequenas lagoas 'ófo, Inháti, Chânaganini e outras sem nome, todas com agua muito alobra e suja. Não tomei os nomes das aggregações de missassas, porque ainda nem chefes tinham, era tudo gente moça, filhos e mulheres de gente mandada matar. Andavam quasi nus e os seus utensilios limitavam-se a uma panella pequena, de barro, a gamellas para transporte de agua, feitas de casca de arvore dobrada nos quatro angulos, como as creanças fazem ás cartas de jogar, e a enxadas.

O rio Enchlúvo que atravessamos é escoante ás aguas das chuvas que caem n'uma grande extensão de territorio ao norte. O rio Sânguâne tem, a 100 metros da sua foz, a largura de 12 metros e a profundidade maxima de 1<sup>m</sup>,5, mas não se nota corrente muito sensivel por serem do Uáluize as aguas que o enchem; affirma, porém, o guia que a uma hora para montante se vê correr esplendida agua junto á qual tambem se foram estabelecer povoações do Gongunhama. Tenho pena de não poder bem determinar estes rios, primeiro por causa do tempo que se tem conservado nublado, segundo por a falta de mantimentos me não permittir demoras.

Foi regular a marcha de hoje; no emtanto, como fazia luar, ainda queria prolongar pela noite adiante se não fosse a agua para coziha, que o guia me affirmou não se encontrar tão cedo.

Em 8 encetei a marcha muito fraco; o estomago estragado completamente pelas aguas, sempre mais ou menos salgadas, recusa-se a receber o milho e arroz, unico alimento que agora tenho. Para mais

desenvolveu-se-me ha dois dias uma diarrhea que me enfraquece extraordinariamente; alguns dos carregadores tambem têm soffrido d'esta doença mas não tanto porque comem raizes e fructos que só elles podem tragar, mas que de certo attenua os effeitos da agua salgada.

Continuámos a encontrar muitas povoações em principio, pertencentes ao Gongunhama. Este potentado fez espalhar a sua gente por todo o paiz para assim mais assegurar a sua posse; se alguém para o futuro voltar a passar por aqui encontrará já grandes povoações com todos os recursos que o paiz póde produzir. O terreno é bom para todas as culturas indigenas, sensivelmente plano e estende-se em grandes planicies que se prestarão á pastagem de gados. As aguas é que são pessimas; de pequenas lagoas, infecta, repugnam ao olfacto, até os carregadores se recusaram a beber de algumas.

Pelas dez horas a. m. fico surprehendido ao avistar um grupo de vinte a trinta vaccas e bois a pastar; avanço com a rapidez que me permite a fraqueza, procuro seduzir já com um bom pagamento, já com ameaças, o chefe da povoação Câmbâne, para que me venda uma cabeça, mas a nada cede, jurando que o gado pertence ao Gongunhama. Trouxe-me um pouco de leite já cortado que fez a delicia dos pretos.

—Toma lá 1 libra e vae ver se pouco a pouco podes arranjar alguma cousa que se coma.

A scena do costume... e nada. Os carregadores têm estes dois dias passado só com 2<sup>k</sup>,700 de arroz por dia; e mandei hoje cozinhar a ultima ração! Recorrem portanto a tudo quanto se possa mastigar e engulir.

Estive para mandar abater uma cabeça, mas não o fiz por o rapaz de Maâlâne me affirmar que amanhã se encontrarão mantimentos.

Quiz á tarde continuar a marcha, mas a fraqueza não me deixou; atirei-me para o chão e adormeci, tendo engolido um bocado de leite mesmo azedo. Os carregadores comeram... o que apanharam.

Que noite! Foi curto o meu somno; a fraqueza afugentava-o. Ás quatro horas e meia do dia 9 levantei-me, fiz erguer a gente e poze-mo-nos em marcha, tendo antes reconhecido que o guia de Maâlâne tinha fugido, que as cinco missassas que formavam a povoação estavam abandonadas! Não sei porque, mas esta fuga não me abalou demasiadamente; estava insensível a tudo, e só por um grande esforço continuava a apparentar serenidade e força perante os pretos; elles, porém, demais percebiam que era bastante critica a situação, porque quando eu bradei «Vá, rapazes, larga», não se ouviu nem uma voz, nem um grito, nem um som, cada um pegou na sua carga e poz-se a caminho silenciosamente!

Uma hora depois, em frente da foz do rio Uãmanhãnga que vinha de este desaguar na margem esquerda do Uáluize, encontrámos uma mulher e duas raparigas que iam para Mãnjacáze (povoação do Gunghana).

- É muito longe ?
- Vamos lá dormir ámanhã.
- Sabes aonde ha agua para beber ?
- Encontram-na d'aqui a pouco.
- E povoação ?
- Só mais longe, á tarde.
- Terão que comer ?
- É muito rica.

Sentimo-nos animados com aquella informação e continuámos a marcha como se quizessemos vencer a distancia n'um prompto; á medida, porém, que avançavamos iam-se tornando mais frequentes e deplorados os descansos. Eu sentia-me perdido; já não andava, arrastava-me.

N'um ponto onde o rio formava uma enorme bacia com innumerossas lagoas em diferentes sentidos, encontrámos um *vanguune* acompanhado de alguns pretos; chameio-o.

- Digam d'ahi o que querem.
- Olha que é o branco que chama, disseram os pretos.
- E quanto me dá para eu lá ir ?
- Dou-te um tiro, disse eu preparando o revolver.
- Eu não sou portuguez, replicou elle approximando-se, sou do Gunghana e só elle me póde mandar matar.

De nada servia colher informações d'este homem, que forçosamente me havia de enganar; limitei-me a perguntar para onde ia:

— Para Mãnjacáze.

Pouco depois encontrámos outra mulher que nos affirmou estar proxima a povoação, mas pela inclinação que ella deu á mão para indicar a posição em que devia estar o sol quando lá chegassemos, vi que ainda havia duas horas de marcha, como poderia eu lá chegar? Seguindo o caminho indicado pela mulher embrenhámo-nos em uma espessa mata, de arvores pequenas, mas muito espinhosas, que levou bastante tempo a atravessar, pela quantidade de espinhos que se cravavam nos pés dos carregadores. A cada volta que o caminho dava algava eu ir encontrar a povoação, mas tive um desapontamento completo quando depois de uma hora de marcha aos torcicolos encontrei novamente o Uáluize! Eram onze horas, com um sol ardentissimo descoberto, sem a mais leve aragem, e eu morto com sêde e sem ter tomado alimento algum quasi desde o almoço do dia antecedente,

mandei avançar os carregadores até encontrar a povoação e fiquei acompanhado pelo que trazia o chronometro e pelo meu creado. Os carregadores desceram a pequena elevação em que terminava a mata e seguiram pela margem direita do rio, cortando uma planicie de 2 milhas de extensão, até os perder de vista n'uma volta do terreno. Depois de descansar quarenta minutos avancei tambem; mas o ar faltava-me nos pulmões e era obrigado a parar frequentes vezes, sustentando-me equilibrado para não cair; respirava então com desafogo, soltava um «meu Deus» e avançava mais alguns passos. De repente senti um calafrio percorrer-me o corpo, ao mesmo tempo que um choque violentissimo me atacou a cabeça e o coração, depois... quando despertei estava deitado sob uma arvore bastante frondosa, todo despertado e rodeado pelos meus homens, que mostraram a maior alegria ao ver-me resuscitar; tinham-me julgado morto.

Pedi agua... não sabiam se a havia; tinham encontrado um homem a lançar fogo ao mato, que fôra com dois carregadores e que ainda não voltára. Senti-me tão fraco que desanimei; lancei na carteira algumas despedidas e deixei-me cair, recommendando primeiro aos homens que fossem em busca de comida para elles.

Eu não soffria pela fome, a sêde é que eu achava intoleravel; as palavras saíam-me da garganta com difficuldade; a garganta estalava de secca; eu não respirava, silvava! um zumbido atordoador me impedia de pensar!

Quanto tempo estive n'este estado? Não sei; só me lembro que despertei aos gritos do meu creado, que de longe berrava:

— Pátrán, leite, pátrán, leite...

Com que soffreguidão me atirei ao *calango* que conteria proxima-mente 4 litros de leite! Ao principio senti uma impressão dolorosa ao perpassar do liquido pelas guelas feridas, mas depois ..

Já então estava rodeado por alguns pretos de quem fui colhendo informações.

O rio já aqui se não chama Uáluize; desde a confluencia do Uámanhanga toma o nome de Inhângúde. A povoação de Dúmadúma, de que distámos 1 milha, é muito antiga; está estabelecida desde o tempo do Muzila, passou depois ao dominio do Binguâna e voltou agora ao do Gongunhama; foi uma das povoações fieis a este regalo.

Esta povoação devia, portanto, ser rica e effectivamente precis-o. O chefe, que appareceu pouco depois, apresentou-se com um casaco de panno retina quasi novo e os outros pretos traziam artigos de vestuario de algum valor, como calças ou casacos, ou camisas ou colletes, e isto sem dispensar de fórma alguma os *majovos* (pelles de animaes cortadas ás tiras que dependuram nos rins); as mulheres vestem pa-

nos compridos de chita; loupa ou algodão cru, e as raparigas, até á puberdade, usam-nos mais curtos, o tronco trazem-no sempre nú. Todos se apresentam mais ou menos gordos e lustrosos, o que denotava abundancia; no emtanto provaram depois que se a tinham não lhe sobrava em demasia para vender.

Negaram-se a principio a vender, tanto mantimentos como algumas das cabeças de gado que andava a pasto, mas tanto os apertei durante uma hora que trouxeram um vitello e proximaente 12 litros de feijão e milho, que paguei por 3 libras. Os pretos, que de prompto desfizeram o animal, queriam lançar-se a elle soffregamente, mas assisti á abertura e ao corte da carne, contando depois os pedaços; só assim evitava que ella desaparecesse immediatamente.

Contratei aqui um rapaz para nos acompanhar até Mânjacáze. Antes de fazer as compras pensei em seguir directamente para a intendencia no Biléne, chegando a escrever ao capitão Marques Geraldés, que eu suppunha ali; mas o desejo que tinha de saber noticias do major Caldas Xavier e sobretudo o interesse em seguir o curso do rio até á sua foz resolveu-me, depois das compras, a seguir até ao Bêmbé.

Em dez horas a. m., á hora em que eu estava para partir, voltou o chefe com as suas dez mulheres a offerer-me outro vitello, e algumas raparigas traziam ovos e leite para vender. Estas ofertas permittiam-me um dia de descanso de que bem precisava, mas via-me embaraçado para os retribuir: o vitello, como um irmão de Dumaduma é quem lá servir-me de guia, prometti retribuir-lh'o de Mânjacáze, por só ter agora 1 libra e não querer ficar completamente desprovido de dinheiro, e paguei o leite e os ovos com uma toalha e tres lenços de assoar.

Dumaduma mostra-se muito affeiçãoado ao Gongunhama e acha regular todas as atrocidades mandadas praticar por elle.

—É costume nosso.

—E se amanhã voltasse o filho do Bunguâna e expulsasse o Gongunhama?

—Tornava-me amigo d'elle; não quero sair d'esta terra, nem quero perder o meu gado e as minhas mulheres.

Em 11, já um pouco refeito, encetei a marcha resolvido a caminhar depressa. Tinhamos de passar para a margem esquerda do rio que no logar da passagem formava um pantano com uma largura respeitavel; demorámos cincoenta e cinco minutos a fazer a travessia.

Quasi todo o pais hoje percorrido é habilitado por gente do Gongunhama recentemente chegada, mas sou levado a crer que já existiram povoações antes de estas por alguns agrupamentos de bananci-

ras e por grandes clareiras sem arvores que se encontram por entre o mato. As novas povoações estão abrigadas em missassas, a maior parte, e em palhotas construídas agora; pela forma por que foram estabelecidas estão destinadas a ser no futuro um centro bastante populoso, ocupando uma area enorme. São poucas as que têm nome assim de entre todas as que encontrei no meu caminho só posso nomear as Mat'changuane, Chenanguissane, Ponguana e Machlechleke. Toda a população trabalha na construção de palhotas, ou nas semeaduras ou á caça com armadilhas e flechas ou ainda á busca de fructos e raizes.

Em toda a extensa planicie que margina o rio Ualuize se vêem pequenos grupos de animaes bovinos.

Ha grande abundancia de boa agua, encontrando-se o rio Bat'smane e as ribeiras Massabane e Tobo, que todos correm de este para oeste. Uma milha antes do rio Bat'smane encontrei uma nascente de agua que julgo ser ferrea: o sabor assim o indicava.

2 milhas ao sul d'este mesmo rio, na direcção este para oeste e deixa o Ualuize de chamar-se Inhangode e passa a denominar-se Songude: é notavel a precisão com que os pretos distinguem os pontos onde o rio muda de nome: uma arvore, um pequeno morro, uma curva do proprio rio lhes serve de marco.

Acampámos ás sete horas p. m. na falda do monte Bauane que serve de signal para a variante do nome do Ualuize: d'aqui até á sua foz no Limpopo chama-se Chengane. Eu ainda queria prolongar a marcha, mas o tempo não deixou; durante o dia tinha feito um calor excessivo, trovejando fortemente, e desde as seis horas p. m. que grandes bategas de agua nos impediam de andar.

Em 12 levantámo-nos muito cedo sem grande esforço por termos passado uma pessima noite. O acampamento tinha-se estabelecido junto a umas lagoas que despejaram sobre nós multidões de mosquitos, logo que a chuva cessou: não podémos dormir.

Continuámos a encontrar innumeradas povoações espalhadas pela planicie que se estende entre os montes Baunae, M'chácha, Mat'sinba e a serra Chimbút'xo, e o rio Bembe ou Limpopo, a uma distancia de 15 a 20 milhas.

As povoações de hoje são quasi todas antigas, comquanto o não pareçam. No tempo das cheias todas emigram para aquelles montes, voltando a occupar outra vez a planicie logo que as aguas descerem, reformando ou reconstruindo as palhotas.

Do alto da serra Chimbút'zo é admiravel o ponto de vista que se abrange: em todas as direcções, quer á quem quer alem do rio Chengane, se vê cruzar gente e gado em movimento, e a planicie é co-

erta de pequenos agrupamentos de palhotas, recortados por plantas de mandioca, milho, feijão, batata doce, tabaco, amendoim, aborras, bringelas, etc.

O rio, que corta a planície em caprichosos zigue-zagues, tem aqui suas margens quasi a prumo, apresentando portanto uma largura edia e regular de 40 metros arrastando um volume de agua já bastante respeitavel. O terreno presta-se admiravelmente a todas as curvas: a agua salgada nunca lhe chega e só é coberto no tempo das cheias.

Do mouro Selemanegz estabelecido no alto da serra Chimbut'zo olhi ao primeiras informações sobre a viagem do major Caldas Xavier: tinha chegado havia seis dias e partido ha cinco para Manjacáze deixando o escaler entregue a um preto. Desejoso de o alcançar visto que ambos tinhamos recebido instrucções para regressar a Inhambane parti immediatamente para aquelle ponto, seguindo a direcção noroeste.

Fomos acampar junto ao rio Chêguète, proximo á povoação de Chiâmabéle; este rio junta-se um pouco ao sul com o Chatigue, que antes tinhamos passado na sua origem, e forma então o rio Encháuane, que vae desaguar ao Bembe. Esta povoação era tão pobre, que homens e mulheres apanhavam os grãos de milho que os carregadores deixavam cair e bebiam a agua em que o milho era cozido.

Em 13 continuámos a avançar; mas ás onze horas tive de sustentar a marcha por já não poder dominar a fraqueza: tive de mandar á intendencia pedir uma machila e foi por este meio que ali cheguei.

Já ali não encontrei o major Caldas Xavier; partira para Lourenço Marques, onde preferia ir alcançar a costa, não concorrendo ao ponto de reunião ajustado em Inhambane.

Que miseria! Se durante a minha viagem encontrei nas povoações uma falta absoluta de mantimentos, aqui, na propria séde do regulo, existe ella ainda com mais força: em volta da sua casa morrem á fome e a cada passo se encontram verdadeiros esqueletos. No emtanto s. ex.\* coronel Gongunhama e seus vanguardes embebedam-se todos os dias ou com opút'zo (bebida feita de cereaes pilados e fermentados) ou cominhos offerecidos pelos portuguezes ou ainda com Champagne offerecido pelos inglezes. Hoje, por exemplo, aquelle grande potentado embebedou-se por tal fórma, que chegou a espancar e a expulsar a sua mulher favorita: ás outras é vulgarissimo o espancamento.

A intendencia é actualmente representada por um indiano<sup>1</sup>, que ha

---

<sup>1</sup> É de côr escura e filho de brahunanes, de Damão.

quatro annos exerce o magisterio primario... sem saber a lingua do paiz; ainda assim com os seus esforços conseguiu que um filho do Gongunhama perceba e falle um pouco o portuguez, que outro, uma filha, saiba dizer «bons dias» e pouco mais, e que o mais velho saiba pedir vinho... tudo em portuguez.

Entretanto, enquanto o governo portuguez tem aqui como representante um professor que só sabe fallar com os nativos por meio de interprete (o mesmo succede com os representantes effectivos, os intendentes), estão quatro inglezes e uma hottentote ingleza convivendo e fallando muito á mão com o Gongunhama, seus vanguunes e suas mulheres, pelos quaes são percebidos, caso estupendo, sem interpretes. Ella, a ingleza, visita, medica e aconselha as mulheres, filhas e creanças: Feltz, companheiro d'esta, visita as povoações até á distancia de 30 milhas, dizendo aos respectivos chefes que elle é irmão do Gongunhama ao lado de quem se assenta nos grandes conselhos (effectivamente nas reuniões ordinarias lá o vêem); outro inglez chegou aqui ha um anno e desde então tem-se conservado dentro de uma palhota no recinto de um dos secretarios e de onde elle nunca sae (dizem); os dois inglezes restantes chegaram aqui ha pouco, montados em cavallos do preço e habitando em boas barracas novas, vieram... a que? Por conta de quem? Com que fins? Com certeza que alguma coisa maquinam contra nós.

Perguntando confidencialmente ao grande secretario Manhune que esta gente fazia e se estavam a contento do Gongunhama, respondeu:

Não fazem nada:... eu fui dizer-lhes que o Gongunhama nada queria d'elles: quer-se só com os portuguezes, elles que so fossem em bora. Os inglezes pediram então para ficar mais alguns dias: que fi quem, mas não quer nada com vocês<sup>1</sup>.

Não acredito na lealdade nem dos secretarios nem do interprete

<sup>1</sup> Já em marcha para Inhambane recebi uma carta do professor, da qual des- taço os seguintes trechos, sem nada lhes alterar... «O Gongunhama está des- toso com os inglezes que aqui estão e que, como ouvi dizer, breve d'aqui devem sair. Disse-me que não faziam caso d'elle, entravam a toda a hora no seu chigôlh sem pedir licença, etc., e o Mâguéjama, grande secretario, vindo visitar-me disse que eu devia tratar de pol-os fóra d'aqui, porque eram malcreados, abusavam das mulheres, sem importar saber de quem fossem, matavam carneiros e bois pelo mesmo systema. Eu, na situação em que estou sem meios de obrigar-os a executar as ordens e com receio de elles desacatarem a nossa bandeira, nada tenho feito, tendo em vista principalmente o facto seguinte: mandei chamal-os e não quizeram vir, escrevi perguntando o fim para que vieram, responderam-me que achavam o meu desejo *unreasonable*, é, o mesmo que dizer não davam satisfação».

Magnéjane passa por ser pouco afeiçãoado aos portuguezes: Manhúne em no seu Chigólho (recinto das palhotas, fechado) alojado ha um ano o tal inglez, e o interprete vae a casa d'este embebedar-se algumas vezes. Eu julgo ser de pessimos resultados o processo seguido, e enviar para o interior funcionarios nas condições dos intendentes em conhecer a lingua do paiz para onde vão. Que figura ridicula e riste não faz um representante portuguez ante o velhaco de um secretario e o borracho de um interprete que intencionalmente podem transformar tudo quanto se diga, sem que nada perceba, enquanto ue os estrangeiros *em concorrência* fallam na lingua do paiz sem correrem o risco de ser enganados! Quantas vezes não poderá ser o proprio estrangeiro quem dite a resposta que o interprete deve dar?!

O Gongunhama tem sido atacado com assiduidade pelos inglezes, ue buscam assacar-lhe concessões, a despeito dos tratados feitos entre este regulo e o governo portuguez. Ainda ha pouco aqui estiveram quatro pedindo terrenos, a que o regulo, dizem, respondeu que as terras eram de Portugal e que só este as podia conceder; retiraram deixando na intendencia uns dentes de marfim que haviam recebido do Gongunhama em retribuição de presentes que lhe tinham oferecido.

Mánjacáze, como até aqui tenho chamado á séde do Gongunhama, não é mais do que as casas e cercado, onde elle e as suas mulheres habitam; é como quem diz o paço, ou elle esteja no Biléne ou no Kissapa, ou em outro ponto qualquer.

O nome por que é entre nós conhecida a parte do paiz em que o regulo assentou a sua povoação é Zefunha, nome que, por equivoco, se poz o primeiro intendente que para aqui veiu.

— Como se chama esta terra, perguntou, apontando para o solo?

— Zefunha, respondeu o preto, julgando que se referia á areia.

A população que aqui habita, que é numerosa, bebe da lagoa Súle, ue terá approximadamente 8 kilometros de circuito; a agua é clara, mas um pouco salobra. Vivem n'ella muitos cavallos marinhos, que o Gongunhama manda propositadamente matar quando precisa de gornra para amassar barro, o que constitue a materia com que pavimentam as suas palhotas.

Deve ter peixe, mas não consegui matar nenhum com dynamite or haver muito canhão nas margens.

As mulheres não vão buscar agua á lagoa; fazem covas de 1 a 3 metros de profundidade e de ali a tiram.

Cheguei ansioso por noticias, mas na intendencia nada se sabe do ue se passa na Europa nem no litoral; as ultimas que haviam eram o principio de setembro.

Na intendencia não vim encontrar os recursos que esperava; o professor estava comprando com aguardente uns bocados de milho para os pretos ao seu serviço, de fórma que os carregadores continuam a apertar a correia á barriga. Os poucos recursos que aqui havia, levou-os o major Caldas Xavier. Depois de eu pagar ao guia de Dumaduma e de mandar o presente a este chefe em retribuição do seu vitello, vi-me reduzido a meia libra; tive, portanto, de obter de um mouro algumas fazendas a credito.

Desde a serra Chimbut'zo encontram-se frequentes estabelecimentos de mouros e baneanes, que se fornecem de Lourenço Marques por via, ou de Chai-chai ou Cossine; estes negociantes são algumas vezes maltratados nas suas fazendas e até nas suas pessoas, mas lá continuam, porque de tudo se compensam, extorquindo ao preto mais que podem.

As raças asiaticas no interior dos nossos districtos, logo a meia-dia das suas sédes, tornam-se senhores absolutos; em Inhambane é um verdadeiro enxame á caça dos pretos que recolhem do Natal ou de Lourenço Marques, por causa das libras que depois mandam para a India, onde alcançam grande premio. Preto que regresse á terra com oiro é logo assaltado por uma horda de mouros e baneanes, que o seduzem por todos os modos até que largue o dinheiro. Lourenço Marques pertence áquellas castas; tudo quanto o preto ganhe na cidade o vae deixando pelo caminho, até que chega vasio a casa. D'aqui a pobreza e a degradação do indigena. Onde as raças indianas se estabelecerem é certa a embriaguez, a extorsão e a prostituição; na impossibilidade de trazerem da India as suas mulheres rodeiam-se de pretas que depravam.

São estas castas que na Africa oriental impedem a nossa expansão commercial; quem póde competir com ellas? O asiatico não tem as necessidades do europeu; o seu alimento é simples: arroz, vegetaes e peixe; vestem com toda a simplicidade, e os seus trajese são baratissimos em extremo, habitam e dormem entre estrume e mercadorias. Pois tudo o que consomem, de vestir e de comer, vem da India; nada de Portugal ou do que o paiz produz. Os seus caixeiros ganham em Lourenço Marques, onde tudo é mais caro, entre 3\$000 e 7\$000 réis mensaes! Como póde o portuguez, com outros usos, com outros costumes, outras necessidades, collocar-se a par d'esta gente? Hoje póde afirmar-se que em Inhambane, por cada negociante portuguez, ha vinte asiaticos, e em Lourenço Marques haveres tres por cada um; isto nas sédes dos districtos, porque meia hora alem não existe negociante algum portuguez europeu; todo o interior dos dois districtos está entregue áquellas castas. O dominio que os

asiaticos vão tomando na provincia de Moçambique pôde bem julgar-se pelo que ha dois annos se deu: as auctoridades administrativas de Lourenço Marques quizeram obrigar o baneane, o gentio e o preto a vestir calças; pois os dois primeiros recusaram-se, e tanto berraram e tanto fizeram, que o governador geral interino da provincia de então sustou para taes entidades a execução d'aquella medida; só o preto foi obrigado a cumpril-a!

E ha um meio tão facil de proteger o nosso commercio na Africa oriental... bastará centuplicar as contribuições e direitos a todos os negociantes asiaticos. Então poderia haver competencia.

No mesmo dia 13 mandou o professor participar a minha chegada ao Gongunhama.

— Então que é isso, perguntei, a intendencia é que dá satisfações ao regulo?

— É para elle mandar o boi.

— Pois eu achava melhor dispensar os bois a ter taes *deferencias*.

— É costume...

Comtudo, veiu o *manhune* em 14 (a. m.) perguntar «se o professor estava bom».

— Isto, disse o professor, é pretexto para o ver.

Só em 15 é que pude ser recebido pelo Gongunhama; em 14 queria dar-me audiencia, mas a bebedeira não o deixou, teve vergonha, disse elle; ainda foi tomar banho, mas nem assim lhe passou.

A recepção teve logar sob uma arvore bastante copada que ha junto á casa do regulo e proximo á qual está levantada n'um mastro a bandeira portugueza, que o interprete está encarregado de içar todas as manhãs. Chegámos ao local quasi ao mesmo tempo. S. ex.<sup>a</sup> o coronel trajava o uniforme de nú, com os nacionaes *majóvos* a cingir-lhe os rins, e acompanhado de um creado que conduzia um humilde caixote vasio, que lhe serviu de cadeira. Mostrou assim que dispensava as formalidades. Eu, como não tinha casaco, envergára um casaco de caoutchouc, que me era bem pouco agradavel, pelo immenso calor que fazia; mas, ou bem que se é homem civilisado ou não. Atrás de mim e do professor ía o interprete com duas cadeiras.

O Gongunhama recebeu-me com manifesta urbanidade. É elle um homem reforçado, cheio de carnes, de estatura regular, typo sympathico, e agradavel na conversa. Mostra ser intelligente e de grande agudeza de espirito. Falla mansamente, com intermittencias, como de quem soffre falta de ar ou tem a garganta ferida.

Depois dos cumprimentos e de diversas banalidades disse:

— Não percebo os portuguezes; dizem que são meus amigos, mas mandam-me fazer a guerra ao Zavalla, incommodando toda a minha

gente grande, para depois darem contra-ordem, recusando-se até a entregar a gente fugida para o quartel do Inharrime; mandam-me a mim fazer a guerra e depois protegem os outros. Agora prendem meu irmão Mátafino em Lourenço Marques por instigações do Ainhana, um mau homem.

— Teu irmão, se foi preso, é porque fez alguma coisa má; em Lourenço Marques todos são teus amigos. Quem t'o disse?

— Foi a mulher d'elle, que veio a chorar com mais tres pretos.

Qual d'elles fallará verdade? O regulo disse que foi a mulher, mas o grande secretario Manhune, que apparentemente se mostra affeccionado aos portuguezes, tendo no entanto o tal inglez em sua casa, quiz depois fazer-me acreditar que foram os inglezes. Este homem, com a febre de dar noticias, que lhe são sempre mais ou menos remuneradas, affirmou ainda que a mulata ingleza fôra pedir uma carta ao Gongunhama para ir a Lourenço Marques saber se o irmão estava ou não preso, ao que aquelle respondêra: «Mátafino é um mariola; não me importo com elle!» Como combinar o que ambos dizem? A velhacaria, se a ha, será d'elles ou do interprete?

— Que andaram a marcar pelas montanhas, perguntou o Gongunhama?

— A separação das terras que pertencem a Portugal e ao Transvaal.

Tanto elle como os grandes pareceram não gostar da resposta, porque já antes e em diferentes pontos do meu trajecto me tinham dito que nós andavamos separando as terras dos Mambunos (boers) das do Gongunhama.

— Mas, tendo eu gente n'essas terras, porque me não chamaram para saber até onde chegam?

— O governo portuguez depois dirá a ti e aos outros regulos quaes ellas são.

O Gongunhama sorriu-se; seria pela minha resposta ou por alguma coisa que o interprete juntou por sua conta?

Conversou-se depois em cousas diferentes, pedindo elle desculpa por não poder mandar-me presente, pela fome de que todos soffriam. Pedi-lhe alguns homens para dar alguma folga aos meus carregadores e para me servirem de guia; accedeu immediatamente, nomeando um dos seus creados particulares e mais seis pretos. Prometti-lhe mandar uma lembrança de Inhambane pela gente que me acompanhava; mostrou receio de que a gente de Inhambane fizesse algum mal aos seus homens; soceguei-o, affirmando-lhe que nada lhes succederia.

Na intendencia tive depois a visita de Godide, o filho mais velho do Gongunhama e seu successor. É um rapaz intelligente, vivo e ve-

lhaco; tem as feições do pae. Principiou a aprender o portuguez, mas nem o professor se lhe impunha pelo respeito, nem o rapaz creou muito empenho em saber uma lingua «que lhe não dava vantagem nenhuma», segundo elle disse. Almoçou commigo, e estranhou a sobriedade da mesa. «Os inglezes comem melhor, têm sempre muita carne e muito vinho bom».

Veiu tambem Gôngóte, filha d'aquelle regulo, rapariga de dezeses annos e ocheia do carnes, meiga e muito amiga do aguardente; passou o tempo a dançar diante de um espelho fazendo balouçar os seus seios volumosos e a bulhar com um pequeno a quem eu tinha dado um apito.

Vieram mais tres mulheres do Gongunhama e duas filhas, mas como nada tinha para lhes dar, retiraram desconsoladas.

Em volta da intendencia appareceu uma pretita de quatro a seis annos que não tinha mais do que pelle e osso; chegando quasi em frente da casa caiu e não mais se levantaria se o professor a não mandasse recolher, lavar e dar-lhe de comer; era digna de ver-se a soffreguidão com que a creança principiou a comer o arroz que lhe deram; os primeiros bocados enguliu-os sem os mastigar, depois foi decrescendo de voracidade até que caiu extenuada. Mas de repente, lembrava-se de ter passado fome, levantava-se, lançava a mão ao prato, mas deixava-o cair por já não ter força nem vontade.

O Gongunhama mandou-me um vitello em 17; fui ainda agradecer-lh'o e elle aproveitou a occasião para me pedir algumas capellanas e missanga para as mulheres.

Depois de dividida a carne, parti, emfim, em direcção a Inhambane.

A marcha foi hoje feita sob um aguaceiro torrencial; o carreiro por onde seguíamos transformára-se n'uma ribeira, e eram lagoas as clareiras que encontravam por entre a matta.

Entre as povoações destruidas por que hoje passámos sobresaia a do Binguana, completamente destruida; apenas algumas enormes vigas de madeira cravadas no solo, ao alto, isoladas, denotavam a fórma circular da aringa, que fechava uma area não inferior a 80:000 metros quadrados; n'este recinto todo plantado de bananeiras, palmeiras, alguns limoeiros e quatro laranjeiras é que estava a residencia do Binguana e dos seus grandes. A enorme extensão de terreno que a população agricultava em volta da aringa, que ainda se conhece, mostra a riqueza d'estes povos; as plantações de mandioca, tabaco e ananás eram feitas com regularidade, ou circumdando os caminhos, ou em linhas perfeitamente parallelas; os terrenos eram cercados para evitar a invasão dos gados. Junto a um poço que fôra revestido com grossos

madeiros estava um enorme *batuque* todo cheio de relevos caprichosos, que media 1<sup>m</sup>,4 de altura por 0<sup>m</sup>,86 de diametro. Das palhotas não restava o menor indício; tinham sido incendiadas.

A chuva não nos deixou avançar para além da povoação de Tuláxe onde acampámos. Atravessámos antes as lagoas Échinhâbâne e Sûle; é sobre a primeira, de pequenas dimensões, que de diferentes pontos se vem juntar as chuvas que caem n'esta região, correm depois para a segunda, que é grande, e é depois d'esta, julgo eu, que sae o rio Mânguanhâne, de onde bebe a pequena povoação de Tuláxe.

Em 18 continuámos a marcha e comnosco a chuva e trovoadas; é o tempo d'ellas. Mas sinto-me atrapalhado com o reumatismo, que me não deixa caminhar; ver-me-hei obrigado a improvisar uma machila para poder seguir com pressa.

Atravessámos hoje a povoação de Zebúte e fomos acampar na de Éfu; a primeira era muito importante por ser n'ella que o Binguâna tinha as suas mulheres; as palhotas, que ainda se conservam de pé, são grandes, circulares e todas revestidas de barro interior e exteriormente; as portas têm relevos curiosos e pinturas extravagantes. Agora está esta povoação occupada por um velho vangúune, amigo do Gongunhama, com a sua familia.

Passámos pelas lagoas Mâssecuâne e Chlâchlâne; d'esta, parte a ribeira do mesmo nome que vae desaguar no rio Mânguanhâne, o qual por seu turno vae desaguar no rio Chicômo. A povoação de Éfu seria muito difficil encontral-a, sem guia, no mato onde está embrenhada. É das poucas povoações que receberam de bom grado o dominio do Gongunhama.

Surprehendido por ver o meu vangúune trazer um carneiro, que o chefe da povoação me offerecia, quando pouco antes me declarára que nada tinha para vender, chamei o chefe e reconheci que assim era; no emtanto para evitar as extorsões a que os vangúunes estão acostumados a exercer, fiz saber aos que me acompanhavam que os trataria sempre muito bem, mas que não tinha duvida nenhuma em mandar chibatar o que fizesse imposições ás povoações.

Em 19 tive de contratar mais seis homens para transportar as cargas de igual numero de carregadores que passam a levar a machila; eu já não podia andar; os pés incharam a ponto de não me poder calçar; improvisei a machila com um lençal turco, que se rasgou logo á primeira, mas que enrolei; foi suspenso n'esta corda que continuei a viagem.

Eu vinha com tal ou qual sobresalto por julgar que teria de intervir seriamente em alguma lucta entre gente do Gongunhama e a de Guâmbá, porque hontem quando estava almoçando junto á lagoa Chlâ-

chlâne vi passar um grupo de trinta homens todos armados acompanhados de dezesseis mulheres e alguns rapazes e raparigas que iam assaltar uma povoação *inimiga* (?) para lhe roubar os mantimentos. Estranhei seriamente ao vangúne que o Gongunhama auctorisasse taes roubos.

— Que hão de fazer, se têm fome?

— Que trabalhem, que semeiem...

— Oh! o vangúne é senhor, não é âmâtônga (raça inferior).

Convencido de que nada conseguiria se quizesse intervir, tinha-os deixado passar sem nada dizer.

Mas não foi sobre este ponto que aquella gente veio.

Antes de atravessar o rio Chicômo passámos a ribeira Chôngo, que de sueste corre a encontrar-se com aquelle rio, e a povoação de Mapiiculâne, onde tratei de ajustar o aluguel do *gátim* (pequeno barco chato feito de casca de arvore) para a passagem de todo o pessoal; queria o seu dono um pagamento exorbitante, mas assim que lhe fallei em tomar conta do barco prestou-se immediatamente e da melhor vontade. Foi um pouco demorada a passagem, por não poder ser transportada carga superior a quatro homens ou a dois com os respectivos motores; resolvi pois almoçar na margem esquerda do rio.

Estava já descansando quando me surgem tres homens que vinham atrás de mim desde a serra de Chimbut'zo; faziam parte do pessoal que o negociante de Inhambane, Ferreira Rosa, mandára em 1 de setembro ao encontro da commissão portugueza de fronteiras: andavam desde então caminhando sempre sem saber para onde. Perdidos, tinham atravessado o Uáluize e chegado á margem do Limpopo, onde lhe disseram que um portuguez descêra o rio n'um barco; d'ali vieram rio abaixo até ao Chimbut'zo, onde, sabendo da minha passagem, se destacaram estes tres homens em minha busca. Os desgraçados saíram de Inhambane só com mantimentos para quinze dias; pois tendo decorrido oitenta dias passaram toda a casta de privações sem tocar em nenhum dos motores onde traziam arroz e fazendas! Auctorisei-os a que abrissem um fardo de *duângos* (cobertores de algodão branco, ordinarios) e recommendei que viessem para Inhavume, onde os esperarei.

Continuámos a marcha, passando as pequenas ribeiras Tétuâne, Chiguivi e Encarri, que vindo do norte se vão lançar no Chicômo, e as povoações de Quibâne, Mabássa, Môjujá, indo acampar na de Zimba. Que fertilidade a d'este paiz! Como estes povos seriam felizes e viveriam ricos se lhes não faltassem leis e policia segura que os protegesse contra as invasões de todos os Gongunhamas possiveis! Comquanto o Gongunhama só se considere senhor das terras de alem Chicômo, estes povos não se julgam ao abrigo dos assaltos das hordas que de vez em

quando invadem o paiz assolando as sementeiras e até queimando as habitações.

As margens do rio, que muito se parece com o Uáluize pela sua largura irregular e sabor das aguas, são guarnecidas de uma vegetação luxuriante, como ainda não tinha visto em Africa. Que enormes e elegantes palmeiras! Que bellos especimens de catus! Que agrupamentos tão phantasticos de arvores e trepadeiras, formando como que enormes *bouquets*!

Este paiz foi muito povoado, tanto quanto se póde julgar pela extensão de terrenos em que existem signaes de agricultura, e pelas grandes plantações de ananazes, mandioca, canna saccharina, tabaco e feijão, de que restam grandes vestigios nos pontos não occupados. Nas povoações existentes nota-se grande abandono, pelo terror que esta gente sente com a vizinhança dos vanguunes e pela ausencia de grande numero de homens que emigram em larga escala para Lourenço Marques, Natal e Transvaal. Algumas povoações, como por exemplo Mabássa, que apresentava a particularidade excepcional de estar estabelecida n'um plano bastante inclinado, era quasi composta exclusivamente por velhos, mulheres e creanças. No emtanto gosam de uma certa abastança.

Logo depois da passagem do rio Chicômo se conhece bem que se pisa terreno portuguez; á nossa aproximação acode logo o chefe da povoação offerecendo os seus serviços e uma palhota para pernoitar; a maior parte das vezes traz tambem algum pequeno presente. É verdade que depois de algum tempo reconhece-se que estas offertas não são voluntarias; quando assim não procedem, os sipaes, soldados ou outros funcionarios e negociantes, que percorrem o paiz como verdadeiros vanguunes, obrigam-n'os por todos os meios a ter taes deferencias. Alem d'estas imposições, outra se exerce sobre as povoações do districto de Inhambane bastante pesada; é a dos transportes obrigatorios e gratuitos. Quando alguma d'aquellas entidades chega com cargas a uma povoação despede os carregadores que trouxe até ali e arrebanha outros que as deve transportar até á povoação mais proxima. Eu preferi contratar a uma braça de fazenda cada um, por dia, alguns pretos, para alliviar os que vinham commigo, já porque não agradar aquelle systema, já por me não convir; os pretos n'aquelles casos, desejosos de largar as cargas o mais depressa possivel, dirigem-se á povoação mais proxima, embora ella fique em direcção opposta á que se deseja seguir. Os que eu quiz obtive-os de prompto por verem, cousa rara, que se lhes pagava.

O paiz hoje percorrido são terras de Guâmbé, ou Guâmbé, hoje reguladas por Kôône, filho de Guâmbé, fallecido ha pouco tempo. Ma-

hónessâne, filho de Kôône, é o actual chefe de Zimba; é grande falador, espalhafatoso, mas muito serviçal; commovido por lhe retribuir uma cabaça de sura e um bocado de feijão que me trouxe, voltou com um cabrito e mandou um irmão para me servir de guia.

Em 20 continuei a viagem atravessando as povoações de Uad'semane, Mafaçane, Kôône (onde almoçámos), Machlachlane, Inhadúco e Mavegue (onde acampámos), além de outras de somenos importancia, todas situadas nas cumiadas das pequenas montanhas que acompanham o rio Chicômo. Passei tambem uma linha de agua, Psápsápsa, que vae ao encontro da ribeira Ameçânza, a qual por seu turno desagua no Chicômo; é n'esta junccão que o rio Chicômo se passa a chamar Inharrime, nome que conserva até ao lago a que dá o nome.

O velho Kôône nada veio offerecer e nada quiz vender; dizia o guia que era por eu não trazer bandeira.

O paiz continúa a apresentar signaes de grandes plantações antigas e restos de povoações abandonadas ha muito.

Em 21 passámos pelas povoações Zavalla, Concoan, Unt'so, Chiquechique, Soubane, Chambisse, Mahonza, Magoé e Chacatan; algumas d'estas povoações eram importantes, sobre todas Concoan, que continha 180 palhotas formadas em quatro linhas paralelas e voltadas para o centro, onde havia, como em muitas outras, laranjeiras, limoeiros e mandioca de 9 pés de altura.

Passámos igualmente a linha de agua Gologone que vae dar ao Ameçanza, as lagoas T'senzema e Sule que communicam entre si e que separam as terras de Guambá das de Cumbi ou M'cumbi, e a ribeira Inhuluana que vae directamente ao rio Inharrime.

Em Unt'so estava um filho do velho M'cumbi, principiando a construcção da sua povoação para quando succeder ao pae; veio cumprimentar-me ceremoniosamente, trazendo um cabrito e uma garrafa de aguardente feita de mandioca. É rara a povoação n'esta região que não tem o seu alambique, embora muito primitivo, para fazer alcool que distillam de canna saccharina, de milho, de ameixoeira, de batata doce, de mandioca e até de banana.

Em muitos pontos, junto aos rios ou em terrenos humidos, vêem-se algumas hortaliças (couve ou repolho) e legumes (ervilha, feijão vermelho e chicharo), além de outros cafreaes.

Em 22 cheguei ao quartel militar na margem do lago Inharrime, encontrando no caminho o sr. capitão Miranda, commandante militar d'este posto, que ia ao Guambá resolver umas questões entre dois povos. Até este quartel passei ainda pelas povoações Vierre e Gongunhana, e atravessei as linhas de agua Inhamerrale e Inhaner.

Tenho ouvido dar ao enorme lago em frente do quartel os nomes

de Inharrime e Poelella indistinctamente; o primeiro é que julgo reconhecer o que se lhe deve dar, pelas informações que colhi: Poelella é a passagem que existe exactamente na foz do rio no lago, assim como Soubela é o nome de outra passagem que ha a oeste-sueste e que separa as terras de Zavalla. O lago recebe aguas correntes dos rios Inharrime, a oeste e Guiene a nordeste, e de outras pequenas ribeiras; d'aqui saem depois por cinco canaes differentes, entre sueste e es-sueste, que se vão reunir a curta distancia formando o rio Inhumbi que segue a desaguar no mar, segundo informam, depois de atravessar as terras de Inhantumbo, Macupulana e Mangunda. A agua do lago é bastante salobra, mas em volta ha nascentes de agua esplendida e até algumas com pronunciado sabor a ferro. Se não fosse a pressa em chegar a Inhambane havia de percorrer a lagoa em volta. Dizem que ella é abundante de tubarões, jacarés e cavallos marinhos; nada vi, mas é possivel que de tudo haja excepto tubarões; está muito acima do nivel do mar para que taes animaes tenham subido até aqui.

Os povos que habitam em redor do lago estão mais ou menos sob o dominio portuguez á excepção do Zavalla, que se não considera nem sujeito a nós nem ao Gongunhama. Parece inacreditavel; estamos senhores do paiz ha trezentos annos e não temos força nem prestigio para dominar este povo que dista dois dias de Inhambane. É verdade que Ampapa, Ampoense, Matibane e outros povos estão a horas de Moçambique e de vez em quando põem-nos de ali para fóra!

O quartel do commando militar é um barracão de madeira, mal calafetado, mas bem embreado; sem forro interior, deixa circular livremente o vento e a areia que passa através as paredes e o tecto. Tem sete divisões: a primeira, a oeste, é a caserna dos soldados do destacamento e dos presos para julgamento ou já sentenciados; a segunda é deposito onde estava havia mezes uma grande porção de fazendas e bebidas destinadas ao Gongunhama, mas que para ali estavam sem ninguem se lembrar d'ellas, nem o commandante militar saber o que lhes havia de fazer; a terceira... é o paiol! onde estão armazenados cunhetes com cartuchos, cargas para artilheria, lanternetas, granadas, etc., e polvora em barris! segue depois o deposito de generos, um aposento para sargento, outro para secretaria e o ultimo para o official.

Junto ao quartel, a 60 metros, está coberto de terra o corpo de um homem que ali morreu e a quem um alferes Sousa, que d'aqui fugiu suppondo que ia ser atacado por gente do Gongunhama, se não quizer dar ao incommodo de mandar abrir cova.

O cemiterio está a 200 metros do quartel e por entre as sepulturas do alferes Aragão, da mulher de um outro alferes, de um soldado

e de um inglez nascem grandes e esplendidas melancias... que de vem ser saborosas.

O commandante militar quando recolheu da sua digressão vinha indignado contra os sypaes e soldados que o acompanhavam; ao passar pelas povoações roubavam o que podiam e matavam por sua conta aves e gado. Aquella auctoridade viu-se obrigada a prevenir os chefes por onde passava para que escondessem o que tivessem. Explica-se por este processo a promptidão com que os chefes acodem a fazer offertas... antes que lh'as tirem á força. A este official offereceram gallinhas, cabritos e 3 libras, que retribuiu.

É muito curioso um processo cafreal entre estes povos. Quando um preto qualquer tem a queixar-se de outro apresenta tres peças de loupas azul (de 4 braças cada) ao commandante militar; este, ouve e manda prender o accusado por sypaes, seja ou não verdadeira a accusação; é raro haver queixas que não sejam mais ou menos fundamentadas. Ao preso amarra-se-lhe ao tornozelo um tronco (*pique*) e fica desde logo á espera do julgamento. No dia aprasado, o commandante militar assentado n'uma cadeira, o interprete ao lado, um preto — uma especie de official de diligencias, — encarregado de convidar os jurados, o queixoso e o réu ao lado um do outro e em volta os espectadores que são em maior ou menor numero segundo a importancia da questão. É para notar que á proporção que vão chegando se vão comprimentando, batendo as palmas repetidamente, inclusive o réu e o queixoso, como se fossem amigos. Cada um d'estes póde fallar duas vezes, alternadamente, findo o que o commandante militar julga e condemna; este é o julgamento simples, mas ordinariamente os dois gostam de tornar o acto espectacular e quando acabam de fallar entregam mais uma loupas cada um <sup>1</sup> e fallam novamente duas vezes. Então o official de diligencias nomeia successivamente algum dos circumstantes para dar a sua opinião e fallar sobre a questão; estes são os maganaganas que julgam, e o commandante militar condemna depois. Se o crime é de pouca importancia, o réu, se se provou o crime, ou o queixoso se se não provou ou ainda os dois se ambos são culpados, pagam 15 loupas cada um ou o equivalente em generos, gado ou dinheiro; se o crime é de muita gravidade, são o réu, ou os réus, mandados para o governador do districto. As tres loupas da queixa são emolumentos do commandante militar; as duas do *hombehome* são para o interprete e para o caçador que fez a prisão, as da condemnação são para a fazenda.

---

<sup>1</sup> Chama-se *hombehome* a esta entrega.

Mas que discursos os dos maganaganas! com que verbosidade alguns soltam a palavra! Às vezes dizem «bocadinhos de ouro», que arrancam aos espectadores *signaes* de approvação e até de enthusiasmo!

Foi ainda muito original a causa do julgamento a que assisti:

Ha seis annos a mulher do queixoso ia atravessando as terras que o réu cultivava; este, que viu as suas sementeiras calcadas, atirou-lhe com um abobora podre, que se foi desfazer nas costas da mulher; ella riu-se e continuou a andar. Mas dá-se agora o caso da mulher morrer, e o marido intentou queixa immediatamente contra o réu por lhe ter causado a morte da mulher com a abobora que lhe atirou ha seis annos. O mais notavel é que o réu pagou a multa convicto de que realmente commettêra o crime.

Continúa a escassez de mantimentos; os proprios soldados do destacamento recebem o rancho em loupas, por não ter vindo de Inhambane fornecimento algum. Os povos estão á espera da colheita.

Chegaram em 30 os homens conduzindo as fazendas mandadas pelo negociante Rosa em 1 de setembro. Coitados; mandei matar dois cabritos grandes e dei-lhes arroz do que traziam. Apesar de virem esfomeados e com marchas asperas, logo que lhes fallei em seguir para Inhambane mostraram a maior alegria; resolvi, portanto, partir, decidido a chegar n'um só dia á Mutamba, de onde uma lancha me transportaria á villa.

No dia 1 de dezembro, formados os meus setenta homens, parti ás cinco horas (a. m.) Era grande a distancia, é verdade, mas eu vi todos os homens tão animados, que me esqueci da minha fraqueza e do meu rheumatismo.

Ás oito horas e vinte minutos (a. m.) passámos pela povoação Mabonelle; ás nove horas e quatorze minutos pela do chefe das terras de Cumbane; ás doze horas e vinte e sete minutos almoçámos em Malaissa junto á lagoa Inhassungo, onde nos demorámos duas horas e quarenta minutos; ás cinco horas passámos pelo commando militar de Cumbane, junto á lagoa Inhassungo, e ás oito horas chegavamos a casa de José Ferreira Rosa, na Mutamba. Mas em que estado. Poucos foram os carregadores que me acompanharam, e esses mesmos chegaram estropiados. Aqui se lembraram alguns carregadores da al-cunha que me haviam posto no Transvaal, *girafa*, por eu ondular o corpo quando caminho depressa. Durante a noite esteve chegando gente, que se não importava com a comida; bebiam os golos de aguardente de canna e atiravam-se ao chão. Ás nove horas da manhã do dia 2 chegaram os ultimos.

Impaciente por não ter chegado a lancha, não posso conter-me e arto, em 3, em direcção a Inhambane, seguido apenas pelos carre-

adores que me acompanham desde Makiki e pelos homens do Gonunhama; os restantes... não podiam.

As duas horas da manhã entrei em Inhambane como um criminoso, escondendo-me de todas as vistas; eu via-me com umas calças em tiras, sem casaco e com uma camisa feita de buracos.

O capitão Freire de Andrade andava ainda luctando com todas as difficuldades no transporte das carretas através as matas e areas de todo o districto de Inhambane. Tive ainda occasião de ir levar-lhe um equeno auxilio de gente e mantimentos, mas fui forçado a retirar-me por doença.

O preto Amendoim, que eu mandára do interior com a mão ferida por um tiro, estava melhor, apesar de se ter demorado dez dias em chegar ao litoral sem curativo algum a não ser a meia garrafa de alcohol camphorado. Valeu-lhe talvez a violenta cauterisação que lhe appliquei.

Não devo deixar de manifestar n'este logar o reconhecimento devido ao governador do districto de Inhambane, o ex.<sup>mo</sup> sr. Cró Ferri, pelo subido interesse que sempre mostrou em prestar todo o auxilio á commissão e pela maneira sinceramente distincta e amigável como os recebeu e tratou no regresso da nossa trabalhosa digressão.

Moçambique, 19 de agosto de 1891. — *José Antonio Matheus Serano*, capitão de caçadores de Africa.

---



### III

#### RECAPITULAÇÃO DAS LATITUDES E LONGITUDES

Locaes das observações	Latitudes	Diferença	Longitudes	Diferença
Campo n.º 1, na margem esquerda do rio Meguenha ou Crocodilo, a 800 metros a montante da sua foz no Incomati, em 30 de maio de 1890.....	25° 25'.11" ,2	— 1'.44" ,6	32° 05'.46" ,2	— 5" ,7
Idem, em 6 de junho de 1890 .....	—	—	—	—
Campo n.º 2, a montante do campo anterior, em 8 de junho de 1890 .....	25° 23'.26" ,6	—	—	—
Campo n.º 3, junto á ribeira Ebongene .....	—	—	—	—
Campos n.º 5 e 6, margens do rio Sabie, em 13 e 18 de junho de 1890 .....	25° 09'.48" ,7	—	32° 05'.40" ,5	+ 4'.36" ,0
Marco D, margem do Sabie, em 17 de junho de 1890 .....	25° 12'.00" ,0	—	32° 10'.16" ,5	— 5'.24" ,0
Campo n.º 7, na povoação de Maalane, em 19 de junho de 1890 .....	25° 03'.56" ,0	— 7'.48" ,0	32° 04'.52" ,5	+ 1'.42" ,0
Marco G, em 23 de junho de 1890 .....	24° 56'.08" ,5	—	—	—
Marco H, em 26 de junho de 1890 .....	24° 41'.11" ,0	—	32° 06'.34" ,5	— 3'.18" ,0
Campo n.º 10, na povoação de Mit'smit's, em 27 de junho de 1890.....	24° 44'.07" ,9	— 9'.36" ,6	32° 03'.16" ,5	—
Entre os campos n.º 11 e 12, em 28 de junho de 1890 .....	24° 34'.31" ,3	— 4'.11" ,6	—	—
Campo n.º 12, junto á ribeira Nunguine, em 29 de junho de 1890.....	24° 30'.19" ,7	— 3'.25" ,4	—	— 1'.24" ,0
Marco I, em 1 de julho de 1890 .....	24° 26'.54" ,3	— 2'.54" ,3	—	—
Campo n.º 14, junto ao rio Uanctzi, em 3 de julho de 1890 .....	24° 24'.00" ,0	— 5'.19" ,1	32° 01'.52" ,5	—
Campo n.º 15, junto á ribeira Chanaganini, em 4 de julho de 1890 .....	24° 18'.40" ,9	— 9'.20" ,3	—	— 1'.54" ,0
Campo n.º 16, junto á ribeira Bangco, em 6 de julho de 1890 .....	24° 00'.00" ,0	—	—	—

Entre os campos n.º 19-A e 20, em 17 de julho de 1890.....	29° 54' 54" 5		28" 4	
Campo n.º 21, margem esquerda do Letaba, em 20 de julho de 1890.....	29° 54' 51" 1		9' 20" 4	31° 49' 36" 3
Campo n.º 22, junto a uma poça sem nome, em 21 de julho de 1890.....	29° 45' 10" 7		6' 25" 2	
Campo n.º 23, idem, em 24 de julho de 1890.....	29° 38' 45" 5		11' 09" 0	
Campo n.º 24, idem, em 25 de julho de 1890.....	29° 27' 36" 5		7' 31" 6	31° 41' 28" 1
Campo n.º 25, junto á ribeira T'sabanc, em 27 de julho de 1890.....	29° 19' 54" 9		3' 05" 6	31° 41' 45" 3
Marco S, em 28 de julho de 1890.....	29° 16' 49" 3		4' 14" 0	31° 41' 47" 7
Marco T, em 30 de julho de 1890.....	29° 12' 35" 3		48" 7	31° 40' 33" 3
Campo n.º 26, margem do rio Singuetzi, em 31 de julho de 1890.....	29° 13' 24" 0		10' 32" 2	31° 38' 11" 1
Campo n.º 28, em terreno desconhecido, em 5 de agosto de 1890.....	29° 02' 51" 8			
Campo n.º 30, junto á ribeira Columbenc.....	-			
Idem, de 8 a 11 de agosto de 1890.....	-		6' 02" 2	31° 29' 02" 9
Idem, em 17 de setembro de 1890.....	22° 56' 49" 6			
Campo n.º 31, junto á ribeira Chichá, em 12 de agosto de 1890.....	22° 52' 32" 3		4' 17" 3	
Idem, em 13 de agosto de 1890.....	-			31° 16' 30" 3
Campo n.º 32, junto ás lagoas, origem da ribeira Chichá, em 15 de agosto de 1890.....	22° 45' 32" 4			
Campo n.º 34, junto á ribeira Chichá, em 16 de agosto de 1890.....	22° 38' 20" 1		7' 12" 3	31° 15' 24" 3
Campo n.º 38, na confluencia dos rios Limpopo com o Pafuri, de 21 de agosto a 4 de setembro de 1890.....	22° 34' 26" 6		13' 54" 5	31° 22' 21" 3
			1' 59" 8	

Locaes das observações	Latitudes	Diferença	Longitudes	Diferença
Campo n.º 40, na povoação de Sondolotane, em 6 de setembro de 1890 .....	22° 26' 25",4	+ 7",6	31° 32' 26",1	+ 1' 08",4
Entre os campos n.ºs 42 e 43, em 8 de setembro de 1890 .....	22° 26' 38",0	+ 1' 49",6	31° 33' 34",5	+ 10' 52",8
Entre os campos n.ºs 43 e 44, em 9 de setembro de 1890 .....	22° 28' 22",6	+ 1' 48",1		
Entre os campos n.ºs 44 e 45, em 10 de setembro de 1890 .....	22° 30' 10",7			
Campo n.º 45, na povoação de Bancaio, em 11 de setembro de 1890 .....	-	+ 20",1	31° 44' 27",3	+ 3' 30",0
Campo n.º 46, na povoação de Chicuala, junto ao rio Uanetzi, em 11 de setembro de 1890 .....	22° 30' 30",8	- 23",0	31° 47' 57",3	- 9' 39",0
Idem, em 22 de setembro de 1890 .....	22° 30' 07",8	+ 11' 18",7		
No rio Lilane, em caminho para o campo n.º 30, em 14 de setembro de 1890 .....	22° 41' 26",5	+ 50",5		
Idem, em 15 de setembro de 1890 .....	22° 42' 17",0		31° 38' 18",3	+ 4' 00",0
Campo n.º 50, proximo ao fim da matta, em 27 de setembro de 1890 .....	-	- 14' 10",9	31° 52' 18",3	+ 49",0
Entre os campos n.ºs 51 e 52, em 30 de setembro de 1890 .....	22° 28' 06",1		31° 53' 07",3	+ 7' 38",0
Campo n.º 54, na povoação de Moguzalala, em 2 de outubro de 1890 .....	-	- 7' 26",7	32° 00' 45",3	+ 24' 39",0
Idem, em 3 de outubro de 1890 .....	22° 20' 39",4	+ 51",7		
Entre os campos n.ºs 54 e 55, em 4 de outubro de 1890 .....	22° 21' 31",1	+ 7' 05",1		
Campo n.º 57, no kraal de Map'sangue, em 7 de outubro de 1890 .....	22° 28' 36",2	- 59",4	32° 25' 24",3	+ 18' 19",8
Campo n.º 58, junto á lagoa Sadulo, em 10 de outubro de 1890 .....	22° 27' 38",8	+ 2' 01",0		

Entre Makiki e Mabanini, junto á povoação abandonada de Tchebane, em 18 de outubro de 1890.....	22° 35' 56" ,7	+ 6' 30" ,3	+ 17' 49" ,0
Idem, em 20 de outubro de 1890 .....	-	+ 1' 10" ,9	32° 56' 27" ,1
Idem, em 21 de outubro de 1890 .....	22° 37' 07" ,6	+ 3' 32" ,4	+ 10' 24" ,5
Em Mabanini, junto ao rio Tundgi, em 24 de outubro de 1890 .....	22° 40' 40" ,0	+ 9" ,5	33° 06' 51" ,6
Idem, em 25 de outubro de 1890.....	22° 40' 49" ,5	+ 36" ,8	- 2' 04" ,5
Em Mabanini, junto á lagoa dos hippopotamos, em 28 de outubro de 1890.....	22° 41' 26" ,3	+ 3' 01" ,6	+ 7' 12" ,1
Entre Mabanini e o Ualuize, pela planície dos leões, em 29 de outubro de 1890 .....	22° 44' 27" ,9	- 32" ,7	
Idem, em 30 de outubro de 1890 .....	22° 43' 55" ,2	+ 3' 06" ,2	33° 11' 59" ,2
Idem, em 31 de outubro de 1890 .....	22° 47' 01" ,4	- 1' 03" ,9	33° 17' 17" ,1
Idem, ao principio da matta, em 3 de novembro de 1890 .....	22° 45' 57" ,5	+ 7' 38" ,1	+ 24' 18" ,1
Depois de Magimani, no lago das cegonhas, em 5 de novembro de 1890 .....	22° 53' 35" ,6	+ 8' 38" ,5	+ 7' 19" ,0
Antes da povoação de Melilêmele, em 6 de novembro de 1890 .....	23° 02' 14" ,1	- 48" ,4	+ 12' 20" ,3
Na povoação de Kaluti, em 7 de novembro de 1890.....	23° 01' 25" ,7	- 1' 36" ,4	+ 19' 32" ,1
Antes da povoação de Masibi, em 10 de novembro de 1890 .....	22° 59' 49" ,3	+ 44" ,5	
Depois da povoação de Masibi, em 12 de novembro de 1890 .....	23° 00' 39" ,8	+ 6' 11" ,2	34° 20' 40" ,6
Antes da povoação de Novel, em 14 de novembro de 1890.....	23° 06' 45" ,0	+ 11" ,1	34° 23' 03" ,4
Depois da povoação de Novel, em 19 de novembro de 1890 .....	23° 06' 56" ,1	+ 7' 51" ,6	+ 2' 22" ,8
Na povoação de Coléle, em 27 de novembro de 1890 .....	23° 14' 47" ,7	+ 6' 09" ,3	+ 11' 55" ,0

Locaes das observações	Latitudes	Diferença	Longitudes	Diferença
Na povoação de Mocue, em 1 de dezembro de 1890 .....	28° 20' 51" ,0	+ 4' 08" ,4	84° 34' 58" ,4	+ 5' 56" ,0
Na povoação de Maguessa, em 2 de dezembro de 1890 .....	28° 34' 54" ,4	+ 7' 24" ,4	84° 40' 54" ,4	+ 10' 45" ,0
Idem, em 3 de dezembro de 1890. ....	-		84° 51' 39" ,4	+ 4' 43" ,0
Na lagoa Anhuone, em 7 de dezembro de 1890. ....	-			
Idem, em 8 de dezembro de 1890 .....	28° 32' 18" ,8	+ 1' 54" ,0		
Na povoação de Macuabane, em 10 de dezembro de 1890 .....	28° 34' 12" ,8	+ 6' 16" ,4	84° 56' 22" ,4	+ 16' 18" ,0
Na lagoa Morrongue, em 11 de dezembro de 1890 .....	28° 40' 29" ,2			
Na povoação de Malache, em 14 de dezembro de 1890 .....	-	+ 5' 54" ,0	85° 12' 40" ,4	+ 11' 20" ,0
Idem, em 12 de novembro de 1890 .....	28° 46' 28" ,2			
Em Inbambane (junto á igreja) .....	28° 49' 44" ,5	+ 3' 21" ,3	85° 24' 00" ,4	

A. Freire de Andrade, capitão de engenharia.

# IV

## OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS

Data 1890	Dia	Hora	Thermometros			Anerolde		Vento		Chuva em horas	Estado do céu	Humidade	Tempo
			Ordinario	Maxima	Minima	Barometro	Thermometro	Rumo	Força em kilo- metros				
Maio	27	6, a. m.	-	-	-	761,0	19,2	NE.	1,800	-	2	Secco	Bom
	28	3, p. m.	24,5	25,2	9,8	754,5	24,5	E.	1,800	-	1	"	"
	29	9, a. m.	19,3	25,3	11,3	754,0	20,5	E.	1,800	-	0	"	"
	30	8, a. m.	10,6	22,8	8,8	753,5	10,0	ESE.	7,200	-	5	Humido	"
	31	9, a. m.	11,7	23,4	7,0	755,7	11,3	E.	1,800	-	2	Secco	"
	1	9, a. m.	13,6	24,5	7,5	756,0	13,4	SE.	19,800	-	0	"	"
	2	9, a. m.	18,4	25,6	15,7	759,5	19,0	NE.	1,800	-	0	"	"
	3	9, a. m.	15,2	25,0	11,4	755,0	15,0	N.	8,600	-	4	"	"
	4	9, a. m.	18,8	26,8	13,3	758,4	19,0	N.	1,800	-	0	"	"
	5	9, a. m.	17,1	23,3	12,5	756,8	17,2	N.	19,800	-	1	"	"
	6	9, a. m.	14,0	24,3	11,9	758,6	14,1	ENE.	1,800	-	3	Humido	Variavel
	7	9, a. m.	14,9	23,8	12,0	757,4	14,7	NE.	3,600	-	6	"	"
	8	9, a. m.	19,0	26,1	11,5	756,2	19,1	NE.	3,600	-	3	"	"
	9	7, a. m.	13,6	20,3	11,8	753,4	14,0	S.	54,000	2	9	"	"
	10	8, a. m.	15,0	19,5	14,2	755,5	15,2	SO.	19,800	-	6	"	"
	11	7, a. m.	12,5	25,4	12,3	751,2	13,6	SO.	3,600	-	3	"	"
12	7, a. m.	18,2	23,5	7,6	749,0	18,0	S.	3,600	-	3	Secco	Bom	
13	9, a. m.	18,2	27,7	11,4	756,0	18,3	S.	3,600	-	5	"	"	
14	7, a. m.	17,8	27,9	12,0	757,2	17,8	NO.	1,800	-	5	Humido	"	
15	9, a. m.	19,7	28,3	11,6	758,3	19,8	NO.	7,200	-	4	Secco	"	
16	9, a. m.	13,4	26,3	10,5	756,0	13,3	S. S. S.	1,800	-	0	"	"	



Data 1890	Dia	Hora	Thermometros			Aneroides		Vento		Chuva em horas	Estado do céu	Humidade	Tempo
			Ordinario	Maxima	Minima	Barometro	Thermometro	Rumo	Força em kilo- metros				
	14	9, a. m.	16,2	25,2	10,9	756,2	16,5	NO.	1,800	-	2	Secco	Bom
	15	9, a. m.	18,3	25,7	9,0	753,5	19,0	N.	1,800	-	1	"	"
	16	7, a. m.	9,2	28,7	8,7	748,6	10,2	N.	1,800	-	0	"	"
	17	9, a. m.	17,7	29,3	11,5	743,4	18,6	SE.	7,200	-	1	"	Variavel
	18	7, a. m.	14,2	26,2	11,5	751,7	14,4	SE.	3,600	5	10	Humido	"
	19	9, a. m.	16,0	17,7	12,3	750,6	15,6	N.	1,800	6	10	"	"
	20	9, a. m.	15,5	23,3	10,4	748,6	16,3	NO.	1,800	-	1	Secco	Bom
	21	7, a. m.	17,3	26,4	15,4	752,5	17,4	E.	1,800	-	5	"	"
	22	7, a. m.	-	-	-	-	-	E.	1,800	-	2	"	"
	23	7, a. m.	13,4	31,2	11,1	740,0	13,6	E.	1,800	-	3	"	"
	24	12, a. m.	25,2	25,7	8,7	741,1	26,3	N.	1,800	-	0	"	"
	25	7, a. m.	-	-	-	-	-	NO.	19,800	-	5	"	"
	26	8, a. m.	12,8	24,1	10,2	737,7	12,6	NO.	1,800	-	4	"	"
	27	9, a. m.	14,6	20,2	5,3	740,6	14,5	N.	8,600	-	2	"	"
	28	9, a. m.	12,0	22,9	8,3	739,8	11,8	NE.	8,600	-	2	"	"
	29	8, a. m.	11,3	30,6	9,2	739,0	10,4	NE.	1,600	-	1	"	"
	30	9, a. m.	15,4	23,9	6,7	742,6	15,0	E.	1,800	-	1	"	"
	31	9, a. m.	16,6	28,8	8,3	742,7	16,2	NE.	3,600	-	0	"	"
	1	10, a. m.	20,6	29,5	8,4	742,2	21,2	NE.	1,800	-	0	"	"

Julho

5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	
6, a. m.	6, a. m.	9, a. m.	7, a. m.	9, a. m.	9, a. m.	9, a. m.	9, a. m.	7, a. m.	9, a. m.	7, a. m.	9, a. m.																
19,4	18,8	21,9	11,8	14,6	18,7	18,8	19,2	19,2	15,5	17,2	17,5	12,9	12,0	20,3	-	-	-	22,3	20,4	19,2	21,2	26,2	22,8	25,8	22,2	21,2	22,0
94,1	90,6	25,7	25,7	30,6	28,4	29,4	24,8	29,5	24,1	24,1	18,2	21,2	29,7	24,6	-	-	-	33,6	35,3	28,8	27,0	28,6	40,0	33,7	38,8	32,4	33,6
11,5	11,3	11,6	11,8	9,7	9,8	9,9	10,0	10,7	9,0	9,8	10,2	11,4	17,2	-	-	-	11,7	11,3	10,2	13,5	13,2	20,2	13,3	15,1	14,3	14,6	
777,1	749,5	746,0	739,0	739,6	740,4	738,6	730,0	730,9	736,9	735,5	727,2	725,9	735,6	-	-	-	740,4	744,7	744,4	746,5	747,1	750,0	747,5	750,8	749,4	746,9	
17,1	19,0	22,2	11,6	13,6	19,2	19,2	13,0	15,2	17,3	17,6	13,2	12,5	13,8	-	-	-	22,0	19,9	18,9	21,4	26,0	23,2	26,2	22,8	21,4	22,0	
N.E.	S.	SO.	S.	E.	S.	E.	NE.	SE.	S.	S.	E.	SE.	S.	E.	E.	NE.	NE.	N.	N.								
7,200	3,600	7,200	3,600	7,200	3,600	1,800	1,800	54,000	1,800	3,600	1,800	72,000	3,600	1,800	3,600	1,800	1,800	1,800	1,800	1,800	1,800	3,600	1,800	72,000	3,600	1,800	
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	
9	3	7	3	5	2	3	2	10	7	4	0	8	4	0	0	2	0	0	0	0	8	10	2	10	7	3	
Humido	Secco	Secco																									
Variavel	Bom	Bom																									

Agosto

Data 1890	Dia	Hora	Thermometros			Aneroido		Vento		Chuva em horas	Estado do ceu	Tempo	Humidade
			Ordinario	Maxima	Minima	Barometro	Thermometro	Rumo	Força em kilo- metros				
	1	9, a. m.	22,8	33,4	17,7	749,0	23,2	NNO.	19,800	-	10	Humido	Variavel
	2	9, a. m.	17,6	26,5	17,4	755,8	17,9	E.	72,000	-	10	"	"
	3	6, a. m.	18,0	23,7	17,8	747,1	18,1	E.	1,800	-	9	"	Bom
	4	6, a. m.	10,2	21,7	9,6	743,4	10,3	E.	1,800	-	7	Secco	"
	5	6, a. m.	12,4	24,1	11,0	737,3	12,1	NE.	1,800	-	4	"	"
	6	6, a. m.	11,9	26,9	10,5	751,1	11,5	N.	1,800	-	4	"	"
	7	9, a. m.	21,9	25,7	11,6	745,0	22,2	SO.	3,600	-	3	"	"
	8	7, a. m.	18,7	29,3	17,3	751,2	18,7	N.	7,200	-	10	"	"
	9	7, a. m.	16,8	28,7	13,9	747,4	16,0	O.	1,800	-	2	"	"
	10	6, a. m.	16,2	28,4	12,8	749,4	16,0	S.	7,200	-	4	"	"
	11	6, a. m.	15,0	24,3	14,4	753,2	15,2	SE.	19,800	-	2	"	"
	12	9, a. m.	19,8	30,4	12,2	750,0	20,2	N.	1,800	-	2	"	"
	13	6, a. m.	-	-	-	-	-	NE.	1,800	-	3	"	"
	14	6, a. m.	-	-	-	-	-	NE.	1,800	-	5	"	"
	15	6, a. m.	-	-	-	-	-	E.	7,200	-	4	"	"
	16	6, a. m.	-	-	-	-	-	NNE.	1,800	-	2	"	"
	17	6, a. m.	-	-	-	-	-	N.	1,800	-	0	"	"
	18	6, a. m.	-	-	-	-	-	NO.	1,800	-	0	"	"
	19	6, a. m.	-	-	-	-	-	O.	1,800	-	0	"	"

Setembro

20	6, a. m.	10,4	20,9	14,7	789,4	15,0	N.	7,200	-	3	Humido	Variavel
26	6, a. m.	14,3	30,4	18,4	789,4	15,0	N.	7,200	-	3	Humido	Variavel
27	7, a. m.	21,2	38,5	15,2	786,0	21,8	N.	1,800	-	0	Humido	Variavel
28	7, a. m.	23,6	29,3	22,5	784,9	28,1	SE.	1,800	-	6	Humido	Variavel
29	6, a. m.	20,3	32,8	16,9	788,2	21,0	SE.	1,800	-	2	Humido	Variavel
30	6, a. m.	24,3	38,0	21,0	740,9	24,6	N.	1,800	-	2	Humido	Variavel
1	6, a. m.	25,0	34,7	21,6	739,6	25,1	O.	1,800	-	10	Humido	Variavel
2	5, a. m.	25,2	35,7	24,3	737,3	25,2	NO.	19,800	-	7	Humido	Variavel
3	9, a. m.	28,0	32,5	23,2	743,3	28,6	N.	3,600	-	8	Humido	Variavel
4	5, a. m.	22,8	36,5	22,2	741,1	22,3	E.	1,800	-	3	Humido	Variavel
5	6, a. m.	25,0	33,2	20,8	745,6	25,2	F.	7,200	-	2	Humido	Variavel
6	6, a. m.	23,6	37,8	23,0	742,6	23,8	NE.	1,800	-	3	Humido	Variavel
7	5, a. m.	26,0	39,5	24,9	742,7	24,6	NE.	3,600	-	1	Humido	Variavel
8	7, a. m.	23,0	35,1	21,6	750,6	22,6	SE.	97,200	2	10	Humido	Variavel
9	7, a. m.	16,2	22,3	15,4	754,5	16,2	SE.	72,000	4	10	Humido	Variavel
10	5, a. m.	16,3	18,7	15,3	753,9	16,0	S.	7,200	-	2	Humido	Variavel
11	5, a. m.	15,3	24,8	14,8	752,7	15,5	N.	3,600	-	2	Humido	Variavel
12	7, a. m.	20,2	26,4	15,7	751,4	19,6	N.	7,200	-	6	Humido	Variavel
13	6, a. m.	21,0	32,3	19,6	750,5	20,4	SO.	3,600	2	2	Humido	Variavel
14	9, a. m.	17,0	26,7	15,1	757,3	16,6	O.	7,200	8	10	Humido	Variavel

Outubro

J. A. Mathews Serrano, capitão de caçadores de Africa.



## V

### DESCRIPÇÃO DOS MARCOS DA FRONTEIRA

Parece-nos conveniente separar a descripção dos marcos que, pelas suas espezias condições topographicas, poderão ser facilmente reconhecidos de futuro (mesmo quando ainda por quaesquer motivos, destruidos os marcos), d'aquelles que, tendo sido collocados no meio de mattos densos, se não encontram n'essas condições.

Assim dividiremos a fronteira em seis secções, comprehendidas entre aquelles primeiros pontos, fazendo em cada uma a descripção detalhada, quanto possivel, dos pontos situados entre elles:

Teremos assim:

- 1.<sup>a</sup> secção — Da portella do Incomati á do Sabie.
- 2.<sup>a</sup> secção — Da portella do Sabie á portella do rio Uanetsi.
- 3.<sup>a</sup> secção — Da portella do rio Uanetsi á do rio dos Elephantes.
- 4.<sup>a</sup> secção — Da portella do rio dos Elephantes ás collinas graníticas da origem do Ntshintza.
- 5.<sup>a</sup> secção — D'estas collinas até á portella do rio Singwetsi.
- 6.<sup>a</sup> secção — Da portella do Singwetsi até á confluencia do Pafuri ou Levubo com o rio Limpopo.

#### 1.<sup>a</sup> SECÇÃO

Do Incomati ao Sabie

##### I. Marcos principaes

- 1.<sup>o</sup> Marco do rio Incomati — Marco de alvenaria.
- 2.<sup>o</sup> Marco do rio Sabie — Marco D.

**Alvenaria.**— Este marco acha-se situado a jusante do ponto de confluencia do rio Meguanha, junto da estação de Ressano Garcia, do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transvaal.

É o ultimo ponto da fronteira já anteriormente marcada e está sobre a margem direita do rio.

O marco é de alvenaria da fôrma de uma pyramide de base quadrada e sobre as duas faces voltadas para cada um dos dois territorios tem uma inscripção indicando ser aquelle um ponto da fronteira, de um lado em portuguez e do outro em boer.

**Marco D.** — Está levantado na margem esquerda do rio Sabie; é de fôrma pyramidal, um tronco de cone encimado por uma calote espherica, e construido de pedra soita com 3 metros de altura.

O local em que se acha situado é perfeitamente bem definido. O rio Sabie, que do lado do Transvaal corre em direcção e perpendicularmente aos montes Libombos, inflecte-se duas vezes antes de os atravessar para retomar depois de novo a sua primitiva direcção do lado de Lourenço Marques.

O seu leito, bastante largo na planicie, é apertado nas montanhas, sendo naturalmente a margem que o obriga a inflectir-se, alcantilada e abrupta.

Assim o rio, inclinando-se primeiramente para sueste, como se vê no esboço do terreno junto, a sua margem esquerda apresenta-se cortada quasi a pique, mais a jusante quando volta para nor-nordeste, esta margem perde pouco a pouco estes caracteres, que passam á margem direita, emquanto que as areias e alluviões do rio se depositam na margem esquerda.

É n'este local, e a proximamente 2 kilometros da saída do rio para a planicie, que o marco se acha collocado acima do nivel das mais altas aguas e ao norte de uma de tres ravinhas que vem desaguar no rio na margem fronteira perto umas das outras, pouco importantes, mas bastante profundas e torrencias; o marco acha-se em frente da ravina central.

Na margem esquerda, e a jusante d'elle, vem desaguar uma outra ravina mais importante que vem de junto do marco seguinte; um caminho de pretos passa perto do marco, vindo do lado do Transvaal e tendo atravessado o Sabie pouco a montante da segunda inflexão.

A margem direita na parte directamente opposta a este ponto da fronteira apresenta-se deslocada e quebrada em duas direcções perpendiculares, o que, conjunctamente com a acção das aguas atmosphericas, tem produzido n'aquelle ponto, onde a margem é mais pronunciadamente a pique um certo numero de cavidades, se não cavernas de secção rectangular, e que, na margem direita, só se encontram n'aquelle local.

Finalmente, o local escolhido é ainda o ponto mais ao sul da ver-

tente esquerda da portella do Sabie e acha-se proxivamente a 400 metros da margem do rio, cujo curso n'aquelle ponto já tem principiado a alargar novamente.

Na occasião em que o atravessámos o rio tinha proxivamente 150 metros de largura, não excedendo 1 metro a sua maior profundidade.

## II. Marcos secundarios

Entre os rios Incomati e Sabie levantaram-se tres marcos todos iguaes ao do rio Sabie (que depois foi o typo sempre adoptado com pequenas excepções), construidos igualmente de pedra solta e com uma altura variando entre 3 e 3  $\frac{1}{2}$  metros.

A sua situação é a seguinte, a principiar do rio Incomati:

**Marco A.**— Acha-se a pequena distancia do marco de alvenaria do rio Incomati, proxivamente ao norte d'elle e sobre um outeiro que se apresenta escarpado sobre o rio um pouco a montante da estação do caminho de ferro. É facil o reconhecer a sua posição na margem esquerda do rio por aquelle escarpado, despido de vegetação, e em que se destaca a côr vermelha da rocha.

O marco acha-se no ponto mais alto do outeiro, tendo sido cortadas as arvores que se achavam ao norte d'elle. Os restos dos troncos das arvores que ficam adherentes ao terreno conservam por muitos annos os signaes do machado. Mais tarde e durante o regresso á costa, podemos seguir nas mattas de Chicuala-Cuala, o caminho que tinha sido aberto n'uma parte d'ellas por carretas de boers que ali tinham passado ha mais de vinte e cinco annos; procurando as arvores que elles então tinham cortado, não só se reconhecia com facilidade o caminho, mas ainda podiamos ver quaes as arvores cortadas a machado, ou quaes as que tinham sido serradas. Assim, como geralmente foram cortadas as arvores na direcção dos diversos alinhamentos da fronteira para se poderem medir as suas differentes direcções, é este um indicio importante que poderá servir para novamente elles poderem ser encontrados.

**Marco B.**— Foi construido na parte mais alta de uma prega do terreno, que no lado oriental dos montes Libombos se dirige quasi perpendicularmente a elles e descendo para o rio Incomati. As aguas das suas vertentes dirigem-se ambas para este rio, onde vão desaguar a jusante do marco de alvenaria.

As arvores são poucas n'aquelle ponto, de modo que o marco pôde ser avistado facilmente, quer seguindo o itinerario marcado no esboço

É o ultimo ponto da fronteira já anteriormente marcada e está sobre a margem direita do rio.

O marco é de alvenaria da fórma de uma pyramide de base quadrada e sobre as duas faces voltadas para cada um dos dois territorios tem uma inscripção indicando ser aquelle um ponto da fronteira, de um lado em portuguez e do outro em boer.

**Marco D.** — Está levantado na margem esquerda do rio Sabie; é de fórma pyramidal, um tronco de cone encimado por uma calote espherica, e construido de pedra solta com 3 metros de altura.

O local em que se acha situado é perfeitamente bem definido. O rio Sabie, que do lado do Transvaal corre em direcção e perpendicularmente aos montes Libombos, inflecte-se duas vezes antes de os atravessar para retomar depois de novo a sua primitiva direcção do lado de Lourenço Marques.

O seu leito, bastante largo na planicie, é apertado nas montanhas, sendo naturalmente a margem que o obriga a inflectir-se, alcantilada e abrupta.

Assim o rio, inclinando-se primeiramente para sueste, como se vê no esboço do terreno junto, a sua margem esquerda apresenta-se cortada quasi a pique, mais a jusante quando volta para nor-nordeste, esta margem perde pouco a pouco estes caracteres, que passam á margem direita, emquanto que as areias e alluviões do rio se depositam na margem esquerda.

É n'este local, e a proximamente 2 kilometros da saída do rio para a planicie, que o marco se acha collocado acima do nivel das mais altas aguas e ao norte de uma de tres ravinhas que vem desaguar no rio na margem fronteira perto umas das outras, pouco importantes, mas bastante profundas e torrencias; o marco acha-se em frente da ravina central.

Na margem esquerda, e a jusante d'elle, vem desaguar uma outra ravina mais importante que vem de junto do marco seguinte; um caminho de pretos passa perto do marco, vindo do lado do Transvaal e tendo atravessado o Sabie pouco a montante da segunda inflexão.

A margem direita na parte directamente opposta a este ponto da fronteira apresenta-se deslocada e quebrada em duas direcções perpendiculares, o que, conjunctamente com a acção das aguas atmosphericas, tem produzido n'aquelle ponto, onde a margem é mais pronunciadamente a pique um certo numero de cavidades, se não cavernas de secção rectangular, e que, na margem direita, só se encontram n'aquelle local.

Finalmente, o local escolhido é ainda o ponto mais ao sul da ver-

tente esquerda da portella do Sabie e acha-se proxivamente a 400 metros da margem do rio, cujo curso n'aquelle ponto já tem principiado a alargar novamente.

Na occasião em que o atravessámos o rio tinha proxivamente 150 metros de largura, não excedendo 1 metro a sua maior profundidade.

## II. Marcos secundarios

Entre os rios Incomati e Sabie levantaram-se tres marcos todos iguaes ao do rio Sabie (que depois foi o typo sempre adoptado com pequenas excepções), construidos igualmente de pedra solta e com uma altura variando entre 3 e 3  $\frac{1}{2}$  metros.

A sua situação é a seguinte, a principiar do rio Incomati:

**Marco A.**— Acha-se a pequena distancia do marco de alvenaria do rio Incomati, proxivamente ao norte d'elle e sobre um outeiro que se apresenta escarpado sobre o rio um pouco a montante da estação do caminho de ferro. É facil o reconhecer a sua posição na margem esquerda do rio por aquelle escarpado, despido de vegetação, e em que se destaca a côr vermelha da rocha.

O marco acha-se no ponto mais alto do outeiro, tendo sido cortadas as arvores que se achavam ao norte d'elle. Os restos dos troncos das arvores que ficam adherentes ao terreno conservam por muitos annos os signaes do machado. Mais tarde e durante o regresso á costa, podemos seguir nas mattas de Chicuala-Cuala, o caminho que tinha sido aberto n'uma parte d'ellas por carretas de boers que ali tinham passado ha mais de vinte e cinco annos; procurando as arvores que elles então tinham cortado, não só se reconhecia com facilidade o caminho, mas ainda podiamos ver quaes as arvores cortadas a machado, ou quaes as que tinham sido serradas. Assim, como geralmente foram cortadas as arvores na direcção dos diversos alinhamentos da fronteira para se poderem medir as suas differentes direcções, é este um indicio importante que poderá servir para novamente elles poderem ser encontrados.

**Marco B.**— Foi construido na parte mais alta de uma prega do terreno, que no lado oriental dos montes Libombos se dirige quasi perpendicularmente a elles e descendo para o rio Incomati. As aguas das suas vertentes dirigem-se ambas para este rio, onde vão desaguar a jusante do marco de alvenaria.

As arvores são poucas n'aquelle ponto, de modo que o marco póde ser avistado facilmente, quer seguindo o itinerario marcado no esboço

junto, quer subindo até ali ao longo da linha de agua que lhe passa ao sul.

**Marco C.** — Ficou este collocado no meio de um espesso arvoredó, junto do qual se separam as aguas, correndo em tres direcções differentes para os rios Meguanha, Sabie e Incomati. De junto do marco B póde-se-lhe determinar a posição, pois se destaca bem sobre o horizonte na parte oriental dos Libombos. Em ambas as direcções para o marco B e para o marco E se cortaram as arvores.

Pelo esboço do terreno junto, vê-se que a linha de fronteira segue deixando para o lado do Transvaal a parte principal dos Libombos, ou, pelo menos, que fica d'aquelle lado a linha de separação das aguas.

São varias as rasões que para isso concorreram.

Em primeiro logar os termos do tratado dizem que a linha de fronteira deverá seguir a direcção nor-nordeste, e nada dizem ácerca das montanhas, de modo que os delegados do governo do Transvaal queriam sobretudo seguir essa direcção.

Alem d'isso nem sempre a linha de separação das aguas coincidia com a linha dos mais altos pontos da cadeia.

Finalmente, obrigou tambem a isso a dificuldade que haveria em escolher os pontos n'um terreno completamente desconhecido e que se tornaria muito maior se se quizesse procurar pontos caracteristicos só na linha de separação das aguas.

Estas rasões levaram a pôr de parte aquella linha, que fica ora do lado de Lourenço Marques, ora do lado do Transvaal.

N'esta primeira secção vê-se já tambem que a linha de fronteira, que principia seguindo sensivelmente a direcção indicada no tratado, de nor-nordeste verdadeiro, inclina quasi immediatamente para o lado do territorio do Transvaal, não tornando mais a seguir aquella direcção, antes desviando-se sempre para oeste.

## 2.ª SECÇÃO

### Do Sabie ao Uanetsi

#### I. Marcos principaes

1.º Marco do Sabie — Marco D.

2.º Marco do Uanetsi — Marco I.

**Marco D.** — Já está descripto.

**Marco I.** — Não esperava a commissão mixta encontrar este rio no

seu caminho, pois em todas as cartas vem indicado como tendo a sua origem na vertente oriental dos Libombos.

O marco que foi collocado sobre a portella d'aquelle rio, acha-se situado sobre um escarpado de mais de 100 metros de altura, na margem direita d'elle. O terreno é ali muito accidentado, formando uma serie de ravinhas e collinas em que se destacam os pontos onde vieram á superficie os granitos, sobretudo dois d'elles, um na margem direita, outro na margem esquerda do rio, ambos a montante do marco, e que se distinguem pelos seus enormes blocos arredondados pelas aguas e dispostas das maneiras as mais caprichosas. O valle é profundo e o rio pouco largo, não excedendo a 40 metros a sua maior largura, tendo as aguas uma profundidade e uma velocidade de corrente muito irregulares.

Este ponto da fronteira é perfeitamente bem caracterisado. Desde o ponto onde os rios Macondoleni e Xixangane lançam as suas aguas no Uanetsi, até o local onde o marco foi construido, medeiam proxima-mente 2 milhas geographicas.

O rio Uanetsi inflecte quasi em angulo recto no ponto de junção e passa a tomar a direcção oeste-este em vez da direcção norte-sul que anteriormente trazia.

O escarpado é facil de destacar por isso que a côr vermelha da rocha o deixa ver facilmente, sobretudo seguindo a margem esquerda do rio. Alem d'isso, comquanto, sobretudo na outra margem, se encontram alguns outros pontos igualmente abruptos e a pique, nenhum d'elles tem a altura e as dimensões d'aquelle em que foi construido o signal.

O rio em frente d'elle curva-se um pouco para nordeste, seguindo passado elle immediatamente para sueste, sendo ambas as inflexões n'uma pequena extensão.

Finalmente, algumas centenas de metros a montante do signal o rio fórma um pequeno rapido por onde se póde atravessar facilmente a van.

O arvoredo é pouco.

O macisso dos Libombos tem aqui uma largura bastante grande e o terreno é muito irregular; no meio da rocha que fórma a parte principal da cadeia, destacam-se as duas pequenas manchas graniticas, das quaes a da margem direita é a que se acha mais a jusante e perto do signal.

Este fica sobranceiro ao rio de tal fórma, que uma pedra que se largue de junto d'elle vae caindo precipitar-se na agua.

Em dois dias se procurou photographar este ponto; foi isso, porém, impossivel por causa da chuva torrencial e continuada, que impediu que se obtivesse um unico negativo regular.

Seguindo, segundo o esboço junto, atravessa-se o Xixangane, perto da sua junção com o Uanetsi, e onde aquelle rio, aliás pouco importante é de tal modo apertado entre as rochas no meio de um denso mato de palmeiras bravas que se salta facilmente de um para outro lado. Em seguida atravessa-se o Uanetsi n'um pequeno rapido a jusante da junção para evitar a passagem do Macondoleni; seguindo então pela margem esquerda avista-se d'ahi a pouco o local em que foi construido o signal.

D'este marco não se avista nem o anterior, nem o seguinte.

## II. Marcos secundarios

São elles os marcos E F G H, todos da mesma fórma já descripta e de pedra solta.

**Marco E.** — Acha-se n'um pequeno outeiro situado na vertente oriental das montanhas, e que, olhado do marco G, se apresenta com a fórma sensivelmente conica, escuro pela vegetação que o recobre e para éste do qual o terreno vae descendo gradualmente sem formar nenhuma ondulação pronunciada.

De junto d'elle parte uma linha de agua que, a pouco e pouco, se vae transformando n'uma ravina bastante profunda até chegar ao Sabie.

N'esta margem do rio o terreno acha-se recortado de profundas ravinhas; duas principalmente, as que se acham indicadas no esboço junto, são bastante pronunciadas.

Apesar d'isso, vimos ali vestigios de carretas que devem ter seguido a direcção noroeste-sueste.

Do alto da collina e de junto do marco, em volta do qual foram cortadas as arvores, vê-se o terreno para éste perfeitamente descoberto e o rio Sabie que, saindo das montanhas, vae contornar a poucas milhas de distancia o monte Kulumann, junto do qual elle se inflecte duas vezes.

Para o norte vêem-se do lado oriental da cadeia dois pequenos picos, deixando entre si um collo, no meio do qual e mais longe se avista o outeiro em que foi collocado o marco F.

Para chegar ao marco E póde-se tomar um de dois caminhos: ou seguir, pelo lado de oeste, a margem direita do Sabie, atravessar o vau e seguir o caminho de pé posto dos cafres, subindo depois pela encosta junto do marco do rio Sabie até chegar ao principio da linha de agua que vae desaguar a jusante, ou, pelo lado oriental, ir contornando as montanhas até chegar junto do outeiro, cuja encosta é suave e pouco coberta de arvores.

**Marco F.** — Este marco é também facil de distinguir. O terreno vae subindo para o norte, mas do lado de Lourenço Marques ha uma prega mais pronunciada do terreno, que acaba justamente no ponto onde foi collocado o marco.

Assim, saindo da povoação de Maalane, junto do rio Nonzôte, e seguindo uma direcção proximamente este-noroeste, atravessa-se uma serie de ondulações de terreno, até que, depois de ter andado proximamente 4 milhas, parece avistar-se o fim da pequena cadeia dos Libombos, que ali se nos afigura terminar bruscamente no ponto onde se collocou o marco, emquanto que para o norte o terreno é largamente ondulado, mas sem apresentar collinas ou outeiros bem definidos. De junto do marco e para o sul vêem-se muito perto os mesmos dois picos que se viam do marco E, emquanto que para noroeste se distingue facilmente o monte Mundjee, o unico ponto bem caracterizado do terreno, mas que não foi possivel tomar para ponto da fronteira, por se achar muito fóra da direcção geral do tratado de 1869, e pela opposição perfeitamente justificada dos delegados do Transvaal. O terreno desce gradualmente para o lado de Lourenço Marques, formando uma vasta planicie no meio da qual se avista o monte Kulumann e o curso do rio Sabie.

Em volta do marco foram cortadas as arvores.

**Marco G.** — Tão faceis são de encontrar os dois marcos anteriores como difficil deverá ser o encontrar-se este, que ficou situado n'uma prega de terreno pouco caracteristica e no meio de matto denso.

O unico ponto de referencia de que nos poderemos servir é o monte Mundjee, cujo extremo norte se avista d'ali.

A prega do terreno a que nos referimos acha-se proximamente a este do monte Mundjee, e não tendo pontos salientes, mas sendo na sua parte superior sensivelmente plana, foi impossivel, pela espessa vegetação que a cobre, encontrar um ponto de onde, ao mesmo tempo, fossem avistados o marco anterior e o seguinte. Assim, cortaram-se as arvores no alinhamento entre dois pontos situados um ao norte e outro ao sul do marco, e dos quaes se avistaram respectivamente o marco seguinte e o marco anterior, tendo ficado estes dois pontos situados no mesmo alinhamento dos marcos C e H.

Acha-se também situado este marco na parte oriental dos Libombos e um pouco para este d'elle já se avista a planicie do lado de Lourenço Marques.

**Marco H.** — Foram aqui determinadas a latitude e longitude; quanto, porém ao marco, acha-se elle nas mesmas circumstancias que o

anterior. Se do lado do Transvaal as ondulações do terreno dirigidas sensivelmente entre sul e sul-sueste são pouco pronunciadas, do lado de Lourenço Marques vão descendo quasi insensivelmente até grande distancia. Nada ha ali de caracteristico. Avistam-se para sueste os picos mais altos do monte Mundjee, e o terreno é bastante arborizado junto do marco.

Pelo esboço do terreno vê-se, que entre o Sabie e o Uanetsi a linha da fronteira segue encostando-se ao lado oriental dos Libombos pelas mesmas razões que se davam na secção anterior.

Alem d'isso, os pontos que mais se prestavam a serem collocados os marcos achavam-se d'esse mesmo lado, por isso que o terreno, que vem subindo gradualmente do lado de Lourenço Marques, quebra bruscamente para o lado do Transvaal, de modo que os pontos culminantes se encontram justamente no lado oriental.

Não succede o mesmo com o marco do rio Uanetsi, que ficou no meio da portella d'aquelle rio e sensivelmente no meio do macisso de montanhas, bastante largo n'aquelle ponto e alem d'isso muito irregular e atormentado.

Na portella do rio Massintonto não se collocou marco algum por ser um rio de muito pequena importancia, e que não apresentava ponto algum notavel.

### 3.ª SECÇÃO

#### Do Uanetsi ao rio dos Elephantes

##### I Marcos principaes

- 1.º Marco do Uanetsi. — Marco I.
- 2.º Marco do rio dos Elephantes. — L.

**Marco I.** — Já foi descripto.

**Marco L.** — A portella d'este rio é muito extensa e o rio tem vado o seu leito entre as montanhas, que são cortadas a pique dur todo o seu percurso através d'ellas.

Apresenta por vezes rapidos e quedas de agua, como as que cam as photographias juntas, e no seu curso, geralmente aper são as margens quasi sempre de difficil se não impossivel acces

Não só a rocha é cortada a pique, mas tambem a vegetação por vezes a cobre, torna a passagem ainda mais difficil.

O rio Letaba, que vem reunir-se a elle na sua entrada no tes, apresenta junto d'elles os mesmos caracteres.

O campo do rio dos Elephantes, onde ficámos, é facil de er por se achar proximo da junção d'este rio com o Letaba e :

um enorme *baobab* de 53 pés de circunferencia, e o primeiro que encontrámos até ali. Seguindo d'ali, conforme vae indicado no esboço do terreno que junto apresentámos, será facil encontrar o marco da portella do rio que só difficilmente poderá ser encontrado de outra maneira.

Saindo de junto do *baobab*, vae-se ~~atravessar~~ o rio Letaba a montante de uns rapidos que se encontram já perto da sua foz.

Passado o rio, segue-se atravessando uma serie de lagoas que formam uma segunda saída para o rio na occasião das cheias; passada ella, ha um escarpado bastante aspero, para alem do qual se principia a encontrar uma vegetação cerrada, que continúa pelo monte que na planta indicámos, e que só começa a diminuir quando, depois de o tornarmos a descer, se chega a um pequeno outeiro situado na margem do rio dos Elephantes, e do qual se avista a segunda curva do rio ali muito pronunciada. Este outeiro é visivel de junto do campo.

Segue-se em seguida uma direcção parallela ao curso do Elephantes, atravessando tres linhas de agua, *a*, *b* e *c*, que se acham n'um terreno accidentado sim, mas onde é facil o passar, e chega-se final ás linhas de agua *d*, *e*, *f*, *g* e *h*: estas acham-se profundamente encaixadas nas rochas entre as quaes abriram caminho; o terreno está coberto de densa vegetação, e só esta torna possivel a passagem, fornecendo pontos de apoio para descer e tornar a subir aquelles verdadeiros precipicios.

Passadas estas cinco linhas de agua, das quaes uma (*g*) é pouco importante, chega-se finalmente ao marco collocado n'uma pequena aberta do mato, que ali se não pôde desenvolver.

D'aquelle ponto vê-se o rio dos Elephantes, n'uma volta em que as alluviões se depositaram na margem opposta, e os montes que seguem ao longe para éste.

Não é possivel deixar de encontrar o marco pelo numero de linhas de agua que se encontram e sua feição especial, e pelo facto de elle ficar collocado no unico local em que não ha mato.

Na margem fronteira vêem-se diferentes linhas de agua, mas que parece não virem immediatamente ao rio e sim serem recolhidas por uma depressão do terreno, que segue parallelamente ao curso do Elephantes e que as vae vasar a jusante.

É tambem esta uma particularidade curiosa e que pôde servir a determinar a posição d'este ponto da fronteira.

## II. Marcos secundarios

São elles os marcos J e K, o primeiro feito de pedra solta, e o segundo de areia e barro.

ponto A, de onde se descobre o monte *MALIBOU*, antes de ahí chegar. Pouco adiante d'este ponto e á esquerda do caminho está o marco, n'um local descoberto, e é portanto facil de encontrar. Pouco adiante encontra-se um *thalweg* pouco profundo.

**Marco K.** — Pouco adiante de Xanaganini acha-se a separação de aguas entre os rios Uanetsi e dos Elephantes.

Antes de chegar ao rio Bango encontra-se um caminho de pé posto, bastante grande, já seguido pelo padre Berthoud e marcado na carta por elle desenhada do districto de Lourenço Marques.

Por este caminho chega-se a uma serie de povoações e de lagoas que já se encontram para cá da nossa fronteira. O marco acha-se situado junto do caminho e perto da primeira das lagoas que ali se encontram.

No planalto ha apenas alluviões e argillas, de modo que o marco foi construido com estes materiaes; tem a fórmula conica e sendo ali o terreno bastante descoberto, é facil avistal-o.

#### 4.ª SECÇÃO

Da portella do rio dos Elephantes ás collinas graniticas da origem do rio Ntzintza

##### I. Marcos principaes

1.º Marco do rio dos Elephantes — L.

2.º Marco do rio Ntzintza — Q.

**Marco L.** — Já está descripto.

**Marco Q.** — Depois de passado o rio dos Elephantes as rochas graniticas principiam a apresentar-se com bastante frequencia, e ao chegar á origem do rio Ntzintza são elles que formam o terreno, conjuntamente com os gneiss e diorites.

Depois da cadeia de montes se ter alargado no rio dos Elephantes, torna-se em seguida a apertar de modo que ao chegar áquelle rio se encontram com frequencia os picos isolados do granito.

As longas planicies do lado do Transvaal seguem-se ininterrompidamente até encontrar a muralha granitica, cuja monotonia é quebrada

aqui e acolá por collinas aparentemente conicas e com aquelle aspecto peculiar que de longe denuncia os macissos d'aquella rocha.

A este degrau, que se eleva bruscamente do lado do Transvaal, segue-se um estreito planalto que vae em seguida descendo lentamente para o lado de Lourenço Marques, apparecendo então de novo as rochas porphyricas e ophiticas que se encontram desde o Komati.

No ponto onde o rio Ntzinga tem a sua origem a muralha acha-se interrompida para o deixar passar, encontrando-se então ahi tres picos juntos uns aos outros, perfeitamente caracterizados e que, como outras tantas pontas, atravessam o extenso lençol de rochas verdes, que fórma o terreno do lado do Transvaal.

Duas d'estas pontas graniticas acham-se áquem do rio, e a terceira alem d'elle e um pouco para oeste, de modo que n'aquelle logar o massiço forma um recanto perfeitamente caracterizado, ao mesmo tempo que o rio, que primeiro corre norte-noroeste sensivelmente do lado oriental dos montes, dobra bruscamente para tomar a direcção sul-sueste.

No pico central, perfeitamente visivel de longe, do lado da planicie, acha-se uma agglomeração de blocos de rocha de uma fórma característica, que as photographias juntas representam.

Subindo ao planalto junto d'estes blocos e marchando em seguida para o sul, chega-se ao segundo pico, perfeitamente caracterizado e sobrepujado de uma outra grande agglomeração de blocos de difficil accesso, em cujo cimo se collocou o marco.

Aqui tinham os cafres construido um kraal. Para o poderem fazer estabeleceram uma serie de socalcos sustentados por muros de pedra solta que, construidos com solidez, durarão de certo por muito tempo. Foi esta povoação queimada ha poucos mezes por ordem do regulo Gungunhana, mas existem vestigios mais que sufficientes para se poder encontrar este local, ainda quando sejam passados muitos annos.

## II. Marcos secundarios

São estes os marcos M, N, O, P todos construidos de pedra secca.

**Marco M.**— Ficou este marco collocado n'um dos pontos mais altos que se encontram ao norte e quasi a 4 milhas do marco da portella do rio dos Elephantes e n'uma posição bastante apparente junto de quatro grandes arvores que se podem aperceber bem de longe.

Os contrafortes do monte são bastante recortados e vão descendo lentamente para o rio dos Elephantes até chegar á portella do rio, onde o terreno desaba bruscamente.

Saindo do rio Letaba, a sensivelmente 5 milhas da sua confluencia

com o dos Elephantes e seguindo uma direcção quasi nordeste encontram-se dois contrafortes bastante pronunciados até que se chega a um plan'alto onde a rocha muda de character, passando de porphirica a granitica, tornando novamente a elevar-se, apparecendo pela primeira vez na linha de fronteira os granitos com os seus grupos de blocos de difficil accesso.

Subindo ao cimo d'ellas vê-se o terreno bem aberto diante do observador, sendo facil comparal-o então com o *croquis* junto.

**Marco N.**—Deixando o *Letaba* no ponto onde elle depois de ter corrido quasi oeste-sudoeste inclina e curva para sul, os macissos de rochas tomam a disposição regular de que já fallámos, um alto muro que do lado do *Transvaal* se levanta bruscamente na planicie e em que de quando em quando se encontram brechas pelas quaes saem algumas pequenas ribeiras e que para o lado de *Lourenço Marques* desce lenta e irregularmente. D'este lado ha algumas pequenas outeiros que formam como que os contrafortes d'esta muralha e a sua formação é porphirica.

O granito fórma unicamente a aresta junto do *Transvaal*.

No primeiro d'estes outeiros encontra-se o marco N. É um outeiro pouco pronunciado e sem arvoredos algum, o que torna facil distinguil-o. Avista-se d'elle o outeiro seguinte e pelo intervallo entre duas pequenas imminencias avistam-se para o sul e ao longe as arvores que se acham junto ao marco M.

Um caminho grande de pé posto, que vae para casa de *João Albasini*, passa um pouco ao sul do marco na base do outeiro onde elle foi collocado.

De junto do signal e para o norte vê-se perfeitamente o outeiro onde está o marco immediato, perto de duas grandes arvores.

O terreno em que assenta o marco é um porphyro quartifero, como se deprehende do exame macroscopico.

**Marco O.**—Continuando ao longo da muralha granitica do lado do *Transvaal* depressa se chega junto da confluencia de duas pequenas ribeiras, uma das quaes segue ao longo do macisso e a outra o atravessa. Seguindo esta ultima, chega-se em breve ao *plateau*, e um pouco para o norte está o outeiro onde se collocou o marco. Ao longe e para noroeste vê-se uma serie de agulhas que são os picos graniticos da origem do rio *Ntaintza*. O outeiro é constituido pelo mesmo porphyro do anterior.

A sensivelmente 2 milhas para o norte fica o marco seguinte em terreno pouco arborisado e é facil de distinguir.

**Marco P.**—Está a pequena distancia do anterior e é facil distinguil-o de lá. O terreno é pouco arborisado, e o outeiro já um pouco separado do plan'alto é bastante caracteristico. O terreno que o constitue, como nos anteriores, uma rocha porphyrica.

## 5.º SECÇÃO

### Das origens do rio Ntzintza ao rio Singwedsí

#### I. Marcos principaes

- 1.º Marco do rio Ntzintza. Q.
- 2.º Marco do rio Singwedsí. T.
- 1.º Marco do rio Ntzintza. Já está descripto.
- 2.º Marco do rio Singwedsí. Acha-se situado na margem esquerda e a pequena distancia d'este rio.

Junto ao ponto onde o rio atravessa a montanha curva-se elle para sucste e na sua margem esquerda erguem-se duas pequenas pontas de granito que atravessam a rocha adjacente e sobre a mais alta d'ellas encontra-se o marco. Este é facil de distinguir, porque o pico sobre que se acha é o unico que se encontra ao norte do Singwedsí; na sua margem esquerda, mais para o norte, vêem-se aponas largas ondulações de terreno e até ao monte Zuunbo não se encontra outro pico bem definido.

#### II. Marcos secundarios

São elles os marcos R e S, ambos construidos de pedra solta.

**Marco R.**—Passado o marco de Ntzintza encontra-se a separação de aguas entre o Singwedsí e o Letaba. A muralha granitica continúa bem definida; depois de passada a ribeira de Ntzintza esta formação curva-se para oeste, fazendo um angulo quasi recto com a direcção que trazia até ali e, chegando a um pico com a fórmula de pão de assucar, alto e bem definido, volta novamente para o norte. Depois de passado este pico e a pequena distancia para o norte encontra-se um outro onde foi collocado o marco R.

O terreno ahi é formado de granito e de perto do marco avista-se o anterior e o seguinte.

**Marco S.**—Seguindo para o norte chega-se a uma ribeira bastante larga e que na epocha em que a atravessámos levava bastante agua. Esta ribeira corre sensivelmente oeste-este, mas ao chegar ás montanhas curva-se para a norte para ir reunir-se ao rio Singwedsí.

Um pouco para o norte do ponto onde existe esta curva encon-

tram-se successivamente dois picos. No segundo, constituido pela rocha porphyrica, encontra-se o marco, tendo sido o mato e o arvoredo em volta d'elle bastante cortado.

É facil distinguil-o, por isso que se encontra junto de uma ondulação de terreno bastante alta, seguindo uma direcção sensivelmente sueste, e entre ella e o pico ha um largo valle um pouco arborizado. Alem d'isso o outro pico que se encontra junto d'elle é um pouco para sudoeste, é granitico e não se póde confundir com o primeiro.

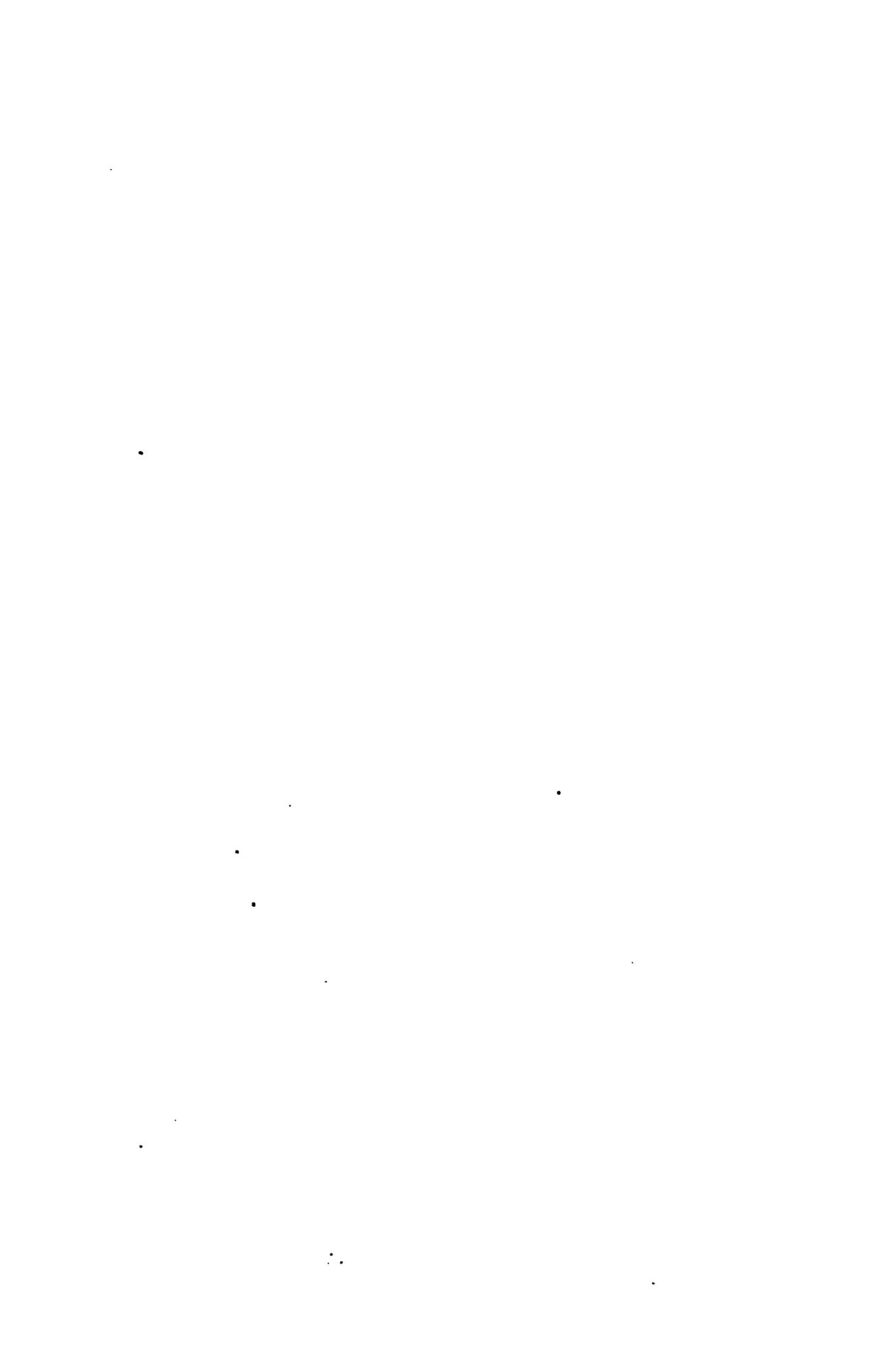
## 6.ª SECÇÃO

### Do rio Singwedsi á confluencia dos rios Pafuri e Limpopo

N'esta secção, pelas rasões expostas no relatorio de que esta descripção faz parte, não se collocou marco algum. = *A. Freire de Andrade*, capitão de engenharia.

---









---

DT465  
L4PSS



DI 46

L4P





**HOOVER INSTITUTION**

To avoid fine, this book should be returned on  
or before the date last stamped below

10M-11-70-28586

**FOR USE IN  
LIBRARY ONLY**

